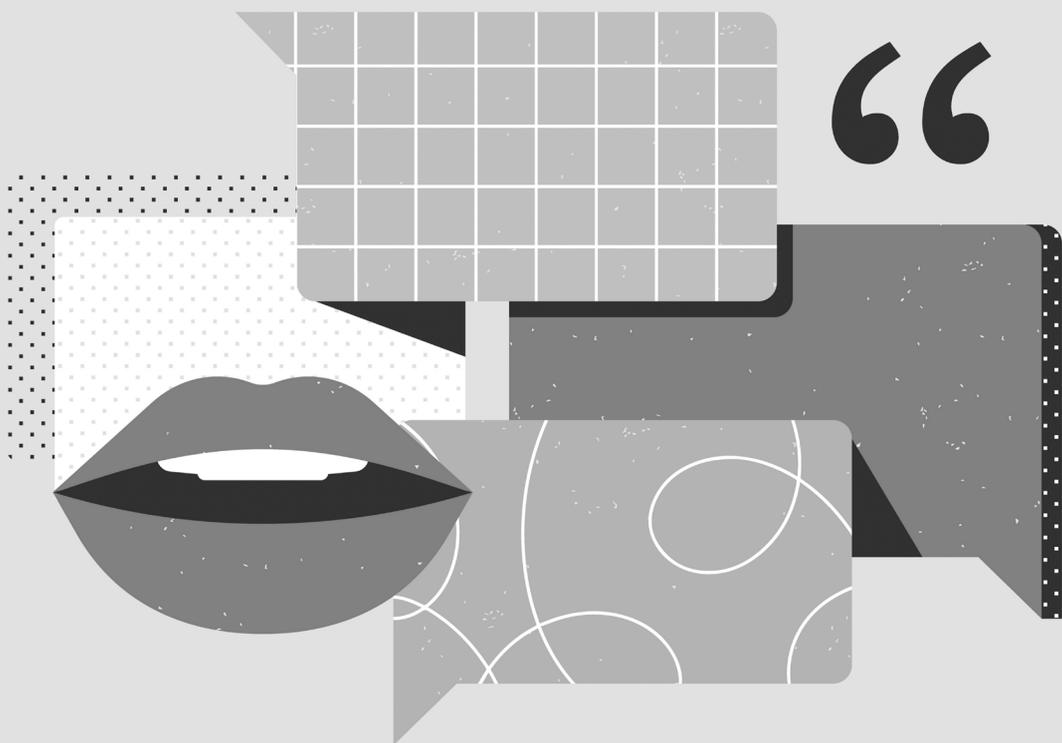


A COMUNICAÇÃO E OS CONTEXTOS COMUNICATIVOS 2



A COMUNICAÇÃO E OS CONTEXTOS COMUNICATIVOS 2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A comunicação e os contextos comunicativos 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Edwaldo Costa
 Tácio Assis Barros

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) | |
|--|---|
| C741 | <p>A comunicação e os contextos comunicativos 2 / Organizadores Edwaldo Costa, Tácio Assis Barros. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1340-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.400232305</p> <p>1. Comunicação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Barros, Tácio Assis (Organizador). III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 302.2</p> |
| Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166 | |

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Atualmente, um expressivo número de pesquisadores se debruça a investigar o campo da comunicação, temática que se consagra em distintas disciplinas científicas. O tema em questão tem ocupado uma posição de grande importância, principalmente se considerarmos o campo da comunicação no contexto vigente.

Este e-book, intitulado “A comunicação e os contextos comunicativos 2”, é uma obra que dá continuidade à discussão científica através de uma diversidade de trabalhos apresentados em seus 15 capítulos. Inserido em uma linha editorial ampla e interdisciplinar, o e-book apresenta textos oriundos de diferentes autores, instituições, linhas de pesquisas, gerações e regiões do Brasil, assim como do exterior.

Organizado por Edwaldo Costa e Tácio Assis Barros, as páginas seguintes estão preenchidas de debates, conceitos e objetos que tencionam retomar e ressignificar criticamente as discussões contemporâneas acerca da liberdade de expressão e os contextos comunicativos, principalmente em prol da comunicação democrática.

Os capítulos que integram esta obra amplificam e complementam a temática em foco, abordando: análise das Relações Públicas nas Instituições Públicas; comparação de investigações e estado de conhecimento em Comunicação Organizacional e Relações Públicas entre Brasil e Portugal; censura no romance *O Nome da Rosa*; organização de coletivos de comunicação no Nordeste do Brasil; Libras e formação de secretários executivos a partir dos projetos pedagógicos do curso; Convicções e Práxis Jornalística em notícias sobre aborto; o fenômeno das transformações tecnológicas do jornalismo observado pelos pesquisadores brasileiros na última década; tendência e fonte de experimentação no Jornal Ponto de Partida em seus projetos temáticos jornalísticos, dentre outros.

Esse e-book buscou, como fez no primeiro volume, contribuir com uma coleção de textos que apresenta diferentes temas, questões, problemas e olhares sobre discussões científicas que colaboram plural e significativamente para a temática proposta, mas que estão imbricadas com diversas áreas de estudo e ultrapassam o escopo da comunicação.

Edwaldo Costa
Tácio Assis Barros

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS: ESTADOS DO CONHECIMENTO-BRASIL VERSUS PORTUGAL | |
| Anabela Mateus | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323051 | |
| CAPÍTULO 2 | 19 |
| DO LIVRO, AO FILME E À MINISSÉRIE: A CONTEMPORANEIDADE DOS EMBATES MEDIEVAIS SOBRE A CENSURA EM <i>O NOME DA ROSA</i> | |
| Denise Azevedo Duarte Guimarães | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323052 | |
| CAPÍTULO 3 | 32 |
| EM REDE E EM MOVIMENTO: ORGANIZAÇÃO DE COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO NO NORDESTE DO BRASIL | |
| Mariana Ferreira Reis | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323053 | |
| CAPÍTULO 4 | 44 |
| EXCLUÍDOS PELA MÍDIA: UMA ANÁLISE SOBRE O PALHAÇO BRASILEIRO NA COMUNICAÇÃO DIGITAL | |
| Nathan Virgínio Vieira | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323054 | |
| CAPÍTULO 5 | 57 |
| O FENÔMENO DAS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS DO JORNALISMO OBSERVADO PELOS PESQUISADORES BRASILEIROS NA ÚLTIMA DÉCADA | |
| Danusa Santana Andrade | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323055 | |
| CAPÍTULO 6 | 84 |
| O LUGAR DOS CMES NAS NOTÍCIAS SOBRE AS ESCOLAS NA PANDEMIA | |
| Morgana Vieira Tavares | |
| Camila Alberto Vicente de Oliveira | |
| Tácio Assis Barros | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323056 | |
| CAPÍTULO 7 | 94 |
| OS ROMÂNTICOS PATOLÓGICOS: DISCURSOS DE GÊNERO E AMOR MÓRBIDO NA TESE "DA INTOXICAÇÃO PELO AMOR" DE 1908 | |
| Sabrina Araujo de Sousa | |
| Christian Fausto Moraes dos Santos | |
| Raiza Aparecida da Silva Favaro | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323057 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 107 |
| ANÁLISE DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS | |
| Fenias Sabino Mutuque | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323058 | |
| CAPÍTULO 9 | 114 |
| LIBRAS E FORMAÇÃO DE SECRETÁRIOS EXECUTIVOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSO | |
| Louis Guillaume Théodore Bueno Santos Martins | |
| Suzana Caroline da Silva Santos | |
| Larissa Mendes da Silva | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4002323059 | |
| CAPÍTULO 10 | 131 |
| MANIFESTAÇÕES DA CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO LOCAL: ESTUDO DE CASOS | |
| Nathalia Lopes da Silva | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.40023230510 | |
| CAPÍTULO 11 | 140 |
| PROJETOS TEMÁTICOS JORNALÍSTICOS: TENDÊNCIA E FONTE DE EXPERIMENTAÇÃO NO JORNAL PONTO DE PARTIDA | |
| Mirian Martins da Motta Magalhães | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.40023230511 | |
| CAPÍTULO 12 | 153 |
| OBRIGADOS A NASCER: CONVICÇÕES E PRÁXIS JORNALÍSTICA EM NOTÍCIAS SOBRE ABORTO | |
| Clóvis César Pedrini Júnior | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.40023230512 | |
| CAPÍTULO 13 | 171 |
| RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS: GÊNEROS RADIOFÔNICOS E GÊNEROS MUSICAIS NA FM UNIVERSITÁRIA DA UFPI | |
| Denise de Alencar Nascimento | |
| Paulo Fernando de Carvalho Lopes | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.40023230513 | |
| CAPÍTULO 14 | 175 |
| TREINAMENTO AUDITIVO COGNITIVO ACUSTICAMENTE NÃO CONTROLADO: ADAPTAÇÃO E APLICAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO | |
| Héinton Goulart Moreira | |
| Larine da Silva Soares | |
| Christine Grellmann Schumacher | |
| Arielly Freitas de Moura | |

Vitor Cantele Malavolta
Piotr Henryk Skarżyński
Milaine Dominici Sanfins
Michele Vargas Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40023230514>

CAPÍTULO 15..... 198

TEMPORALIDADES FOTOGRÁFICAS EM MARROM VAN DYKE: MODOS DE FAZER E DE PENSAR

Adriana de Barros Ferreira Cunha

Adolfo Enrique Cifuentes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40023230515>

SOBRE OS ORGANIZADORES 219

ÍNDICE REMISSIVO220

COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS: ESTADOS DO CONHECIMENTO-BRASIL VERSUS PORTUGAL

Data de aceite: 02/05/2023

Anabela Mateus

Doutorada em Ciências de la Información
pela Universidade Complutense de Madrid
Presidente da Secção de Ciências da
Comunicação da Sociedade de Geografia
de Lisboa

constatação da realização de alguma
investigação a nível dos Estudos Europeus
através da EUPRERA por Centros de
Investigação portugueses especializados.

PALAVRAS-CHAVE: Estado-de-arte,
Comunicação Organizacional, Relações
Públicas, Brasil, Portugal

O presente artigo é fruto de um trabalho
de investigação realizado no âmbito de
Pós-doutoramento da autora em 2017 pelo que
as informações apresentadas correspondem à
realidade desse momento

RESUMO: Com o presente trabalho
pretendemos verificar o grau de
uniformidade entre quadros referenciais
teóricos e campo empírico intrínsecos aos
trabalhos realizados em Comunicação
Organizacional e em Relações Públicas
em conjunto com a dimensão da literatura
científica produzida e adotada no Brasil e
em Portugal. É nossa intenção evidenciar
o avanço do conhecimento do Brasil em
relação a Portugal tomando tal situação
como uma fonte de conhecimento
exemplificativo para Portugal. Procuramos
ainda verificar a posição de Portugal no
contexto europeu que se traduziu na

1 | INTRODUÇÃO

Reconhecer o presente do
campo académico da Comunicação
Organizacional e das Relações Públicas
significa recuar a um período recente
no tempo pela proximidade temporal
com que elas se começaram a definir no
âmbito das Ciências da Comunicação. Há
que esclarecer que no presente contexto
por *campo académico* entendemos um
“conjunto de instituições de nível superior
destinado ao estudo e ao ensino de
comunicação e onde se produz a teoria,
a pesquisa e a formação universitária das
profissões de comunicação”, na definição
de Maria Immacolata V. de Lopes (Lopes,
2000, p. 42).

2 I CAMPO DE OBSERVAÇÃO

2.1 Fundamentos teóricos – os principais conceitos

a) Relações Públicas

Torna-se muito difícil apresentar uma definição de Relações Públicas. Encontram-se centenas de tentativas, com denominadores comuns, mas que se afastam nalguns pontos. Acreditamos que isso revela precisamente a falta de unanimidade de perspectivas de encarar e perceber a disciplina ou ciência - e aqui já encontramos, como se pode verificar, divergências de posturas assumidas em distintas culturas e enquadramentos científicos – ou, noutro sentido, perspectivas no mesmo sentido, mas distintas entre si consoante se integram em determinada cultura, em diferente estágio de evolução, na sua relação particular com outro ramo da ciência, dependente ou simplesmente relacional, como é o caso das Ciências da Comunicação e seus componentes.

A definição já clássica de Cutlip e Center em *Efective Public Relations* descreve as Relações Públicas como:

“uma função da administração distinta, que ajuda a estabelecer e manter linhas mútuas de comunicação, entendimento, aceitação e cooperação entre a organização e os seus públicos; envolve a gestão de problemas ou temas importantes; ajuda a administração a manter-se informada sobre a opinião pública e pronta a responder perante ela; define e sublinha a responsabilidade da administração em servir o interesse do público; ajuda a administração a ficar a par da mudança e a usá-la, serve como um mecanismo de aviso prévio para antecipar modas; usa a pesquisa e uma comunicação racional, são e ética como ferramentas principais”.(Cutlip e Center, 1999, p. 4)

Uma das definições com fundamentos bastante atuais, se bem que criada há já mais de 20 anos, em 1992, pertence à perspectiva norte-americana da teoria das Relações Públicas representada por James Grunig para quem:

“Relações Públicas é uma função administrativa que avalia as atitudes públicas, identifica as diretrizes e a conduta individual ou da organização na busca do interesse público, e planeja e executa um programa de ação para conquistar a compreensão e a aceitação públicas” (Grunig, 1992, p. 37). ”.

Em oposição à perspectiva norte-americana, já se vem impondo um conceito de Relações Públicas bem distinto, de origem europeia não clássica, apresentado por Ledingham e Bruning (2000) que vêem as Relações Públicas não cingidas ao âmbito da comunicação. Segundo esta perspectiva:

[...] a comunicação é um fundamento necessário, porém insuficiente para as Relações Públicas. A capacitação em psicologia social, antropologia e outras ciências sociais, para não mencionar as novas tecnologias, é necessária ao lado da capacitação em administração, marketing e até, talvez, algumas capacitações específicas de certas áreas da indústria (Van Ruler&Verčič, 2003, p.156).

b) um novo conceito e seus introdutores – a Comunicação Organizacional

Na produção científica até aos anos 1980, as Relações Públicas eram conotadas como uma técnica de comunicação empresarial a par com a publicidade ou o marketing. Verificava-se uma falta de consenso generalizada quanto à natureza, campos de ação e propósitos das Relações Públicas nas organizações.

O estágio pré-paradigmático veio aportar um momento de fundamentação sistémica das RP, cujas origens se encontram no âmbito da Teoria Geral dos Sistemas, formulada por Bertalanffy na década de 50. O papel das Relações Públicas era de apoio às relações entre os vários subsistemas (internos e externos), com vista à criação e manutenção de um bom clima na organização.

c) a corrente norte-americana e o novo paradigma das Relações Públicas

É preciso reconhecer que só com a publicação de *Managing Public Relations* (1984) as Relações Públicas ganharam maior visibilidade, enquanto campo científico e autónomo, como função de gestão na organização.

Nos finais do século XX, o pensamento norte-americano veio, assim, aportar um avanço epistemológico e o despertar para uma teoria das Relações Públicas.

d) a Comunicação da Excelência

Em 1985, o professor Grunig já foi o coordenador do Projeto da Excelência lançado através da *Communicators* (IABC - *International Association of Business Communicators*), o maior projeto de sempre em investigação sobre Relações Públicas, que contou com a participação de individualidades de referência da área – do mundo académico e profissional. O Projeto da Excelência foi um passo determinante para a produção de uma teoria das Relações Públicas.

Para Richard Lindborg, “a comunicação excelente é a comunicação que é administrada estrategicamente, que alcança seus objetivos e equilibra as necessidades da organização com a dos principais públicos mediante uma comunicação simétrica de duas mãos” (*in Kunsch, 2016*¹). É a comunicação estratégica simétrica bidirecionada, adaptada às situações do dia-a-dia. É aí que está o papel do Relações Públicas enquanto gestor de comunicação.

e) as “teorias críticas” e as alternativas europeias aos Norte-Americanos

A globalização da teorização dominante das Relações Públicas nos EU provocou uma reação na Europa. A CERP Education and Research, atual EUPRERA, iniciou um projeto, o EBOK “para codificar o atual corpo de literatura de Relações Públicas na Europa e acordar a sua utilização mais cabal e a sua afirmação, que se encontra atualmente restringido por barreiras linguísticas, culturais e logísticas” (Verčič, D., 2000, p. 343).

De imediato se concluiu que as Relações Públicas têm significados distintos em diferentes países da Europa (Verčič: RP RP In Europea, 2002, p. 601). No mesmo sentido é de salientar que também o pensamento norte-americano das Relações Públicas não se

¹ www.portal-r.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas

apresenta universal.

2.2 Comunicação nas organizações e comunicação organizacional – evolução de um conceito

Atualmente, falar de Comunicação Organizacional implica uma responsabilidade acrescida a falar de comunicação nas organizações.

Do ponto de vista teórico, a Comunicação Organizacional tem origem em distintas fontes e integrou os seus conceitos.

Cresceu muito ao longo do século XX e foi buscar riqueza de conhecimento a outras disciplinas já bem consolidadas. Hoje, embora fundamentada nesse vasto e heterogêneo conjunto de conhecimentos, concentra os seus interesses no âmbito das Ciências da Comunicação.

a) a evolução de paradigmas no séc. XX

O primeiro interesse pela comunicação na organização surgiu, de fato, com a corrente da administração e as teorias das organizações, marcadamente positivistas, e logo após, as correntes humanistas e escola das relações e humanas e as que se lhe seguiram, da sociologia, da psicologia social e organizacional, da linguística e da retórica, da antropologia social e da teoria da comunicação. Foi no âmbito destes campos que foram feitos os primeiros estudos que vieram a dar origem à comunicação organizacional dos dias de hoje.

A década de 1970 terá sido já um marco fundamental para a mudança de paradigma na investigação da Comunicação Organizacional. Foi aí que se iniciou um novo período, no seu percurso de afirmação disciplinar, que ficou conhecido como *momento da maturidade e inovação*, devido ao crescimento da pesquisa empírica e ao desenvolvimento das premissas teóricas do campo (Redding e Tompkins, 1988, *in* Ruão, 2004: 6).

Surge, assim, o “movimento interpretativo”, com preocupações de análise de aspectos particularmente informais nas organizações, de onde se destaca o clima interno, as interações entre os colegas, as relações informais. A cultura e identidade são aspectos valorizados, bem como as sociabilidades extralaborais, nunca pensadas anteriormente, tal como o simbolismo.

Significa que, agora, dentro das organizações, o principal aspecto a considerar é a comunicação. É ela que liga os elementos que aí convivem, formal e informalmente, é ela que dá sentido às relações e é por meio dela que as próprias organizações crescem e se formam naquilo que pretendem que elas sejam. A comunicação já não é algo dentro da organização. A comunicação é a “própria” organização (grifo nosso).

Podemos concluir que as décadas de 1980 e 1990 acabaram por ser de reflexão para a comunicação organizacional, o que lhe permitiu um desenvolvimento teórico e empírico, pela recorrência e integração de distintas ciências sociais na fundamentação das suas pesquisas. “A partir de então os estudos de comunicação organizacional passam

a adquirir uma forma mais abrangente, incorporando novos métodos consequentemente, avançando como disciplina acadêmica” (Kunsch, 2009c: 71).

b) o séc. XXI e a nova tecnologia

A partir do início do séc XXI a tecnologia domina o mundo. Faz-se apologia da interação e da globalização das relações, mas cada vez se cai mais no individualismo e no relativismo. Ao ingressar na busca da teorização a qualquer preço para fundamentar um ponto de vista pessoal as teorias vão aumentando e, praticamente, dão resposta a quase tudo o que existe. Tudo se deve às mudanças ocasionadas pelas novas tecnologias e a consequente adaptação das organizações à economia global. A sociedade contemporânea convive com a chamada mídia digital. Manuel Castells destaca a mudança de burocracias verticais para a empresa horizontal como sendo a principal neste processo e define-a como “uma rede dinâmica e estrategicamente planeada de unidades autónomas e auto-comandadas com base na descentralização, participação e coordenação” (Castells, 2002: 223).

Altera-se assim o modelo tradicional de organização vertical, mecanicista e de hierarquia rígida para uma organização flexível, orgânica e aberta em rede. “Para conseguir absorver os benefícios da flexibilidade das redes, a própria empresa teve de tornar-se uma rede e dinamizar cada elemento de sua estrutura interna”. (Castells, 2002: 221/222).

c) teorias e métodos -as novas tendências

A segunda metade do século XX veio trazer ao mundo da ciência e da academia a consciência de que se estavam gerando mudanças na origem, organização e difusão do conhecimento, entre as quais a contestação da excessiva especialização, de onde surgira um número incontável de disciplinas e especialidades. Outras formas de estudar a realidade passaram a ser discutidas e tais discussões resultaram em abordagens multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares.

A expansão dos estudos da comunicação no espaço universitário traduz-se fator de relevo já desde o final do séc. XX.

Segundo Wolfgang Donsbach há já uma década, trata-se do campo de pesquisa que nos “últimos 30 anos” experimentou o “maior crescimento” em relação a outros ramos do saber. (2006: 437)

Em 2006 eram reconhecidos pelo Presidente da ICA (International Communication Association) os avanços obtidos pelo campo da Comunicação e verificava-se-lhes uma evidente “erosão epistemológica”. Mas reconhecia em simultâneo que isso não interferira na produtividade do mundo académico. Graças à prevalência da “pesquisa empírica”, o campo da comunicação acumulara “conhecimento em muitas áreas”. O conhecimento já obtido, na década de 1990 veio permitir a construção de uma nova epistemologia, própria da interdisciplinaridade.

d) o papel das novas tecnologias na interdisciplinaridade e a Nova Comunicação

Assistimos hoje à proliferação de novas práticas de investigação interdisciplinar e mesmo à constituição de novos problemas. Problemas grandes demais, problemas complexos, impossíveis de serem pensados em laboratório porque comportam um número enorme de variáveis, problemas que nenhuma disciplina se vê preparada para resolver. (Mateus, 2014:6)

Há problemas que só encontram solução com uma investigação interdisciplinar.

Enquanto os países desenvolvidos investem nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para manter a hegemonia, os países em desenvolvimento necessitam dessa tecnologia para reduzir o abismo que os separa do mundo desenvolvido.

As rápidas e profundas mudanças tecnológicas e económicas que hoje se verificam potenciam cada vez mais essa tendência para a epistemologia interdisciplinar que há muito se destaca.

e) a “Nova Comunicação”

Num conceito mais emergente e atual, a Nova Comunicação vai ter que se ultrapassar na essência da Circularidade e ir mais além.

É fundamental que supere a subserviência à especialidade em cada área para alargar a sua função a um discurso generalista.

Com as mudanças permitidas pela morfologia social das atuais sociedades - a sociedade em rede - e as relações interdisciplinares a ela implícitas, o desenvolvimento das TIC que aprimoram a divulgação da ciência, a interação entre cientistas e a complementaridade ativa das várias disciplinas e ciências, o conceito Comunicação terá que ser revisto e atualizado.

O papel do cientista apresenta-se agora alargado. Enquanto generalista compete-lhe, através de uma atuação inter e transdisciplinar, combinar conhecimentos específicos com uma sólida formação generalista, afim de romper as barreiras outrora rígidas entre as ciências humanas, as exatas e as biológicas, com uma investigação científica.

Um dos grandes benefícios do desenvolvimento das TIC traduz-se na divulgação da ciência e na interação entre cientistas de diferentes unidades científicas, muitas vezes bastante distanciadas geograficamente.

Trata-se de um conceito que se mantém fundamentado nos princípios teóricos em que foi construído, mas redesenhado à luz das exigências das transformações sociais que se deram ao longo do tempo, tendo vindo a usufruir das novas capacidades comunicacionais permitidas pelo grande desenvolvimento proporcionado pelas TIC.

3 | METODOLOGIA UTILIZADA

3.1 O objeto da pesquisa

O objeto central da presente pesquisa é constituído por comunidades académicas com tradições e estágios de evolução distintos, Brasil e Portugal, em relação às quais

nos propusemos realizar uma comparação das linhas de investigação e do estado de conhecimento atual em Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

Os resultados obtidos com o trabalho de pós-doutoramento que antecedeu o presente permitiram-nos, numa primeira abordagem, formar a impressão de um estágio muito avançado do Brasil, em relação à situação de Portugal.

Pretendemos, com a presente abordagem, verificar a situação existente num momento muito mais atual, real, dos dois países, e bastante mais dirigida à situação portuguesa.

Uma vez que pretendemos fazer a comparação atual das duas situações nos países alvo de estudo, recorreremos ainda antes da comparação final, a uma pequena atualização das informações relativas ao Brasil, de modo a dispormos do conhecimento atual da situação equiparado aos dois países.

3.2 O objetivo do trabalho

O nosso objetivo com o presente trabalho é verificar o grau de uniformidade entre quadros referenciais teóricos e campo empírico intrínsecos aos trabalhos realizados, em conjunto com a dimensão da literatura científica produzida e adotada em ambos os países. Com os resultados obtidos com a pesquisa que nos abre caminho para a presente, e caso se confirmem as primeiras impressões aí obtidas, pretendemos evidenciar o avanço do conhecimento do Brasil em relação a Portugal, tomando tal situação como uma fonte de conhecimento exemplificativo para Portugal. Pretendemos, ainda, verificar uma outra situação sem antecedentes de investigação da nossa parte no presente trabalho: a posição de Portugal no contexto europeu.

Este triângulo de investigação poderá dar-nos uma visão do real estado de conhecimento em que se encontra a Comunicação Organizacional e as Relações Públicas em Portugal, face a duas das frentes mais representativas destes campos de conhecimento: a Europa e o Brasil, o país mais representativo da América Latina, neste campo.

3.3 O plano e a estratégia de investigação

Começamos por definir o plano de investigação com base em dados obtidos com o estudo exploratório, que fizemos propositadamente para a presente pesquisa, em conjunto com os conhecimentos de campo obtidos com a atividade docente e de investigação que realizamos em Portugal em mais de duas décadas.

Para a sua realização foram definidas fases bem distintas de investigação, no tempo e no espaço, pelas características que o objeto implicou. Apresentamo-las de seguida:

- a) Após o estudo exploratório, de carácter documental e com trabalho de campo baseado fundamentalmente em entrevistas a informadores qualificados quando nos encontrávamos no CEL da UTAD, deslocámo-nos para o Brasil.

Aí permanecemos 7 meses, durante os quais levantámos dados nas Bibliotecas da Universidade de São Paulo, da Universidade Metodista de São Paulo e da Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, as mais relacionadas com a pesquisa no Brasil.

Aproveitámos para desenvolver relações de trabalho que nos proporcionaríamos, mais tarde, contatos para atualização de informações para a investigação, assim como outro tipo de convites científicos como apresentações em Congressos e em Seminários, que aí realizámos e que originaram relações de trabalho que ainda mantemos.

b) Uma vez em Portugal, na UTAD, tratámos todo o material recolhido no Brasil, de forma científica

c) A partir de 2013 dedicámo-nos ao desenvolvimento do trabalho relativo a Portugal:

- realizámos um levantamento aprofundado das unidades que ensinam cursos de Comunicação Organizacional e Relações Públicas – Públicas, Privadas e Confessionais no país;
- verificamos os Centros de Investigação que trabalham as temáticas que investigávamos e como o faziam, incluindo a sua produção científica;
- decidimos atualizar a contextualização de Portugal a nível internacional, especificamente a nível europeu, já que verificámos relevância na sua posição;
- atualizámos toda a nova situação de Portugal, devido às mudanças geradas com o acordo de Bolonha no sistema de ensino superior, a nova situação de pesquisa e a produção científica da área em Portugal, bem como as publicações correspondentes, científicas e não-científicas.

d) Desenvolvemos o estudo nos dois países em momentos sequenciais, com procedimentos de pesquisa paralelos; realizámos o tratamento de ambos os dados de uma forma uniforme nos objetos de investigação e o estudo comparativo após a obtenção das respetivas conclusões.

3.4 As técnicas de investigação

a) Fizémos o levantamento de dados online; realizámos análise documental com o objetivo de verificarmos os títulos das linhas de investigação já registadas. A investigação foi complementada com análise bibliográfica de trabalhos publicados – livros, artigos, coletâneas...

b) Realizámos entrevistas abertas a informadores qualificados; fizémos entrevistas diretas.

c) Para a seleção dos entrevistados, utilizámos a técnica da “Bola de Neve”; o número de entrevistas foi definido em campo, no decorrer do estudo.

d) A partir de pesquisa documental realizámos análise de conteúdo temática categorial, por graus – mestrado e doutoramento – e linhas temáticas distintas, de onde partimos para a análise comparativa das situações entre os dois países alvo do estudo, (Berelson, 1952; Krippendorff, 1980; Bardin, 2000; Guerra, 2006) tendo realizado uma breve abordagem individual às publicações por consulta do

seu *abstract*. Realizámos, assim, uma comparação da produção científica e não científica e do estado do conhecimento da Comunicação e das Relações Públicas entre o Brasil e Portugal.

e) A investigação foi complementada com análise bibliográfica de trabalhos publicados – livros, artigos, coletâneas...

4 | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 O caso do Brasil

4.1.1 *A produção científica em comunicação organizacional e relações públicas*

4.1.1.1 *A metodologia que utilizámos*

O objeto da nossa pesquisa recaiu em três das mais significativas universidades e centros de pesquisa do Brasil, representativos da área das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional.

A pesquisa foi, em parte, realizada com base no Catálogo DEDALUS - o Catálogo Coletivo das Bibliotecas da USP. Para além disso, a recolha dos dados foi feita diretamente nas universidades e centros de pesquisa enunciados, *online*, nas respetivas bibliotecas, e também entrevistas diretas, abertas, aos responsáveis pelos cursos analisados e centros de investigação e informação/bibliotecas.

4.1.1.2 *Considerações reflexivas*

No que diz respeito à quantidade de produção científica de pós-graduação entre teses de doutoramento e dissertações de mestrado no âmbito de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, o estudo que efetuamos levou-nos a apresentar a tendência para um crescimento considerável de trabalhos investigação, tanto de mestrado como de doutoramento em Relações Públicas e Comunicação Organizacional ao longo dos anos - já a partir do início dos anos 1990 - e também um crescimento do número de teses de doutoramento, proporcionalmente à realização de dissertações de mestrado consoante se aproximava o final da década 2000.

Relativamente ao teor das pesquisas, começamos por verificar uma evolução da própria filosofia dos trabalhos de investigação, generalizadamente descritivos, que vinha do início dos anos 1990, para analíticos e relacionais, até ao momento de que dispomos de dados informativos, em 2009, começando a conferir uma maior qualidade e cientificidade aos realizados a partir do final da década.

Ao falarmos de temáticas investigadas, encontramos as linhas mais significativas

definidas no recorte de tempo estudado traduzidas nas áreas de “responsabilidade social, comunicação interna, meios digitais e novas tecnologias, comunicação corporativa/institucional, discurso nas organizações, comunicação integrada, estratégia”.

A partir de meados dos anos 1990, verifica-se muito a transversalidade temática - o cruzamento de assuntos - particularmente com as Relações Públicas como base em relação com outra temática distinta.

A partir de 2006, encontramos alguns trabalhos - mais doutoramentos e no campo da Comunicação Organizacional - com preocupações teóricas e epistemológicas, na tentativa da criação de um *corpus* teórico para a disciplina.

Para concluirmos as nossas considerações, podemos afirmar, com base nos resultados da pesquisa que realizamos nos centros de investigação agregados à ECA, FAMECOS e UESP, que podemos encontrar hoje no Brasil uma visão holística de Comunicação Organizacional, defendida pela autora das pesquisas mais atuais na área, Margarida Kunsch (1986, 1997, 2003 e 2009) que abrange três dimensões:

4.1.2 Produção bibliográfica e temas mais trabalhados

A análise que fazemos incidirá sobre dois tipos de produção bibliográfica. Primeiramente abordaremos as publicações com origem na universidade, com autores originários do meio académico, cuja produção serve principalmente à mesma academia. Num segundo momento, debruçar-nos-emos um pouco sobre a produção paralela de autores especializados, autores vindos do mercado de trabalho, que com a sua experiência profissional também contribuem para o aumento do conhecimento sobre comunicação empresarial

4.1.3 A produção académica

Até aos anos 1970, a bibliografia brasileira das áreas de Relações Públicas e Comunicação Organizacional concentrava-se prioritariamente em artigos (Kunsch; Silva, 2003); no entanto, já a partir da década de 50, podemos citar traduções de diversas obras.

a) a dependência dos Estados Unidos

As primeiras obras académicas para a área de Comunicação no Brasil mais essenciais foram, sem dúvida, importadas dos Estados Unidos, mas há referências de origem brasileira que merecem ser feitas. A década de 1970 foi, de fato, produtiva em obras de Relações Públicas no Brasil. Encontram-se 14 (catorze) registos de publicações. Alguns derivados de investigação científica – mestrados e doutoramentos - mas outros também resultado de traduções de livros estrangeiros.

A década de 1980 é marcada pela abertura ao exterior e expansão. A tecnologia permite agora a mudança nas organizações. A comunicação encontra necessidade de adaptação. A literatura especializada sobre comunicação organizacional desenvolve-se em

consonância. Primeiro nos Estados Unidos, depois importada pelo Brasil.

Na década de 1990, o Brasil, ainda com grande falta de produção científica própria, e encontrando nos Estados Unidos bálsamos para preocupações similares às suas, continuou a importar os conhecimentos de Comunicação Organizacional. Registam-se mais estudos, particularmente numa linha de construção teórica, estes sobre os “fundamentos da comunicação organizacional”, da responsabilidade de Corman, Banks e Bantz em 1994, e o de Deetz sobre o “papel da comunicação na construção das organizações assertivas e responsáveis” e também sobre o “caráter disciplinar da comunicação organizacional em 1992” (Reis, 2009b, pp.155/156).

b) o novo milénio e o despertar para a nova investigação

A partir do novo milénio, porém, o Brasil, vem apresentar autonomia com linhas próprias de investigação e produção científica no campo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas. A década de 2000 demonstra-se produtiva na área das Relações Públicas. Margarida Kunsch consegue organizar uma coletânea de 20 (vinte) trabalhos e com eles publicar “Relações públicas: história, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas”, em 2009; num âmbito mais pragmático, encontramos o trabalho “Processos comunicacionais na implantação dos programas de qualidade e de certificações” de Cleusa Maria Andrade Scroferneker; fundamental uma palavra aos trabalhos com enfoque nas “novas tecnologias”: “Comunicação digital e novas mídias institucionais”, realizado por Elizabeth Saad Correia.; em dimensões distintas, várias são as publicações sobre “discurso organizacional e retórica”; paralelamente, vários são também os estudos publicados sobre “cultura organizacional e comunicação”.

c) as mais recentes tendências – 2000-2014

Já em 2013, afirmávamos com base nos resultados da pesquisa que realizámos nos centros de investigação agregados à ECA, FAMECOS e UMESP, que podíamos encontrar no Brasil:

[...] uma visão holística de Comunicação Organizacional, defendida pela autora das pesquisas mais atuais na área, Margarida Kunsch (1986, 1997, 2003 e 2009) que abrange três dimensões: ‘a humana, como parte integrante da natureza das organizações, a instrumental, como transmissora de informações e a estratégica, como fator relevante para os resultados organizacionais, em termos tanto de construção de imagem e identidade corporativa, quanto de negócios (Kunsch, 2009b, in Mateus, 2012, p.130)

Essa perspectiva mantém-se, mas a visão apresenta-se alargada a fundamentos teóricos e preocupações epistemológicas, e consolidada com as informações mais recentes e a tendência que se verifica com os novos estudos. Não estará alheio a essa preocupação o fato de se traduzir uma tendência bastante maior pela realização de estudos com teor na Comunicação Organizacional, apresentando-se as opções estritamente pelas RP cada vez menores.

4.1.3.1 As publicações não-acadêmicas

a) os livros da especialidade

Atualmente verifica-se, que relativamente a livros produzidos fora do meio académico há um crescimento acentuado de obras coletivas. A publicação dessas obras resulta de esforços individuais de estudiosos e profissionais.

No caso das instituições, destaca-se a Aberje que, entre 2004 e 2008, publicou quatro números da coleção “Comunicação interna: a força das empresas”- um por ano - e dois de “Comunicação empresarial: estratégias de organizações vencedoras” em 2006.

Os artigos são assinados por consultores e executivos especialistas em comunicação empresarial. Numa análise transversal das obras, verificamos que os artigos que compõem as publicações são escritos por executivos de mercado, profissionais, portanto.

a) temas mais trabalhados

Vamos encontrar como temáticas: “comunicação, aspectos históricos, teóricos, conceituais e empíricos das relações públicas, discurso organizacional, retórica, comunicação interna, cultura organizacional”. Mais recentemente: “comunicação digital, comunicação integrada, estratégia, tecnologia”.

4.1.4 Principais conclusões

Muito sinteticamente podemos verificar a consonância com as conclusões a que chegamos com a análise dos temas atualmente mais pesquisados e publicados no Brasil. Assim, podemos concluir que: na generalidade, a investigação do meio académico demonstra ser fruto de preocupações dos profissionais ligados à comunicação empresarial.

4.2 O caso de Portugal

4.2.1 A produção científica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas

Com base num estudo exploratório anteriormente realizado por nós para ver os institutos que no momento apresentam mais produção científica e quais os critérios a decidir, optámos pela investigação nas seguintes unidades:

- a) **ISCS**P: por um critério de antiguidade. Foi a primeira unidade a realizar investigação na área.
- b) **UMinho**: que mais evoluiu, na generalidade das áreas e também nesta, em Portugal.
- c) **ESCS**: não sendo Universitária é a única escola exclusivamente vocacionada para a área do país e pelo fato mais produção na área apresenta, particularmente a nível de Mestrados. Para colmatar essa limitação apresenta uma parceria com o ISCTE para a realização de doutoramentos em Ciências da Comunicação.

De salientar que a nossa análise nestas unidades, entre 2010 e 2016 apresenta um caráter particularmente quantitativo pela dimensão dos dados recolhidos e uma abordagem qualitativa generalizada.

Acontece que o aumento dos Mestrados e respetivas Dissertações aumentou exponencialmente com a adesão ao sistema EEES, pelo que nos condiciona a uma análise qualitativa individualizada dos trabalhos realizados. Deixamos ainda a ressalva para a eventualidade da referência não exaustiva da totalidade dos trabalhos realizados.

Os repositórios consultados são um sistema que não nos apresenta a garantia de fidelidade do registo a 100% dos trabalhos, pelo que preferimos deixar a presente ressalva. Temos dados que nos levam a tal posição. Tal fato entendemos que não condiciona a leitura das tendências da pesquisa nos últimos anos, a atual e a que se reflete num futuro próximo.

4.2.1.1. Principais conclusões

Podemos concluir que a Comunicação Organizacional supera hoje largamente as Relações Públicas, em termos de investigação, principalmente a nível de doutoramentos, onde não encontramos um único doutoramento na área. Mesmo a nível de Mestrados, ao longo do tempo, a área das Relações Públicas tem vindo a perder terreno para outras áreas, de onde se destaca a Comunicação Integrada e particularmente a Comunicação Estratégica nas Organizações. Há que salientar que uma das unidades investigada mantém ainda um pendor particular para as Relações Públicas, bastante mais evidente ao nível de oferta e procura pelos seus investigadores, o que equilibra a procura bastante inferior nas outras unidades.

No entanto não nos sentimos com o mínimo de legitimidade para apresentar estes dados como reveladores de alguma tendência, pela insuficiência de informação em que o estudo se traduziu.

Confrontámo-nos com uma circunstância que não nos era de todo alheia: a existência de trabalhos de comunicação realizados no âmbito de distintos e variados programas de mestrado e doutoramento, à partida não vocacionados tão diretamente para a área da Comunicação, demonstrando-se esta transversal a muitas outras, e podendo ser perspectivada de diversos prismas. Tudo isto para ressaltar algo: encontram-se numerosos trabalhos com as temáticas em estudo, não menos dignos de registo, no âmbito de outras Ciências pelo que se torna impossível a sua busca e o seu registo de forma exaustiva.

4.2.2 As Publicações não-académicas de autores Portugueses: livros de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

Foi feita uma pesquisa profunda nos vários Repositórios e outras fontes, já referidos. No caso das publicações de livros não científicos, em termos muito genéricos e

sintéticos, e após toda a análise realizada, verificamos que o grande aumento de publicações que se deu na década de 2000, não parece manter-se proporcional na corrente década de 2010, embora em Outubro de 2016 já se encontrassem 11 publicações, relativamente ao total de 15 unidades publicadas em 2000-2009. Mas a tendência para o aumento expressivo verifica-se a mesma.

A salientar é a dispersão temática de investigação nos temas publicados nesta década, de onde se salienta, ainda assim, as Relações Públicas, e a Gestão da Comunicação, comparando com as publicações da década de 2010, em que se verifica cingir-se a duas áreas, versando exclusivamente sobre três temas: “Relações Públicas e Comunicação Interna”; e a Comunicação, sob duas perspetivas: numa perspetiva de *reflexão* e a grande vertente dentro da Comunicação em termos de publicação, a “Comunicação como instrumento de trabalho e ferramenta de gestão”.

Verificou-se que algumas das obras foram editadas com o objectivo de servirem de manuais em português para alunos de licenciaturas e cursos técnico-profissionais de comunicação social, empresarial, publicidade e relações públicas, outras nasceram da implementação de pós-graduações e mestrados nas mesmas áreas, outras são da exigência de especialização e progressão académica de professores/investigadores universitários e são ainda o resultado da necessidade de se conhecer esta realidade emergente nas empresas e nas organizações, por profissionais de comunicação que aí trabalham.

4.2.3 Portugal na Europa e o ECM

O European Communication Monitor (ECM) é o maior inquérito anual de Relações Públicas e Comunicação Organizacional no mundo. Trata-se de uma pesquisa transeuropeia realizada anualmente pelo Observatório Europeu da Comunicação da EUPRERA, uma associação ligada principalmente à educação e à investigação. Ele tenta identificar “desafios atuais e tendências futuras da comunicação estratégica da Europa”, discutindo tópicos específicos, como indicadores de excelência e poder, efeitos de media social, estilos de liderança, satisfação no trabalho ou remuneração, mobilizando a comunicação de departamentos, agências de comunicação, consultores...

Note-se que o modelo de monitoramento de comunicação ECM é baseado em teorias bem conhecidas de Relações Públicas e Gestão da Comunicação.

Em 2013 o ECM foi o único estudo realizado com base num quadro de pesquisa académica e com a ajuda de profissionais em 43 países, produzindo dados dos últimos sete anos. A pesquisa baseou-se em respostas de 2.710 profissionais de comunicação em vários países. Pela primeira vez a participação de Portugal foi capaz de reunir informações suficientes para poder constituir uma amostra confiável para que ela pudesse fazer parte do estudo de forma autónoma. Análises detalhadas encontram-se disponíveis para 20 países e diferentes tipos de organizações (empresas, organizações sem fins lucrativos, agências

governamentais). O estudo foi então organizado pela EUPRERA e pela ECCD a apoiado pela Ketchum, uma das principais agências de comunicação.

Salientamos que o estudo continuou nos anos seguintes, tendo já ocorrido em Abril de 2018. Em 2013 o tema foi “Relações Públicas Estratégicas – Valores e Identidade Cultural – Mudando a paisagem: gestão de crises, comunicação digital e posicionamento na Europa”. Foram realizadas pesquisas sociais empíricas e informatização estatística para analisar a enorme quantidade de dados recolhidos. De acordo com o que foi apresentado na análise dos resultados realizada pelos autores:

As Relações Públicas em Portugal são uma área muito recente em comparação com outras regiões da Europa. A prática também é relativamente recente e ainda falta. A maioria dos cursos tem uma componente muito reduzida de Relações Públicas e Gestão da Comunicação, onde é cisto como uma sub-especialização das Ciências da Comunicação. (Zerfass e Oliveira, 2013, em Actas SOPCOM, pág. 967)

No entanto, há dados em que o estudo apresenta informações muito desfasadas da realidade. A área teórica da Comunicação já havia sido trabalhada no país muito antes da data apresentada. Ao indicar que, em Portugal, a primeira tese na área da Comunicação Organizacional foi realizada apenas na Universidade do Minho em 2008 pela pesquisadora Teresa Ruão com um trabalho de Comunicação Organizacional e Identidade aplicado à Universidade onde desenvolveu a sua atividade profissional, a informação é apresentada pelo menos com oito anos de atraso e geograficamente afastada da realidade. E oito anos em pesquisa é significativo. O conhecimento generalizado, e sem a garantia de que se traduzirá no primeiro trabalho em Comunicação Organizacional, certamente será um doutoramento realizado no ano 2000, intitulado “Institucionalização, colapsos e reparação de sentido nas organizações”, rerealizado por Rogério Ferreira de Andrade na Universidade Nova de Lisboa.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos que reconhecer que é muito cedo para se poder avaliar a posição de Portugal de forma a podermos comparar em situação de igualdade com uma comunidade científica, como se encontra atualmente o Brasil, até pela adaptação ao modelo de Bolonha e todas as mudanças que o sistema de educação do ensino superior foi sujeito. Na maioria dos Centros de investigação, Portugal não obriga ao estágio de exigência científica que o Brasil há muito definiu.

As respostas, surgem:

- Ao longo do tempo o Brasil encontra um estado estável e sólido, possível de ser avaliado nas suas mudanças. Aí verificam-se grandes avanços dos estudos tanto em Comunicação Organizacional quanto em Relações Públicas a partir de 2000, com um grande salto a nível de qualidade e uma maior preocupação

com os estudos mais críticos e aplicados, fundamentados teoricamente e em pesquisas empíricas.

- A visão mais atual, já da presente década – 2010-2016, apresenta preocupações com fundamentos teóricos e preocupações epistemológicas, traduzidos nos estudos mais recentes. Cada vez mais se encontra aí uma tendência bastante maior pela realização de estudos com teor na Comunicação Organizacional, sendo as opções estritamente pelas RP cada vez menores.

Em Portugal a situação não é de todo semelhante à do Brasil.

- Em termos de investigação científica, se é verdade que também aqui se denota uma quebra da investigação relativamente às Relações Públicas em favor da Comunicação em várias das suas vertentes – interna, integrada, estratégica, empresarial, institucional..., também é verdade que numa das unidades de investigação que estudámos se encontra ainda hoje um favorecimento da pesquisa em Relações Públicas. Denota-se uma grande especialização da área naquela unidade de ensino e investigação. Eis um motivo porque não se podem generalizar os resultados da nossa pesquisa, nem tão pouco encontrar uma tendência específica.
- Numa outra direção a aproximação aos registos Europeus também se revela um sinal de evolução das Relações Públicas de Portugal. Apesar de tudo, também nesse sentido, Portugal terá ainda um longo caminho a percorrer.
- Fato é que, no meio académico, hoje, em Portugal, as Relações Públicas também não disfrutam de uma imagem autónoma, ao contrário do que, nos seus primórdios, chegou a acontecer. Raras as vezes são referidas sem ser no contexto da Comunicação Organizacional.
- Relativamente à Comunicação Organizacional, as escolas de Comunicação no país encontram-se isoladas e com pouca força. Os investigadores na área com publicações relevantes podem contar-se pelos dedos de uma mão, e referimo-nos a investigadores profissionalizados. Se tentarmos isolar a investigação relativamente ao ensino, a situação piora. Como afirmava Paquete de Oliveira no encerramento do II Congresso da SOPCOM em 17/10/01, “a estratégia do ensino tem determinado a estratégia da investigação”, ou seja, o imediato sempre suplantou o importante.
- É verdade que o país se encontra na Europa, e surgem novas perspectivas. Mas as perspectivas dos investigadores não são consensuais entre linhas de pesquisa. A linha europeia, que surgiu no final do século XX, parece vir mais tentar afastar as Relações Públicas dos trabalhos desenvolvidos pelos norte-americanos do que a desenvolver novos trabalhos em prol das mesmas.
- Não receamos afirmar que faltam hoje raízes que permitam a criação de teoria própria no país. A nova estrutura do ensino superior e condições cedidas aos investigadores não o proporcionam. As nossas primeiras impressões encaminham-nos para uma indefinição de contextualização teórica neste país.

Fora de questão está a criação de um património próprio no atual momento. A maior liberalidade com o sistema de aprendizagem atual não confere o grau de exigência aos alunos que eles ainda necessitam para a realização de uma dissertação, de um mestrado com resultados de investigação cientificamente interessantes, e por vezes, mesmo válidos.

- Enquanto profissão em Portugal, a nossa primeira impressão é de que as Relações Públicas encontram já algum reconhecimento neste campo, mas são consideradas muito mais no âmbito da área de “Comunicação Organizacional”, mais vasta do que estritamente “Relações Públicas”, estas bastante mais desvalorizadas no país.
- A Comunicação Organizacional poderá ser encontrada no meio académico em Portugal num estado interessante de oferta, como apresentámos. Em termos de conceito, a generalidade dos cursos a nível de Mestrado vem confirmar a transdisciplinaridade da Comunicação Organizacional onde convivem várias disciplinas, interagindo para formar um todo, entre elas as Relações Públicas.

Acreditamos que a Escola do Brasil poderá ser um bom exemplo para Portugal no sentido de importarmos algum conhecimento adquirido ao longo do tempo para a investigação a realizar no nosso País. A experiência é um fator de aprendizagem que Portugal terá à disposição, se assim o entender. Alguns aspetos poderão servir de exemplo para Portugal e permitir optar pelo que de melhor o Brasil já encontrou. Embora respeitando as características específicas de cada cultura e identidade, a língua é um aspeto que pode aproximar em muito a investigação nos dois Países.

Para finalizar, há ainda a realçar a Integração de Portugal na realização de investigação a nível da Investigação nos Estudos Europeus, através da EUPRERA. Se bem que de uma forma ainda um tanto passiva em termos de análise do País pela falta de dimensão quantitativa para representatividade no estudo, o fato é que Portugal já vai participando na investigação, inclusivamente a nível de entidade investigadora, com Centros de Investigação especializados, como é o caso do CES da Universidade do Minho.

REFERÊNCIAS

Castells, M. (2002). *A Era da informação: Economia; Sociedade e Cultura*, Vol.I. A Sociedade em Rede. Lisbon: F. Caloute Gulbenkian.

Cutlip, S.M; Center, A.H.; Broom, G.M. (1999). *Effective Public Relations*, 8 th. Ed. Englewoods Clifs, NY Prentice Hall.

Donsbach, W. (2006) - *The Identity of Communication Research*. Journal of Communication. Volume 56, Issue 3. (Pp 437- 637)

Grunig, J. (1992). *Excellence in public relations and communication management*. Hillsdale: Erlbaum Associates

Kunsch, M.K.H. (2003) *A produção científica em R.P e comunicação organizacional no Brasil: análise, tendências e perspectivas*. Revista PCLA. ALAIC. www.eca.uspbr/associa/alaic/boletin11/kunsch.htm

Kunsch, M.K.H. (2009). *Os campos acadêmicos da comunicação organizacional e das Relações Públicas no Brasil*- In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). "R.P e Comunicação Organizacional: campos acadêmicos e aplicados de múltiplas perspectivas". Série Pensamento e Prática. S. Paulo. Difusão Editora. Abrapcorp (Pp. 113-136).

Kunsch, M.K.H. (2009.a) *Relações Públicas na gestão estratégica da comunicação integrada nas organizações*. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). "R.P: História, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas." (Pp. 185-208). São Paulo: Saraiva, 2009

Lopes, M.I.V. (2000). O campo da comunicação: reflexões sobre o seu estatuto disciplinar: Revista USP, São Paulo, nº 48, p.47.57, dezembro/fevereiro www.usp.br/revistausp/48/04-immcolata.pdf . 2000/2001. Acesso: 21, jan, 2014

Mateus, A. F. (2012). *Comunicacion organizacional y relaciones publicas. Distintas perspectivas de la universidad en Portugal y Brasil. Una primera aproximacion*. In Reformulacionés en el âmbito de la innovación dentro del EEES, Editorial Vision Libros - Web: www.visionlibros.es. www.vnetlibrerias.com,www.terrabooks.com: Papel y ebook. Madrid.Es. ISBN:978-84-9011-604-3

Mateus, A. F. (2014). *Relações Públicas e Comunicação: Portugal - um cantinho na Europa*. Col. 'Ediciones Universitarias'. In: Líneas emergentes en la investigación de vanguardia, ISBN: 978-84-481-9741-4; e-ISBN:978-84-4819-734-6 Madrid, Espanha: McGraw Hill

Reis, M.C. (2009). *A construção de uma identidade disciplinar e de um corpus teórico para os estudos de comunicação organizacional e Relações Públicas no Brasil*. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org). "Relações Públicas e comunicação organizacional: campos acadêmicos e aplicados de múltiplas perspectivas.São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2ª ed.

Ruão, T. (2006). *Marcas e Identidades: Guia da Concepção das Marcas Comerciais*, Campo das Letras. Porto.

Silva, H.D. (2003). *Perfis -Margarida Kunsch: novos paradigmas para a comunicação organizacional*. PCLA - vol. 4, nº 4- jul, ag, set 2003: www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista16/perfis%2016-%203.htm

Van Ruler, B.; Verčič, D. (2003). *Perspectivas europeias das Relações Públicas, Comunicação e Sociedade* 39, São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, : a. 24, n. 39, : 156-172, 2003: www.revistas.univercencia.org/index.php/cs_umesp/art

Verčič, D. (2000). *The European PR body of knowledge*. Journal of communication management 4 (4): (Pp.341-351).

Zerfass, A. & Oliveira, E. (2013). *Estudo comparado do estado da comunicação estratégica em Portugal e na Europa - European Communication Monitor 2013*, in Actas do VIII congresso da SOPCOM, Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa

CAPÍTULO 2

DO LIVRO, AO FILME E À MINISSÉRIE: A CONTEMPORANEIDADE DOS EMBATES MEDIEVAIS SOBRE A CENSURA EM O NOME DA ROSA

Data de aceite: 02/05/2023

Denise Azevedo Duarte Guimarães

Professora Aposentada da UFPr.
Docente do Programa de Mestrado e
Doutorado da UTP.Curitiba.
Editora Científica da Revista Interin
<https://orcid.org/0000-0002-8334-5463>

aos diversos tipos de censura que emergem no contexto atual, aqui entendidos como reverberações medievalizantes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Cinema. Televisão. Idade Média. Censura.

RESUMO: Tendo em vista o recrudescimento do tema da censura nas mais diversas mídias e nos processos contemporâneos da comunicação verbal e nas redes sociais, este artigo problematiza se, ainda hoje, podem ser percebidas ressonâncias da ideologia maniqueísta sobre a interdição da palavra, que é o cerne de uma narrativa que se passa em 1327, sob o domínio da Inquisição. Abordamos a recente minissérie da RAI e a adaptação fílmica homônima (1986), que têm por base o romance de Umberto Eco *O Nome da Rosa* (1980), com aporte em diversos textos críticos do próprio Eco, em conceitos fundamentais sobre o poder da palavra, bem como nas teorias da adaptação. Após o lançamento da série italiana com oito capítulos, em 2019 e posteriormente disponível em canais de *streaming*, consideramos ser pertinente repensarmos os temas relativos

FROM THE BOOK, TO THE MOVIE AND TO THE MINISERIES: THE CONTEMPORANEITY OF THE MEDIEVAL CLASHES ABOUT CENSORSHIP IN *THE NAME OF THE ROSE*

ABSTRACT: Considering the resurgence of the theme of censorship in the most diverse media and in the contemporary processes of verbal communication and in social networks, this article discusses whether, even today, we can perceive resonances of the Manichean ideology about the interdiction of the word, which is the core of a narrative that takes place in 1327, under the domain of the Inquisition. We approach the recent RAI miniseries and the film adaptation of the same name (1986), which are based on Umberto Eco's novel *The Name of the Rose* (1980), with contributions from several critical texts by Eco himself, in fundamental concepts about the power of the word, as well as in theories

of adaptation. After the release of the Italian series with eight chapters, in 2019 and later available on streaming channels, we consider the relevance of rethinking the themes related to the different types of censorship that emerge in the current context, here understood as medieval reverberations.

KEYWORDS: Literature. Movie. Television. Middle Ages. Censure

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No contexto das relações de poder explicitadas em discursos e práticas midiáticas da contemporaneidade, é possível verificar a ênfase em um pensamento radical, que comanda as relações interpessoais e as “guerrilhas ideológicas” entre grupos polarizados. São atitudes, ações e intenções iníquas que, genericamente, a academia e a mídia têm designado como “uma era das trevas” ou como “um retrocesso” ao obscurantismo medieval. Neste início do século XXI, a cena cultural apresenta radicalismos exacerbados, numa batalha ideológica entre os extremos. Imaginamos se o contexto atual apontaria para uma visão maniqueísta, típica do medievo, na qual a palavra era serva dos ideais e interesses do Estado, de instituições ou de grupos, adquirindo um poder que deveria ser controlado, manipulado e censurado, até as últimas consequências.

A atualidade do tema do poder dos livros e do medo da força da palavra é comprovada com o lançamento em 2019, da minissérie *O Nome da Rosa*, com oito capítulos, dirigida por Andrea Porporati e Nigel Williams. *Mutatis mutandis*, indagamos se, ainda hoje, podem ser percebidas reverberações dessa ideologia maniqueísta que é problematizada em uma narrativa que se passa em 1327. A partir destas reflexões e indagações, sentimos-nos instigados à releitura do consagrado romance *O Nome da Rosa* (1980) e de seu filme homônimo (1986) dirigido pelo francês Jean-Jacques Annaud, à luz dos pré/conceitos e paradoxos da nossa modernidade avançada.

Na minissérie, que serve de motivação para este artigo, John Turturro produz e protagoniza a trama, que foi encomendada pela emissora italiana RAI, filmada em 2019 e teve seu roteiro supervisionado pelo próprio escritor Umberto Eco, antes de falecer em 2016. No início de 2020, a britânica BBC garantiu os direitos de transmissão dos oito capítulos da minissérie *The Name of the Rose*, gravada nos históricos estúdios da Cinecittà. A série estreou em maio de 2020 no canal pago Sundance TV, nos Estados Unidos; sendo distribuída, a seguir, em diferentes canais de *streaming*.

À luz de molduras teóricas adequadas, abordamos neste artigo o livro (1980), o filme (1986) e a série (2019) com apoio em diversos ensaios e textos críticos de Umberto Eco, em conceitos fundamentais sobre o poder da palavra, bem como nas recentes teorias da adaptação.

O PODER DEMIÚRGICO DO VERBO EM SUAS RESSONÂNCIAS MEDIEVAIS

No início era o Verbo e “*Fiat Lux*”... Desde tempos ancestrais permanece a crença no poder demiúrgico do verbo, que é capaz de criar novos universos na linguagem, podendo transformar os fatos do mundo e o próprio mundo, como assinala Ernst Cassirer (1972). Tão importante na cosmovisão mágica, a palavra pode concretizar encantamentos e conduzir o imaginário em aberto em narrativas ficcionais consagradas.

Por outro lado, no que concerne ao pensamento mítico, a palavra tabu é aquela que nem sequer pode ser pronunciada em decorrência de seu enorme poder. Esse poder é encerrado sistematicamente nos livros como depositários do saber, nas mais diferentes épocas e culturas. Todavia, segundo a visão medieval, no *index librorum prohibitorum*, tais livros poderiam ser tão perigosos nas mãos de um ignorante quanto uma espada nas mãos de uma criança.

O título do romance de Eco (1980), do filme (1986) e da minissérie homônima (2019-2020) remete à expressão «*Stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus*» (ECO, 2019, p.529) que foi usada na Idade Média para significar o infinito poder da linguagem. Sua tradução literal é: “A rosa antiga está no nome, e nada nos resta além dos nomes”, que explica que a rosa subsiste por seu nome apenas, mesmo que não esteja presente, nem sequer exista. Trata-se de uma questão muito cara à literatura de todos os tempos: a palavra e seu poder, seja ele cosmogônico ou apocalíptico. Esse conceito serve de base para as reflexões desenvolvidas neste artigo, que procura investigar se, guardadas as devidas proporções, as reverberações dos maniqueísmos e embates típicos da Idade Média estariam presentes na atualidade.

O autor italiano afirma que “em cada época se chega a momentos de crise, como as descritas por Nietzsche na *Segunda consideração extemporânea* sobre os malefícios dos estudos históricos. O passado nos condiciona, nos oprime, nos ameaça” (ECO, 1985, p. 55). Ao problematizar o conceito de pós-moderno, o pensador italiano percebe que o passado, não podendo ser destruído, deveria sim, ser revisitado de maneira irônica e não inocente. Tais premissas permitem-nos inferir que o espaço da Abadia medieval nos Alpes italianos, cenário para seu romance *O Nome da Rosa* (1980), transforma-se no local de equacionamento romanesco das diferenças e contradições humanas; similares aos radicalismos com os quais somos obrigados a conviver na contemporaneidade.

Umberto Eco se autodefine na última mensagem postada no *twitter* por ele, pouco antes de sua morte, em fevereiro de 2016: “Medievalista, filósofo, semiótico, linguista, crítico literário, romancista. Eu não sou um homem da Renascença” (ECO, *online*, tradução nossa). São palavras que demonstram sua profunda identificação com a época medieval; tal conhecimento foi uma espécie de lente através da qual analisou o mundo à sua volta. Dentre outros trabalhos do autor, que servem de base para o presente artigo, salientamos seu capítulo “A nova Idade Média” no livro *Viagem na irrealidade cotidiana* (1984) como

obra teórica importante para as reflexões presentes em seu romance de 1980, além de comprovar a oportunidade do tema escolhido para nosso artigo. Diz ele que o presente só conhece pela televisão, ao passo que da Idade Média tem uma percepção direta.

A trama do romance de Eco continua a mesma, tanto no filme quanto nos oito episódios de *The Name of the Rose*, centrando-se em William de Baskerville, um monge franciscano que começa a investigar, auxiliado pelo noviço Adso von Melk, uma série de assassinatos em um Mosteiro medieval. Ao mesmo tempo, o inquisidor Bernardo Gui faz questão de punir qualquer suspeito de heresia. Decorre daí seu embate contra o protagonista, com ênfase em outro antagonista do franciscano, o monge cego Jorge de Burgos, guardião da biblioteca do mosteiro. A proposta da minissérie é manter-se fiel ao contexto de meados do século XIII, momento no qual a Inquisição assegurou o poderio institucional da Santa Sé (Católica) pela brutal coerção de todos aqueles que, aos olhos os inquisidores, não se enquadravam nos limites estabelecidos pela religião oficial. Foi um árduo período de transição, no qual se acreditava que o espírito de Cristo não reina onde vive o espírito de Aristóteles.

Em contraposição, a atitude intelectual de William de Baskerville é a de nunca se render a explicações totalizadoras e abstratas, nunca aceitar verdades não examinadas. Ele defende o princípio de tolerância como virtude pessoal e social, em oposição às diversas formas de dogmatismo, seja religioso, ideológico ou mesmo àquelas manifestações de fanatismo intolerante que surgem a partir da corrupção do princípio crítico da filosofia ou da ciência.

No subtítulo do filme analisado, aparece a expressão palimpsesto¹, teoricamente utilizado por Gérard Genette (1982) e que fundamenta grande parte dos estudos sobre as inter/trans/para/hiper/textualidades. O vocábulo na tela revela uma re/de/ferência do diretor à deliberação compositiva do intertexto criado por Umberto Eco e que serviu de texto-fonte para a obra cinematográfica. No romance de autor italiano, entre as confluências e as bifurcações, há uma estabilidade que pode ser compreendida como um ponto de ordenação do acúmulo de textos que se sobrepõem palimpsesticamente. Linda Hutcheon também explora o tema, em sua teoria da adaptação e afirma:

Uma dupla definição de adaptação como um produto (como transcodificação extensa, particular) e como um processo (como reinterpretção criativa e intertextualidade palimpsestica) é uma forma de abordar as diversas dimensões do fenômeno mais amplo da adaptação (Tradução nossa. HUTCHEON, 2006, p. 22).²

Obviamente, na tradução de narrativas literárias em suporte papel para a narrativa

1 Em seu livro **Palimpsestes: la littérature au second degré** (1982), Genette sistematiza cinco tipos de relações "transtextuais", como uma relação de copresença entre dois ou mais textos ou a presença de um texto dentro de outro, a saber: 1- intertextualidade; 2 – paratextualidade; 3 - metatextualidade; 4 – hipertextualidade; e 5) arquitextualidade.

2 No Original: A doubled definition of adaptation as a product (as extensive, particular transcoding) and as a process (as creative reinterpretation and palimpsestic intertextuality) is one way to address the various dimensions of the broader phenomenon of adaptation.

cinematográfica, importa considerar que, alterando-se a linguagem, também se alteram as semioses dela derivadas. Tal conceito de adaptação implica mudança de elementos da narrativa ficcional ao ser transposta para o cinema. Tais alterações estão mais presentes na minissérie, que atualiza a narrativa original com a inserção de personagens femininas, praticamente, ausentes na narrativa original, além de explorar um romance entre um noviço e uma jovem “guerreira” que viveria na mata, nos arredores da Abadia.

É claro que as incursões complexas e enciclopédicas de Eco nos pontos delicados das diferentes facções religiosas e suas motivações foram significativamente condensadas; contudo, a essência das polêmicas da Idade Média ainda é bastante relevante, no contexto atual dos escândalos que cercam a Instituição Católica.

No romance, toda a longa e complexa trama desenvolve-se em sete dias (número cabalístico); é o tempo no qual ocorrem as sete mortes de frades, as quais o franciscano William de Baskerville se empenha em investigar. As horas litúrgicas dividem cada um dos sete dias, integrando-os a um tempo sagrado, oposto ao tempo profano do restante do mundo. O tempo sagrado é um tempo para grandes acontecimentos místicos ou míticos; é um tempo de epifanias e de revelações.

O filme consegue captar nuances desta dimensão temporal nas cenas das orações, nos ambientes fechados e com o recurso da aproximação da câmera. A dimensão sagrada condiz com o espaço fechado da Abadia e seus mistérios, principalmente vinculados ao espaço da labiríntica biblioteca. Entretanto, como adaptação, o filme não dá conta do labirinto conceitual criado no romance, pois seria praticamente impossível de reproduzir o labiríntico e prolixo texto verbal do autor italiano. Ressaltamos que a construção visual do labirinto é relativamente fraca no filme, percebe-se, apenas, a utilização do recurso da obscuridade; não se utilizam, por exemplo a câmera subjetiva ou *travellings* e nem os próprios espelhos servem para provocar o efeito de desorientação, o que as estratégias narrativas do romance fazem muito bem. Desse modo, há uma cena em que é preciso recorrer a uma fala de William, ausente no livro: “Parece que a biblioteca é um labirinto”, diz o mentor ao noviço Adso.

No filme, a explicitação das imagens procura esclarecer a trama e não inova na expressão plástica. Além das equivalências estruturais, a adaptação fílmica guarda uma relação hipotática com os elementos metonímicos presentes no texto literário: as máquinas, o crucifixo, o anel, detalhes do cenário da Igreja e da biblioteca, com seus corredores labirínticos, escadas, inúmeras portas e desvão sombrios. As imagens dos espelhos no labirinto são índices duplicados do perigo iminente e correlatos do universo alucinatório das visões demoníacas cultivadas na época medieval.

No sentido dos mitos ou narrativas de formação, podemos inferir que o incêndio final da Abadia, entendida como espaço sagrado e *axis mundi*, é uma metáfora purificadora no sentido mítico, a sugerir que a toda escatologia segue-se uma cosmogonia, como nos mitos do eterno retorno. Para utilizar um esquema apocalíptico, o romancista italiano adapta

certas circunstâncias dos crimes da Abadia às palavras proféticas anunciadas pelas sete trombetas do Apocalipse. Lembramos que, segundo a tradição mística, o fim do mundo virá por meio de um grande incêndio universal.

PERSONAGENS: SERES EMBLEMÁTICOS E LABIRÍNTICOS

Nas páginas e nas telas, o mundo místico é alegoricamente recriado pela isolada Abadia; mundo esse ameaçado pela razão, metonimicamente concentrado na chegada do frei franciscano William de Baskerville e seu ajudante, o noviço Adso von Melk, em 1327. O poder vigente está sintetizado nos dois antagonistas de William: o Inquisidor-Mor Bernardo Gui e o Abade Jorge de Burgos. Ambos agem em defesa da ideologia dominante, como o fizeram, na época medieval, os mestres reacionários da Faculdade de Teologia, em sua ação contra os frades mendicantes, os chamados hereges joaquimistas, que queriam ensinar Aristóteles. A corrente, que defendia a pobreza foi a dos reformadores franciscanos, que souberam manter-se fiéis à Igreja, embora combatessem o seu luxo. Entre estes está São Francisco de Assis (1182-1226).

Com base neste dado histórico, a temática do romance de Eco centra-se na questão da interdição do suposto livro de Aristóteles sobre a comédia e o riso, liga-se à ideologia da manutenção do poder através do discurso do medo. Sua lei é imposta pelo temor, sua ordem dele se nutre. O riso, se elevado à categoria artística, através da palavra do filósofo grego, liberaria o homem do medo do Demônio e do conseqüente temor a Deus. Em decorrência, tal livro deveria ser interdito e acaba por ser destruído pelas chamas, juntamente com a Abadia, no final da trama.

No que concerne à construção dos personagens, no livro e no filme, bem como na minissérie, destacamos os protagonistas:

1. William de Baskerville é um frei franciscano inglês que representa a chegada da era moderna e do pensamento científico ao mosteiro isolado, e que se sente obrigado a desvendar uma série de sete assassinatos inexplicáveis. A primeira tomada de William no filme dá-se após um plano geral que se transforma em uma visão de baixo para cima, para mostrar sua importância na narrativa. O protagonista é caracterizado cinematograficamente por determinados elementos plásticos, gestuais e rituais.

Seu raciocínio e sua postura estão do lado da ciência, sua informação é a detentora da “verdade” e ele faz uso dos signos para o conhecimento dos indivíduos. Por um lado, ele encarna a figura do Venerável Inceptor (Ockham), com suas heresias sobre o livre arbítrio e a ruptura dos privilégios. O franciscano é também discípulo de Roger Bacon, conhecido como Doctor Mirabilis, filósofo que trata da questão da transição entre o pensamento religioso (teocêntrico) e o pensamento científico.

Por outro lado, o seu sobrenome alude ao investigador Sherlock Holmes, criado por Conan Doyle, mais especificamente no romance policial *O Cão dos Baskervilles*, publicado

em 1902. Enquanto no texto de Eco todas as características do frei investigador são detalhadas desde o início, já no filme ele vai caracterizar-se agindo. Suas ações passam a defini-lo. Ele é o detentor dos instrumentos (com destaque para os óculos) e conhecedor das máquinas, que são índices de sua postura científica. Ele vê-se desafiado a desvendar uma intrincada trama cuja tensão emocional é crescente e contínua. Como herói e erudito, é o estudioso com o qual se pode contar nos momentos de perigo e cuja inteligência revela-se capaz de descobrir, não só o assassino, mas também o motivo das mortes.

2. Jorge de Burgos, o idoso monge bibliotecário, com sua cegueira, representa o obscurantismo medieval, a resistência a qualquer inovação. Vale ressaltar que o nome do monge é uma alusão a Jorge Luis Borges, celebrado escritor argentino e autor do livro *A Biblioteca de Babel*, que ficou cego no final da vida e do qual Eco revela-se leitor em profundidade. Em *O Nome da Rosa*, o escritor italiano prestaria um tributo implícito aos motivos e temas, técnicas e processos narrativos do universo borgiano. Sem entrar em detalhes sobre os ecos borgianos na obra de Eco, assinalamos apenas que labirintos, caminhos que se bifurcam, espelhos, o jogo de xadrez e bibliotecas, entre outros, são *leitmotifs* presentes nas obras dos dois grandes escritores do século passado.

No início do romance de Eco, o monge bibliotecário é apenas citado, vindo a aparecer só mais tarde. Já no filme, sua primeira aparição é frontal em primeiro plano; ele está sendo consultado pelas autoridades, mas não opina. Sua composição visual inclui um crucifixo e outros elementos simbólicos do teocentrismo, que evocam o embate medieval contra o antropocentrismo. Nas demais aparições, o abade aparece pregando furiosamente no púlpito, também em posição elevada e central, tendo seu poder enfatizado pelo movimento da câmera. Sua imagem tenebrosa é acentuada por sua cegueira. Ele aparece sempre de preto, em oposição a William que usa vestimentas mais claras, nas diversas cenas dos embates verbais. As falas do monge esclarecem toda a questão da interdição do livro sobre a comédia e a proibição do riso, pois quem ri pode rir até de Deus. O poder das palavras é o perigo pressentido por ele e mola propulsora de suas ações desvairadas.

3. Bernardo Gui representa a imagem do poder estabelecido pela Inquisição, nos séculos XIII e XIV. Em torno do Grão Inquisidor é construída toda uma *mise-en-scène*, com os instrumentos de tortura utilizados, por seu gestual e por sua postura agressiva. Seus métodos levam a uma caracterização psicológica mais produtiva, devido ao espaço reduzido do filme.

Salientamos o impacto visual da sua chegada, quando o antagonista aparece de costas para reforçar o enigma de sua figura e de sua missão. Na segunda aparição de Bernardo, ele está novamente de costas, ao acusar a moça da cozinha. Logo após ele aparece em oposição frontal a William, tentando desmoralizá-lo. A câmera enfatiza este antagonismo e o franciscano inglês se afasta, revelando sua impotência diante da superioridade imposta pelo Inquisidor e diz ironicamente: “Não tenho a vossa experiência em atos criminosos”. A frase ambígua indica a personalidade do frade/investigador que não

parte imediatamente para o confronto.

O inquisidor Bernardo Gui sempre faz “entradas triunfais”; a câmera o acompanha e circula em torno dele, bem como as sonoridades destacam sua presença: sua arma principal é o medo. Ele tem uma postura falsamente mansa, sendo atrozmente cruel. Sua voz fria e comedida parece entrar em contradição com sua ação violenta. A sequência da tortura do herege (Regino), visualmente oprimido e diminuído pelo uso da câmera, sintetiza a proposta do livro, no sentido do poder autoritário que vem do alto.

4. Adso von Melk é o narrador que, já idoso, narra suas memórias da juventude. Na época, era um noviço, que tinha seu preparo e educação confiados ao frei franciscano William. Na primeira aparição do protagonista, a admiração e a confiança aparecem no olhar de Adso, aliadas a outros gestos significantes. Logo após sua chegada ao Mosteiro medieval, em 1327, o noviço fora encarregado de assessorar as investigações do frei inglês sobre os sete assassinatos. Seu nome e sua visão ingênua dos acontecimentos também apontam para a narrativa policial de suspense. Uma fala de William de Baskerville, ausente no livro, aparece na tela, carregada de um tom paródico: “Elementar, meu caro Adso.” Trata-se de uma alusão intertextual a Sherlock Holmes e seu conhecido ajudante.

4. No romance de Eco, existe um grande número de monges e muitos deles são torturados e sacrificados, como hereges - o que as obras audiovisuais procuram representar, porém sem entrar nos detalhes teológicos, que o romance explora enfaticamente. Alguns desses monges, como vítimas das atrocidades dos inquisidores, assumem certo protagonismo, tanto no filme, quando na série, mas não vamos nos debruçar sobre eles, porque extrapolaríamos os limites do presente artigo.

5. No filme, como ocorre no romance, a presença da mulher é rara e antitética. Observamos que se estabelece uma oposição entre a imagem da Virgem Maria, estática, sempre no alto, no interior da catedral românica, forte, limpa, espaçosa e segura; por outro lado, a mulher sem nome, fortemente ligada ao tabu sexual, aparece no espaço ruidoso, escuro e visualmente poluído da cozinha - local do trabalho sujo dos monges matando animais e trocando comida pelo sexo com as mulheres miseráveis. Este é o local iníquo onde ocorre a única cena erótica do filme, quando o noviço Adso é seduzido por uma delas. A opção da direção é a ênfase no ato físico em si e apenas nos gemidos.

Por outro lado, na minissérie, a mulher assume um protagonismo inexistente na narrativa original, principalmente no atual quadro de empoderamento, quando as mulheres, duramente, conquistaram seu lugar de fala. Na narrativa televisiva, seu lugar de ação é o espaço aberto das cercanias da Abadia, com muitas árvores e lugares românticos onde os dois jovens apaixonados se encontram. Isso porque a série inclui uma subtrama dedicada ao relacionamento amoroso entre o noviço e uma bela, forte e corajosa jovem. Tal romance não aparece no texto de origem. Os roteiristas da minissérie expandiram a subtrama da jovem, que é apenas citada no livro, e conseguiram fazer dela uma personagem interessante - o que tem relevância na cena contemporânea, perante as propostas e reivindicações

feministas.

Todavia, em um esforço para abrir espaço para algumas sequências de ação, que poderiam adicionar alguma variedade visual à adaptação do livro para a minissérie, os criadores alteraram o enredo de Eco em um forma negativa, ao adicionarem uma segunda personagem feminina, chamada Anna, que praticamente confirma estereótipos dos quais, hoje em dia, as mulheres tentam escapar. Sua presença, além de desnecessária, quebra o ritmo da narrativa. No livro existe apenas uma personagem feminina, que não tem nome e pela qual o aprendiz Adso se encanta. Ela, por si só, embora considerada bruxa pela Igreja, já é suficiente para fazer a ponte entre o debate sobre amor, carnalidade e a ferocidade da instituição religiosa.

No livro não há vencedores nem vencidos: William venceria ao desvendar os crimes e presenciar a morte do ancião cego; contudo mesmo ao morrer, o Abade Jorge de Burgos vence a seu modo. A maior licença poética do filme é a morte do “vilão”, o Inquisidor Bernardo Gui (que não ocorre no romance de Eco), mas que, na tela, representa o necessário castigo. Trata-se de uma concessão do roteiro às expectativas do espectador acostumado às narrativas detetivescas. É um final maniqueísta, enquanto a narrativa romanesca relativiza o jogo entre o bem e o mal, entre Deus e o Demônio.

Na cena do confronto final no filme, Jorge, trajado de negro, está sentado e imóvel. Além da cegueira, o antagonista é inferiorizado pelo enquadramento em *plongée*, que é muito utilizado para passar a sensação de inferioridade ao personagem ou objeto. Esse enquadramento produz um efeito de diminuir o objeto, pois o situa em um plano onde existe algo maior do que ele, que o olha de cima e dá conta de toda sua dimensão. William, ao contrário, chega com a luz e de roupa clara. Seus movimentos sugerem sua superioridade alcançada neste final; o que é enfatizado pela trilha sonora de suspense. No filme, William é incisivo com o velho abade, que fora o responsável pelas mortes, ao envenenar as páginas do livro proibido. Antes de morrer o Abade diz: “Você venceu!”; trata-se de uma síntese adequada e necessária, porque no romance há páginas e páginas sobre este embate teológico.

Os problemas filosóficos, plasmados na ficção através dos debates entre os intelectuais da Igreja, continuam espantosamente atuais; apontando e alertando para as crises da linguagem e de valores que vivemos na contemporaneidade.

Tendo em vista a popularização dessa temática e a ascensão dessa prática de interdição, mesmo em diversos governos democráticos, avançam cada vez mais as pesquisas e análises científicas acerca da censura e suas estratégias na política e em outros campos do poder. Assim pois, fácil se torna perceber novas estratégias de censura, como o disparo de *fake news* ou declarações polêmicas em canais de comunicação. Sua finalidade seria desviar a atenção de algo ou esconder alguma informação que desagrade ao censor, seja ele um político, um empresário ou algum detentor de poder midiático.

Nas redes sociais também pairam ameaças de censura, sob as formas de

cancelamento, exclusão e toda ordem de interdições à liberdade de expressão - conceito que vem à tona praticamente em todas as mídias; além de acontecerem em espetáculos e *shows*, nos quais os comediantes ou atores precisam policiar-se o tempo todo, perante as ameaças veladas e, até mesmo, explícitas. No terreno do jornalismo, têm ocorrido inúmeras demissões por questões ligadas a políticas de caráter censório, travestidas, muitas vezes, da defesa de algo “politicamente correto”. Temos pois que, na cena contemporânea, estariam eclodindo perturbadoras reverberações medievalizantes.

DA ADAPTAÇÃO COMO TRADUÇÃO E COMO CRÍTICA

Obviamente, na tradução de narrativas literárias em suporte papel para a narrativa cinematográfica, importa considerar que, alterando-se a linguagem, também se alteram as semioses dela derivadas. Sobre o filme abordado, podemos dizer que o que se ganha em ação e plasticidade, perde-se em conteúdo, trata-se de sintetizar em duas horas uma volumosa narrativa literária de 574 páginas, repletas de citações eruditas e em Latim, além de complexas discussões teológicas.

Ao teorizar sobre as traduções/adaptações para o cinema, Umberto Eco explica que é quase impossível dizer a mesma coisa que o texto original, mas pode-se dizer ‘quase a mesma coisa’ (afirmação que serve de título para seu livro de 2007). O teórico italiano afirma que, que, sem dúvida, as palavras não podem ser traduzidas pelo movimento da câmera, porque a diversidade da matéria revela-se um problema fundamental para qualquer reflexão semiótica. O autor assinala que são múltiplas as variações, “[...] mas se deveria falar sempre de adaptação ou transmutação, justamente para distinguir essas interpretações da tradução propriamente dita” (ECO, 2007, p. 382).

Por força das limitações do tempo (que no filme é limitado e no livro é ilimitado), a ordem das discussões ideológicas sobre o tema do riso e do cômico é alterada e sintetizada, mas mantém-se fiel à essência das mesmas. Em se tratando de uma adaptação, a dimensão ideológica é sintetizada, muito embora mantenha seu cerne conceitual, tanto no filme quanto na minissérie. Assim também a dimensão histórica, pois ela aparece apenas como pano de fundo nas narrativas audiovisuais aqui abordadas.

A revisitação do passado é um dos muitos problemas que o livro de Eco vem abordar, ao indagar como se pode, ainda, escrever um romance histórico de sucesso? Segundo o autor, “Se a lição da história não parece convincente, podemos recorrer à ajuda da ficção, que _ como ensinava Aristóteles _ é bem mais verossímil que a realidade.” (ECO, 1984, p. 165). Pode-se perceber claramente a distância que separa um romance histórico *strictu sensu* da narrativa intertextual composta por Eco, como ele próprio afirma:

[...] certamente eu queria escrever um romance histórico, e não porque Ubertino ou Michele tivessem realmente existido e dissessem mais ou menos aquilo que disseram, mas porque tudo aquilo que personagens fictícios como William (Guilherme), diziam, deveria ter sido dito naquela época (ECO, 1985,

Constata-se que *O Nome da Rosa* realiza uma labiríntica mistura de dados históricos e da fantasia. Sua inventiva hipótese para explicar o desaparecimento de um livro aristotélico enfatiza não o que aconteceu, mas o que poderia ter acontecido no contexto da época. Assim é que, no romance, dados historicamente comprováveis e pessoas que realmente existiram na Idade Média são intencionalmente misturados a personagens inventados. O autor mescla também suas próprias ‘criações’ de caráter filosófico às teorias de filósofos reconhecidos. Indo mais longe, ele cria situações anacrônicas, como o mascaramento de citações de autores mais recentes, fazendo-as passar por citações medievais, como ele confessa posteriormente, ao referir-se ao processo de composição do seu romance “Nestes casos, eu sabia muito bem que não eram os meus medievais que eram modernos, mas sim os modernos que pensavam como medievais” (ECO, 1985, p. 64).

Esta afirmação do romancista italiano mostra-se instigante para as reflexões que desenvolvemos sobre os possíveis paralelos entre práticas medievais e os discursos midiáticos na atualidade, sob o viés do medo do poder da palavra e de sua interdição.

A presença do frei inglês na Abadia alpina, como o investigador encarregado de desvendar uma série apocalíptica de sete assassinatos inexplicáveis, representa uma fissura naquela estrutura fechada que é o microcosmo labiríntico regido pela ideologia totalitária. O protagonista do romance revela-se um estudioso que sabe usar os signos para o conhecimento dos fatos. Seu raciocínio, como o dos detetives, é o abduativo. No final, ele revela o resultado de sua investigação: as mortes estão relacionadas com o livro desaparecido de Aristóteles e que teve suas páginas envenenadas pelo Monge Jorge de Burgos, que odiava a comédia e via no riso uma possibilidade de dúvida sobre Deus.

O ritmo da sucessão das mortes obedece, aparentemente, a uma sequência apocalíptica. Em cada um dos crimes, algumas circunstâncias coincidem com as palavras pelas quais as sete trombetas do Apocalipse anunciam as catástrofes do final dos tempos. Finalmente, o anjo da última trombeta ordenava ao apóstolo que tomasse o livro e o devorasse. Na narrativa analisada, a sétima vítima é o monge cego, Jorge de Burgos, que come o livro que ele próprio envenenara e morre.

PONDERAÇÕES FINAIS

O filme do cineasta francês (1986), baseado no romance homônimo *O Nome da Rosa* (1980) e a minissérie italiana de 2019, apresentam uma estrutura detetivesca que se sobrepõe a um painel do início do século XIV, numa espécie de afresco composto pelos detalhes históricos em torno do debate ideológico entre o misticismo e a razão, entre o sagrado e o profano. A luta para ultrapassar o labirinto é, na verdade, o centro tensional da trama – uma alegoria da luta entre a ordem inflexível e o caos que se segue à sua ruptura, com a ruptura do pensamento teocêntrico.

No início de deste artigo, indagamos sobre a possibilidade de, ainda hoje, na segunda década do século XXI, podermos perceber tal aproximação. O romance de Eco permitiria o estabelecimento de ligações entre o século XIV e o final do século XX; aliás, o próprio autor declara que as duas épocas vivem igualmente “um perigoso momento de transição” (ECO, 1984, p. 79). A simultaneidade passado/presente num só espaço textual valoriza a percepção de uma prática cronotópica. Nesse sentido é que julgamos pertinente lançarmos um olhar crítico sobre as concepções ideológicas expostas na narrativa fílmica, na minissérie e no texto literário de origem; ou seja, aventarmos a possibilidade de re/ver *O Nome da Rosa* a partir de um viés que, acreditamos, nos permita repensar as reverberações tão nefastas daquele contexto medieval nas relações interpessoais contemporâneas, já na segunda década do século XXI.

Apesar de ambientada no medievo, a narrativa de Eco explora ficcionalmente os fanatismos e fundamentalismos presentes em todos os tempos – especialmente em nossa contemporaneidade -, tendo em vista o ímpeto de interdição claramente observável nas práticas comunicativas que ocorrem tanto nas relações interpessoais quanto nas redes sociais e nas mídias em geral.

REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem – introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ECO, Umberto. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ECO, U. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ECO, Umberto. **Pós-escrito a O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ECO, Umberto. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GENETTE, G. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

HUTCHEON, L. **A Theory of Adaptation**. New York/London: Routledge, 2006.

STAM, R. **A literatura através do cinema**. Realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Online

ECO, U. *Última mensagem no twitter* (2016). <http://www.umbertoeco.com>. Acesso 12 jan. 2018.

Ficha técnica do filme

O Nome da Rosa. Direção: Jean-Jacques Annaud. Produção: Bernd Eichinger, Franco Cristaldi, Alexandre Mnouchkine. Roteiro Andrew Birkin; Gérard Brach. Elenco: Sean Connery, Christian Slater, F. Murray Abraham, Michael Lonsdale, Feodor Chaliapin, William Hickey, Ron Perlman, Valentina Vargas. Itália/Alemanha/França. 1986. Cor. 126 min.

Ficha técnica da minissérie

O Nome da Rosa. Direção: Giacomo Battiato. Produção: Matteo Levi, Carlo Degli Esposti, Nicola Serra, Marta Aceto et al. Elenco: John Turturro, Rupert Everett, Damian Hardung, Fabrizio Bentivoglio, Greta Scarano. Itália/França. 2019. Cor. Emissora RAI. 1 temp.8 epis.

EM REDE E EM MOVIMENTO: ORGANIZAÇÃO DE COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO NO NORDESTE DO BRASIL

Data de aceite: 02/05/2023

Mariana Ferreira Reis

Doutora em comunicação pela UFPE,
Recife

<http://lattes.cnpq.br/4704188789141620>

Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através de bolsa de doutoramento.

RESUMO: Este artigo aponta alguns resultados trazidos pela tese de doutoramento da autora, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2021. O mesmo traça uma linha do tempo sobre os coletivos, grupos e movimentos ligados a comunicação e cultura no Nordeste do País, mais especificamente, Pernambuco e Bahia, territórios onde realizou estudo de caso nesta investigação. O estudo aponta que os grupos que melhor se organizam e têm maior sobrevivência (tempo de atuação) se articulam em redes de solidariedade junto a outros grupos, comunidades ou mesmo instituições, e estão em constante “movimento”, ou seja, se re-organizam e se reinventam, de forma criativa e inovadora.

PALAVRAS-CHAVE: movimentos sociais; coletivos; redes de comunicação.

NETWORKING AND MOVING: ORGANIZATION OF COMMUNICATION COLLECTIVES IN NORTHEAST BRAZIL

ABSTRACT: This article points out some results brought by the author’s doctoral thesis, defended in the Graduate Program in Communication at the Federal University of Pernambuco (UFPE) in 2021. It outlines a timeline on the collectives, groups and movements linked to communication and culture in the Northeast of the country, more specifically, Pernambuco and Bahia, territories where the case study was carried out in this investigation. The study points out that the groups that are better organized and survive longer (time of action) are articulated in solidarity networks with other groups, communities or even institutions, and are in constant “movement”, that is, they reorganize themselves and reinvent themselves in a creative and innovative way.

KEYWORDS: social movements; collectives; communication networks

INTRODUÇÃO

No que diz respeito às temáticas sociais, coberturas jornalísticas descontextualizadas, abordagens estereotipadas e supressão da agenda de luta por direitos demonstram que a atuação da mídia tradicional não contempla a multiplicidade de vozes que compõem a sociedade contemporânea.

Autores como Lima (2011) estudam o fenômeno do “coronelismo eletrônico” como a alta concentração dos veículos de radiodifusão no Brasil, que passam a se constituir, muitas vezes, como verdadeiros oligopólios de poder. Se antes o coronel, donos das terras, era quem concentrava poder em suas regiões de origem — fenômeno muito presente nos territórios rurais — hoje a concentração de poder se dá via meios eletrônicos. Tal constatação fez com que o movimento das rádios comunitárias, por meio da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço), passasse a reivindicar o direito à “reforma agrária do ar”, numa analogia à luta pela terra (REIS, 2018).

No período do regime militar, a concessão de um veículo de rádio ou TV se dava como uma espécie de *troca de favores*, sendo esta sanção fornecida diretamente pela Presidência da República. A partir da Constituição Federal de 1988 tais concessões e outorgas passam a ser mediadas pelo Poder Legislativo, aventando possibilidades de descentralização (BARROS, 2019).

Mas em que medida a outorga e a concessão da radiodifusão brasileira são democráticas, sem controle social ou transparência? Parece que *se trocam os personagens* e passa a surgir um “coronelismo eletrônico de novo tipo”, como apresentado por Janaína Barros em sua tese de 2019, referenciada em autores como Lima (2011).

Para a autora (2019):

A divisão entre o Executivo e o Legislativo sobre o poder da concessão, renovação ou cancelamento das outorgas para radiodifusão – comercial, educativa e comunitária –, provocou um contrassenso no exercício do poder dos legisladores federais, que passaram a legislar a favor de seus próprios interesses e dos grupos econômicos dos quais participam, inclusive atuando contra as leis que objetivam democratizar a comunicação (BARROS, 2019, p. 63).

Assim, além de a alta concentração das mídias tradicionais gerar conglomerados de comunicação, com sistemas que abrangem mídia impressa, rádio, TV e Internet, por si só, o sistema público de radiodifusão, previsto pela Constituição Federal, não contempla demandas da sociedade como um todo.

Mesmo com a proibição prevista pela Constituição Federal, os veículos impressos são de propriedade cruzada entre as empresas, e as televisões e rádios são concedidas para estas mesmas empresas, muitas vezes, ligadas a políticos e/ou grupos religiosos¹.

¹ Pesquisa realizada em 2017, em parceria entre o Coletivo Intervozes, no Brasil, e o Repórteres sem Fronteiras (RSF), da França, concluiu que cinco famílias controlam metade dos 50 principais veículos de comunicação no país. A pesquisa Monitoramento da Propriedade de Mídia, em Inglês, *Media Ownership Monitor* (MOM) sobre o Brasil é a 11ª versão

TVs e rádios educativas e comunitárias passam a ser geridas por esses grupos, que atuam em favor de interesses próprios e não públicos ou comunitários (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2013).

Com isso, começam a surgir e se articular nacionalmente movimentos de luta pela democratização da comunicação, como o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) e o Coletivo Intervezes (Coletivo Brasil de Democratização da Comunicação). Nascido em 2003, o Intervezes é um coletivo formado por ativistas e comunicadores, com representações em 15 estados brasileiros e no Distrito Federal (INTERVOZES, 2019).

Já o FNDC esteve à frente, ainda, de lutas políticas pelo direito à comunicação como concepção do conceito de radiodifusão comunitária, a regulamentação da cabodifusão, a reforma da Lei de Imprensa e a criação do Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional (CCS). Além disso, participou, junto ao Intervezes e vários outros movimentos de discussões e articulações que possibilitaram a criação da EBC.

É a partir do pressuposto de que a democracia no Brasil não pode existir sem a efetiva democratização dos meios de comunicação que surge, nos anos 1990, o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC). O FNDC inclui:

[...] entidades da sociedade para enfrentar os problemas da área no país [...] entre associações, sindicatos, movimentos sociais, organizações não-governamentais e coletivos que se articulam para denunciar e combater a grave concentração econômica na mídia, a ausência de pluralidade política e de diversidade social e cultural nas fontes de informação [...] e as inúmeras violações à liberdade de expressão. (FNDC, 2019).

Na década de 1980 o fórum existia como movimento social pela democratização da comunicação. Nessa época, teve papel essencial no embate político, institucional e teórico sobre o setor, atuando na finalização dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte que preparava a nova Constituição Federal e contribuindo para o capítulo V da Carta Magna, com artigos que tratam especificamente da Comunicação (FNDC, 2019).

Ainda de acordo com informações do site do FNDC:

Como o resultado da Assembleia Constituinte não foi tão promissor quanto as expectativas do movimento à época, as entidades de classe que formavam a então Frente Nacional por Políticas Democráticas de Comunicação (FNPD) decidiram que era preciso manter um esforço permanente de mobilização e ação na busca de políticas que democratizassem de fato a área. Assim, criaram, em 1991, a associação civil FNDC, com atuação no planejamento, mobilização, relacionamento, formulação de projetos e empreendimento de medidas legais e políticas para promover a democracia na Comunicação. Quatro anos depois, no dia 20 de agosto 1995, o FNDC passou a existir como

do levantamento, realizado anteriormente em dez outros países em desenvolvimento: Camboja, Colômbia, Filipinas, Mongólia, Gana, Peru, Sérvia, Tunísia, Turquia e Ucrânia. Trata-se de um projeto global financiado pelo governo da Alemanha e acompanha um *ranking* de Risco à Pluralidade de Mídia, no qual o Brasil ocupa o 11º lugar, o último da lista. Nos 10 indicadores do *ranking*, o Brasil apresenta alto risco em seis desses marcadores. Ver em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/midia/>.

entidade (FNDC, 2019).

Os estados de Pernambuco e da Bahia também se articulam em movimentos locais voltados para a democratização da comunicação, mais especificamente, a partir da década de 2000. Em Pernambuco, o Fórum Pernambucano de Comunicação (Fopecom) surge em 2004, formado por várias organizações da sociedade civil e, particularmente, pelo Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), entidade fundada em 1974 em cenário de resistência ao contexto de ditadura militar.

Em artigo para livro que conta a história dos primeiros 45 anos do CCLF (REIS; ALENCAR, 2018), o jornalista Ivan Moraes², que atuou no Centro por 12 anos e hoje é um dos sócios da casa, relembra os tempos de criação do Fórum:

Nesses tempos, diversas articulações da sociedade civil em Pernambuco já debatiam, em algum grau, a comunicação. O Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH) tinha um grupo de trabalho para esse fim; a Associação Brasileira de Ongs (Abong) também. Incentivadas pelo Ministério Público estadual, algumas organizações da sociedade civil também se articulavam para montar um comitê da campanha Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania, que buscava reduzir violações de direitos humanos na televisão (MORAES, 2018, p. 99).

Além disso, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco (Sinjope) articulava a criação do capítulo local do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (que veio a acontecer dez anos depois) e “nacionalmente dezenas de grupos começavam a se organizar na então campanha Cris Brasil (*Communication Rights in the Information Society*), que trazia um componente novo: a atribuição de indicadores para medir esse direito” (MORAES, 2018, p. 99).

A necessidade de buscar um novo marco regulatório da radiodifusão, direito à informação e fortalecimento da mídia pública já eram pautas constantes e cada vez mais sendo debatidas por mais sujeitos. Para otimizar esforços, nesse mesmo ano foi criado o Fopecom, juntando grupos como Ong Gestos, Auçuba, Ventilador Cultural, Enecos, Origem, Gajop, Centro Josué de Castro, Sinjope, Cendhec, Sinos, Coletivo Mulher Vida, SOS Corpo.

Hoje, ainda segundo o autor, o Fopecom é referência regional para o debate sobre o tema e ainda atuou para a implementação da TV Brasil como emissora pública em 2007:

[...] na pressão para a realização da I Conferência Nacional de Comunicação (2009), na luta pela aprovação da Lei de Acesso à Informação (12.527/2011), pela aprovação do Marco Civil da Internet (12.965/14) e em todos os processos locais e nacionais que se articulam para que todo mundo possa exercer plenamente o direito de se comunicar (MORAES, 2018, p. 100).

2 Ivan Moraes Filho também é mestre em Comunicação pela UFPE. Ver: MORAES FILHO, I. **A privatização das ondas do ar**: regulação da radiodifusão no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. 185f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, 2015.

Ainda no mesmo texto, Moraes (2018) correlaciona o Fopecom ao movimento estadual Cultura e Comunicação, que acabou dando início a uma retomada da TV Pernambuco com a criação da Empresa Pernambuco de Comunicação, em 2013 e à criação, em 2014, do comitê pernambucano do FNDC. Também foram realizados, em 2015 e em 2019, dois encontros estaduais de direito à comunicação em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e com o CCLF. Em ambos participaram estudantes, jornalistas independentes, trabalhadores de ONGs e ativistas de sindicatos e de movimentos sociais e culturais.

Por fim, Moraes também aponta a ação do movimento como importante no impacto dos currículos das faculdades e no surgimento de novos coletivos independentes:

O diálogo permanente com a academia e grupos populares acabou trazendo o tema do direito à comunicação para praticamente todas as grades curriculares do Estado e estimulou a implementação de coletivos independentes que utilizam as ferramentas que possuem para disputar narrativas na radiodifusão e no ambiente virtual (MORAES, 2018, p. 102).

Para entender melhor o contexto das políticas de comunicação na Bahia, entrevistamos o Prof. Dr. Pedro Caribé como fonte primária na nossa tese de doutorado³. Para ele, o Estado da Bahia acompanha o cenário nacional, com mais articulação dos movimentos de comunicação desde a década de 2000, a partir de uma maior expansão do acesso à internet.

Antes disso, segundo o professor, o que se tinha era um panorama tecnológico e político de *coronelismo eletrônico* e imprensa tradicional ainda pujante. Em paralelo, havia algumas iniciativas de jornais independentes, jornais anarquistas, como o Província da Bahia, e jornais de esquerda, no esteio dos resquícios de resistência ao regime militar dos anos 1970 e 1980. Alguns jornalistas, na imprensa tradicional, conseguiam ter mais autonomia e pautar, de dentro da redação, temas mais ligados à liberdade de expressão e democracia.

A partir da década de 2000, ainda segundo o pesquisador, havia, por um lado, maior fortalecimento do próprio movimento estudantil de comunicação, com a criação da Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social (Enecos), com debates sobre as pautas de coronelismo eletrônico e de democratização da comunicação. Por outro, havia o surgimento de organizações não-governamentais em Salvador e em algumas cidades do interior pautando as questões da comunicação, como o próprio Instituto Mídia Étnica (IME) e a ONG Cipó, que atuava com ações educacionais⁴ na capital.

Em Feira de Santana, no Sertão, e na região sisaleira⁵, compreendendo as cidades

3 Pedro Caribé é baiano, jornalista, doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade de Brasília (UNB) e um reconhecido articulador do movimento de comunicação em níveis estadual e nacional, atuando mais diretamente entre 2006 e 2015. É responsável pelo Coletivo Bahia 1798, que mapeia grupos de mídia independente em todo o Estado da Bahia.

4 Campo de estudos da Área de Ciências da Comunicação que busca relacionar a interface entre as áreas de comunicação e de educação, voltando-se para educação para as mídias e atuando na proposição de políticas públicas.

5 Território conhecido pela produção agrária da fibra do sisal, fio utilizado para confecção de artesanato.

do entorno — Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité, Retirolândia —, o movimento de articulação de rádios comunitárias locais era estruturado e capitaneado pelo trabalho da ONG Movimento de Organização Comunitária, o MOC. Ao mesmo tempo, Caribé (2019) aponta que a década de 2000 indicava o surgimento de cursos de comunicação nas universidades estaduais, em cidades como Vitória da Conquista, Juazeiro, Ilhéus, Itabuna, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a Universidade Estadual da Bahia (Uneb) que, além da interiorização, já atuava na área há algum tempo, além dos próprios cursos de comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

As universidades particulares, como a Jorge Amado (Unijorge) e alguns professores e jornais laboratórios também traziam algumas experiências de formação mais experimental. Esse era o panorama, a seu ver, que fomentava a articulação de um movimento local pela democratização da comunicação.

Ainda segundo a mesma fonte, o FNDC se organizava localmente, até por volta de 2006, a partir do sindicato dos bancários, sindicato dos jornalistas e militantes de partidos políticos, como o PCdoB. Nacionalmente, começava-se a discutir a I Confecom, no âmbito da Comissão dos Direitos Humanos do Congresso Nacional. No Estado da Bahia, em 2007, com a chegada ao poder de um governo estadual de esquerda, do PT, começavam a se articular conferências estaduais em diversas áreas dos direitos sociais.

A Conferência Estadual de Comunicação da Bahia aconteceu em 2008 e a Bahia foi o único estado brasileiro a conseguir realizar essa conferência em nível estadual, servindo de referência para o debate nacional, que viria a acontecer em 2009. O governo estadual saiu da I Confecom com o compromisso de ter um Conselho Estadual de Comunicação, o que só foi viabilizado em 2012 e teve duas gestões, com rodas de diálogos, escutas das comunidades e participação de representantes do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (Irdeb), das secretarias estaduais e da sociedade civil, como representação local do coletivo Intervezes e de ONGs. Da primeira para a segunda gestão houve uma certa desmobilização da participação da sociedade civil, reflexo da desmobilização também em outras frentes de participação.

Sobre essa desarticulação, Caribé (2019) afirma:

A gente vai se desarticulando, essa mobilização maior também foi perdendo, porque mídia independente, alternativa, comunitária, ela vai enfraquecendo, ela se desfaz, as ONGs foram enfraquecendo... Os estudantes são fluidos, eles modificam a cada dois anos, é um panorama bem diferente, porque muda a geração. Dois, três anos, no máximo e você já tem um outro panorama, já não são ser os mesmos estudantes, eles já não participam do processo (CARIBÉ, 2019).

Para Caribé (2019), a desmobilização do formato de conselhos e a desarticulação das políticas públicas de cultura, nos dias atuais, são reflexo também do panorama nacional de ascensão de governos liberais, especialmente, na esfera federal.

LINHA DO TEMPO DOS MOVIMENTOS DE MÍDIA INDEPENDENTE

Se a imprensa oficial se instaura no país a partir da chegada da Coroa Portuguesa, em 1808 — e antes, além da falta de periódicos, não havia tipografias, serviços telegráficos, bibliotecas ou quaisquer outros meios de comunicação registrados —, nem por isso brasileiros deixavam de produzir e acessar informação, de uma forma ou de outra, utilizando-se de meios *alternativos* para isso, já no século 18 (BARBOSA, 2013; SODRÉ, 1999).

Ao lançarmos um olhar para a História do Jornalismo no Brasil podemos observar que tanto Pernambuco quanto Bahia são vanguarda nas experiências de mídia independente. A primeira tentativa de se imprimir um jornal alternativo foi em Pernambuco, datando-se de 1707, quando um prelo foi impedido de funcionar pela autoridade colonial. Pernambuco também foi pioneiro em experiências de mídia negra, sendo o primeiro jornal, *O Homem de Côr*, publicado em 1876 (PINTO, 2007).

Uma das principais lideranças da Revolução Pernambucana de 1817, Frei Caneca fundou e redigiu o jornal *Tiphys Pernambucano*, que contestava os poderes instituídos, incitava a luta pela independência e inspirou a Confederação do Equador, mais um levante libertário de dimensão nacional. Tal é a importância deste marco histórico que o nome de Frei Caneca inspirou o nome da primeira rádio pública municipal do Recife, sobre a qual relatamos acima.

Pode-se afirmar que uma das primeiras experiências comunicacionais coletivas foi aquela vivenciada na Revolta dos Búzios, ou Revolta dos Alfaiates, em Salvador. A Revolta dos Búzios é considerada um marco na formação do país porque é quando se propõe, pela primeira vez, a independência e igualdade racial conjuntamente, em 1798. Um dos elementos da Revolta dos Búzios foi a distribuição dos chamados pasquins sediciosos, panfletos nas portas das casas das pessoas, no dia 12 de agosto de 1798. Assim, a palavra escrita e impressa ganhava espaço nas ruas e nas portas das residências e estabelecimentos comerciais (CARIBÉ, 2019; PINTO, 2007; MATTOS, 1998).

Ainda sobre a Revolta dos Búzios, ele afirma:

A Revolta dos Búzios envolvia comerciantes, gente ligada à Revolução Francesa, disputa por protetorados na África, a mudança de capital de Salvador para o Rio de Janeiro, a recente Revolta do Haiti, feita por escravizados. Então, nessa conjunção, a *elite brasileira* sabia que, para fazer uma revolução, uma tomada de poder, para ter apoio popular nas manifestações, para o povo entrar em cena, era importante fazer alterações na ordem política e econômica, que faz parte das revoluções burguesas europeias. E o caldo popular em Salvador era de gente negra, de origem africana (CARIBÉ, 2019, grifos nossos).

Trata-se do final do século 18, antes da Revolta dos Malês⁶. Então, “a Revolta dos

6 Levante protagonizado por negros escravizados em Salvador, em 1835, liderado, em sua maioria, por malês (origem islâmica), contra a escravidão. É considerada uma das principais rebeliões, dentre os movimentos sociais nacionais. Sobre movimentos sociais populares no Brasil, ver: GOHN, M. **História da luta dos movimentos e lutas sociais**: a

Búzios é um marco de liberdade de expressão, e mostra como as iniciativas, no caso da Bahia, protagonizadas por pessoas negras, são as iniciativas do ponto de vista mais *radicais*, no enfrentamento do cerceamento da liberdade de expressão” (CARIBÉ, 2019, grifos nossos).

EXPERIÊNCIAS DE ORGANIZAÇÃO EM COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO HOJE

Para além desses movimentos, de lá para cá foram muitas as experiências de mídia alternativa ou independente e, nos dias atuais, ambos os estados contam com um número expressivo de dezenas de coletivos e grupos que se autodeclararam realizadores de comunicação independente/popular/alternativa/comunitária.

Um desses grupos é a Agência de Notícias das Favelas (ANF), que chega ao Recife em 2019, numa tentativa de regionalizar a experiência já bem-sucedida iniciada no Rio de Janeiro. Fundada em janeiro de 2001 pelo jornalista André Fernandes, foi logo reconhecida pela Agência Reuters como a primeira agência de notícias de favelas, em nível internacional. Em 2005, a ANF foi instituída como uma ONG para levar adiante a luta pela democratização da comunicação *da favela para o mundo*, tendo como protagonistas seus próprios moradores. Sua missão é “estimular a integração e a troca de informações entre as favelas, com a finalidade de melhorar, por meio de formação de uma grande rede de colaboradores, a qualidade de vida do povo” (FERNANDES, 2018).

A ANF conta com site, mídias sociais e um jornal impresso, o *Jornal A Voz da Comunidade*, com tiragem de 100 mil exemplares e circulação no Rio de Janeiro e na Bahia, onde também conta com um braço regional. Sua entrada em Pernambuco se deu a partir de um curso de extensão em comunicação, em parceria com a Unicap, para o desenvolvimento de uma Rede de Agentes Comunitários de Comunicação (RACC).

A *Alma Preta Jornalismo* é uma agência de jornalismo especializada em pautas antirracistas, criada em 2015, em São Paulo. Declara-se, assim, como um coletivo de universitários e comunicadores negros com o objetivo de “construir um novo formato de gestão de processos, pessoas e recursos através de jornalismo qualificado e independente” (ALMA PRETA JORNALISMO, 2021).

Em 2020, a *Alma Preta Jornalismo* passa a contar com uma repórter local (jornalista de formação) para cobertura de pautas no Recife, com ênfase nas pautas raciais. Em 2021, contrata equipe local em Salvador (repórter e *videomaker*) para ampliar sua cobertura jornalística no Nordeste. Como afirma em seu site:

Em 2020, tivemos um aumento de mais de 100% na arrecadação da nossa campanha do Catarse⁷, o que permitiu a contratação de novos profissionais e a expansão da cobertura. Repercutimos acontecimentos importantes para toda a sociedade [...] pautas que somem rapidamente da mídia tradicional,

construção da cidadania dos brasileiros. 8. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 1995.

⁷ Plataforma de financiamento colaborativo.

como a morte do menino Miguel⁸, no Recife [...]. Não somos uma mídia tradicional, nem pretendemos ser (ALMA PRETA JORNALISMO, 2021).

Na Bahia, como indica o próprio mapeamento do Coletivo Bahia 1798, os grupos e coletivos seguem em constante movimento em defesa de seus direitos, é *orgânico*, como a razão de ser todo movimento social. Como dito antes, a Agência de Notícias das Favelas (ANF) passou a atuar em Salvador em 2019, após o curso de comunicação realizado para formação de uma rede de comunicadores — mesmo projeto realizado no Recife —, estruturando-se com sede no bairro da Paz, periferia da cidade. “O jornal produzido em Salvador, conseguiu se disseminar por vários pontos da cidade, região metropolitana e interior do estado, e também para os estados onde os colaboradores enviavam as pautas como Ceará, Paraíba, Recife e Rio Grande do Norte” (ANF, 2021).

Também em 2019, a Mídia Ninja aporta em Salvador, para mais um braço regional, a partir da Casa Ninja Bahia⁹, um espaço físico para encontros, reuniões, eventos e manifestações artísticas, no bairro do Rio Vermelho, conhecido bairro boêmio e turístico da capital.

Sobre as experiências nascidas na Bahia, vale destacar a *Revista Afirmativa*, iniciativa de três estudantes negros do Curso de Jornalismo do *campus* de Cachoeira¹⁰, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). O coletivo de mídia negra foi fundado em 2013 e, em 2014, surge a primeira edição da revista impressa apresentando um apanhado histórico, de conjuntura e perspectivas da luta por ações afirmativas no Brasil. O veículo multimídia é composto por jornalistas e outros comunicadores, que atuam na militância pelo direito à comunicação da comunidade. Diz o seu site:

É nossa missão, através da comunicação, construir um novo imaginário sobre a população negra na sociedade brasileira, visando o fortalecimento da auto estima do nosso povo, violado de tantas formas pela ação do racismo, dentre elas, a falta de referenciais positivos nos meios de comunicação. É nosso compromisso denunciar o racismo em todas as suas nuances, bem como todo tipo de violação de direitos humanos. Nossas produções também prezam por visibilizar as formas criativas de resistências e solidariedade entre negras e negros (REVISTA AFIRMATIVA, 2020).

8 No início da pandemia de COVID-19, em junho de 2020, foi emblemático o caso da morte do menino Miguel, de cinco anos, após cair do nono andar de um prédio de luxo no Recife. Filho de uma trabalhadora doméstica, o garoto teria sido negligenciado pela patroa da mãe, responsável, na ocasião, pela supervisão da criança. O caso suscitou diversas manifestações públicas, sobretudo do movimento negro e das trabalhadoras domésticas, gerando debate sobre a precariedade das condições do trabalho doméstico na pandemia e sobre o descaso com vidas negras. A *Alma Preta Jornalismo* foi o primeiro veículo a repercutir nacionalmente o caso.

9 Além da Casa Ninja Bahia, no mesmo período, a Mídia Ninja criou o seu primeiro projeto no Norte do país, a Casa Ninja Amazônia, no Amazonas. Assim, além da predominante atuação no Sudeste, passa a atuar mais diretamente nas regiões Norte e Nordeste.

10 O município de Cachoeira fica localizado no Recôncavo Baiano e abriga o *campus* de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, com os cursos de Jornalismo, Artes Visuais, Letras, Cinema, dentre outros. O município também é conhecido por concentrar grande número de terreiros de religião de matriz africana e por ser o lugar onde surgiu a Irmandade da Boa Morte, no século 19, rede de articulação entre mulheres negras que, apoiadas pela Igreja Católica e pelas casas de axé, organizavam-se socialmente e economicamente para alforriar negros escravizados em toda a Bahia. A confraria existe até hoje, com as mais velhas que realizam a Festa da Boa Morte, celebração de cultura popular que recebe pessoas de todos os lugares do mundo, no mês de agosto.

Em 2015, a *Revista Afirmativa* foi agraciada com o Prêmio Mídia Livre, do Ministério da Cultura. No mesmo ano, foi selecionada pelo intercâmbio *Community Journalism*, organizado pelo Consulado dos Estados Unidos no Brasil, e o Instituto Mídia Étnica (IME), em reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelo coletivo e pela revista.

Em 2016, a revista lançou o I Prêmio de Jornalismo Afirmativa, para premiar e visibilizar produções de estudantes e jornalistas negros. Já em fevereiro de 2020 realizaram o intercâmbio Narrativas Transnacionais de Mulheres Negras, visitando os países Porto Rico e Costa Rica para troca de experiências com mídias negras e feministas. Em março do mesmo ano, lançaram o Lab Afirmativa de Jornalismo — Respeita a Favela, o *primeiro laboratório de jornalismo em mídia negra do Brasil* (REVISTA AFIRMATIVA, 2020, grifos nossos).

Mais um coletivo soteropolitano que gostaríamos de pontuar, aqui, é o já citado Desabafo Social, por ser um interessante caso de experimentação em *modelo de negócio*¹¹. Criado pela comunicadora e empreendedora Monique Evelle¹² como grêmio estudantil, quando ainda era uma jovem do Ensino Médio, em 2011, tornou-se organização social em 2012, com foco de atuação em comunicação e direitos humanos. Em 2019, os sócios *experimentam* um novo modelo: um projeto editorial com imersão em temas que impactam o comportamento e as relações humanas, visando estimular a criação de soluções, um laboratório de tecnologias sociais aplicadas à geração de renda, comunicação e educação (DESABAFO SOCIAL, 2020).

Outro projeto interessante de ser apresentado é o Projeto Jornalismo Griot, da jornalista baiana Sueide Kintê¹³, em que publica, na rede social *Instagram*, entrevistas e reportagens em vídeo sobre conhecimentos da cultura popular local, como informações sobre banhos de ervas e chás, culinária tradicional, conversas com *iyalorixás*¹⁴, entre outros conteúdos com temáticas similares.

Ao nomear a iniciativa, ela aproxima o conceito do *jornalismo* ao *griot*, termo que remete ao guardião da história oral de um povo. O projeto, entretanto, desenvolve atividades de forma mais esporádica, sem uma periodicidade tão definida.

11 Vale destacar aqui que falar sobre *modelos de negócio* no jornalismo independente não é o interesse de nossa pesquisa. Sobre isso, recomendamos a leitura da dissertação de Daniela Lacerda, defendida em 2016 pelo PPGCOM/UFPE. Ver: Lacerda, D. **O jornalismo digital independente no Brasil e a busca da credibilidade perdida**. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, 2016.

12 Monique Evelle atuou como repórter no programa *Profissão Repórter*, projeto de jovens jornalistas liderado por Caco Barcellos, na Rede Globo, entre 2017 e 2018. Hoje, além da Desabafo Social, está à frente da comunidade Inventivos, *startup* voltada para aprendizagens sobre o futuro do trabalho. É dela a palestra do *TEDx Talks* “O mito de ser feliz fazendo o que se ama”, sobre a precarização do empreendedorismo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ObO3lfhzl4I>.

13 Sueide Kintê é uma jornalista reconhecida no estado da Bahia por sua atuação como repórter na TVE e também por sua atuação no movimento de comunicação. Foi uma das conselheiras na primeira gestão do Conselho Curador de Comunicação Social do Governo da Bahia.

14 Sacerdotisas religiosas do candomblé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa qualitativa e exploratória foi realizada a partir de estudo bibliográfico e técnicas combinadas de estudo das ciências sociais, como visitas de campo e entrevistas semiestruturadas e em profundidade com representantes de coletivos de comunicação e cultura atuantes em Pernambuco e na Bahia, entre 2019 e 2020. A partir daí, os grupos respondentes foram classificados a partir das categorias *inovador*, *educador*, *empreendedor/produtor*, *colaborativo/em rede*.

Os discursos dos informantes revelam tensões quanto ao termo *empreendedorismo* pela relação direta a um conceito ligado ao *stablishment*, ou seja, à manutenção das estruturas de poder. No entanto, embora o termo seja rejeitado pela maioria — apenas uma das entrevistadas o utiliza de forma mais habitual —, ele é utilizado mais comumente não como um sinônimo de ser um negócio ou empresa, mas como diversas formas de produzir, de fazer projetos e produtos que viabilizem a sustentação e a sobrevivência dos coletivos em si. Assim, a categoria *empreendedor/produtor* aparece como pertinente para demonstrar essa interface entre os diferentes papéis exigidos pelo trabalhador do coletivo jornalístico cultural.

Além das colaborações entre os pares, na categoria *formador/educador*, apontam-se as parcerias com as universidades como estímulo tanto para o surgimento (a partir de grêmios estudantis, diretórios, disciplinas, projetos de extensão e de iniciação científica, laboratórios de redação e de criação, intercâmbios), quanto para o aprofundamento na compreensão do fenômeno, a partir das pesquisas, ações que tanto auxiliam na sustentação dos grupos quanto retroalimentam a criação de novos, proporcionando ser a universidade o espaço propício para a experimentação de *modos de fazer* para estudantes e novos jornalistas.

Outro achado de pesquisa foi o do papel das organizações não-governamentais para estimular a criação desses grupos por meio de oficinas de formação; fortalecê-los a partir de projetos, parcerias, pesquisas, ações. A relação anterior com ONGs, movimentos sociais e espaços de experimentação nas universidades aparecem como condicionantes do surgimento dos grupos e coletivos, mas não enquanto estruturantes para sua continuidade. O estudo apontou, ainda, que os grupos que melhor se organizam e têm maior sobrevivência (tempo de atuação) se articulam em redes de solidariedade junto a outros grupos, comunidades ou mesmo instituições, e estão em constante “movimento”, ou seja, se re-organizam e se reinventam, de forma criativa e inovadora.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS — ANF. **ANF 20 anos**: o início da expansão pelo Nordeste a partir de Salvador. 2021. Disponível em: <https://www.anf.org.br/anf-20-anos-o-inicio-da-expansao-pelo-nordeste-a-partir-de-salvador/>. Acesso em: 15 jan. de 2021.

ALMA PRETA JORNALISMO. **Quem somos**. 2021. Disponível em: <https://almapreta.com/quem-somos/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BARROS, J. V. **Conglomerados midiáticos regionais**: os meios de comunicação como meios de produção na territorialização do capital. 2019. 206f. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo, 2019.

CARIBÉ, P. **Pedro Caribé**: depoimento oral [jan. 2019]. Entrevistadora: Mariana Reis. Salvador.

DESABAFO SOCIAL. **Quem somos**. Disponível em: <https://desabafosocial.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FNDC. **Quem Somos**. 2019. Disponível em: <http://fndc.org.br/forum/quem-somos/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Pesquisa de Opinião Pública**: Democratização da Mídia. Fundação Perseu Abramo, 2013.

INTERVOZES. **Quem Somos**. 2019. Disponível em: <https://intervozes.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

LIMA, V. **Regulação das comunicações**: história, poder e direitos. São Paulo: Paulus, 2011.

MORAES FILHO, I. “O que temos em comum”. A democratização da comunicação como desafio. In: REIS, M. F.; ALENCAR, R. S. A. (Orgs.). **Existir e Resistir**: 45 anos de luta pela radicalização da democracia. 1. ed. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 2018.

REIS, M. F. **Comunicação, Cultura e Mobilização Comunitária**. Curitiba: Appris, 2018.

REVISTA AFIRMATIVA. **Quem Somos**. 2020. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/quem-somos/>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

PINTO, A. F. M. **De pele escura e tinta preta**: a imprensa negra do século XIX. 2007. 197f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, 2007.

EXCLUÍDOS PELA MÍDIA: UMA ANÁLISE SOBRE O PALHAÇO BRASILEIRO NA COMUNICAÇÃO DIGITAL

Data de aceite: 02/05/2023

Nathan Virginio Vieira

RESUMO: Em 1966, a revista *Realidade* fez história ao publicar um perfil do palhaço Arrelia, retratando toda a humanidade por trás do nariz vermelho. Mais de 50 anos depois, com boa parte da mídia dominada pela ascensão da era digital, pouco se percebe a preocupação em seguir o legado da extinta revista na elaboração de um material dedicado a ressaltar a visibilidade desses artistas. A vigente análise de conteúdo revelou que a palavra “palhaço” reina nos títulos dos portais de notícia com significado pejorativo e em casos criminais ou temerosos, fortalecendo estereótipos instigados pela indústria cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo digital; comunicação; mídia; palhaço; cultura.

ABSTRACT: In 1966, the *Realidade* magazine made history by publishing a profile of the clown Arrelia, portraying the entire humanity behind the red nose. More than 50 years later, with most of the media dominated by the digital generation rise, very little is as yet known about the concern after following the now-defunct magazine’s

legacy in the drafting of a material dedicated to highlight the visibility of such artists. The current analysis of the content revealed that the word “clown” reigns on news portals titles with a pejorative meaning and, in criminal or fearful cases, strengthening stereotypes instigated by the culture industry.

KEYWORDS: Digital journalism; communication; media; clown; culture.

1 | INTRODUÇÃO

Em outubro de 1966, a revista *Realidade* proporcionou um marco na história dos palhaços brasileiros ao estampar na capa o famoso Arrelia, interpretado pelo ator e humorista Waldemar Seyssel (1905 — 2005). Foi a primeira vez que a imprensa brasileira se concentrou em humanizar um artista dessa área específica, trazendo à tona o que existe por trás do nariz vermelho e consagrando Arrelia como o primeiro palhaço a conquistar um espaço significativo na mídia nacional.

No que se refere a mídia em tela, tamanha concentração na humanização de um palhaço pôde ser vista em 2011, com o

longa-metragem *O Palhaço*, de Selton Mello, dedicado a mostrar uma visão mais intimista da vida no circo. O enredo gira em torno de um circo mambembe liderado por Valdemar (Paulo José), que ao colocar o nariz vermelho atende pelo nome de Puro Sangue, e seu filho Benjamin (Selton Mello), que sob tal circunstância atende por Pangaré. Uma cena específica despertou no público um olhar mais curioso e empático sobre a profissão, tirando o palhaço enquanto objeto de riso para colocá-lo em cena como um ser humano com suas subjetividades e as suas imperfeições. Trata-se de um momento reflexivo em que, desprovido de qualquer acessório que remeta ao seu personagem cômico, Benjamin faz um questionamento: “Eu faço o povo rir, mas quem é que vai me fazer rir?”. A reflexão leva o espectador a questionar quem é aquele ser humano fora do picadeiro e que tipo de dificuldade essa classe de trabalhadores enfrenta. Somada ao fato de que a crítica construída pelo filme envolve os palhaços nunca serem levados a sério, essa perspectiva ajudou a moldar a principal causa para a elaboração do artigo em questão.

Em 2017, outro palhaço do escopo cinematográfico abriu mão das superficialidades para exibir as crises de identidade entre personagem e a pessoa por trás: o Bingo (Vladimir Brichta), protagonista do longa-metragem homônimo, baseado na trajetória de Arlindo Barreto, responsável por dar vida a um dos palhaços mais famosos da televisão brasileira: Bozo, apresentador de um programa infantil dos anos 1990 que marcou toda uma geração. Imerso num universo de drogas e bebidas em paralelo com a profissão que lida com crianças diariamente, o personagem escancarou as angústias de viver nessa linha tênue.

Mais ainda que o cinema, o jornalismo apresenta um compromisso irremediável com a realidade, e foi por uma mescla das perspectivas denunciadas no audiovisual contemporâneo e do esmero na cobertura jornalística da revista de 1966 em humanizar aquela persona que o artigo almejou ir ainda mais a fundo, sem que se limite à percepção da dualidade do indivíduo em sua vida fora dos palcos e o personagem de nariz vermelho, mas use esse ponto como partida para analisar a maneira com a qual a comunicação nacional vem lidando com essa categoria de artistas na atualidade, sobretudo no jornalismo digital.

A partir de uma pesquisa acerca dos materiais disponíveis no âmbito acadêmico, foi possível afirmar que a área da comunicação não demonstra como prioridade a iniciativa de estudar essa profissão enquanto objeto de foco da mídia. Os palhaços já serviram como ponto de análise feita por áreas como as artes cênicas, a psicologia ou até mesmo a educação, como é o caso de Kasper (2004), que lança luz sobre a função política do palhaço e o menciona como um “poderoso aliado na construção de possibilidades”. A escassez de projetos acadêmicos relacionados ao jornalismo concentrados no palhaço ressaltou ainda mais a necessidade de analisar o cenário atual enquanto cobertura da mídia.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de vasculhar registros na mídia nos quais esses sujeitos são retratados, fez-

se necessário compreender do que se trata, precisamente, esta persona inconfundível cuja existência não chega nem perto de ser recente. De acordo com o que diz Viveiros de Castro (2005), o palhaço da maneira como é conhecido pelo senso comum não surgiu em um momento específico, mas seu arquétipo foi construído através dos séculos, assumindo papéis e formatos distintos durante sua trajetória pela história, até se tornar o que hoje é conhecido de imediato por quem se depara com tal construção de personagem. O propósito de desencadear espanto e, por meio deste, o riso, começou como uma maneira de manifestar a crença e espantar aquilo que não representava algo positivo ao espírito para algumas culturas mais antigas, ou, ainda, funcionar como uma espécie de semelhança construída entre o ser humano mortal e a divindade no qual tanto acredita na época, estabelecida a ligação pela risada. Sobre o riso e seu papel desde a antiguidade, inclusive, a pesquisadora elucidou:

O palhaço está presente em todas as culturas, e a mais antiga expressão do personagem é a que se faz presente nos rituais sagrados. Desde o início dos tempos, o riso foi e ainda é utilizado como elemento ritual para espantar o medo, especialmente o medo da morte. O riso surge nos momentos mais dramáticos, como uma válvula de escape nas tensões do grupo. Os antigos perceberam isso e o riso sempre fez parte de rituais sagrados. Assim, em diferentes culturas encontramos figuras de mascarados que dão gritos e dançam danças exageradas, provocando espanto, medo e, por isso mesmo, o riso. Algo próximo ao medo que as crianças pequenas sentem do palhaço. Medo e atração, medo e fascinação: tudo junto. (VIVEIROS DE CASTRO, 2005, p.18)

Segundo a pesquisadora, a visão que se tem do palhaço, ainda que diferente de como é construída atualmente, transitou por diferentes culturas em várias etapas da humanidade, sempre em torno de uma função quase divina trazida pela risada. No Brasil, as artes circenses foram trazidas com as caravelas, e é ainda no período do Brasil enquanto colônia que o primeiro palhaço veio à tona: Diogo Dias, descrito por Pero Vaz de Caminha (apud VIVEIROS DE CASTRO, 2005, p. 85) por meio de uma carta em maio de 1500 como um cômico: “Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Dias, o qual é homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam. Depois de dançarem fez ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real”.

O palhaço então sofreu um processo de alterações até se tornar o que se conhece hoje, passando por Arrelia até o palhaço contemporâneo dos circos e das festas infantis, exercendo então uma profissão cuja presença na mídia é o principal objeto de estudo do presente artigo.

Osthues (2017, p. 15) afirma que o funcionamento do discurso do palhaço, pensando seu característico nariz vermelho como uma tecnologia de linguagem, constituída por meio de um dispositivo responsável por instaurar um processo discursivo e seus sentidos. Sendo assim, é feita por ele uma análise de como a comunicação do palhaço acontece em cena,

e a relação estabelecida entre o público e o artista. “O nariz vermelho é uma prótese cênica (máscara) utilizada ou não por atores em seus atos discursivos como palhaços, produzindo sentidos que se historicizaram predominantemente — mas não exclusivamente — no território da comicidade” (OSTHUES, 2017, p. 15).

Uma análise posterior de Osthues (2020) propõe uma reflexão acerca do termo “palhaço” utilizado como insulto, utilizando o caso de um embate político durante uma audiência pública na Câmara Municipal, em 27 de fevereiro de 2019 na cidade de Americana, no interior paulista. Na ocasião, o prefeito Omar Najar (MDB) declarou, a respeito do vereador Gualter Amado (PRB): “É um palhaço, mesmo”.

O pesquisador descreve, com base na transcrição e na análise a partir dos pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento e da Análise de Discurso, que a palavra ‘palhaço’ utilizada naquele contexto “produz o efeito pejorativo, interpretado como insulto”, o que está diretamente relacionado com a descrição de uma conduta e um apontamento do modo alheio de se portar, o que foi identificado no estudo como um modo de identificação do outro que é “tal repulsivo/ condenável/ repreensível etc.: o que o outro faz não se leva a sério”, desencadeando efeitos que são pontuados:

São reflexões possíveis frente à compreensão da ampla equivocidade do palhaço como objeto simbólico, levando-se em conta que sua inscrição em dadas formações discursivas permite esse nuançamento. Ou seja, permite que palhaço seja significado pelos sujeitos de diferentes modos, produzindo, inclusive, os efeitos pejorativos sobre os quais aqui se lançou luz para sua visibilidade como insulto. Vimos como a interdiscursividade é a premissa para que esse objeto simbólico possa ser significado diferentemente em discursos variados, seja nas práticas artísticas ou não. A partir da transcrição da discussão entre os políticos americanenses, observamos que a designação de palhaço, para funcionar como insulto – produzir efeitos de sentido que insultem – recorta o memorável de tolice, abobamento e ignorância atribuídas a esse objeto, e que demanda uma interlocução: o insulto precisa de um alvo no qual atirar sua história de enunciações, que se temporaliza no acontecimento da enunciação. (OSTHUES, 2020, p. 1598)

De acordo com Freitas e Ribeiro (2020, p. p. 760), na primeira metade do século XXI o palhaço foi apropriado hegemonicamente pela indústria cultural como um sujeito sombrio, como é possível notar em diversas produções como o filme-documentário de terror *Behind the Sightings* (2017), baseado no episódio conhecido como avistamentos de palhaços em 2016, ou a adaptação cinematográfica *IT* (2017), que conta a história de uma criatura maligna transformada em palhaço, o vilão das histórias de quadrinhos Coringa, protagonista do filme homônimo de 2019. O estudo descreve esse comportamento da indústria cultural como um caminho fácil rumo ao lucro, sem preocupações em “desvirtuar um arquétipo construído milenarmente”, e conclui que “transformar este sujeito em algo sombrio é definitivamente uma distorção representativa imagética do seu papel social”.

Para analisar o espaço que a mídia destina ao palhaço e a possível escassez de conteúdo jornalístico propriamente dito voltado exclusivamente à tal profissão, é possível

levar em conta a Agenda Setting, teoria levantada por Maxwell McCombs e Donald Shaw em meados de 1970. De acordo com o raciocínio que é exposto por tais pesquisadores, a mídia é responsável pela imposição de assuntos que serão consumidos e comentados pelo público.

Felipe Pena (2015) traz a visão de que a mídia propõe um elo entre o que acontece no mundo e como o imaginário registra esses acontecimentos. Tendo isso em consideração, a imprensa constrói estereótipos visando simplificar e distorcer a compreensão de uma realidade que não é vista. É com base nesses estereótipos que a ideia do artigo se entrelaça com a teoria, visto que um dos principais focos é a generalização envolvida na exposição midiática do palhaço. Essa construção de reportagem induz à desmitificação do palhaço e traz a ideia de sujeito humano, alguém com manias, emoções, medos, distante do que se vê quando o palhaço está caracterizado e em cena.

Conforme percebemos através de Moura et al. (2023), o jornalismo passou por sucessivas transformações que revolucionaram a sociedade e a forma de fazer e consumir a informação. É possível notar, ainda, que a internet foi um marco, trazendo velocidade e instantaneidade na hora de levar a notícia às pessoas. O resultado disso pode ser encontrado em redações jornalísticas e profissionais que se adaptaram às práticas e às potencialidades oferecidas pela web.

3 | METODOLOGIA

As informações referentes à cobertura midiática digital sobre os palhaços no Brasil foram coletadas através da análise de conteúdo, um método amplo e vasto, que pode ser usado tanto com dados quantitativos como qualitativos (COLLINS e HUSSEY apud HARWOOD e GARRY, 2003).

Segundo Ikeda e Chang (2005, p. 5), essa metodologia, ainda que exploratória, pode “fornecer importantes sinais de pontos fortes e fracos da comunicação”. Kolbe e Burnett (apud IKEDA e CHANG, 2005, p. 8) descrevem a análise de conteúdo como um “método de pesquisa observacional, usado para avaliar sistematicamente o conteúdo simbólico de todas as formas de comunicação registradas”. Essa comunicação, segundo os autores, pode ser analisada em vários níveis, levando a uma extensa oportunidade de pesquisa.

Entretanto, muito se reflete a respeito de um contraponto de uma abordagem discursiva, considerando um paralelo entre as experiências em Análise de Conteúdo e em Análise do Discurso. Rocha e Deusdará (2006) escancaram a distância entre as duas abordagens no que concerne às implicações do pesquisador e aos pressupostos teóricos.

É precisamente o entendimento de que o pesquisador, em um dado campo de análise, é co-construtor dos sentidos produzidos que se alteram o lugar em que ele se situa e sua postura de interlocutor em uma determinada situação de pesquisa. Isso, por si só, já é bastante diferente dos pressupostos presentes nas situações de pesquisa que se caracterizam como possibilidade de

recolher, de fazer emergir das “profundezas” de um discurso uma verdade a que se procura chegar “cientificamente”. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2006, p. 316)

Os pesquisadores descrevem a Análise de Conteúdo como ciência uma prática que se pretende neutra no plano do significado do texto, na tentativa de alcançar diretamente o que haveria por trás do que se diz, e apontam que o surgimento da Análise do Discurso se caracteriza por uma mudança da postura do observador em face do objeto de pesquisa.

Para alcançar os resultados acerca da problematização apresentada neste trabalho, primeiramente foi estabelecido um recorte temporal de 1º de janeiro de 2021 a 31 de dezembro de 2021. A pesquisa transcorreu a partir da palavra-chave “palhaço”, aplicada na aba de notícias do mecanismo de buscas Google, que possibilitou a seleção de um intervalo personalizado para contemplar unicamente as notícias publicadas dentro do recorte predefinido.

Paralelamente, foi aplicado, ainda, um filtro para que o mecanismo exibisse apenas as páginas de língua portuguesa, o que colaborou para uma melhor delimitação do conteúdo a ser acessado, deixando de lado as notícias internacionais, uma vez que a proposta deste estudo foi observar o cenário brasileiro. Ainda assim, notícias reportadas por outros países de língua portuguesa (Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial) não fizeram parte desta análise.

Como parte do processo de construção deste trabalho, conduziu-se uma análise quantitativa inicialmente focada na primeira página exibida pelo motor de buscas, com a exibição das dez notícias consideradas como as mais relevantes, para que então se fizesse um comparativo entre as manchetes, rumo à compreensão de quantas delas aplicaram o termo “palhaço” de maneira pejorativa, sob a condição de utilização de um adjetivo destinado a caracterizar alguém de qualquer outra forma que não fosse a profissão propriamente dito; ou, por conseguinte, relacionada ao paradigma do palhaço associado a alguma prática criminosa ou como uma persona digna de temor, mesmo em produções culturais como filmes e séries. Assim como tal, considerou-se quantas dessas notícias de fato abordaram um acontecimento relacionado a um profissional do ramo artístico em pleno exercício de sua função.

Posteriormente, conduziu-se uma nova análise quantitativa, que dessa vez abrangeu todas as notícias publicadas dentro do período citado anteriormente, utilizando a mesma palavra-chave e sem desvencilhar dos critérios já predeterminados, a fim de atingir uma conclusão de caráter mais amplo. Para isso, fez-se um cálculo de página a página, atribuindo cada notícia publicada a uma das três categorias contempladas.

4 | ANÁLISE

O perfil de Arrelia publicado no sétimo volume da revista *Realidade*, em outubro de 1966, foi apresentado por meio da questão “O palhaço, o que é?”, despertando a atenção

imediate do leitor em meio a outras chamadas de matérias que integravam as páginas do interior da revista que por uma década chamou a atenção pelo design gráfico pouco tradicional. “Este homem é um palhaço”, apontou o título da principal matéria da edição em questão. Na fotografia que ilustrou a reportagem, um senhor sério exibia o olhar enigmático por trás dos óculos e mantinha uma postura intacta coberta pelo terno engomado. Ao virar a página, deparou-se com um sujeito completamente oposto a aquele visto anteriormente. “Este palhaço é um homem”, acusou a nova manchete, desta vez ilustrada por uma foto colorida e chamativa de um palhaço com sua boina, vestes xadrez e bengala. Waldemar Seyssel, o ator e humorista que trouxe à vida Arrelia, tinha como função fazer as outras pessoas sorrirem, estando ele com ou sem o tradicional nariz vermelho.

Arrelia pode ser considerado como uma peça importante para o artigo que se segue, levando em consideração o seu papel na mídia, uma vez que não apenas foi o primeiro palhaço a aparecer na televisão, como inclusive participou da história deste veículo midiático. Estrelou o programa *O Circo do Arrelia*, exibido em 1950 pela TV Tupi, umas das primeiras atrações a passar na televisão, cuja primeira transmissão no Brasil tinha sido naquele mesmo ano. Foi a partir deste artista que se desdobrou a análise sobre os veículos de comunicação e o modo como enxergam e exibem os palhaços na contemporaneidade.

Mais de quatro décadas depois, em 2008, uma abordagem que seguiu a mesma construção narrativa foi feita pela revista *Tam Nas Nuvens*. “Você chamaria este cara de palhaço?”, apontou a chamada da matéria, que precedeu a fotografia de um rapaz parrudo, com músculos à mostra e corrente prateada no pescoço, a expressão intimidadora, desconstruindo-se por completo na página seguinte quando se viu a caracterização de um personagem sorridente imerso em cores. “Pode chamar, sem nenhum problema. Ele é um palhaço mesmo, mas do *Cirque du Soleil*”, o título no alto da próxima página esclareceu, numa clara homenagem ao perfil de 1966.

As duas reportagens foram desenvolvidas em torno de estereótipos que representam os dois opostos atingidos pelo ser humano. A primeira personalidade apresentada era séria, respeitável ao seu modo, demarcando um aspecto inquebrável como uma armadura, e em seguida, a reportagem apontou um proposital contraste.

Diante de tal contexto, tendo em mente o possível legado que Arrelia deixou, como foi possível perceber na própria reportagem da revista *Tam Nas Nuvens*, o presente artigo vasculhou as notícias relacionadas a “palhaço” indexadas no mecanismo de buscas sob o intervalo anteriormente apontado. Ao todo, 22 páginas contemplaram o conteúdo a ser analisado, cada uma disponibilizando dez notícias, o que levou a um total de 220 notícias ligadas à palavra-chave preestabelecida, no ano de 2021.

A partir de uma análise da primeira página de notícias, ou seja, dos conteúdos considerados como os dez mais relevantes de 2021 pelo motor de buscas utilizado para a elaboração deste estudo, foi possível perceber que o termo “palhaço” esteve atribuído como forma de insulto a alguém em sete notícias (equivalente a 70% do conteúdo da

primeira página), comportamento ligado à teoria de Osthues (2020) sobre o termo pejorativo vinculado a esse adjetivo. Três dessas manchetes eram sobre Douglas Luiz, volante da Seleção Brasileira que se referiu ao apresentador José Ferreira Neto, do programa *Donos da Bola*, da *Rede Bandeirantes*, como “palhaço da televisão”, depois que este criticou sua convocação), dos veículos *UOL*, *Lance!* e *Torcedores*.

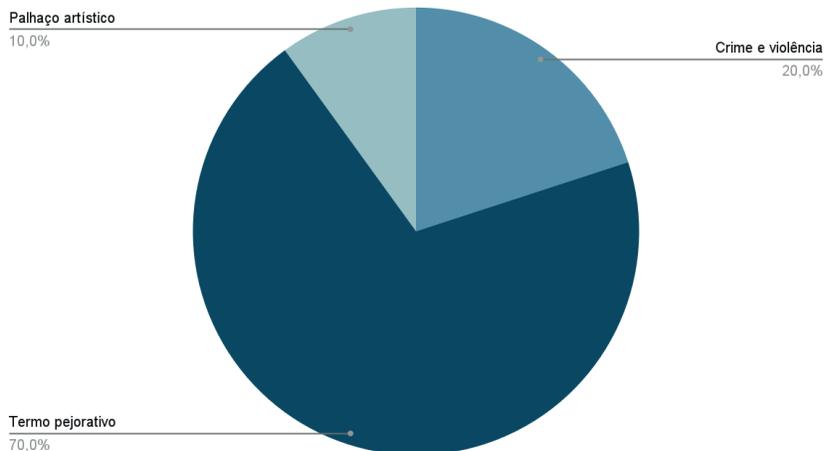
Outras três envolveram uma crítica feita pelo presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, ao presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Na ocasião, o venezuelano chamou o chefe do Executivo do Brasil de “palhaço” por este ter associado as vacinas contra a covid-19 ao HIV. Desse grupo, fizeram parte os veículos *Estado de Minas*, *Poder 360* e *Correio Braziliense*.

Por sua vez, a sétima notícia a abordar a palavra-chave de uma forma pejorativa era sobre uma troca de provocações nas redes sociais entre o jogador chileno Arturo Vidal e o brasileiro Richarlison, após uma partida. Na ocasião, o esportista do Chile escreveu “Quem conhece esse palhaço?”, a respeito do outro. O veículo responsável pela publicação do ocorrido foi também o *UOL*.

Dentre as três notícias remanescentes (30% do conteúdo exibido na primeira página de buscas), duas relacionavam o palhaço a alguma prática violenta ou criminosa, estereótipo fortalecido pelas indústrias culturais: a primeira, voltada ao caso do Palhaço Pimpão, alvo de um mandado de busca e apreensão no município de Jundiá, na região metropolitana de São Paulo, publicada pelo *Último Segundo*, enquanto a outra, sobre um acidente em que um palhaço atingiu a advogada Narcisa Tamborindeguy durante um evento festivo, foi veiculada pelo site da *Folha de S. Paulo*.

Com isso, foi possível compreender que em meio a dez notícias indexadas na primeira página, apenas uma (10% da primeira página de notícias) remeteu ao palhaço em sua forma puramente artística: um artigo de opinião sobre a trajetória do espetáculo circense e sua relação com práticas religiosas, conduzido pelo portal *A12*. Para melhor entendimento, construiu-se um gráfico com a porcentagem referente às dez notícias consideradas como “mais relevantes” pelo mecanismo de buscas:

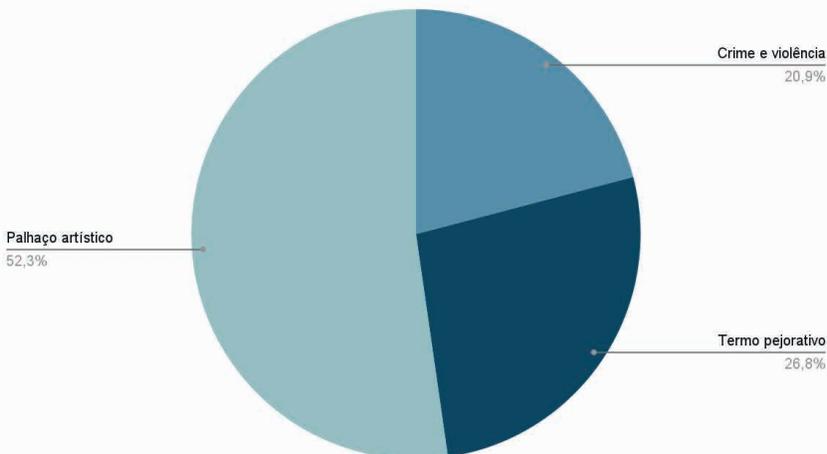
Notícias com a palavra-chave "palhaço": primeira página



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Partindo da premissa de analisar a amostra em sua totalidade, foi possível concluir que a distribuição das 220 notícias (considerando também as que foram citadas anteriormente, pertencentes à primeira página do mecanismo de buscas) se deu da seguinte maneira: 59 notícias (%) utilizaram “palhaço” no título de maneira pejorativa, enquanto 46 (%) ressaltaram o estereótipo de um sujeito violento e/ou criminoso. Logo, notou-se que 115 (%) apresentaram o palhaço enquanto artista, profissional relacionado ao circo e a práticas culturais, conforme gráfico:

Notícias com a palavra-chave "palhaço": total de páginas



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Notou-se que não houve uma única página da aba “notícias” do mecanismo de busca em questão que não constasse pelo menos uma matéria atribuindo à palavra-chave um conceito pejorativo, fosse de maneira direta (em que o próprio jornalista atribuiu o adjetivo de maneira pessoal em seu título, em uma metáfora) ou indireta (o que foi mais frequente: o jornalista mencionando o discurso realizado por um outro alguém, como uma aspa). Além disso, só houve duas ocasiões em que não se notou nenhuma manchete relacionando o palhaço a um sujeito criminoso ou assustador. A distribuição de notícias página a página se deu da seguinte maneira:

| Página de busca | Termo pejorativo | Crime e violência | Palhaço artístico |
|-------------------------------|-------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 7 | 2 | 1 |
| 2 | 3 | 3 | 4 |
| 3 | 3 | 2 | 5 |
| 4 | 1 | 2 | 7 |
| 5 | 4 | 0 | 6 |
| 6 | 3 | 2 | 5 |
| 7 | 3 | 2 | 5 |
| 8 | 3 | 4 | 3 |
| 9 | 1 | 3 | 6 |
| 10 | 2 | 4 | 4 |
| 11 | 1 | 2 | 7 |
| 12 | 2 | 2 | 6 |
| 13 | 2 | 1 | 7 |
| 14 | 4 | 1 | 5 |
| 15 | 1 | 2 | 7 |
| 16 | 2 | 4 | 4 |
| 17 | 3 | 1 | 6 |
| 18 | 2 | 3 | 5 |
| 19 | 3 | 2 | 5 |
| 20 | 3 | 1 | 6 |
| 21 | 2 | 0 | 8 |
| 22 | 2 | 3 | 4 |
| Total de notícias: 220 | 59 | 46 | 115 |

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber ao realizar a análise da primeira página do mecanismo

de buscas utilizado neste estudo, o palhaço enquanto artista/profissão teve uma perda de espaço significativa para notícias voltadas a termos pejorativos e práticas violentas/criminosas, o que sugeriu uma tendência do jornalismo digital a noticiar o extremo (como no caso dos insultos e das violências físicas) em comparação com a palavra “palhaço” em seu estado mais puro, isto é, a famigerada persona proveniente das artes circenses, durante o recorte temporal em questão — janeiro a dezembro de 2021.

Com o decorrer das demais páginas, as estatísticas apresentaram mudanças consideráveis, com as manchetes culturais em uma notável predominância, em comparação com as outras. Ainda assim, nenhuma página apresentou uma distribuição completa de notícias focadas no palhaço em si, sem deixar de lado a palavra atrelada a uma intenção de insulto, ou em uma ligação subsequente entre o próprio palhaço e alguma infração penal.

Mesmo considerando toda a amostra de 220 notícias, o conteúdo concentrado no palhaço circense durante este recorte temporal foi de apenas 52,3%. Em virtude do que foi observado, concluiu-se que quase metade (47,7%) da cobertura jornalística digital do ano de 2021 ficou reservada às notícias interligadas com termos pejorativos e estereótipos, que em nada contribuem com o legado deixado pela abordagem da extinta revista *Realidade*.

REFERÊNCIAS

MOURA, T. A. et al. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.9, n.1, p.28-44, jan., 2023

KASPER, Kátia Maria. **As experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida**. 2004. 412 p. Tese (Doutorado em Educação, Sociedade, Política e Cultura) — Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

OSTHUES, Romulo Santana. **Um nariz vermelho feito de mídia**. 2017. 308 p. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) — Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2017.

OSTHUES, Romulo Santana. “Você é um palhaço, mesmo” – A designação de uma palavra e seu funcionamento como insulto. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1581-1601, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Alice. **O Elogio da Bobagem: Palhaços no Brasil e no Mundo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2005. 272 p.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Contexto, 2015. 240 p.

FREITAS, M. A.; RIBEIRO, R.A. Do cômico ao terror: transições imagéticas do palhaço na sociedade de consumo. In: **ANAIS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DESIGN**, n. 5, São Paulo. Anais. São Paulo: Bluncher, 2020. p. 760-775.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 305-322, 2006.

IKEDA, A. A.; CHANG, S. R. Análise de conteúdo — uma experiência de aplicação na pesquisa em comunicação social. **Comunicação & Inovação**, São Paulo, v. 6, n. 11. p. 5-13, 2005.

SILVA, Tarcízio. Revista TAM Nas Nuvens x Revista Realidade — Plágio, inspiração ou coincidência?. **Pesquisa, Métodos Digitais, Ciência, Tecnologia e Sociedade**, 2008. Disponível em: <<https://tarciziosilva.com.br/blog/revista-tam-nas-nuvens-02-x-revista-realidade-11-plagio-inspiracao-ou-coincidencia/>> Acesso em: 19 de setembro de 2018.

HEMEROTECA. **Realidade (SP) - 1966 a 1976**. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659>> Acesso em: 19 de setembro de 2018.

HEMEROTECA. **Realidade (SP) - 1966 a 1976**. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659>> Acesso em: 19 de setembro de 2018.

VIEIRA, Cido. Neto responde jogador da seleção brasileira que o chamou de ‘palhaço da televisão’: “Quem é você perto de mim?”. **Torcedores**, 2021. Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2021/10/neto-responde-jogador-da-selecao-que-o-chamou-de-palhaco>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

Volante da seleção chama Neto de ‘palhaço da TV’ após críticas à convocação. **UOL**, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/10/06/volante-da-selecao-chama-neto-de-palhaco-da-tv-apos-criticas-a-convocacao.htm>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

Volante da Seleção Brasileira ironiza Neto após críticas do apresentador: ‘O palhaço da TV’. **Lance**, 2021. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/palhaco-volante-selecao-brasileira-responde-neto-apos-criticas-apresentador.html>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2022..

Narcisa Tamborindéguy é atingida por palhaço em festa. **Folha de S. Paulo**, 2021. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/12/narcisa-tamborindeguy-e-atingida-por-palhaco-em-festa-veja-video.shtml>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

Maduro chama Bolsonaro de ‘imbecil’ e ‘palhaço’ por associar vacina à Aids. **Estado de Minas**, 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/27/interna_politica,1317605/maduro-chama-bolsonaro-de-imbecil-e-palhaco-por-associar-vacina-a-aids.shtml> Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

LIMA, Bernardo. Maduro chama Bolsonaro de “imbecil” por associar vacina e Aids. **Correio Braziliense**, 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/10/4958482-maduro-chama-bolsonaro-de-imbecil-por-associar-vacina-e-aids.html>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

Maduro chama Bolsonaro de “imbecil” e “palhaço” por associar vacina à aids. Poder 360, 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/maduro-chama-bolsonaro-de-imbecil-e-palhaco-por-associar-vacina-a-aids/>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2022.

Vidal rebate provocação de Richarlison: ‘Quem conhece esse palhaço?’. **UOL**, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/gazeta-esportiva/2021/09/03/vidal-rebate-postagem-de-richarlison-apos-vitoria-do-brasil-quem-conhece-esse-palhaco.htm>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2022.

Palhaço pedófilo é alvo de busca e apreensão em Jundiaí. **iG Último Segundo**, 2021. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-11-09/palhaco-pedofilo-alvo-busca-e-apreensao-jundiai.html>> Acesso em: 05 de fevereiro de 2022.

NETO, João Baptista. O circo, o palhaço, o riso e o espírito. **A12**. Disponível em: <<https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/o-circo-o-palhaco-o-riso-e-o-espirito>> Acesso em: 05 de fevereiro de 2022.

O FENÔMENO DAS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS DO JORNALISMO OBSERVADO PELOS PESQUISADORES BRASILEIROS NA ÚLTIMA DÉCADA

Data de aceite: 02/05/2023

Danusa Santana Andrade

É doutora e mestre em Comunicação

RESUMO: Este estudo objetiva investigar o olhar do pesquisador brasileiro sobre o fenômeno das alterações tecnológicas do jornalismo e, especificamente, sobre o tema das novas formas empresariais de produção da notícia a partir de trabalhos apresentados sobre o tema nos Encontros Nacionais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) na última década. Apoiada no método da compreensão e na Hermenêutica de Profundidade, a pesquisa divide-se em três momentos: o primeiro traça um panorama geral dos estudos selecionados que fornece dados quantitativos e apura algumas dominâncias de temas; o segundo realiza uma verificação geral dos textos a partir dos títulos e resumos, nucleando, a partir disso, certas temáticas. No último patamar de análise, o estudo considera dois textos de cada um dos três núcleos temáticos com maior recorrência na apuração, abarcando o nível analítico da amostragem. A pesquisa

verificou o esforço do pesquisador brasileiro em debater os fenômenos contemporâneos do Jornalismo e as demandas sociais que emergem do contexto sócio-histórico, relativas ao tema do exercício do Jornalismo na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Alterações do jornalismo; investigação; Compós; SBPJor.

THE PHENOMENON OF TECHNOLOGICAL TRANSFORMATIONS IN JOURNALISM OBSERVED BY BRAZILIAN RESEARCHERS IN THE LAST DECADE

ABSTRACT: This study aims to investigate the perspective of Brazilian researchers on the phenomenon of technological changes in journalism and, specifically, on the topic of new entrepreneurial forms of news production, based on works presented on the subject at the National Meetings of the National Association of Graduate Programs -Graduation in Communication (Compós) and the Brazilian Association of Researchers in Journalism (SBPJor) in the last decade. Supported by the method of understanding and Depth Hermeneutics, the research is divided into three stages: the first outlines

a general overview of the selected studies, which provides quantitative data and determines some dominance of themes; the second carries out a general verification of the texts based on the titles and abstracts, nucleating, based on this, certain themes. At the last level of analysis, the study considers two texts from each of the three thematic nuclei with the highest recurrence in the investigation, covering the analytical level of the sample. The research verified the effort of the Brazilian researcher in debating the contemporary phenomena of Journalism and the social demands that emerge from the socio-historical context, related to the theme of the exercise of Journalism in Brazilian society.

KEYWORDS: Changes in journalism; investigation; Compós; SBPJor.

1 | INTRODUÇÃO

A atividade jornalística, que transita por significativas alterações desde os seus primórdios, como fenômeno da chamada Modernidade, sempre recebeu atenção especial da ciência que acompanhou, como nenhuma outra, a chegada do jornal, do rádio, da televisão e da internet. Neste momento de nossa História, expressivo número de pesquisadores se debruça a investigar como as inovações tecnológicas alteram, transformam e redefinem os formatos do jornalismo.

Um dos braços – e talvez também as pernas – desse desenho diz respeito à tecnologia, que atua como protagonista das mudanças sofridas pelo jornalismo, e integra um complexo contexto. Alberto Cupani (2014) defende que a própria definição de tecnologia, em um breve olhar na bibliografia filosófica, não é apenas plural, como em alguns casos aparentemente desvinculada. Ele compreende que essa desconcertante multiplicidade de caracterizações é, por si só, um sinal da complexidade da tecnologia.

Michael Zimmerman (1990) discute como Martin Heidegger interpretou e avaliou a tecnologia moderna, compreendendo três significados inter-relacionados: primeiro, as técnicas, os instrumentos, sistemas e processos de produção normalmente associados ao industrialismo; depois, a visão do mundo racionalista, científica, mercantilista, utilitarista, geralmente associada à modernidade; e, por fim, o contemporâneo modo de compreender e de revelar as coisas, o qual torna possível tanto os processos de produção industrial, como a visão modernista do globo.

Desde a sua fase embrionária, conforme Antonio Costella (2002), o jornalismo incorporou ferramentas tecnológicas que foram fundamentais para o seu desenvolvimento. O jornal impresso, que surgiu por volta do ano de 1600, bebeu da fonte tecnológica, usufruindo do advento da máquina tipográfica inventada na Europa em meados do século XV. Depois da invenção da eletricidade, do fio elétrico, do telégrafo, dos cabos submarinos, do telefone, do telégrafo sem fio, surgiram o rádio, em 1920, e a televisão, em 1927. Essas inovações abriram a passagem para o surgimento da comunicação via satélite, do computador e da internet, que surgiu no final da década de 1950, a partir de projetos desenvolvidos por agências do Departamento de Defesa Americano.

Pierry Lévy (2010), um dos pesquisadores contemporâneos que discute a questão das tecnologias da comunicação, defende que a principal revolução na comunicação planetária surgiu entre 1990 e 1997, a partir de uma pequena equipe de pesquisadores do CERN, em Genebra, Suíça, que desenvolveu a *World Wide Web*.

Ao dar um passo atrás na história, Luciana Mielniczuk (2003), uma das expoentes dos estudos sobre o jornalismo no mundo digital no Brasil, resgata que a internet passou a ser empregada, para atender finalidades jornalísticas, a partir da utilização comercial, que coincide com o desenvolvimento da *web*, no início dos anos 1990. Em um primeiro momento, o que era chamado de *online* não passava da transposição de matérias em uma atualização a cada 24 horas. Uma segunda tendência foi favorecida quando começaram a surgir experiências na tentativa de explorar as características específicas oferecidas pela rede. Mas o cenário começou a se alterar com o surgimento de sítios jornalísticos que ultrapassaram a ideia de uma versão para a *web* de um jornal impresso existente.

Poliana Ferrari (2012) recorda que, no Brasil, o primeiro *site* jornalístico brasileiro foi o do *Jornal do Brasil*, criado em 1995, 26 anos depois da concepção da internet, nos Estados Unidos.

Quase três décadas depois da primeira iniciativa de jornalismo on-line no Brasil, muita coisa mudou. Desde a expansão dos aparatos tecnológicos no setor comunicacional, a crescente convergência e a hibridização midiática instauradas no ambiente digital possibilitaram saltos significativos de transformação do jornalismo, a começar pelo engajamento e a participação do público leitor. Henry Jenkins (2009) sinaliza que as salas de imprensa ainda estão se debatendo para tentar entender quais podem ser seus novos papéis nesse ambiente formatado pelo que acontece com as comunidades on-line, em que os cidadãos podem cobrar o que os jornalistas devem cobrir.

Outra grande alteração no jornalismo, a partir do prisma tecnológico, diz respeito ao controle da redação. O pesquisador português João Canavilhas (2016), outra expressiva referência nos estudos de jornalismo digital, compreende que os repórteres e editores que mantinham o controle da redação, agora precisam estabelecer mecanismos de negociação com profissionais de outras áreas – como *designers* e programadores – para levar a cabo a sua missão primordial. Em disputa, o controle das rotinas e dos produtos, além da própria noção de notícia, antes de exclusivo domínio do jornalista e, agora, sob a influência também de outros profissionais.

Também é possível elencar a incorporação do espaço de redes digitais como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* pelas empresas jornalísticas que assumem novas linguagens e formatos. Ainda temos questões como arranjos de trabalho: de um lado, jornalistas que se veem sobrecarregados com a prática de novas habilidades que precisam assumir diante da realidade contemporânea; de outro, profissionais que se sentem desvalorizados e buscam novas formas de trabalho, como a atuação autônoma; ainda observamos o surgimento de novas iniciativas, como as nativas digitais e em outra ponta, verifica-se o avanço da

automação no trabalho jornalístico.

A incorporação do mundo digital pelo jornalismo abriu portas para possibilidades antes impensáveis de produção, circulação e venda de notícias, forçando as organizações jornalísticas a assumirem grandes desafios nesse ambiente, que sugere a criação de novos modelos de negócio amparados nas redes e de olho no perfil de público leitor.

Dentro desse contexto, e ao compreender a informação jornalística como produto de consumo, nos termos de Cremilda Medina (1988), este estudo, que representa o resultado parcial de pesquisa de doutorado, objetiva investigar o olhar do pesquisador brasileiro sobre o fenômeno das mudanças no jornalismo e, especificamente, sobre o comportamento da *Folha de S.Paulo* nesse cenário e do surgimento de novas formas empresariais de produção da notícia a partir de trabalhos apresentados sobre o tema nos Encontros Nacionais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) na última década. As duas Associações são reconhecidas no meio acadêmico, por revelar alguns dos resultados mais expressivos da pesquisa em Comunicação no Brasil.

O levantamento aferido na Compós abrange o período de 2011 a 2020; na SBPJor compreende o período de 2012 – ano em que a instituição começou a disponibilizar os anais dos eventos na modalidade *online* – a 2020. A pesquisa levantou as contribuições da Compós a partir dos Grupos de Trabalho “Comunicação e Cibercultura” e “Estudos de Jornalismo”, que se alinham ao objeto desta investigação. Na SBPJor, o estudo mapeou as investigações que conversam com o tema deste estudo tanto nas Comunicações Livres ou Individuais quanto nas Comunicações Coordenadas.

A pesquisa recorre ao método da compreensão. Um de seus expoentes, Dimas Künsch, em sua mais recente obra, *Compreender: indagações sobre o método* (2020), que reúne textos produzidos entre 2009 e 2019, alguns dos quais em coautoria, e apresentados durante o Encontro Nacional da Compós, sinaliza que, no ambiente intelectual, a renúncia deliberada ao estatuto da certeza e da verdade é informada não apenas pela ideia de não se deixar abalar pela incerteza, mas ainda pela convicção de que possíveis vazios interpretativos não necessariamente representam um carimbo de imprestável na arena dos saberes.

Künsch (2020) convida o leitor a pensar compreensivamente, correndo o risco, como em todo empreendimento humano, de encontrar surpresas pelo caminho, e chamando a atenção para a inexistência de garantia de que alcançaremos um porto seguro, idealizado, ou um final feliz no drama da construção do conhecimento. O autor insiste na pluralidade de formas e práticas possíveis de conhecer o mundo e de habitá-lo, compreensivamente. No caso dos textos eleitos para este trabalho, o método da compreensão, mais do que tentar explicar os fenômenos em tela, busca situá-los numa rede ampla de conversação sobre o assunto, assumindo os interlocutores uma atitude de abertura a formas de conhecimento plurais e sempre em movimento.

O estudo compõe, fundamentalmente, a primeira fase do método de Hermenêutica de Profundidade, conforme postulado por Thompson (2011). A análise sócio-histórica se interessa pelas condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Thompson (2011) considera essa fase essencial, porque as formas simbólicas não subsistem num vácuo – elas são fenômenos sociais contextualizados, são produzidas e recebidas dentro de condições sócio-históricas específicas, que podem ser reconstruídas com a ajuda de métodos empíricos, observacionais e documentais. Como anotado, o contexto sócio-histórico em que esses processos em torno do Jornalismo se dão é o das mudanças tecnológicas em curso e do aparecimento da cultura digital, com a internet e as redes sociais.

Esta investigação se divide em alguns momentos: primeiro apura o perfil da Compós e da SBPJor e traça um panorama geral dos textos investigados que fornece dados quantitativos do levantamento, sinalizando algumas dominâncias de temas; depois realiza uma verificação geral dos textos a partir dos títulos e resumos, nucleando, a partir disso, certas temáticas. Em um último momento, aprofunda a investigação, considerando dois textos de cada um dos três núcleos temáticos com maior recorrência na apuração.

2 | COMPÓS E SBPJOR: UM PANORAMA GERAL DOS ESTUDOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO JORNALISMO NA ÚLTIMA DÉCADA

Neste primeiro momento, a pesquisa traça um breve perfil da Compós e da SBPJor, delimita o perfil das pesquisas de interesse da investigação e produz um panorama geral dos textos da Compós e da SBPJor.

Fundada em 1991, a Compós mantém como filiados Programas de Pós-Graduação em Comunicação nos níveis de Mestrado e Doutorado de instituições de ensino superior públicas e privadas no Brasil.¹ Como espaço de intercâmbio acadêmico entre os pesquisadores dos vários Programas, a Compós realiza, anualmente, desde 1992, Encontros Anuais estruturados sob a forma de GT's, nos quais são apresentados e debatidos estudos e pesquisas, sobre temas científicos relativos ao campo da Comunicação. Os Encontros

1 Na lista somam-se 52 programas: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Metodista de São Paulo; Universidade de Brasília; Universidade Estadual de Campinas; Universidade de São Paulo; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal Fluminense; Universidade Tuiuti do Paraná; Fundação Cásper Líbero; Universidade Federal de Pernambuco; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Paulista; Universidade Estadual Paulista; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Escola Superior de Propaganda e Marketing; Universidade Federal de Santa Maria; Universidade de Sorocaba; Universidade Anhembi Morumbi; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Universidade Federal de Juiz de Fora; Universidade Federal de Goiás; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Estadual de Londrina; Universidade Federal de São Carlos; Universidade Católica da Paraíba; Universidade Federal do Ceará; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade de São Paulo; Universidade Federal do Paraná; Universidade Federal do Pará; Universidade Federal do Piauí; Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal de Sergipe; Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade Estadual de Ponta Grossa; Universidade Federal de Ouro Preto; FIAM-FAAM, Centro Universitário; Universidade Federal do Tocantins; Universidade Municipal de São Caetano do Sul; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; Fundação Oswaldo Cruz; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://www.compos.org.br/programas.php>.

são organizados pelos Programas associados, sob a forma de rodízio.

O estudo compreende as principais investigações da Compós, que conversam mais diretamente com o tema desta pesquisa, como apontado na Introdução, em dois GT's: "Comunicação e Cibercultura" e "Estudos de Jornalismo". A investigação elegeu esses GT's por eles contemplarem (ou poderem contemplar, a partir de suas ementas) estudos reunidos em torno de dois eixos principais: a) as recentes transformações do Jornalismo provocadas pelas tecnologias digitais, especialmente após a chegada da internet; e b) a prospecção de modelos de negócio praticados pelas organizações jornalísticas em virtude dessas transformações.

Neste sentido, foram adotados para análise todos os estudos que abordaram aspectos ou nuances do fenômeno, ou que propõem discussões e reflexões concernentes a esses temas nos anos de 2011 a 2020, considerado o período de maior efervescência das redes sociais e de ampliação das potencialidades tecnológicas, que tanto provocam mudanças quanto promovem novas iniciativas, também, no universo do Jornalismo.

O trabalho de apuração desses textos se deu a partir da identificação das investigações que obedecem ao critério de escolha mencionado, com base nos títulos, resumos e palavras-chave.

Anualmente, cada GT da Compós seleciona dez trabalhos, para serem apresentados durante o Encontro Nacional. O número de GT's passou de 12, em 2010, para 15, no quadriênio de 2011 a 2014; de 15 para 17 no quadriênio de 2015 a 2018, e chegou a 20 em 2019 e 2020. O processo de estabelecer um número determinado de GT's a cada quatro anos é uma prática recorrente na Compós, chamada reclinagem, quando então os GT's são extintos e novos podem ser criados, por meio de procedimentos estabelecidos pelo estatuto da Associação. Os GT's eleitos por esta pesquisa – "Comunicação e Cibercultura" e "Estudos do Jornalismo" –, foram mantidos pela Compós durante todo o período analisado.

Em 2020, último ano de nossa análise, replicando o que aconteceu em 2019, foram, ao todo, apresentados 200 trabalhos, distribuídos pelos 20 GT's.² O universo total no período considerado, tendo em vista todos os GT's, alcançou um total de 1.800 trabalhos. Somam 200 os trabalhos apresentados nos dois GT's selecionados nesse mesmo período, o que configura o universo a que esta pesquisa, de fato, se refere.

O GT "Comunicação e Cibercultura", de acordo com a própria Compós em seu portal *online*:

Agrega pesquisas sobre as atuais formas de produção, consumo, armazenamento e distribuição de dados digitais, bem como sobre a correlata

2 "Comunicação e Cibercultura"; "Comunicação e Cidadania"; "Comunicação e Cultura"; "Comunicação e Experiência Estética"; "Comunicação e Política"; "Comunicação e Sociabilidade"; "Comunicação, Arte e Tecnologias da Imagem"; "Comunicação, Gêneros e Sexualidades"; "Consumos e Processos de Comunicação"; "Cultura das Mídias"; "Epistemologia da Comunicação"; "Estudos de Cinema, Fotografia e Audiovisual"; "Estudos de Comunicação Organizacional"; "Estudos de Jornalismo"; "Estudos de Som e Música"; "Estudos de Televisão"; "Imagem e Imaginários Midiáticos"; "Memória nas Mídias"; "Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação" e "Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias".

performatividade algorítmica em interfaces com os atuais problemas da comunicação e da cultura contemporâneas. O GT acolhe pesquisas que têm por base o aprofundamento da discussão, sobre o papel dos dados e dos algoritmos na atualidade, buscando reconhecer o caráter procedural dos dados e dos algoritmos, suas agências, performances e práticas em suas múltiplas expressões na comunicação contemporânea. Os processos de dataficação da cultura contemporânea, devem ser tratados por teorias sociológicas, antropológicas, comunicacionais, filosóficas e políticas amplas, com o objetivo de compreender áreas/fenômenos emergentes, tais como: estudos de *softwares*; *games studies*; a governança e a democracia digitais; as dinâmicas sociocomunicativas nas redes sociais, as questões de sociabilidade, automonitoramento, identidade e formação do sujeito; as atuais forma de vigilância distribuída e as controvérsias em torno da privacidade; os desafios teóricos e metodológicos do *big data*; a expansão de objetos sencientes com a Internet das coisas e as cidades inteligentes; as formas de materialidade presente e futura da internet; o Jornalismo de dados; as transformações no audiovisual (*Web*, fotografia, cinema, TV, som) com a prática de dados, e entre outros. A particularidade da linha é a investigação centrada na materialidade da comunicacional digital, com ênfase no dado e no algoritmo, focando nas diversas expressões desses fenômenos na contemporaneidade.³

“De uma perspectiva crítica e analítica, o GT ‘Estudos de Jornalismo’ da Compós busca aprofundar o estudo do Jornalismo como um campo do conhecimento, assim como pensar o Jornalismo como processo singular de comunicação e fenômeno cultural na contemporaneidade”.⁴ Ainda conforme ementa divulgada no site da Compós:

[...] propõe reflexões sobre abordagens relativas à função social, à história, aos conceitos, aos modelos, às teorias e à epistemologia do Jornalismo. Da mesma forma, visa problematizar e discutir distintos modos de estruturação, apuração, produção, circulação, recepção e consumo de conteúdos e formatos noticiosos, observando representações e mediações do Jornalismo na sociedade. Este GT também se interessa por trabalhos que abordam questões teóricas e experiências de linguagem, metodologias de pesquisa e ensino, estudos sobre reconfigurações das audiências, interações nas redes sociais, transformações nos processos produtivos em contexto de convergência em múltiplas plataformas, mobilidade no jornalismo, bem como inovações e tendências que orientam a práxis jornalística na atualidade.⁵

Antes de avançar para o campo das escolhas no âmbito da SBPJor, pelo menos duas observações importantes merecem ser feitas, com o complemento de que ambas, a nosso ver, não comprometem em nada os objetivos da pesquisa.

Uma primeira é que o GT “Estudos de Jornalismo” da Compós tem sua ementa ajustada em muito maior medida do mundo do Jornalismo que o GT “Comunicação e Cibercultura”. Essa diferença fundamental merece ser apontada, uma vez que textos do GT da Cibercultura que dialogam com as nossas preocupações em torno do Jornalismo o fazem, se não por acaso, pelo menos não com o mesmo nível de exigência, que os textos

3 Disponível em: https://www.compos.org.br/ler_gts.php?idGt=Mg=-. Acesso em 2 jan. 2021.

4 Disponível em: https://www.compos.org.br/ler_gts.php?idGt=MTE=-. Acesso em 2 jan. 2021.

5 Disponível em: https://www.compos.org.br/ler_gts.php?idGt=MTE=-. Acesso em 2 jan. 2021.

apresentados no GT do Jornalismo. A leitura atenta das duas ementas o comprova, sem deixar muita margem para dúvidas.

A segunda observação, tem a ver com o fato de que não se exclui a presença de textos sobre o Jornalismo, direta ou indiretamente, vinculados às nossas preocupações nesta pesquisa, nos demais GT's da Compós, por meio de distintos recortes que associam esses textos às diferentes ementas. Isso pode se dar, por exemplo, como efeito de uma submissão, digamos, com menor adequação aos propósitos de um GT específico, mas que não tenha implicado a não-escolha do texto submetido. Como é de conhecimento entre os pesquisadores, os autores, às vezes, preferem submeter os seus textos a GT's em que a concorrência não seja tão elevada, em torno das dez vagas anuais, ainda que, para tanto, tenham às vezes que fazer determinados ajustes ou concessões, para que esses textos possam ser considerados aptos a ser apresentados no GT escolhido.

Além do panorama das transformações do Jornalismo pelas lentes da Compós, o estudo dedica-se a reunir as principais pesquisas sobre as transformações do Jornalismo, na última década, pelo olhar da SBPJor, a partir dos trabalhos apresentados na forma convencional de Comunicações Livres e de Comunicações Coordenadas.⁶

Fundada em 29 de novembro de 2003, a entidade promove congressos nacionais anuais desde então, sempre no mês de novembro.⁷ A SBPJor agrega estudiosos de um campo específico do conhecimento e tem como propósito estimular a articulação de uma rede nacional de pesquisadores em Jornalismo a fim de que se possa constituir um lugar privilegiado, tanto para a apresentação de trabalhos, quanto para a formação de redes para pesquisas específicas.

Os anais da SBPJor são divididos, como apontado, nas formas de Comunicações Livres (ou Comunicações Individuais, em algumas edições), que são os artigos individuais (ou em coautoria) submetidos diretamente ao evento, e Comunicações Coordenadas, que reúnem trabalhos de pesquisadores brasileiros sobre temas específicos, coordenados por pesquisadores que propõem uma mesa específica. Na edição do evento de 2020, as seguintes mesas de Comunicações Coordenadas marcaram presença: 1) Rede Trabalho e Identidade dos Jornalistas – SBPJor 2020: Questões emergentes do trabalho jornalístico: olhares cruzados entre Argentina, Bélgica, México e Portugal; 2) Mesa Coordenada da RENOI – Jornalismo, Violência contra profissionais, Responsabilidade Social e Media Accountability; 3) Jornalismo, pandemia e métricas; 4) XXVI Mesa Coordenada JorTec – Uso de algoritmos no Jornalismo: dilemas práticos e éticos; 5) Sessão Coordenada 1 – Retij – Jornalismo independente, novos arranjos de Jornalismo e realidades regionais; 6) Rede TeleJor Coordenada 3 – Telejornalismo e pandemia: apropriações, reconfigurações,

6 Além dos encontros anuais da SBPJor, a entidade realiza, desde 2011, o Encontro de Jovens Pesquisadores, um evento voltado para estudantes de graduação e recém-graduados em Jornalismo, que a pesquisa não está, no caso, considerando, para se ater ao propósito de garantir o que pode ser considerado um lugar de excelência da pesquisa em Comunicação e Jornalismo. Evidentemente, essa escolha não pode ser lida no sentido de uma desvalorização dos trabalhos dos jovens pesquisadores.

7 Disponível em: <http://sbpjour.org.br/sbpjour/institucional/quem-somos/>. Acesso em 2 jan. 2021.

espaços, gêneros e formatos; 7) TeleJor Coordenada 1 - Histórias narradas nas e pelas telas: a construção da história do tempo presente entre ditos e não-ditos; 8) Mesa Renami: Biografias, perfis e histórias de vida no Jornalismo; 9) Estudos do Jornalismo contemporâneo: *placeification* e territorialidades, acelerações e cooperações, gamergate e misoginias; 10) Trajetórias profissionais, organização do trabalho e precarização; 11) Jornalismo Imersivo: desenvolvimento, desafios e tendências; 12) Fundamentos Teóricos do Jornalismo: Crise, estratégias de enfrentamento e epistemologia; 13) Narrativas Jornalísticas e Literárias – Mesa Coordenada da Renami; 14) Mesa Renami: Narrativas de Viagem; 15) 5º Painel IALJS/SBPJor-Renami de Jornalismo Literário; 16) Mesa 1 rede RadioJor: Mudanças estruturais no radiojornalismo em tempos de pandemia; 17) XXIV Mesa Coordenada da Rede JorTec – Métodos e soluções de pesquisa aplicada em Jornalismo e Tecnologias digitais: análise, coleta, visualização e distribuição de dados em tempos de Covid19; 18) Jornalismo, democracia, transparência e acesso à informação; 19) Mesa 2 rede RadioJor: Covid-19 e desafios ao radiojornalismo especializado e local; 20) XXV Mesa Coordenada da Rede JorTec – Abordagens, modelos, ferramentas de análise, pesquisa em rede e tecnologias na Pesquisa Aplicada em Jornalismo; 21) Jornalismo, política e subjetividades; 22) 4º Painel IALJS/SBPJor-Renami de Jornalismo Literário; 23) Jornalismo e segurança pública: proposições para uma cobertura orientada para a garantia e defesa dos direitos humanos; 24) Jornalismo, infância e adolescência: discursos e apropriações; 25) Rede TeleJor Coordenada 2 – Narrativas audiovisuais: o fazer e o ensinar telejornalismo em tempos de covid-19; 26) Coordenada Rede Telejor: Telejornalismo em Mutações: tecnologia, inovação, linguagem e narrativas; 27) Renami 4: Narrativas da pandemia; 28) Circulação jornalística da crise sanitária, simulação do Jornalismo e fake news/desinformação; 29) XXVII Mesa Coordenada JorTec – Plataformas e Inteligência artificial: reconfigurações do Jornalismo.⁸

A partir dos eixos Comunicações Livres e Comunicações Coordenadas, a pesquisa levantou, no período de 2012 a 2020, os artigos que tratam dos temas de interesse desta pesquisa, seguindo os mesmos parâmetros de escolha dos textos da Compós, o mesmo podendo ser dito a respeito do trabalho de levantamento, leitura e análise indicados. Foram 1.933 os textos apresentados nas duas modalidades no período.

Precisando melhor o objetivo do trabalho de análise que vem a seguir, convém anotar que a pesquisa não se propõe a fazer um estudo comparativo entre as publicações da Compós e da SBPJor, optando por uma abordagem de tipo amplo e ao mesmo tempo compreensivo de todos esses textos. Nesse sentido, mapeia preocupações e tendências, eixos investigativos e intuições acadêmicas. Mostra e aponta, mais do que argumenta e comprova. Desce, num momento posterior, ao da análise mais geral, para o nível de uma conversa mais direta e profunda com um conjunto de textos específicos.

⁸ Disponível em: <http://sbpjor.org.br/sbpjor/wp-content/uploads/2020/09/COMUNICACO%CC%83ES-COORDENADAS-2020.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2021.

Uma última observação se faz ainda necessária a respeito dos eventos e do tipo de textos selecionados para essa conversa, que, não sendo de todo rigorosa nos moldes do cânone positivista, nem por isso deixa de ser compreensiva e, como é de se desejar, assistida pelo rigor (KÜNSCH, 2020; KÜNSCH et al, 2014). Em tese, dever-se-ia eleger textos que, tendo passado pelo crivo dos eventos científicos, encontrassem depois guarida em periódicos ou livros da área. Pelo menos dois problemas poderiam, no entanto, se revelar, ambos associados: essa opção implicaria de alguma forma a perda da conversa e do debate, digamos, “a quente”, no calor da discussão. A outra perda tem a ver com a questão de saber quantos desses textos possuem efetivamente a chance de ser publicados e, caso disputem e vençam essa batalha, sempre muito difícil para não-olimpianos, depois de quanto tempo. Sem contar que os procedimentos de validação dos textos submetidos para os dois eventos, e muito especialmente para a Compós, já provocam um peneiramento maior ou menor de textos. Na última edição analisada do Encontro Nacional da Compós somaram 390 os textos submetidos, dos quais, como mencionado, 200 foram aprovados, ou seja, 51,28% do total.

2.1 Um panorama dos textos da Compós e da SBPJor

A nossa apuração mapeou o total de 229 artigos. Nos Anais da Compós, entre 2011 e 2020, foram localizados 45 textos relacionados aos seus temas de interesse, a saber: 3 em 2011, 3 em 2012, 4 em 2013, 7 em 2014, 3 em 2015, 4 em 2016, 6 em 2017, 5 em 2018, 3 em 2019 e 7 em 2020.⁹ Uma verificação inicial dos principais temas abordados por esse conjunto de textos, a partir de seus títulos, e com o apoio, onde necessário, de seus resumos, revela certas dominâncias no período investigado, que podem ser reunidas nos seguintes tópicos: práticas de Jornalismo em redes sociais; Jornalismo digital; Jornalismo em rede; Jornalismo guiado por dados; multimídias; práticas jornalísticas na cibercultura; mudanças nos processos de produção do Jornalismo; plataforma de conteúdos jornalísticos; cibercontecimento; atualização de estudos sobre a teoria da agenda; crise do Jornalismo; *fake news* e checagem de fatos no campo do Jornalismo.

A partir das categorias Comunicações Livres e Comunicações Coordenadas da SBPJor, o estudo apurou, entre 2012 e 2020, 184 pesquisas, a saber: 11 em 2012, 19 em 2013, 12 em 2014, 15 em 2015, 24 em 2016, 25 em 2017, 18 em 2018, 23 em 2019 e 37 em 2020. Em uma leitura inicial, observamos algumas dominâncias de temas nesse período, a saber: Jornalismo digital; Jornalismo na internet; Jornalismo no ciberespaço; produção jornalística em redes sociais; Jornalismo em base de dados; hipermídia,

⁹ Para tecer uma visão panorâmica desse material, a pesquisa apresenta, anualmente, uma tabela com as seguintes informações: ano, número de pesquisas selecionadas, palavras-chave e número de vezes que elas aparecem. As palavras-chave se distinguem entre um artigo e outro a partir do ponto final, na coluna em que elas estão dispostas. Com foco nas palavras-chave utilizadas em cada um dos 45 artigos, esse quadro anual fornecerá elementos relevantes sobre as principais abordagens dessas investigações. Além de considerar os elementos mais representativos das palavras-chave, o estudo também sintetiza os assuntos discutidos em cada uma das investigações, a partir dos títulos desses textos, que estão localizados em quadros no Apêndice.

multimídia; convergência das mídias; Jornalismo convergente; participação da audiência na produção jornalística; reconfigurações do Jornalismo; *fake news* e checagem de fatos pelo Jornalismo; automação da notícia.

3 | NÍVEL DE VERIFICAÇÃO GERAL

Partimos agora para o nível de verificação geral dos 229 textos selecionados. Ao considerar os títulos e os resumos desses artigos, identificamos 12 núcleos temáticos contemplados por esses estudos, a saber: 1) transformações tecnológicas do Jornalismo na contemporaneidade; 2) circulação noticiosa em redes sociais; 3) participação da audiência na produção de notícias; 4) Jornalismo multimídia, transmídia e hipermídia; 5) checagem de fatos pelo Jornalismo; 6) mídias independentes e os nativos digitais; 7) automação da notícia; 8) pesquisas sobre a *Folha de S.Paulo*; 9) jornalistas blogueiros e influenciadores digitais; 10) mídias segmentadas; 11) retomada de interesse pelo Jornalismo local; 12) modelos de negócio para o Jornalismo.

O núcleo 1 traduz as pesquisas que consideraram os fenômenos recentes do Jornalismo a partir de inovações tecnológicas; o núcleo 2 diz respeito aos artigos que discutiram a produção de textos informativos em canais e redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube* e *Snapchat*; o núcleo 3 incide sobre a participação dos leitores na produção da notícia, incentivada a partir de ferramentas tecnológicas que permitem o envio de sugestões de pautas pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* ou a inserção de comentários ao final das notícias, que podem subsidiar nova cobertura; o núcleo 4 compreende as pesquisas que refletiram sobre temas como Jornalismo multimídia, transmídia e hipermídia; o núcleo 5 considera o fenômeno das *fake news* e a checagem de fatos pelo Jornalismo; o núcleo 6 concentra as pesquisas que consideraram as mídias independentes e os nativos digitais, que despontam no ambiente digital; o núcleo 7 trata da questão da automação da notícia, ou seja, a produção do texto noticioso a partir de inteligência artificial; o núcleo 8 considera as pesquisas que teceram reflexões sobre a *Folha de S.Paulo*, nosso objeto de pesquisa; o núcleo 9 compreende as investigações sobre as iniciativas de jornalistas que se revelam como influenciadores digitais; o núcleo 10 considera as mídias segmentadas, ou seja, aquelas iniciativas que enveredam a cobertura para um tema específico; o núcleo 11 reúne estudos sobre a retomada de interesse pelo Jornalismo local; o núcleo 12 concentra as pesquisas que tratam de modelos de negócio para o Jornalismo nesse cenário de mudanças.

A Tabela 1 indica o número de vezes em que esses temas foram contemplados pela Compós e pela SBPJor na última década, e a porcentagem de cada um em relação aos 229 textos eleitos pela pesquisa. Os temas estão dispostos pela ordem de expressividade dos números registrados.

| NÚCLEOS TEMÁTICOS CONTEMPLADOS PELA COMPÓS E PELA SBPJOR | TOTAL DE APARIÇÕES | PORCENTAGEM EM RELAÇÃO AOS 229 TEXTOS |
|---|--------------------|---------------------------------------|
| 1) Transformações tecnológicas do Jornalismo na contemporaneidade | 109 | 47,59% |
| 2) Circulação noticiosa em redes sociais | 50 | 21,83% |
| 3) Participação da audiência na produção de notícias | 20 | 8,73% |
| 4) Jornalismo multimídia, transmídia e hipermídia | 11 | 4,80% |
| 5) Checagem de fatos pelo Jornalismo | 10 | 4,36% |
| 6) Mídias independentes e os nativos digitais | 7 | 3,05% |
| 7) Automação da notícia | 7 | 3,05% |
| 8) Pesquisas sobre a Folha de S.Paulo | 5 | 2,18% |
| 9) Jornalistas blogueiros e influenciadores digitais | 3 | 1,31% |
| 10) Mídias segmentadas | 3 | 1,31% |
| 11) Retomada de interesse pelo Jornalismo local | 2 | 0,87% |
| 12) Modelos de negócio para o Jornalismo | 2 | 0,87% |

Tabela 1 – núcleos temáticos identificados nas pesquisas selecionadas na Compós e na SBPJor na última década

Fonte: elaborada pela autora.

A Tabela 1 sinaliza, a partir do universo de interesse de nossa pesquisa, os núcleos temáticos mais recorrentes na Compós e na SBPJor na última década. Os números mais expressivos incidem sobre as transformações tecnológicas do Jornalismo na contemporaneidade. Esse tema foi discutido em 109 artigos, e representa quase 50% do número total de textos identificados (229). A circulação noticiosa figura como o segundo tema que mais recebeu atenção da ciência, com 50 aparições (21,83%). O terceiro número mais expressivo refere-se à participação da audiência na produção de notícias, com 20 artigos (8,73%). Na sequência, figuram os núcleos: Jornalismo multimídia, transmídia e hipermídia, com 11 artigos (4,80%); checagem de fatos pelo Jornalismo, com 10 textos (4,36%); mídias independentes e os nativos digitais, e automação da notícia, receberam a mesma atenção da Compós e da SBPJor totalizando 7 textos (3,05%); foram identificadas cinco pesquisas sobre a *Folha de S.Paulo* (2,18%); sobre jornalistas blogueiros e influenciadores digitais e mídias segmentadas em rede, a pesquisa localizou três textos de cada tema (1,31%); os temas sobre a retomada de interesse pelo Jornalismo local e os modelos de negócio para os jornais foram considerados, cada um, em dois textos (0,87%).

A partir da indicação da Tabela 1, a pesquisa sinaliza a preocupação da ciência pelos fenômenos emergentes do Jornalismo. Verificamos que apesar de a ciência acompanhar de perto as mudanças sofridas pelo Jornalismo na contemporaneidade, conforme o número de aparições de textos que versam sobre essas alterações (109 dos 229), a academia ainda dedica pouco espaço a solução desses problemas, como a sinalização de saídas pelas organizações jornalísticas, o que podemos conferir por meio do número de

abordagens sobre modelos de negócio para o Jornalismo (apenas dois em uma década). As investigações se restringiram, especialmente, à discussão do fenômeno a partir de reflexões teóricas, que incidiram sobre as vertentes dessas transformações do Jornalismo. Os três núcleos temáticos mais apurados (transformações tecnológicas do Jornalismo na contemporaneidade; circulação noticiosa em redes sociais e participação da audiência na produção de notícias) validam essa sinalização.

Nessa verificação geral dos 229 textos apurados na Compós e na SBPJor, também aferimos a recorrência dos 12 núcleos temáticos ano a ano. A Tabela 2 apresenta a quantidade de vezes em que cada núcleo temático foi considerado pelos pesquisadores.

| NÚCLEOS TEMÁTICOS | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 |
|--------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| 1 | 2 | 8 | 14 | 10 | 14 | 14 | 13 | 13 | 6 | 15 |
| 2 | 1 | 2 | 5 | 4 | 2 | 6 | 8 | 4 | 4 | 14 |
| 3 | 0 | 4 | 2 | 3 | 0 | 4 | 3 | 1 | 3 | 0 |
| 4 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 3 |
| 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 | 4 | 3 |
| 6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 3 | 3 |
| 7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 2 | 3 |
| 8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 1 | 1 | 1 |
| 9 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 10 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 11 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 12 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 |

Tabela 2 – Núcleos temáticos ano a ano na Compós e na SBPJor

Fonte: elaborada pela autora.

A Tabela 2 demonstra a incidência dos 12 núcleos temáticos identificados anteriormente, de 2011 a 2020. Em 2011, quando a SBPJor ainda não disponibilizava os Anais de seus encontros anuais, verificamos que o tema das “Transformações tecnológicas do Jornalismo na contemporaneidade” (1) foi considerado duas vezes pela Compós. No ano seguinte, já contemplando as pesquisas da SBPJor, verificamos que essas alterações foram discutidas em oito pesquisas. Em 2013, que registra o surgimento de um movimento social que mobilizou milhões de pessoas nas ruas do Brasil organizado a partir das redes digitais, identificamos um aumento de pesquisas sobre esse tema, com 14 aparições. O número se manteve na casa decimal até 2018. Em 2019, houve uma queda nas pesquisas que incidiram sobre o assunto e no ano seguinte, 2020, verificamos o maior número de pesquisas dos núcleos em um único ano, com 15 aparições.

Já o núcleo temático da “Circulação noticiosa em redes sociais” (2) começou tímido

em 2011, com apenas um artigo identificado; em 2012 identificamos dois estudos; em 2013, quando houve o movimento social no Brasil a partir das redes digitais, o número passou para cinco; em 2014, quatro, em 2015, dois; em 2016, seis, em 2017 o número aumentou para oito; em 2018 e 2019 se manteve em quatro e em 2020 identificamos 14 artigos na Compós e na SBPJor que discutiram questões relacionadas a circulação noticiosa nas redes sociais, revelando assim, a atenção crescente da ciência sobre esse fenômeno.

O núcleo temático da “Participação da audiência na produção noticiosa” (3) foi considerado de forma mais expressiva, pelos pesquisadores da Compós e da SBPJor em 2012 e 2016, com o registro de quatro artigos em cada ano. Em 2014, 2017 e 2019 identificamos três artigos; em 2013, dois; em 2018, um.

Além de considerar os resultados dos três núcleos temáticos que reúnem os números mais expressivos, compreendemos também fatores como a presença e a ausência de certos temas em determinados anos.

A partir da Tabela 2, identificamos que 2020 registrou o ano mais expressivo de artigos cristalizados nos dois primeiros núcleos temáticos, dispostos a partir de sua expressividade na Tabela 1, considerada linhas atrás. Em 2020, o mundo foi assolado pela pandemia causada pelo coronavírus, que impediu o contato social das pessoas por um longo período. Essa realidade provocou uma grande alteração nas estratégias de diversos segmentos de organizações, como as jornalísticas, que observaram um considerável crescimento do consumo de mídia digital no período, conforme iremos aprofundar no próximo capítulo. Neste sentido, como costumeiramente o faz em episódios que mobilizam um número relevante de pessoas, em fenômenos que dialogam com a Comunicação, a Academia acompanhou a amplificação da comunicação jornalística pelas vias digitais durante esse período, dedicando seus esforços, especialmente, aos núcleos temáticos das “Transformações tecnológicas do Jornalismo na contemporaneidade” e da “Circulação de notícias nas redes sociais”.

Também sentimos falta, especialmente, da discussão de modelos de negócio amparados na cultura digital, registrando uma lacuna de pesquisas sobre esse tema em 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2018, 2019 e 2020. O avanço da hospedagem de empresas jornalísticas no ambiente digital requer atenção dos pesquisadores, tanto quanto os outros núcleos temáticos identificados.

4 | NÍVEL ANALÍTICO DE AMOSTRAGEM

Neste momento, o estudo concentra-se em um nível analítico a partir de uma amostragem das pesquisas apuradas. Nesta última fase da investigação, a pesquisa considera dois artigos que incidem sobre cada um dos 12 núcleos temáticos identificados anteriormente e compreende uma análise desses textos. Foram escolhidos os estudos que se alinharam de forma mais fidedigna aos núcleos temáticos apurados. A descrição de cada

texto acompanhará uma breve observação sobre as discussões. Iniciamos a análise com as pesquisas eleitas do núcleo temático 1.

O artigo “Jornalismo em processo”, com autoria de Cecília Almeida Salles, publicado pela Compós em 2011, identificado no núcleo 1 “Transformações tecnológicas do Jornalismo na contemporaneidade”, discute as mudanças recentes nos processos de produção do Jornalismo, a partir de sua hospedagem nos meios digitais. O estudo propõe um diálogo dessas reflexões com os estudos sobre processos de produção, desenvolvidos no Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC/SP. A pesquisa é concluída com uma proposta de abordagem crítica para os objetos da comunicação, com ênfase nos textos jornalísticos como objetos não estáticos, mas em processo, que ocorrem nas conexões renovadas a cada atualização.

Diante do estudo de Salles (2011), observamos que desde o início da década passada, o Jornalismo era identificado pela ciência como um campo em processo, ao considerar os problemas, dificuldades e necessidade de modificações que a atividade vinha enfrentando diante da inter-relação do impresso e do digital.

O artigo “Reconfigurações do Jornalismo: das páginas impressas para as telas de *smartphones* e *tablets*”, de Maíra Sousa, publicado pela SBPJor em 2014, integra o núcleo temático 1 e contempla as recentes reconfigurações do Jornalismo, sinalizando a necessidade de adaptação das empresas em investimento em novos produtos para garantir novos públicos, na mesma medida em que mantém o antigo. A reflexão teórica discute as alterações do Jornalismo, desde a emergência das tecnologias digitais, com ênfase nos dispositivos móveis, considerando o então processo de convergência e a distribuição de conteúdo em multiplataformas.

Apesar de o texto de Sousa (2014) alertar para a necessidade de as empresas investirem em novos produtos, o estudo deixa de revelar em quais núcleos esses investimentos podem ser direcionados. Além disso, o artigo menciona o termo “conquistar novos públicos e manter o antigo”; a partir do cenário contemplado nesta tese, entendemos que se trata muito mais de atender ao público leitor de notícias, a partir de formatos e linguagens de suas preferências, do que de dividir em apenas dois tipos de público, o antigo e o novo.

No núcleo temático 2 “Circulação noticiosa em redes sociais”, o texto de Felipe Soares publicado em 2020 pela Compós, “Circulação de informação no *Twitter*: como líderes de opinião ressignificam as notícias”, analisa o processo de circulação e de recirculação de notícias no *Twitter*, observando o papel dos líderes de opinião neste processo. A pesquisa identificou que os líderes de opinião tendem a criar uma nova narrativa, quando as notícias não são favoráveis à sua ideologia.

Observamos a partir do estudo de Soares (2020), que diante das notícias hospedadas no ambiente digital, agentes públicos constroem novos significados, defendendo seus interesses. O cenário digital é contemplado no fim da década como arena de debate de

discussões públicas e todo o conteúdo ali disponibilizado, corre o risco de ser utilizado por usuários, a partir de diferentes manifestações, fenômeno que vem sendo explorado por líderes de opinião.

O estudo de Larissa Zuim, “O fluxo do jornal impresso para o *Facebook*: hibridação das linguagens jornalísticas”, publicado em 2015 pela SBPJor, que contempla o núcleo temático 2, trata do hibridismo entre as linguagens jornalística tradicional e digital utilizadas pela *Folha de S. Paulo* em duas plataformas, o jornal impresso e as redes sociais. A pesquisa analisou a conta do *Facebook* institucional, sinalizando que ele tem o intuito de chamar a atenção de seus seguidores para o *website*.

O texto de Zuim (2015) indica que, já no meio da década passada, a *Folha* articulava suas estratégias no ambiente digital, investindo esforços nessas frentes.

A pesquisa “Jornalismo e participação: os conteúdos produzidos pelos usuários no Jornalismo brasileiro”, de Rodrigo Martins Aragão, publicada em 2012 pela SBPJor, integra o núcleo temático 3 “Participação da audiência na produção de notícias”. O estudo investiga a veracidade da hipótese do Jornalismo difuso, segundo a qual, a partir do surgimento de ferramenta de produção e conteúdo e publicação, qualquer pessoa poderia exercer a prática de um jornalista, a partir dos espaços abertos pelos webjornais brasileiros com a recepção e publicação de conteúdos produzidos por usuários. Aragão (2012) realizou um mapeamento de espaços de participação em 31 jornais brasileiros e encontrou evidências da manutenção da divisão de papéis entre o jornalista profissional e o leitor participante, marcado pela reafirmação da habilitação do profissional para a seleção e tratamento das informações.

A partir do estudo de Aragão (2012), observamos que desde o início da década analisada, o tema da participação do público leitor na produção da notícia já gerava questionamentos nos pesquisadores brasileiros. Ao abrir espaço para comentários de usuários, as organizações jornalísticas estavam, por um lado, incorporando as recentes alterações do Jornalismo, para não ficarem atrás daquelas que já utilizavam essa prática. Por outro lado, corriam o risco, de os comentários mancharem publicamente seus negócios com manifestações negativas ou insultos.

O estudo de Gabriela Gruszynski Sanseverino (2019), “Um público ativo no Jornalismo – o que as ações de comentários nos ensinam sobre participação”, integra o núcleo temático 3. A pesquisa de Sanseverino, assim como a de Aragão (2012), observou o fenômeno pelo mesmo viés, tendo como ponto de partida as seções de comentários dos usuários. Diante da observação de oito *sites* de notícias em língua inglesa, o estudo concluiu que há uma dualidade frente ao público e frente às prioridades das companhias, indicando a necessidade de se dar espaço para a participação de usuários, mas com a necessidade de se gerenciar o público e moderar seu espaço de fala.

A investigação de Sanseverino (2019) atualiza o estudo anteriormente considerado, sinalizando a postura empresarial das organizações jornalísticas, que precisam ao mesmo

tempo, por uma questão de mercado, manter as seções de comentários, necessitam também criar mecanismos para acompanhar essas participações, moderando as indicações quando necessário.

A pesquisa “A narrativa hipermídia *longform* no Jornalismo contemporâneo”, de Alciane Baccin, publicada em 2015 pela SBPJor, contempla o núcleo temático 4 “Jornalismo multimídia, transmídia e hipermídia”. O estudo de Baccin (2015) considera que o Jornalismo no ambiente digital, experimenta os limites da narrativa na *web* com estruturas criativas e contextualizadas para contar histórias, contribuindo para a inovação semântica. O artigo reflete sobre a narrativa no Jornalismo e retoma a evolução da narrativa no ambiente digital, desde a transposição até o conceito de hipermídia e uso de dados. O estudo concluiu que a narrativa hipermídia *longform* tem garantido o aproveitamento de potencialidades do ambiente digital, tornando-se um produto com características próprias.

A partir do texto de Baccin (2015), verificamos que os estudos sobre o Jornalismo multimídia, transmídia e hipermídia ganharam adesão junto aos pesquisadores da Compós e da SBPJor, sinalizando novas abordagens para se pensar a prática do Jornalismo na contemporaneidade.

O estudo “O que é hipermídia? Um conceito que vai além do hipertexto e da multimídia”, também de Baccin, publicado pela SBPJor em 2017, discute teoricamente o conceito de hipermídia, partindo da formulação da Teoria do Hipertexto. Reflete sobre a configuração do espaço de escrita digital onde se insere a hipermídia, discute e tensiona o conceito de hipermídia com a intenção de construir a definição de hipermídia, alicerçada na lógica da remediação.

A pesquisa de Baccin (2017) atualiza o estudo de 2015, com uma abordagem teórica que reivindica uma definição do conceito, em uma perspectiva que evidencia a distinção de significados propostos por alguns autores.

A pesquisa “Jornalismo e *fact-checking*: fontes oficiais na base de checagem e critérios não explicitados na seleção do que checar orientam a análise de *Aos Fatos* e *Agência Lupa*”, assinada por Daniel Damasceno e Edgard Patrício e publicada pela Compós em 2020, contempla o núcleo temático 5 “Checagem de fatos pelo Jornalismo”. O estudo de Damasceno e Patrício (2020) compreende que, a prática de *fact-checking* iniciou para verificar a factualidade das informações nos discursos de agentes públicos, mas a proliferação de informações falsas nas redes sociais na internet e a disseminação de mentiras como instrumento político, fez com que as metodologias de *fact-checking* também fosse utilizadas para combater as *fake news*. O artigo analisa a atuação de duas agências brasileiras de checagem, *Aos Fatos* e *Agência Lupa*, e sinaliza que apesar da checagem de discursos ter relação direta com a credibilidade das organizações, as próprias agências não explicitam os critérios que orientam a seleção do que é checado. Também indica que as plataformas de *fact-checking* se valem de dados e estudos fornecidos, sobretudo, por fontes oficiais e instituições públicas, comprometendo novamente a credibilidade do

processo.

A pesquisa de Damasceno e Patrício (2020) segue na contramão da abordagem primária e descritiva do trabalho realizado pelas agências de checagem, e aprofunda na problematização dos instrumentos e critérios na seleção do que deve ser checado e a partir de quais fontes, sinalizando a necessária cautela que deve orientar o trabalho das empresas *Aos Fatos* e *Lupa*, as duas principais agências de checagem do Brasil.

O estudo “Agências de checagem no Brasil: uma análise das metodologias de *fact-checking*” assinado por Carmen Carvalho, Maria Otero López e Karina Costa de Andrade, publicado em novembro de 2019 pela SBPJor, integra o núcleo temático 5. O texto envereda seus esforços para uma análise das metodologias aplicadas, e apresentadas nas matérias produzidas pelas agências de checagem brasileiras: *Aos Fatos*, *Truco*, *Boatos.org* e *Uol Confere*. O estudo concluiu que duas das iniciativas respeitam o princípio básico da atividade, enquanto as outras duas não são transparentes com a sua audiência.

A pesquisa de Carvalho, López e Andrade (2019) assim como o estudo anterior, compreende as metodologias aplicadas pelas agências, numa demonstração do interesse da ciência pelos mecanismos utilizados por essas organizações, para aferir a veracidade das notícias. Essas abordagens atualizam o tema da checagem de fatos no Brasil.

Alexandre Lenzi assina o artigo “O Jornalismo nativo digital do brasileiro *Nexo*” publicado em 2019, pela SBPJor. O texto contempla o núcleo temático 6 “Mídias independentes e os nativos digitais” e apresenta um olhar sobre o Jornalismo nativo digital do brasileiro *Nexo*, um veículo jornalístico exclusivamente digital criado em 2015, refletindo sobre a comparação entre os conteúdos ainda inspirados em formatos tradicionais e aqueles que apresentam características próprias do Jornalismo *online*, valorizando as potencialidades do meio digital. A pesquisa observou que nas reportagens especiais multimídia, o *Nexo* tem conseguido aproveitar mais a liberdade narrativa de um jornal nativo digital.

O estudo de Lenzi (2019) considera uma das principais referências do Jornalismo nativo digital no Brasil a partir da apresentação da notícia. Espera-se que investigações posteriores a esta contemplem outros aspectos desse tipo de iniciativa, como os modelos de negócio que amparam o Jornalismo nativo digital.

O artigo “Possibilidades, limites e fragilidades de um nativo digital: o jornal *Plural* (Curitiba, PR)”, publicado pela SBPJor em 2019, assinado por Myrian Del Vecchio-Lima, Everton Luiz Renaud de Paula, Guilherme de Paula Pires e Artur Oliari Lira, também dialoga com o núcleo temático 6. A pesquisa considera o surgimento do jornal *Plural*, em Curitiba, feito exclusivamente por jornalistas, sem conhecer o perfil de seu leitor, sem uma política clara de financiamento e em busca de independência, sinalizando suas fragilidades e limites, bem como, as possibilidades do jornal no cenário local.

O estudo de Del Vecchio-Lima, Paula, Pires e Lira (2019) evidencia uma questão fundamental enfrentada pelos nativos digitais, que é a do tipo de financiamento incorporado

por essas iniciativas. Em estudos anteriores, verificou-se que no Brasil, os jornais nativos digitais ainda não mantêm um modelo definido de sustento. Pelo contrário, as iniciativas estudadas revelaram maneiras distintas de manutenção.

O artigo “A evolução das tecnologias leva à automatização da produção informativa”, assinado por Sebastião Squirra e publicado pela SBPJor em 2016, dialoga com o núcleo temático 7 “Automação da notícia”, considera que o Jornalismo vem sendo forçado a mudar modelos e estruturas. A pesquisa de Squirra (2016) considera que a robotização se insere na produção de notícias e novas câmeras alargam conteúdos, exponenciando os relatos.

Squirra (2016) promove uma discussão teórica sobre o fenômeno da automatização da produção informativa, indicando uma das mais recentes mudanças do Jornalismo.

O estudo “Robôs no Jornalismo brasileiro: três estudos de caso”, de Silvia DalBen, publicado pela SBPJor em 2020, também contempla o núcleo temático 7. A pesquisa compreende que nos últimos anos, várias redações ao redor do mundo adotaram sistemas de Inteligência Artificial para automatizar tarefas jornalísticas. O estudo considera três casos brasileiros: a robô Rosie, da Operação Serenata do Amor, o robô Rui Barbot, do *Jota*, e a robô Fátima, do *Aos Fatos* e observa que o Jornalismo automatizado envolve um complexo ecossistema, e neste cenário, a transparência e a ética figuram como elementos importantes para guiar as discussões em torno da adoção desses sistemas pelos jornalistas.

Observamos que a pesquisa de DalBen (2020), quatro anos depois do estudo de Squirra (2016), identifica três casos de automação no Jornalismo brasileiro, sinalizando a rápida incorporação das organizações jornalísticas brasileiras à automação.

A investigação “O novo projeto editorial da *Folha de S.Paulo*: os mitos da objetividade e da pluralidade de sentidos”, de Carolina Moura Klautau, foi publicado em 2017, pela SBPJor, e incide sobre o núcleo temático 8 “Pesquisas sobre a *Folha de S.Paulo*”. O texto lança um olhar sobre o então novo projeto editorial da *Folha de S.Paulo*, lançado em março de 2017, com abordagem à objetividade e à pluralidade de vozes como mitos. O estudo concluiu que a objetividade é confundida com mero relato e que as principais fontes continuam sendo as oficiais, identificando que objetividade e pluralidade são dois mitos dentro do documento analisado.

A *Folha de S.Paulo* instituiu os projetos *Folha* desde o início da década de 1980, com manifestações públicas dos desafios enfrentados, das conquistas e do trabalho a ser feito no futuro. Esses documentos são explorados pelos cientistas brasileiros que observam suas limitações e traçam observações sobre a conduta do jornal.

O artigo “Quando o *Twitter* pauta o jornal: análise da cobertura da *Folha de S.Paulo* sobre o perfil de Jair Bolsonaro” é assinado por Hébely Rebouças e foi publicado pela SBPJor em 2019. Identificamos que o texto incide sobre o núcleo temático 7. A pesquisa investigou a cobertura da *Folha* sobre os conteúdos do presidente Jair Bolsonaro no *Twitter*, com o objetivo de analisar como o Jornalismo convencional lida com as estratégias de comunicação *online* de agentes políticos. O estudo concluiu que, na maioria das vezes,

o jornal explorou o *Twitter* de Bolsonaro como mero elemento de contextualização das notícias, privilegiando conteúdos de relevância pública, como anúncio de medidas de governo.

A investigação de Rebouças (2019) retrata bem o esforço dos cientistas brasileiros de acompanhar as vertentes e nuances do cenário holístico do Jornalismo na atualidade, ao adotar como tema a cobertura do maior jornal do país, a partir de uma rede social do presidente Bolsonaro.

A pesquisa de Cláudia Nonato “Os tipos de jornalistas blogueiros: uma nova proposta de categorização”, publicada pela SBPJor em 2013, dialoga com o núcleo temático 9 “Jornalistas blogueiros e influenciadores digitais”. O estudo considera que os *blogs* surgiram ainda nos anos 1990, primeiro como diários virtuais e depois foram apropriados por profissionais de diversas áreas, principalmente jornalistas. O estudo defendeu que nos últimos anos, grande quantidade de pesquisas demonstra que os *blogs* tornaram-se importantes meios de comunicação, e traçou uma nova categorização de jornalistas blogueiros.

A pesquisa “As mutações no mundo do trabalho do jornalista e suas contradições: uma perspectiva ontológica da crise do Jornalismo”, de Rafael Bellan Rodrigues de Souza, publicada em 2017, pela Compós, incide sobre o núcleo temático 9. O estudo investiga as tendências que orientam a prática jornalística, buscando compreender as mutações no mundo do trabalho do jornalista. Considera que o Jornalismo tem se tornado uma prática fragmentada e instável, identificando que o empreendedorismo neoliberal afeta tanto a subjetividade do repórter e seus projetos profissionais, quanto o papel da informação jornalística na sociabilidade hegemônica contemporânea.

Souza (2017) revela as implicações por trás da manutenção de perfis em redes sociais pelos jornalistas, problematizando a questão que ainda requer novas abordagens, de forma a clarear as configurações dessas práticas recentes.

Fabiana Piccinin e Paula Regina Puhl são autoras do artigo “Arte e Cultura, Telejornalismo, internet e redes sociais: apontamentos sobre o programa *Arte 1 em Movimento*” publicado em 2014 pela SBPJor. O texto incide sobre o núcleo temático 10 “Mídias segmentadas”.

O estudo discute como se apresentam as reportagens televisivas do *Arte 1 em Movimento*, programa que apresenta características de um telejornal especializado na cobertura de notícias relacionadas às expressões artísticas e culturais, no telejornal, na internet e no *Facebook*. A investigação discute a inserção do Jornalismo cultural na televisão e os formatos televisivos, utilizados para apresentar as notícias sobre a arte brasileira, especializado no tema exibido em sinal fechado, e observa como essas reportagens são recebidas pelos internautas que acessam a página do canal no *Facebook*.

A pesquisa de Piccinin e Puhl (2014) identifica quase na metade da década, uma demanda de leitores por notícias especializadas no ambiente digital, cenário compreendido

pelas recentes alterações do Jornalismo.

O estudo “Muito além da ‘caixinha feminista’: o Jornalismo com perspectiva de gênero em portais independentes”, de Nayara Nascimento de Sousa, publicado em 2020 pela SBPJor, incide sobre o núcleo temático 10. O trabalho analisa as concepções sobre Jornalismo Feminista para quatro mulheres jornalistas, que produzem conteúdo com perspectiva de gênero em portais independentes. Os resultados indicam que as profissionais produzem conteúdo com enfoque de gênero, priorizando a interseccionalidade nos temas e nas fontes, e se contrapondo à mídia tradicional. Entretanto, observou que as jornalistas se distanciam do termo Jornalismo Feminista, relacionando-o muito mais às pautas consideradas “feministas” do que como uma forma transversal de produção de conteúdo.

Observamos que a pesquisa de Sousa (2020) traduz o fenômeno recente de demandas especializadas na internet a partir de conteúdo feminista.

Rafael Kondlatsch e Karol Natasha Lourenço Castanheira são autores do artigo “Jornalismo local na era do hipertextual básico: os *websites* como extensão do impresso”, publicado em 2015 pela SBPJor. O estudo dialoga com o núcleo temático 11 “Retomada de interesse pelo Jornalismo local”.

A investigação demonstra por meio do jornal *Gazeta de Riomafra* e do portal *Click Riomafra*, que as potencialidades tecnológicas propaladas por muitos veículos, ainda estão longe de ser efetivadas nos veículos do interior. A pesquisa concluiu que diversos webjornais ainda encontram-se na fase do hipertextual básico e subutilizam, ou não utilizam, recursos digitais, como a multimídia e a interatividade.

O estudo de Kondlatsch e Castanheira (2015) foge dos grandes centros e mobiliza o seu esforço na publicação noticiosa do interior, sinalizando a ainda precária utilização de ferramentas tecnológicas e indicando a retomada de interesse das organizações jornalísticas pelo Jornalismo local como um fenômeno recente.

“O *blog* jornalístico regional: características da cobertura e regionalidades no contexto maranhense” é o artigo de Jordana Fonseca Barros e Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho, publicado pela SBPJor em 2020, que incide sobre o núcleo temático 11.

O artigo trata do papel dos *blogs* como veículos de cobertura regional no cenário maranhense. A pesquisa considera que os *blogs* jornalísticos aparecem como um espaço paralelo de produção de conteúdo jornalístico e como fonte de informações para outros veículos, sinalizando que esses *blogs* priorizam a cobertura da cidade-sede e de outras cidades do estado.

A partir do critério de proximidade, esses veículos sinalizam uma demanda que vem crescendo na preferência dos leitores, que é a de notícias que incidem sobre a sua realidade. O *G1*, um dos principais portais de notícias do país, absorveu essa demanda, e inclui entre as suas publicações, notícias de todas as cidades do país.

Liliane de Lucena Ito é autora do artigo “Modelos de negócio para o Jornalismo digital: do *paywall* ao *crowdfunding*”, publicado em 2017 pela SBPJor. O texto considera que no século passado, as empresas jornalísticas pouco inovaram no modelo de negócio, baseado em vendas por assinatura avulsas e publicidade, indicando a transformação no setor a partir do advento da Sociedade em Rede e da *web 2.0*, que forçaram os veículos de mídia a adotarem iniciativas disruptivas. O estudo discute alguns modelos de negócio que vêm sendo adotados nos últimos anos, no Brasil e no exterior (*paywall*, publicidade de conteúdo, *chatbots* e aplicativos, *crowdfunding*) e considera, como resultado, que a sustentação econômica do Jornalismo em sua fase pós-industrial está diretamente atrelada a variados formatos jornalísticos, bem como, à formas distintas de entrega de conteúdo, o que sinaliza a inexistência de uma fórmula única que seja a promessa de salvação das empresas de mídia.

O estudo de Ito (2017) reforça a necessidade de as organizações se ampararem em modelos adequados à nova realidade.

O último artigo contemplado nessa análise, “O financiamento de arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia por plataformas digitais”, de Camila Acosta Camargo, Cláudia Nonato, Fernando Pachi Filho e Thales Vilela Lelo, publicado pela SBPJor em 2020, incide sobre o núcleo temático 12.

O estudo se apoia nas discussões acerca da “plataformização do Jornalismo” com o objetivo de analisar, a relação estabelecida entre arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia no Brasil e os programas de financiamento à imprensa pelas plataformas digitais. Buscou-se compreender as linhas de financiamento ao Jornalismo desenvolvidas pelo *Google News Initiative* e pelo *Facebook Journalism Project*.

O estudo de Camargo, Nonato, Pachi Filho e Lelo (2020) considera uma perspectiva mais recente de modelos de negócio do Jornalismo amparados no ambiente digital, ao compreenderem as linhas de financiamento ao Jornalismo, desenvolvidas pelo *Google* e pelo *Facebook*, que por certo buscam uma boa fatia desse mercado em ascensão. Esse tema requer outras abordagens e suscita novos parâmetros de análise como: modelos de negócio para as empresas do interior com abrangência local e regional, ou o trabalho desenvolvido por organizações como o *Sebrae*, que auxiliam as empresas a garantirem o seu sustento a partir da realidade de cada atividade.

5 | CONSIDERAÇÕES

Diante da análise realizada neste estudo que considerou algumas das mais significativas contribuições da produção científica brasileira sobre as transformações contemporâneas enfrentadas pelo Jornalismo na última década, é possível tecer algumas reflexões sobre as sinalizações indicadas pelos pesquisadores brasileiros.

A primeira delas foi a verificação do esforço do pesquisador brasileiro em debater

os fenômenos contemporâneos do Jornalismo e as demandas sociais que emergem do contexto sócio-histórico, relativas ao tema do exercício do Jornalismo na sociedade brasileira. A partir da identificação dos 12 núcleos temáticos, averiguados nos textos selecionados da Compós e da SBPJor, observamos esse empenho.

Outra sinalização que podemos tecer, a partir das análises, é que os pesquisadores da Compós e da SBPJor também compreenderam as mudanças recentes do Jornalismo, diante de episódios históricos que fomentaram tais alterações, como a mobilização social realizada no Brasil em 2013 a partir das redes sociais, o fenômeno das *fake news* no Brasil e a checagem de fatos pelo Jornalismo, que ganharam notoriedade nas eleições gerais brasileiras de 2018 e a pandemia causada pelo coronavírus, em 2020. Algumas das alterações do Jornalismo que a pesquisa apurou a partir dos textos da Compós e da SBPJor posterior à 2013, foi que os anos de 2018 e 2020 sinalizaram a maior incidência de estudos sobre esses núcleos temáticos.

O universo de pesquisas compreendido neste estudo nos revela que os pesquisadores da Compós e da SBPJor de um lado, se esforçaram para discutir os fenômenos emergentes do Jornalismo, mas por outro, dedicaram menor empenho aos modelos de negócio do Jornalismo no ambiente digital, com a indicação de saídas para as organizações jornalísticas brasileiras.

Outro aspecto que merece reflexão, incide sobre as iniciativas alternativas de produção de notícias. A pesquisa brasileira sinaliza o surgimento dessas iniciativas, como é o caso do *Nexo Jornal*, indicando uma forma emergente de comercialização de notícias. As formas de financiamento dessas iniciativas ainda navegam por diferentes formatos, o que requer atualizações de investigações no setor, para auxiliar na identificação do melhor formato de financiamento para o Jornalismo neste cenário.

Compreende-se que no ambiente de efervescência tecnológica, essas iniciativas estão conquistando um nicho de mercado emergente. Consideramos que as formas alternativas de notícias estão se sobressaindo no atual cenário, ao incorporar as ferramentas e potencialidades da *web*, de olho no público nativo digital, que tem se revelado, a partir das pesquisas apuradas neste estudo, como uma forte promessa de público leitor.

Compreendemos que os pesquisadores brasileiros acompanharam com afinco as mudanças da atividade, expressividade demonstrada com os números de artigos localizados a partir do raio de interesse deste estudo. Por outro lado, como observamos algumas linhas acima, identificamos a inexpressividade de pesquisas que incidem sobre os modelos de negócio no ambiente digital.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Rodrigo Martins. Jornalismo e participação: os conteúdos produzidos pelos usuários no jornalismo brasileiro. In: 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2012, Curitiba, PR. **Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Curitiba: SBPJor, 2012. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJor/paper/view/2148/218>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- BACCIN, Alciane. A narrativa hipermídia longform no jornalismo contemporâneo. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2015, Campo Grande, MS. **Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Campo Grande: SBPJor, 2015. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4763/1105>. Acesso em: 23 ago. 2020.
- BACCIN, Alciane. O que é hipermídia? um conceito que vai além do hipertexto e da multimídia. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2017, São Paulo, SP. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. São Paulo: SBPJor, 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/948/366>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- BARROS, Jordana Fonseca; CARVALHO, Samantha Viana Castelo Branco Rocha. O blog jornalístico regional: características da cobertura e regionalidades no contexto maranhense. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2020, modalidade virtual. **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Modalidade virtual: SBPJor, 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2563/1391>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- CAMARGO, Camila Acosta; NONATO, Cláudia; PACHI FILHO, Fernando; LELO, Thales Vilela. O financiamento de arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia por plataformas digitais. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2020, modalidade virtual. **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Modalidade virtual: SBPJor, 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2563/1388>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan; LUNA, Diógenes de; TORRES, Vitor; BACCIN, Alciane; MARQUES, Alberto. Jornalistas e tecnatores: a negociação de culturas profissionais em redações on-line. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. [1-19], set., out., nov., dez., 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24292/14688>. Acesso em: 21 out. 2020.
- CARVALHO, Carmen; LÓPEZ, Maria Otero; ANDRADE, Karina Costa de. Agências de checagem no Brasil: uma análise das metodologias de Fact-Checking. In: 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2019, Goiânia, GO. **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Goiânia: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2145/1087>. Acesso em: 28 set. 2020.
- COSTELLA, Antonio Fernando. **Comunicação**: do Grito ao Satélite. 5. ed. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2002.
- CUPANI, Alberto. A realidade complexa da tecnologia. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo (SC), v. 12, n. 216, ano 12, p. 1-23, 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/216cadernosihuideias.pdf>. Acesso em 27 out. 2020.

DALBEN, Sílvia. Robôs no jornalismo brasileiro: três estudos de caso. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2020. Modalidade virtual. **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Modalidade virtual: SBPJor, 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2836/1274>. Acesso em 23 nov. 2020.

DAMASCENO, Daniel; PATRÍCIO, Edgar. Jornalismo e fact-checking: fontes oficiais na base da checagem e critérios não explicitados na seleção do que checar orientam a análise de Aos Fatos e Agência Lupa. In: XXIX Encontro Anual da Compós, 2020, Campo Grande, MS. **Anais do XXIX Encontro Anual da Compós**. Campo Grande: Compós, 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_QO9GOSFIK2N0BXC1990P_30_8700_26_02_2020_15_50_50.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

DEL VECCHIO-LIMA, Myrian; DE PAULA, Everton Luiz Renaud; PIRES, Guilherme de Paula; LIRA, Artur Oliari. Possibilidades, limites e fragilidades de um nativo digital: o jornal Plural (Curitiba,PR). In: 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2019, Goiânia, GO. **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Goiânia: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2056/1015>. Acesso em: 29 set. 2020.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ITO, Liliâne de Lucena. Modelos de negócio para o jornalismo digital: do paywall ao crowdfunding. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2017, São Paulo, SP. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. São Paulo: SBPJor, 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/671/432>. Acesso em: 26 ago. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KLAUTAU, Carolina Moura. O novo projeto editorial da Folha de S.Paulo: os mitos da objetividade e da pluralidade de sentidos. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2017, São Paulo, SP. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. São Paulo: SBPJor, 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/556/496>. Acesso em: 26 ago. 2020.

KONDLATSCH, Rafael; CASTANHEIRA, Karol Natasha Lourenço. Jornalismo local na era do hipertextual básico: os websites como extensão do impresso. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2015, Campo Grande, MS. **Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Campo Grande: SBPJor, 2015. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4733/1003>. Acesso em: 21 ago. 2020.

KÜNSCH, Dimas. **Compreender**: Indagações sobre o método. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2020.

KÜNSCH, Dimas; AZEVEDO, Guilherme, BRITO, Pedro Debs, MANSI, Viviane Regina (Orgs). **Comunicação, Diálogo e Compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LENZI, Alexandre. O jornalismo nativo digital do brasileiro Nexo. In: 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2019, Goiânia, GO. **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Goiânia: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/1857/1016>. Acesso em: 29 set. 2020.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (Orgs.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Edições GJOL, Calandra, 2003, p. 37-54.

NONATO, Cláudia. Os tipos de jornalistas blogueiros: uma nova proposta de categorização. In: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2013, Brasília, DF. **Anais do 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Brasília: SBPJor, 2013. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/view/2325/418>. Acesso em: 16 ago. 2020.

PICCININ, Fabiana; PUHL, Paula Regina. Arte e Cultura, Telejornalismo, internet e redes sociais: apontamentos sobre o programa Arte 1 em movimento. In: 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2014, Santa Cruz do Sul, RS. **Anais do 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Santa Cruz do Sul: SBPJor, 2014. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJor/paper/view/3759/816>. Acesso em: 19 ago. 2020.

REBOUÇAS, Hébely. Quando o Twitter pauta o jornal: análise da cobertura da Folha de S. Paulo sobre o perfil de Jair Bolsonaro. In: 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2019, Goiânia, GO. **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Goiânia: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/1979/1060>. Acesso em: 29 set. 2020.

SALLES, Cecilia Almeida. Jornalismo em processo. In: XX Encontro da Compós, 2011, Porto Alegre, RS. **Anais do XX Encontro da Compós**. Porto Alegre: Compós, 2011. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1677.pdf. Acesso em: 29 mai. 2020.

SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski. Um público ativo no jornalismo: o que as seções de comentários nos ensinam sobre participação. In: 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2019, Goiânia, GO. **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Goiânia: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/1982/1094>. Acesso em: 29 set. 2020.

SOARES, Felipe Bonow. Circulação de informação no Twitter: como líderes de opinião ressignificam as notícias. In: XXIX Encontro Anual da Compós, 2020, Campo Grande, MS. **Anais do XXIX Encontro Anual da Compós**. Campo Grande: Compós, 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_600X9F1O632DAU0VLTQG_30_8339_01_03_2020_09_18_41.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

SOUSA, Nayara Nascimento de. Muito além da “caixinha feminista”: o jornalismo com perspectiva de gênero em portais independentes. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2020, modalidade virtual. **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Modalidade virtual: SBPJor, 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2822/1361>. Acesso em 24 nov. 2020.

SOUSA, Máira. Reconfigurações do jornalismo: das páginas impressas para as telas de smartphones e tablets. In: 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2014, Santa Cruz do Sul, RS. **Anais do 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Santa Cruz do Sul: SBPJor, 2014. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJor/paper/view/3709/730>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. As mutações do trabalho do jornalista e suas contradições: uma perspectiva ontológica da crise do jornalismo. In: XXVI Encontro Anual da Compós, 2017, São Paulo, SP. **Anais do XXVI Encontro Anual da Compós**. São Paulo: Compós, 2017. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_SK33UDV7N2CBDEF7UVCE_26_5799_21_02_2017_11_42_11.pdf. Acesso em: 24 jun. 2020.

SQUIRRA, Sebastião. A evolução das tecnologias leva à automatização da produção informativa. In: 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2016, Palhoça, SC. **Anais do 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Palhoça: SBPJor, 2016. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2016/paper/viewFile/212/87>. Acesso em: 25 ago. 2020.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 12ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

ZIMMERMAN, Michael E. **Confronto de Heidegger com a modernidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

ZUIM, Larissa. O fluxo do jornal impresso para o Facebook: hibridação das linguagens jornalísticas. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, 2015, Campo Grande, MS. **Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. Campo Grande: Compós, 2015. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4579/938>. Acesso em: 21 ago. 2020.

O LUGAR DOS CMES NAS NOTÍCIAS SOBRE AS ESCOLAS NA PANDEMIA

Data de aceite: 02/05/2023

Morgana Vieira Tavares
(UFJ)

Camila Alberto Vicente de Oliveira
(UFJ)

Tácio Assis Barros
(UFJ)

RESUMO: A presente pesquisa se vincula ao Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas (NUFOPE/UFJ) e teve como objetivo geral identificar textos (notícias, reportagens, entrevistas) publicados em *sites* de grande circulação no estado de Goiás sobre as escolas na pandemia, entre março de 2020 a abril de 2022 e o lugar ocupado pelos Conselhos Municipais de Educação (CMEs) nestes textos. Considerando a história, as funções dos CMEs na organização e gestão da educação nos municípios e a emergência sanitária que nos encaminhou para a realização de pesquisas que utilizassem recursos tecnológicos, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a pesquisa documental realizada em três momentos distintos em

sites de grande circulação no estado de Goiás com vistas a levantar textos sobre educação na pandemia na interlocução com os Conselhos. Foram realizadas pesquisas nos *sites* dos portais de notícias G1 Goiás e Google e no *site* do jornal O popular usando expressões-chave relacionadas ao objetivo da pesquisa. Foram construídos quadros com os dados quantitativos dos resultados dos levantamentos que mostram, dentre outras coisas, a ineficiência do uso das aspas como ferramenta de filtro. Como resultado, os dados mostram que são vários resultados quantitativos encontrados, mas que são poucas notícias relacionadas ao CME e as que o cita - de fato - estão com acesso limitado, restrito apenas aos assinantes e, diante disso, pode-se afirmar que este Conselho não aparece na grande mídia do estado de Goiás. Não foi possível realizar a leitura direta de nenhum texto, mas os títulos e *leads* disponíveis nos permitem inferir que não há nenhuma menção direta aos Conselhos Municipais. Os Conselhos citados representam outros entes, como o Conselho Estadual de Educação. Diante disso, pode-se afirmar que o CME ocupa um não-lugar nas publicações pesquisadas. **PALAVRAS-CHAVE:** Conselhos Municipais de Educação, pandemia, imprensa goiana,

trabalho docente.

APRESENTAÇÃO

O NUFOPE - Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas, da Regional Jataí – em atividade há 12 anos na Universidade Federal de Jataí (UFJ) – tem participado de pesquisas interinstitucionais envolvendo docentes, estudantes de graduação e pós-graduação, docentes das redes públicas oriundos de Minas Gerais (representados pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU e Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM), Mato Grosso do Sul (Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD), Mato Grosso (Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT) e Goiás (NUFOPE/UFJ).

A primeira pesquisa interinstitucional desenvolvida entre 2014 e 2017 localmente intitulada “Os Conselhos Municipais de Educação e a qualidade socialmente referenciada do ensino” trouxe importantes avanços na compreensão acerca dos sentidos, funções, perfil dos Conselhos Municipais de Educação (CMEs) no estado de Goiás. O NUFOPE se consolidou enquanto *lócus* de reflexão sobre esse ente político e possibilitou o avanço na produção do conhecimento sobre esse objeto, garantindo, inclusive, a publicação de livro e artigos em periódicos especializados.

A continuidade desse estudo, também realizada interinstitucionalmente, pretende verificar como o CME tem contribuído para o acompanhamento, avaliação e implementação dos Planos Municipais de Educação com vistas a organização de uma educação pública de qualidade socialmente referenciada. Em Jataí, especificamente, além do acúmulo teórico, docentes vinculados ao Grupo de Pesquisa responsável pelo desenvolvimento da pesquisa também compõem a Comissão de monitoramento e avaliação do PME local (2015-2025).

A participação de estudantes de graduação tem sido decisiva nesses processos de pesquisa permitindo a ampliação do arcabouço documental, o incremento dos objetos de estudos em torno da proposta de pesquisa interinstitucional bem como tem contribuído para a formação de estudantes de licenciatura, especialmente do Curso de Pedagogia.

Diante disso, a pesquisa ora apresentada buscou responder a seguinte problemática: qual o lugar dos CMEs nas notícias publicadas no estado de Goiás envolvendo a pandemia e as escolas? De que modo o CME é apresentado como um ente mediador entre o poder público e a comunidade escolar neste momento de crise?

Partindo das considerações expostas anteriormente, esse plano de trabalho teve como objetivo geral: identificar textos (notícias, reportagens, entrevistas) publicados em *sites* de grande circulação no estado de Goiás sobre as escolas na pandemia, entre março de 2020 a abril de 2022 e o lugar ocupado pelos Conselhos Municipais de Educação nestes textos.

Ainda, teve como objetivos específicos: i) avançar no entendimento sobre o papel dos

Conselhos Municipais de Educação compreendendo, portanto, sua função de articulação e mediação entre os entes em momentos de crise como a pandemia do Coronavírus; ii) identificar as notícias (e outros tipos de textos como reportagens, entrevistas, editoriais, dentre outros) publicadas em *sites* de grande circulação no estado de Goiás sobre as escolas na pandemia entre março de 2020 a abril de 2022 e iii) analisar o lugar ocupado pelos Conselhos Municipais de Educação nestes textos analisando o papel desempenhado por esse ente na organização das escolas durante a pandemia.

O texto que ora apresentamos apresenta a história e funções dos CMEs, descreve o percurso metodológico da pesquisa e destaca os resultados da pesquisa documental e, por fim, aponta os avanços em relação ao problema e objetivo geral anunciados.

HISTÓRIA E FUNÇÕES DOS CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO

Com a finalidade de realizar um breve resgate histórico da caminhada dos Conselhos de Educação no Brasil, analisando a sua natureza, as funções e a composição dos conselhos de educação apresentamos o quadro abaixo. A organização deste quadro teve por objetivo oferecer informações para estabelecer qual é o papel dos Conselhos na gestão democrática do Sistema Municipal de Educação.

| Períodos | Fatos Históricos |
|----------------|--|
| a) 1842 | Primeiro conselho de educação criado no Brasil, sendo estadual (Provincial à época). |
| b) 1854 | Pelo Decreto Imperial nº 1.331-A, de 17 de fevereiro, o município do Rio de Janeiro criou o Conselho Director do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte, sendo, portanto, municipal. |
| c) 1846 - 1911 | Diversas propostas foram discutidas para a criação de um Conselho de Educação de âmbito nacional, mas não foram levadas a diante. |
| d) 1911 | Conselho que reforçava tendência histórica, iniciada com a chegada da família real, dava atenção prioritária ao ensino superior. |
| e) 1925 | Criado o Conselho Nacional de Ensino que remodelou o Conselho Superior de Ensino, expandindo sua composição e atribuições para todos os níveis de ensino. |
| f) 1931-1936 | Foi criado o primeiro Conselho Nacional de Educação como “órgão consultivo do Ministro da Educação e Saúde Pública, nos assuntos relativos ao ensino”. (art.1º) |
| g) 1936-1961 | Foi criado o segundo Plano Nacional de Educação nomeando 22 conselheiros pelo governo através de listas triplices que foram elaboradas pelo CNE anterior, os representantes foram indicados por grupos de educadores do campo nacional e estadual. Esse CNE tinha como principal dever elaborar o Plano Nacional de Educação (PNE). |
| h) 1962-1994 | O Conselho Federal de Educação tinha funções que envolviam questões a formulação da política nacional de educação e a normatização sobre o sistema federal de ensino, demandas e particularidades institucionais e individuais, como autorização e reconhecimento de curso, aprovações de estatutos e regimento, credenciamento de professores. O Presidente da República tinha a prerrogativa de nomear os 24 conselheiros. |
| i) 1994 | Foi criado o terceiro Conselho Nacional de Educação que eliminou o CFE. O conselho foi definitivamente instituído em 1995 e sendo instalado em 1996. |

| | |
|-------------------------------------|---|
| j) Conselhos Estaduais | Passaram a funcionar a partir da primeira LDB. Entre 1962 e 1965, todos os estados criaram seus Conselhos de Educação. |
| k) Conselhos Municipais de Educação | Após a constituição de 1988, houve um estímulo à criação de Conselhos Municipais de educação, com funções próprias em relação ao Ensino ofertado nas cidades. |

Quadro 01 – História dos Conselhos no Brasil

Fonte: Quadro adaptado de Bordignon (2009)

Pela síntese do quadro, foi possível ser observado que - durante essa caminhada no sentido da organização dos Conselhos de Educação - houve importantes mudanças e processos.

O quadro a seguir mostra a função e a definição dessas funções atribuídas aos Conselhos de Educação atualmente, como resultado do processo histórico evidenciado no quadro anterior.

| Função | Definição |
|---|---|
| Caráter deliberativo | Tem o poder de decisão final, o conselho aprova, decide, estabelece normas e ações. |
| Caráter consultivo | Propõe ações, dar opinião sobre os temas relevantes, responder às consultas. |
| Caráter de mobilização e controle social. | A função mobilizadora é aglutinar os Conselhos e a sociedade civil para esforços comuns com vistas a melhoria do ensino. A função do controle social é zelar para manter uma boa gestão pública e defender o direito de todos para uma educação de qualidade. |

Quadro – 02 - Funções dos Conselhos de Educação

Fonte: Quadro adaptado de Bordignon (2009)

No exercício dessas funções o Conselho deverá promover, para subsidiar suas decisões, conferências de educação e audiências públicas sobre temas educacionais relevantes para o município. É importante que, especificamente, as competências de caráter deliberativo sejam claramente evidentes na lei que institui o conselho, para que seu poder de decisão não seja desconhecido. (BORDIGNON, 2009).

A criação de Conselhos Municipais de Educação é de exclusividade dos municípios. Nas palavras de Bordignon:

Mas é fundamental que a criação do conselho represente a vontade política da sociedade e não a mera formalidade legal. Por isso, o processo de criação do conselho é mais importante do que a qualidade final da lei. O perfil do conselho, sua organização, composição, funções e atribuições devem resultar de ampla discussão com a comunidade. (BORDIGNON, 2009, p.72).

Diante disso, apesar de ser um órgão da gestão municipal, o Conselho Municipal de Educação deve ser entendido como um espaço público, composto por representantes da Prefeitura dos municípios e da sociedade civil, tem como referência contribuir para a

definição dos planos de ação da cidade, por meio de reuniões periódicas e discussões atuando, assim, de maneira consultiva, mobilizadora, deliberativa e normativa. Deve ser compreendido como cogestor das políticas públicas, o agente que participa ativamente do sistema, compreendendo o planejamento, execução e a avaliação como um mecanismo de melhoria para o ensino. (BORDIGNON, 2009).

METODOLOGIA

Partindo desses pressupostos, o propósito desse plano de trabalho se configurou, portanto, em identificar e compreender o lugar dos Conselhos Municipais de Educação (CME) nas publicações (notícias, reportagens, entrevistas, editoriais) de grande circulação no estado de Goiás de modo a perceber a participação e mediação do CMEs nesse contexto de crise da educação pública provocada pela pandemia e debater qual é esse lugar, considerando que o CME tem como uma de suas funções atuar como mediador entre o poder público e a comunidade escolar.

O plano de trabalho ora apresentado teve como objeto de estudos o CME e o lugar que ocupa em publicações envolvendo a escola em um contexto de crise provocada pela pandemia – Covid-19, como dito, e dada a natureza desse processo de investigação foi realizada uma pesquisa qualitativa, entendendo como aquela que se caracteriza segundo Triviños (1987, p. 128-130) pelos seguintes aspectos:

A fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. O pesquisador vai até o local ou até o grupo pesquisado e torna-se o principal instrumento de coleta de dados utilizando geralmente a observação. Esse contato é necessário uma vez que o contexto é elemento destacado na pesquisa qualitativa para a interpretação de um fenômeno.

A fim de responder aos objetivos elencados, a pesquisa foi de cunho bibliográfico e documental. A pesquisa bibliográfica abrangeu a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, documentos, entre outros, que possibilitam realizar um plano de leitura atenta e sistemática objetivando a fundamentação teórica e conceituação do estudo e o levantamento do estado da arte da temática. A pesquisa documental, por sua vez, consistiu em selecionar, tratar, interpretar as informações em estado bruto, buscando extrair valores de documentos escritos existentes, documentos que não foram analisados e precisam ser considerados cientificamente autênticos.

A pesquisa documental se caracteriza como aquela que “[...] a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 177).

A pesquisa documental a qual nos referimos foi realizada em *sites* de publicações de grande circulação do estado de Goiás, tais como: *sites* de jornais de grande circulação, portais de agências de notícias com, por exemplo, G1 e O Popular.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No desenvolvimento do plano de trabalho, durante a pesquisa documental que foi realizada por meio de *sites* de publicações de grande circulação, como referido, tivemos como objetivo pesquisar em textos publicados nestes suportes, especificamente, no estado de Goiás, informações sobre as escolas na pandemia e o lugar ocupado pelos Conselhos Municipais de Educação nestes textos.

Foi realizada pesquisa nos *sites* do O popular, G1 Goiás e Google utilizando as expressões com e sem aspas e o motivo de colocar algumas expressões com aspas foi porque queríamos resultados relacionados especificamente com a educação e a pandemia, mas foi possível observar que em algumas notícias – mesmo usando as aspas - não havia nada relacionado com a educação, conforme apontam os resultados abaixo.

| <i>Site</i> | Expressão | Resultados |
|----------------|----------------------------------|---|
| O popular | Educação e Pandemia | 401 |
| O popular | “Educação e Pandemia” | 06 |
| O popular | Ensino e Pandemia | 250 |
| O popular | “Ensino e Pandemia” | 06 |
| O popular | Conselho Municipal de Educação | 0 |
| O popular | “Conselho Municipal de Educação” | 0 |
| G1 Goiás | “Ensino e Pandemia Goiás” | 0 |
| G1 Goiás | Educação e Pandemia | 0 |
| G1 Goiás | Conselhos Municipais de Educação | 0 |
| Google/ Sagres | “Educação e Pandemia Goiás” | Goiás tem perda de aprendizagem de cerca de 40% com aulas remotas, afirma secretaria de educação. |

Quadro 03 – Primeiro levantamento (10/11/2021)

Organização: Tavares (2022)

| <i>Site</i> | Expressão | Resultados |
|-------------|--------------------------------|--|
| O popular | Educação e Pandemia | 445 |
| O popular | “Educação e Pandemia” | 47616 |
| O popular | Ensino e Pandemia | 282 |
| O popular | “Ensino e Pandemia” | 32576 |
| O popular | Conselho Municipal de Educação | Conselho autoriza aulas remotas em Goiânia |

Quadro 04 – Segundo levantamento (03/03/2022)

Organização: Tavares (2022)

| | | |
|-----------|----------------------------------|--|
| O popular | Educação e Pandemia | 453 1) Pandemia atrasa alfabetização de crianças em Goiás. (Acesso limitado) 2) “A preocupação do conselho é que o aluno não fique sem aula”, diz presidente do CEE-GO (Acesso limitado) 3) Estrago na educação: 90% dos alunos de 7 e 8 anos em Goiás não sabem ler (Acesso limitado) 4) Governos estaduais reduzem gastos com educação apesar de aumento de receita. (Acesso limitado) |
| O popular | “Educação e Pandemia” | 47897 |
| O popular | Ensino e Pandemia | 285 |
| O popular | “Ensino e Pandemia” | 32872 |
| O popular | Conselho Municipal de Educação | 93 |
| O popular | “Conselho Municipal de Educação | 40848 Retorno presencial na UFG para ano letivo de 2022 é aprovado por Conselho. (acesso limitado) |
| G1 Goiás | “Ensino e Pandemia Goiás” | 0 |
| G1 Goiás | Educação e Pandemia | 0 Foram observadas algumas notícias sobre a educação e a pandemia, mas não especificam se são notícias de Goiás |
| G1 Goiás | Conselhos Municipais de Educação | A União dos Conselhos Municipais de Educação realiza fórum. |
| Google | “Educação e Pandemia Goiás” | <ul style="list-style-type: none"> ● Durante a pandemia, estudantes de Goiás são líderes em tempo de estudo, diz a FGV. ● Como o Seduc-GO vem atuando para assegurar a aprendizagem na rede durante a pandemia. ● Com avanço da ômicron, Conselho Estadual de Educação de Goiás autoriza retorno das aulas híbridas |

Quadro 05 – Terceiro levantamento (28/03/2022)

Organização: Tavares (2022)

Os dados acima mostram que são vários resultados quantitativos encontrados, mas que são poucas notícias relacionadas ao CME e as que o cita de fato estão com acesso limitado, restrito apenas aos assinantes e, diante disso, pode-se afirmar que este Conselho não aparece na grande mídia do estado de Goiás. Não foi possível realizar a leitura direta de nenhum texto, mas os títulos e *leads* disponíveis nos permitem inferir que não há nenhuma

menção direta aos Conselhos Municipais. Os Conselhos citados representam outros entes, como o Conselho Estadual de Educação.

Ao mesmo tempo, a internet nos possibilitou ter o acesso com rapidez das informações, mas também nos apresentou grandes desafios durante a busca das notícias. Percebeu-se que o uso das aspas como ferramenta de filtro/seleção de informações não foi eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a emergência sanitária e as atividades remotas, o plano de trabalho foi organizado para que a coleta de dados pudesse ser feita utilizando recursos tecnológicos, Tínhamos como hipótese que haveria algum espaço para os CMEs nas notícias veiculadas pela grande mídia goiana.

Para fazer o acompanhamento com precisão dos dados, orientações e informações sobre a pandemia e o CME foi de muita relevância que consultássemos fontes relevantes como os *sites* citados nos quadros. Contudo, nossa hipótese foi refutada e percebeu-se que o CME ocupa um não-lugar nesse tipo de divulgação de informações sobre a educação.

É sabido que para que - de fato – os Conselhos funcionem como mediadores e articuladores da relação entre a sociedade e os gestores da Educação municipal, cabe aos Conselhos regulamentar, fiscalizar e aconselhar medidas para melhoria das políticas educacionais em cada município. E para que isso aconteça, deve ser feito de forma democrática.

Bordignon (1983, p.8) defende a gestão democrática como uma:

[...] condição da qualidade sociocultural da educação. Não basta garantir o direito à educação. É preciso garantir a participação de todos: a educação não será para todos enquanto todos não participarem da educação.

Os Conselhos de Educação como órgãos de Estado, de participação, representatividade e controle social, tem como atuação principal na defesa do direito à educação para todos, em concordância do que está previsto na Constituição Federal, que define a educação como direito público. Todos esses aspectos deveriam ser levados em conta e são o fundamento para a relevância da publicização das ações dos CMEs, fato esse que não foi verificado ao final desta pesquisa.

Há responsabilidades e compromissos do CME que devem ser compartilhados com a população, em ação da democracia, o interesse com a garantia do direito à educação, acompanhando e avaliando-a na busca de mudanças para os problemas existentes, levando em consideração a pluralidade de concepções. Sendo assim, compreendemos que se o Conselho fosse de fato mais atuante e de mobilização, a Educação poderia apresentar uma considerável melhora, pois ocorreria uma intensa fiscalização e controle social em todos os seus aspectos e, em tempo, que suas ações pudessem ser públicas e socializadas para o

grande público estimulando a participação qualificada nestes espaços.

Por fim, conclui-se que os CMEs não estiveram diretamente envolvidos na organização do ensino remoto durante a pandemia do Covid-19 considerando a publicidade das informações na grande mídia goiana.

REFERÊNCIAS

BORDIGNON, Genuíno. **Gestão da Educação no Município**: sistema, conselho e plano. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL. **Documento final da Conferência Nacional de Educação 2014**. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: www.conae.mec.gov.br. Acessado em: 07 de outubro de 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2002.

JATAÍ. Lei nº 1968/97, de 11 de novembro de 1997. **Cria o Conselho Municipal de Educação**, Jataí, GO, novembro 1997.

JATAÍ. Lei nº 3708, de 26 de junho de 2015. **Plano Municipal de Educação**, Jataí, GO, junho 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MONLEVADE, J. A. **A importância do Conselho Municipal de Educação na elaboração, implantação e acompanhamento da execução do Plano Municipal de Educação**. Pró-Conselho. Disponível em: <http://www.deolhonosplanos.org.br/biblioteca/> Acesso em: 14 jun. 2013

NEZ, Egeslaine de; SIEBIGER, Ralf H. ; RODRIGUES, Camila G. Os Conselhos Municipais de Educação em Mato Grosso. In: Antônio Bosco de Lima. (Org.). **CMES no Brasil**: qualidade social e política da educação. Campinas: Alínea, 2017, v. 1, p. 139-154.

OLIVEIRA, Camila A. V. de; CRUVINEL, Belarmina V.; SANTOS, Nayenne H. Estado do conhecimento sobre os Conselhos Municipais de Educação: um estudo em publicações no estado de Goiás. In: Antônio Bosco de Lima. (Org.). **CMES no Brasil**: qualidade social e política da educação. Campinas: SP: Editora Alínea, 2017, v. 1, p. 87-102.

OLIVEIRA, Dalila. A. **Trabalho docente**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

RAIMANN, Ari; OLIVEIRA, Camila A. V; RAIMANN, Elizabeth G. . Perfil dos Conselhos Municipais de Educação em Goiás e a Qualidade Socialmente referenciada da Educação. In: Antônio Bosco de Lima. (Org.). **CMES no Brasil** - qualidade social e política da educação. 1ed. Campinas: Alínea, 2017, v. 1, p. 103-119.

PEREZ, José Roberto Rus. Por que pesquisar implementação de políticas educacionais atualmente? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1179-1193, Dec. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000400007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 18 de maio de 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. Primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2003.

TEIXEIRA, Lúcia Helena G. Conselhos municipais de educação: autonomia e democratização do ensino. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 691-708, set./dez. 2004> Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a09v34123.pdf>. Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

TRIVINOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

OS ROMÂNTICOS PATOLÓGICOS: DISCURSOS DE GÊNERO E AMOR MÓRBIDO NA TESE "DA INTOXICAÇÃO PELO AMOR" DE 1908

Data de aceite: 02/05/2023

Sabrina Araujo de Sousa

Graduanda na Universidade Estadual de Maringá(UEM), Maringá-PR. membro do laboratório de História, Ciências e Meio Ambiente (LHC)

Christian Fausto Moraes dos Santos

Professor DR. do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá-PR. Coordenador do laboratório de História, Ciências e Meio Ambiente (LHC)

Raiza Aparecida da Silva Favaro

Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá (2022) e Mestranda na Universidade Estadual de Maringá(UEM), Maringá-PR. membro do laboratório de História, Ciências e Meio Ambiente (LHC)

RESUMO: O conteúdo acadêmico produzido pelos médicos do século XIX é marcado principalmente pelo foco atribuído ao corpo e a natureza feminina, as dissertações amplamente aceitas no campo científico buscavam comprovar a inferioridade da mulher com base na fisiologia, catalogando seus órgãos reprodutivos e se utilizando da visão higienista para diagnosticar as

mais diversas patologias essencialmente femininas. Inserido neste contexto moralizante, o médico Leopoldo Pires Porto escreveu a tese *Da intoxicação pelo amor* (1908) onde aborda o amor mórbido como uma doença nociva para a sociedade que se manifesta de formas distintas de acordo com o gênero do intoxicado. Por sua estrutura e relevância, a fonte fornece atributos para compreender o discurso médico que embasou a sociedade e implicaram no discurso de gênero reproduzido.

INTRODUÇÃO

As relações entre homens e mulheres tendem, desde a antiguidade, a se delinear em um contexto onde os primeiros são os provedores e as segundas submissas, mesmo que em determinadas épocas específicas a situação possa se inverter, na maioria dos casos as mulheres têm suas funções delimitadas e alinhadas a sua função reprodutiva. Compreender a dinâmica das relações de gênero é um processo longo por implicar no entendimento de como ambos são enxergados socialmente em cada período,

visto que é uma relação contraditória, pois a visão do homem sobre a mulher é volúvel, ora são tratadas com admiração, ora com hostilidade, em determinados momentos são sagradas e logo após tem sua feminilidade profanada (DELUMEAU, 2009.,p.462). O que esses momentos tendem a ter em comum é o frequente objetivo de moldar a mulher de acordo com a vontade masculina.

Na antiguidade a mulher era considerada graciosa por fora e cheia de podridão por dentro, especificamente por causa da sua sexualidade oculta, também sendo responsáveis por introduzir o pecado na terra (DELUMEAU, 2009.,p. 465), já na Idade Média houve a exaltação de Maria, considerada o ideal feminino por conservar sua sexualidade intocada, além de possuir as características desejadas em todas as moças, sendo a dócil serva de Deus que abdicou dos prazeres carnis (op.cit., p.475). A sexualidade feminina, de acordo com a visão medievalista, é um pecado por excelência (DELUMEAU,2009., p.471), o cristianismo, acreditando nessa premissa, contribuiu na criação de um imaginário popular que teme a mulher, suas ações, seu temperamento exagerado e, acima de tudo, seu sistema reprodutor desconhecido que acreditam comandar todo o corpo feminino.

Nos tempos modernos corpo e espírito estavam associados às moléstias que eram tratadas, principalmente, por saberes perpassados socialmente e os resultados eram explicados através das crenças religiosas (BARRETO,2001., p.130). O passar dos anos resultou em diversos avanços na medicina, todavia o corpo feminino e suas funções ainda estavam no campo do desconhecido, os médicos não compreendiam a menstruação, o útero, a gravidez e a genitália das mulheres. Desta forma, quando o conhecimento se via distante e as explicações eram escassas, iniciou-se a era da medicina voltada para a mulher e seus órgãos sexuais.

A interpretação de que o corpo feminino é pecaminoso perpassa a história da mulher e corroborou para a elaboração de uma ciência que a estuda partindo dessa premissa, criada não para compreender, e sim corrigir e controlar (BARRETO,2001. p.130), a patologização da mulher estava diretamente ligada aos valores religiosos e morais (op.cit.p.135), desta forma seria preciso a criação de normas de conduta para domar essa natureza maligna, determinando seu lugar e suas funções. Houve uma reestruturação nas definições das funções do corpo onde a igreja, aliada com a medicina, entraram no ambiente familiar e íntimo para o padre cuidar da alma e o médico, do corpo (PRIORE,1993.p.29). O discurso da época conquistou para os médicos um lugar como conselheiro da família, podendo interferir na organização do lar e alterar a dinâmica na educação, nas relações conjugais e nas funções de cada membro familiar.¹

Neste contexto, Fabíola Rohden (2001) nos apresenta a chamada ciência da diferença, que ganhou grande destaque na medicina do XIX, e estuda a questão da diferenciação entre os gêneros, onde busca comprovar a superioridade masculina com base em uma anatomia comparada. A autora explica que as doenças femininas, para os

¹ DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. 9. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1980.

médicos, seriam uma expressão da sua natureza, desta forma há um aumento considerável nos tratados com temas que englobam doenças consideradas pertencentes à mulher (ROHDEN, 2001.p.16).

Inserido neste cenário de busca pela diferença dos sexos que ganhou espaço entre os médicos do século XIX, a tese *Da intoxicação pelo amor* (1908) do médico Leopoldo Pires Porto, trata do discurso científico higienista empregado como ferramenta na catalogação e coerção de corpos femininos e os impactos de tais ideologias no âmbito social. Ao apresentar a patologia do amor o autor se utiliza de exemplos específicos de mulheres patologicamente apaixonadas e define tais comportamentos como resultado de sua natureza frágil e influenciável. *Da intoxicação pelo amor* (1908) relaciona o amor mórbido com diferentes temas, fornecendo diversos exemplos de onde ele poderia se apresentar (CADORE,2011), assim, autor irá contribuir com este trabalho como fonte para explicar diversos temas, desde o condicionamento feminino ao lar e suas origens históricas até a construção de uma feminilidade que foi utilizada no século XIX como ferramenta para diagnosticar patologias em mulheres.

A base da medicina do período abordado está na tese de Porto (1908), sendo ela um documento histórico que representa as análises científicas de sua época por meio do amor doente, refletindo nas construções sobre gênero e corpos femininos em um período onde ser mulher significava estar cristalizada as percepções acerca do seu sistema reprodutor, desta forma buscamos com a fonte analisar as relações de gêneros e as políticas médicas e da igreja que atuaram na sociedade do século XIX como agentes coercitivos embasados por ideologias de patologização do corpo feminino e das suas partes reprodutivas por meio de um documento que reproduz o discurso da época em que está inserido, possibilitando a discussão abordada neste trabalho, tratando principalmente dos argumentos utilizados na tese para provar a diferença entre gêneros e a percepção de que a mulher seria o elo mais fraco da discussão, sendo assim mais suscetível a sofrer dos mais diversos males.

FONTE E MÉTODO

Uma tese é considerada um documento por referenciar o período histórico em que foi escrita², assim, a obra de Leopoldo Pires Porto (1908) é uma fonte para esta pesquisa por representar a produção médica e as ideologias que perpetuaram a época de sua produção, além de contribuir para a compreensão do processo de naturalização das diferenças entre homens e mulheres. *Da intoxicação pelo amor* (1908) foi escrita como trabalho de conclusão de curso na faculdade de Medicina de Porto Alegre, onde o amor é defendido como uma patologia capaz de enlouquecer ou matar, caso o paciente não

2 CADORE, Nathália Boni. **O amor mórbido como moléstia do espírito: Gênero, ciência e a construção do discurso médico no Rio Grande do Sul no início do século XIX a partir da definição do normal e do patológico da tese: “Da intoxicação pelo amor” (1908) de Leopoldo Pires Porto.** 2011. Tese (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

tenha acompanhamento médico adequado. A fonte é dividida em cinco capítulos, além da introdução e algumas críticas sobre a tese que foram publicadas nos jornais da época.

O autor mapeia a patologia por meio de exemplos clínicos de pacientes acometidos pela doença do amor e os compara com vícios como o alcoolismo, demonstrando que a origem dos casos são próximas e devem ambas serem tratadas pela medicina, tratamentos estes mencionados na obra, assim como as causas, sintomas e as consequências que a patologia pode deixar na sociedade, abordando aqui discursos que devem ser utilizados para o estudo de gênero, uma vez que o autor escreve a respeito do papel da mulher e da sua inferioridade perante o marido.

É importante destacar que a ciência da diferença ganhou argumentos na época da Renascença com a volta das dissecações, antes proibidas na Idade Média pela igreja católica. Devido aos estudos envolvendo corpos de ambos os gêneros, os estudiosos chegaram conclusão que a mulher seria uma versão menos perfeita do homem, pois seus órgãos sexuais possuíam versões parecidas, como o clitóris que foi chamado de “pênis feminino”. As imagens produzidas neste período foram fundamentais para a modernidade, mesmo algumas partes íntimas ainda não possuísem nomenclatura anatômica, elas possibilitaram o desenvolvimento da medicina com base no modelo antigo (LAQUEUR,2001.p.120). Assim, entendemos que a ciência da diferença e seu surgimento, assim como os argumentos que a sustenta, sofrem modificações ao longo do tempo com o surgimento de novas evidências na área da medicina, a teoria defendida por Porto (1908) é fruto das descobertas da Renascença e do que elas implicaram no meio social em consequência de um pensamento patriarcal que englobava a produção científica.³

A autora Fabíola Rohden (2001) afirma que “Os cientistas do século XIX acreditavam que a natureza era eminentemente hierárquica e não democrática” (p.26), desta forma há uma explicação para a superioridade masculina defendida pela medicina, posto que ela enfatiza a ideia de que as patologias aparecem principalmente em mulheres devido a própria natureza que possuem, medicalizando assim o comportamento feminino. Esses discursos são frequentes na medicina do período principalmente pelos médicos estarem sempre surpresos com as novas descobertas que fazem a respeito do corpo das mulheres, para eles o útero era capaz de dar origem às coisas mais estranhas e abomináveis (ROHDEN,2001.p.16).

A nova ordem social instaurada no século XIX remete a mudanças em concepções fisiológicas e morais, percebe-se tais mudanças a partir das teses de medicina produzidas no período, tais trabalhos acadêmicos eram elaborados aos montes visto que eram uma exigência para concluir o curso de medicina. Esses trabalhos médicos tinham grande prestígio por serem produzidos nas faculdades de medicina e serem avaliados pela elite científica como o saber oficial do período (ROHDEN,2001.p.96).

Desta forma, o presente trabalho se dedicou a analisar a fonte *Da intoxicação pelo*

3 LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2001.

amor (1908) neste trabalho partindo do exemplo dado pelo autor das mulheres intoxicadas, principalmente as que desenvolvem a patologia por meio da religião, amando Jesus com o amor doente. No capítulo dois da tese, intitulado “Etiologia da Pathologia”, Leopoldo Pires Porto irá se dedicar às múltiplas causas do amor mórbido, onde destaca o papel da histeria, doença do século XIX com máximas manifestações no que Porto denomina como “sexo fraco”, ou seja, as mulheres. Sendo os histéricos reis dos desequilibrados e consequentemente os que estão mais suscetíveis a adquirir uma intoxicação grave pelo amor⁴, é possível compreender a cautela do autor ao identificar a mulher doente e separar seus sintomas, mesmo sendo acometidos pela mesma doença, do sexo masculino.

Após o exposto, é preciso compreender, antes da análise dos exemplos na fonte, a construções de alguns ideais médicos do século XIX, buscando a origem de diversos conceitos que permeiam os discursos higienistas e contribuem para a criação de uma ciência da diferença.

O BERÇO DA REPRESSÃO FEMININA

Os corpos femininos sofrem no século XIX com a chamada moral médico-clerical⁵, onde as principais instituições da época, a igreja e a ciência, eram as responsáveis pela criação das normas de conduta e pela definição do papel social de ambos os gêneros. Durante os séculos XVI e XVII houve uma grande movimentação do estado contrária às mulheres e o direito reprodutivo, a frequente vigilância e a persistência em ocupar todos os espaços culminou na entrada de homens em atividades que antes eram essencialmente femininas, como por exemplo a prática de partejar, que até o momento função apenas das parteiras. Após serem marginalizadas essas mulheres parteiras são obrigadas a ceder espaço aos médicos que passariam a controlar também a procriação (FEDERICI, 2017,p.174-178).Essa escravidão feminina quanto a procriação perdurou por séculos e culminou nas políticas higienistas do século XIX.

Assim, é essencial compreender os processos históricos que deu aos homens o controle do corpo da mulher e a instaurou em uma hierarquia desprivilegiada. Métodos coercivos estiveram sempre presente nas sociedades, o que ocorre são mudanças sobre quem os determina, sendo o século XIX o auge da temática na medicina, focando principalmente na moral feminina. Michael Foucault escreve no primeiro volume sobre a história da sexualidade (2011) que a origem da repressão sexual é encontrada no século XVIII, coincidindo diretamente com o desenvolvimento do capitalismo e da ascensão da nova ordem burguesa, uma vez que a força de trabalho estava sendo ainda mais explorada

4 PORTO, Leopoldo Pires. *Da intoxicação pelo amor*. Tese da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Porto Alegre: Typographia da Livraria do Globo, 1908.

5 Henrique Carneiro (1995) aborda o conceito afirmando que com o concílio de Trento, no século XVI, houve um aumento do autocontrole exercido pela igreja católica sobre a vida cotidiana, assim como a crescente preocupação com a moral e os bons costumes, estes que, de acordo com o autor, se apoiaram na medicina e na criação de argumentos fisiológicos para denominar o amor como, não apenas um pecado, mas uma patologia.

e não seria vantajoso desperdiçar tempo com prazer que não visasse a reprodução (FOUCAULT. 2011. p.11-12), assim, o autor afirma que a repressão do sexo é moderna e que começou com o controle dos discursos sexuais, onde as instituições criaram sua própria visão do que seria o sexo e qual a sua função social. Foucault (2011) salienta que as minuciosas confissões dos atos sexuais e o rigor ao tratar o assunto possibilitou a criação de uma política sexual completamente nova, composta por uma necessidade de regulamentar e corrigir por parte da medicina⁶ da época.

Em contrapartida, a autora Silvia Federici (2017) se opõe ao início dessa era de repressão dada por Foucault por acreditar que a inferiorização da mulher é anterior à ascensão burguesa. A instauração da escravização de corpos femininos e seu condensamento as funções reprodutoras remontam, segundo a autora, do século XIV em diante, uma vez que, desde essa época a igreja já havia percebido o poder que o sexo feminino poderia exercer sobre o homem e tratou de torná-lo pecaminoso distribuindo manuais com normas de conduta para mulheres, contribuindo para a formação de uma política sexual que privilegia o homem (FEDERICI,2017.p.80-81), sendo tais percepções continuadas pelo capitalismo, que contribuiu para a criação da escravidão corpo feminino.

Durante o século XIX a dona de casa toma forma como a mulher que pertence ao ambiente doméstico, espaço determinado por meio dessas muitas mudanças históricas que ocorreram e deixaram como herança a inferiorização feminina perante o gênero masculino, construindo também a mentalidade médica que ascende e permeia a sociedade com teses e dissertações com foco na natureza patológica da mulher.

A medicina do período em que a tese *Da intoxicação pelo amor* (1908) foi escrita buscou dar conotação moral a todas as partes femininas, as diversas interpretações sobre o seio, por exemplo, demonstram a cristalização da mulher como dona de casa, pois utilizado na amamentação o seio seria a definição entre a vida e a morte do recém-nascido, mas se demonstrados de qualquer outra maneira seriam vistos de forma erotizada⁷. Tais concepções contribuíram para a cristalização da mulher no ambiente doméstico, onde foram obrigadas, por concepções sociais, religiosas e políticas a assumir a reprodução como um trabalho.

A IDEALIZAÇÃO DO FEMININO

Encontramos o ideal de feminilidade como instrumento coercitivo no século XIX, sendo disseminado pelos veículos de comunicação, na literatura, nos manuais de comportamento e ideais de moral, a idealização da mulher perfeita. Contribuindo para a análise do pensamento médico, precisamos compreender esses parâmetros que foram impostos às mulheres e seu impacto social na época, uma vez que a fuga de tais condutas

6 A medicina dos séculos XVIII e XIX foi responsável pela criação de toda uma rede de patologias ligadas à sexualidade, tanto mentais quanto fisiológicas. (FOUCAULT, 2011. p.48)

7 YALOM, Marilyn. **História do seio**. Lisboa: Teorema, 1998.

seriam utilizadas como argumentos pela ciência para a patologização dos corpos femininos. Assim como a anatomia das mulheres, o comportamento serviu como fonte na busca pela comprovação médica da diferença entre os gêneros.

Anteriormente, diversos autores também se dedicaram à descrição da mulher perfeita, dentre eles Jacques Rousseau, que foi um dos primeiros médicos iluministas a defender as especificidades naturais da mulher. Em sua obra “Emílio ou da educação” (1762) quando descreve Emílio, o homem perfeito, e Sofia, a mulher ideal, a questão da feminilidade de Sofia é posta como regras de conduta que ela, e todas as outras mulheres, devem seguir para agradar seu marido e cumprir seu papel natural de mulher, uma vez que para Rousseau “A mulher é feita especialmente para agradar ao homem. Se o homem deve agradar-lhe por sua vez, é necessidade menos direta” (p.424), afirma também que “Sofia deve ser mulher como Emílio é homem” (p.423). A obra foi modelo para projetos de idealização feminina durante a Revolução Francesa (1789) e reverberou nos discursos de gênero que se seguiram.

Rousseau (1762) trata não apenas de conceitos da natureza feminina e masculina, mas também da educação e das ações que devem ser feitas para atingir esses ideais, partindo do exemplo de Emílio e Sofia, no século XIX isso será feito pela medicina por meio de teses, manuais e dissertações.

As teses e dissertações médicas instigaram diversas temáticas sociais como a educação sexual dos indivíduos e temas como o amor e a higiene no casamento eram pautas presentes nos debates científicos⁸. Os médicos do século XIX detinham o acesso à construção da personalidade feminina, pois eram enxergados socialmente como representantes do saber científico e instrutores dos costumes (MARTINS, 2004.p.15). Assim, ao visitarem a vida íntima das famílias, os médicos desenvolvem o que Ana Paula V. Martins intitula de “pastoral moderna”, que são as normas e práticas destinadas à família e especialmente para as mulheres. É a solidificação da mulher como ser social condicionado ao lar com base na sua natureza objetificada (op.cit., p.15). A ancoragem histórica da mulher ao corpo foi feita por homens e a idealização comportamental reforça grandemente essa perspectiva.

Assim, evidencia-se a preocupação médica de fornecer argumentos para a construção da mulher doméstica, naturalizando discursos e perpetuando o condicionamento feminino a funções distintas das dos homens. A sexualização do corpo feminino ocorre em um processo que Michael Foucault chama de histerização da mulher, explicado pelo autor como um:

“Tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em

8 MARTINS, APV. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4.

comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização." (FOUCAULT, 2011.p.115).

Baseando-se em tais construções, a autora Elisabeth Badinter descreve a construção da mãe e da esposa, afirmando que a autoridade do marido foi concedida pelas instituições dominantes, ressaltando o papel da igreja e desmistificando as ideologias do amor materno como característica natural feminina (BADINTER,1980.p.25). A mulher, de acordo com a autora, precisava possuir um papel na sociedade e este deveria ser inferior ao do homem, já que ele seria o único chefe do lar e provedor da família, era essa a concepção iluminada pelo farol ideológico da época.

A abordagem do século XIX é vista de forma ampla na tese de Leopoldo Pires Porto (1908), pois o autor corrobora com as políticas higienistas que corrigem os comportamentos femininos nocivos e impróprios. Porto comenta sobre a preocupação de leituras ruins que iludem as moças de mente frágil e as induz na crença de um amor fantasioso, inibindo os instintos naturais da mulher e as fazendo devanear com histórias viciosas e doentias. A fiscalização médica, assim como a educação correta, é essencial na proteção contra o amor mórbido, tais comportamentos garantem a moralidade feminina e o cumprimento de suas funções como mãe, esposa e mulher dedicada ao lar e aos filhos.

Desta forma, precisamos analisar o discurso médico que era destinados a todas as mulheres que não se encaixam no ideal de feminilidade, sendo ele baseado na patologização feminina, catalogando algumas, das muitas, doenças de todas que possuíram útero.

O AMOR MÓRBIDO NAS DOENTES APAIXONADAS

O amor mórbido, de acordo com Leopoldo Pires Porto (1908) atinge em sua maioria os homens, sendo eles acometidos pela doença por diversos fatores não relacionados ao seu corpo, diferentemente das mulheres doentes descritas por Porto, que são tachadas de histéricas. As doenças femininas como a histeria, os vapores, neurastenia e os frequentes sintomas do útero errante ganharam destaque nos séculos XVIII e XIX, patologias onde a maioria dos sintomas se concentravam no comportamento da mulher, na medida que qualquer uma que fugisse das responsabilidades pré-dispostas socialmente seria acusada de possuir algum distúrbio.

A neurastenia surge no período sob o conceito de "fraqueza nervosa" com o neurologista George Miller Beard, e tem os sintomas variados, como perturbações sexuais e neurológicas, medos mórbidos, zumbidos no ouvido, dentre outras. O tratamento original feito por Beard consistia em ações tonificantes com efeito no sistema nervoso, sendo ele o principal afetado pela doença, ficando enfraquecido e perdendo algumas de suas

funções⁹. O termo cruzou os mares e se tornou uma das doenças mais estudadas entre os neurologistas, partiu dos Estados Unidos até a Europa (ZORZANELLI, 2010.p.440) e foi comentada no Brasil durante o século XIX como uma doença que causa cansaço em mulheres e perturba sua natureza, chamando a atenção dos médicos da época para tal patologia.

Assim como a neurastenia, outras doenças femininas eram apontadas nos tratados médicos, abordando uma verdadeira exaltação da ciência e o empenho na patologização da mulher. É durante o iluminismo que a natureza feminina é condicionada ao útero, no século XVIII as doenças uterinas abrem caminho e se instauram no meio do discurso médico, a ninfomania foi uma das primeiras, segundo a autora Ana Paulo Vosne Martins (2004) as discussões médicas que abordaram a ninfomania contribuíram para construção do corpo feminino como algo patológico durante o século XIX. Esses processos de patologização nada são que um mecanismo de controle feminino, atribuindo doenças físicas a manifestações mentais, assim como Leopoldo Pires Porto (1908) que medicaliza os sentimentos do amor e da paixão, explicando-os como verdadeiros vícios.

Em *Da intoxicação pelo amor* (1908), as doenças atingem homens e mulheres de formas diferentes, o autor está inserido nesse período de inferiorização feminina pela medicina e contribui com o discurso ao descrever as diferenças do amor doente nos gêneros. É válido apontar que na fonte desta pesquisa, os homens são vítimas de uma patologia sentimental que se desenvolve e passa atingir o corpo, levando-o a cometer atos perigosos para si mesmo. Um dos principais sintomas do amor patológico é o ciúme, descrito por Leopoldo Pires Porto (1908) como “Uma complicação frequentíssima da paixão, de consequências a miude funestas” (p.97).

Enquanto o homem ama com um amor doente que é uma consequência da sua hereditariedade, a mulher será temida pela sociedade durante os dois períodos mais importantes do seu sistema reprodutivo: a puberdade e a menopausa. Pires Porto descreve a menopausa como um período turbulento, pois:

“E demais, nesse momento, a mulher contempla, amargura, o dispersar das bellezas do seu corpo; vê, impressionada, fugir-lhe a seiva que lhe dava razão de ser da sua vida sexual. Afflicta, reconhece-se incapaz de inspirar amor, comtudo, ella ainda quizerá amar... Pela satisfação desse desejo externo e insensato, comete os actos mais vergonhosos (...)” (PORTO, 1908).p.55).

Porto (1908) afirma que as doenças enfraquecem o organismo e como o equilíbrio nervoso das mulheres é mais frágil elas padecem com a expressão de emoções fortes, além da sobrecarga intelectual que as atinge quando se apaixonam, todos esses acontecimentos são danosos a sua saúde e a consequência é a patologia e a loucura.

O autor da tese *Da intoxicação pelo amor* (1908) afirma que assim como os familiares devem estar atentando a educação das filhas, é também função dos médicos vigiar as

9 ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Neurastenia. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.431-446.

jovens, visto que sendo o amor uma patologia capaz de se manifestar até pelas orações:

“Ainda na infância, ou quando mal vêm despontando os primeiros clarões da adolescência, já nos obrigam às ladainhas incompreensíveis, dogmas impenetráveis, absurdos, e- o que mais é- dão-nos a meditar livros de rezas, em cujas paginas se descreve sempre, em inflammada linguagem de paixão, contagiosa e excitante, o mais platonico de todos os amores” (PORTO,1908.p.57)

Assim o autor descreve acerca do amor religioso, que a partir da leitura de orações prontas a inocência das jovens e o afloramento da puberdade resulta em um amor sexual por Deus. Porto transcreve algumas das orações que compõem o livro religioso que todas as moças levam ao ir na missa e recitam antes de dormir, sendo uma delas :

“Eia pois, alma minha, é chegada a hora feliz na qual o teu Jesus ha-de entrar no teu pobre coração. Eis aqui o Rei do céu, o teu Redemptor, e Deus que já em a ti. Dispõe-te a recebel-o com amor. Chama por elle com efficaz desejo. Vinde, ó Jesus meu, vinde a minha alma, que muito vos deseja. Primeiro que vos deis a mim, Senhor, que eu dar-te toda a vós. Vinde. meu Deus, depressa e não tardeis, unico e infinito bem meu, meu thesouro, minha vida, meu paraizo, meu amor, meu tudo!” (PORTO,1908.p.57)

As práticas religiosas são vistas pelo autor como o início de uma paixão mórbida feminina, que ao recitarem tais palavras afetuosas a Jesus são levadas ao amor e excitação sexual, deturpando a moral social e religiosa. As orações são acusadas de possuírem a mesma conotação de uma carta escrita a um amante, e da ação de rezar ao ato reprodutivo “só falta Jesus corporificado”. “E se taes religiosas attingem, em sonho, ao orgasmo venereo, não é de admirar” (PORTO,1908.p.60).Nos conventos, entre as freiras, o amor patológico também se apresenta e sob a perspectiva de uma devoção religiosa se encontra o amor patológico.

O esclarecimento do que seria o amor mórbido feito por Leopoldo Pires Porto (1908) no geral se condiciona em uma doença que atinge o corpo e a alma, enfraquecendo os nervos e causando a perda da razão, mas ao abordar a doença de formas específicas é possível enxergar a diferenciação entre os gêneros nas manifestações e consequências, uma vez que o homem apaixonado direciona seus afetos a uma mulher, enquanto a mulher encontra o amor patológico em Jesus, amando de forma pecaminosa a Deus.

No caso dos homens, a doença inicialmente se manifesta construindo um esboço imaginário da pessoa amada, que de acordo com o autor pode ter características variadas de acordo com o intoxicado. A idealização do amor é sucedida pela busca dessa figura ideal criada pelo infectado, até que efetivamente se encontrem e a partir disso o indivíduo já está completamente tomado pela doença, progredindo rapidamente para a obsessão.

Os exemplos expostos na fonte demonstram o amor patológico masculino em todos os seus estágios e com alguns dos sintomas mais frequentes. Os mais simples gestos do amante poderia causar o desequilíbrio do doente, visto que ele já não é mais o mesmo ser racional e consciente de antes, vive apenas para sanar sua patologia.

A tese é construída com o diagnóstico completo da patologia do amor, abordando o início e a possível cura, no capítulo IV Leopoldo Pires Porto descreve os tratamentos, com foco principal na cura dos homens, visto que a manifestação da doença diverge entre os gêneros. O primeiro passo em direção a cura seria procurar um médico que deveria instruí-lo ao afastamento súbito da amada, já que o doente, de acordo com o autor, estaria em um nível elevado de dominação pela mulher, tal como dependentes do álcool de morfina (PORTO,1908.p.108-109). A mulher é descrita como a ruína do homem e deve ser vista como tal pelo intoxicado.

Porto defende a higienização no casamento para impedir a “reprodução dos degenerados” e se isso não for possível, a educação deve prevenir as tendências hereditárias a patologia (PORTO,1908.p.131). Para as moças o tratamento deve ser feito na puberdade, momento que elas estão despertando para as perversões sexuais. Devem fazer exercícios moderados, evitando excessos, passar bastante tempo ao ar livre, sempre levantar cedo e evitar vícios como o álcool e o fumo. O autor sugere que “fará bem em abster-se das apaixonadas questões políticas (...) toda a vida do predisposto deverá correr debaixo dos preceitos da hygiene do corpo e da hygiene da alma(...)” (PORTO,1908.p.141-140), reforçando assim a concepção de um “sexo frágil” e da importancia do controle médico perante a sociedade.

CONCLUSÃO

Diante do que foi analisado a respeito da diferenciação da intoxicação em homens e mulheres, podemos entender que amor patológico é uma alienação mental, e de acordo com Porto “ as paixões são tanto mais graves quanto mais degenerado é o terreno em que se desenvolverem” (PORTO,1908.p.126), assim, o homem vítima da intoxicação pelo amor deve compreender que a origem da doença está em seus antepassados e no nível de doenças patológicas que possuíam, passadas a ele pela hereditariedade, enquanto as mulheres deve atribuir a culpa ao nível de fragilidade do seu sistema nervoso.

Desta forma, partindo do amor patológico e suas manifestações, compreendemos que o amor mórbido tem sua gênese no sistema nervoso, pois é um estado mental deturpado que prioriza as vontades e ignora a razão, sendo assim causado com mais frequência no sexo masculino. A mulher é vítima da patologia por ter nervos frágeis, além de todas as concepções acerca de suas capacidades mentais, mas a doença age de maneiras diferentes nos dois gêneros, seguindo o pensamento da época, por que a maioria das doenças que atingem as mulheres são, para os médico do XIX, são originadas nas suas partes reprodutivas e sexuais.

A título de conclusão, evidenciamos os impactos do trabalho de Pires Porto na comunidade científica do século XIX, citando algumas das críticas feitas após a apresentação da tese e que foram anexadas ao trabalho de Porto.

A Federação de Porto Alegre comenta:

“A dissertação versava sobre a *Intoxicação pelo amor*, e foi elogiada unanimemente por todos os lente, e considerada por um d’elles como a melhor que tem sido apresentada na faculdade desta capital. Tratando de assumpto de actualidade e que envolve problema de educação social e, ao mesmo tempo, de responsabilidade criminal, a these do dr. Leopoldo Pires Porto é considerada pelos competentes um trabalho de merito e digno de apreciação publica”

(CRÍTICAS DA FONTE, 1908. p.2).

Assim como o Jornal de S. Gabriel que a exalta: “Dentre as theses que enriqueceram a nossa literatura médica, figura, pela sua originalidade e seu alto criterio scientifico, a defendida, (...) pelo dr. Leopoldo Pires Porto(...)” (p.8).

Estas críticas , dentre muitas outras do período, concordam com a patologização do amor e afirmam que a tese de Porto é de grande valor para a ciência médica. *Da intoxicação pelo amor* (1908) remete ao período em que foi escrita, a construção da feminilidade é um processo histórico que se alia ao desenvolvimento da medicina do século XIX, época em que o autor da fonte produziu seu trabalho. Demonstra-se então, a partir do exposto nesta pesquisa, que a intoxicação pelo amor e suas diferentes fases, é fonte para a análise de gênero dentro da ciência, uma vez que Leopoldo Pires Porto (1908) diferencia os sexos diante da patologia, aborda as diferentes formas de tratamento em ambos e produz um material médico, influente na sociedade

REFERÊNCIAS

BARRETO, Renilda. O corpo da mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX. **História: Questões e Debates**, Curitiba, ed. 34, p. 127-156, 2001.

CADORE, Nathália Boni. **O amor mórbido como moléstia do espírito: Gênero, ciência e a construção do discurso médico no Rio Grande do Sul no início do século XIX a partir da definição do normal e do patológico da tese: “Da intoxicação pelo amor” (1908) de Leopoldo Pires Porto**. 2011. Tese (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CARNEIRO, Henrique. **Amor, sexo e moral médico-clerical na época moderna**. Revista de História 132, São Paulo, 1995.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente 1300-1800**. [S. l.]: Companhia de bolso, 2009.

DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. 9. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1980.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. [S. l.]: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2001.

MARTINS, APV. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4.

PORTO, Leopoldo Pires. **Da intoxicação pelo amor**. Tese da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Porto Alegre: Typographia da Livraria do Globo, 1908.

PRIORE, Mary del. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ROHDEN, Fabíola. **Ginecologia, gêneros e sexualidade na ciência do século XIX**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 101-125, junho de 2002.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Emílio; ou, Da educação. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Brasil. ed.3. 1995.

VIANA, Milena de Barros. **Mudanças nos conceitos de ansiedade nos séculos XIX e XX: da “angstneurose” ao DSM-IV**. 2010. Tese (Doutorado) - Universidade federal de São Carlos (UFScar), [S. l.], 2010.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. **Neurastenia**. Rio de Janeiro, v. 17, p. 431-446, 2010.

ANÁLISE DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

Data de aceite: 02/05/2023

Fenias Sabino Mutuque

RESUMO: A vivência tecnológica, incumbe maior responsabilidade para todos os servidores públicos, mudança de mentalidade da sociedade e não se descarta a importância vital das Relações Públicas como parte integrante que contribui para a avaliação positiva das instituições Públicas perante o seu Público cada vez mais exigente. Recorrer às Relações Públicas como estratégia das instituições Públicas, para eternizar o estatuto de bem servir o cidadão, constitui fonte de posicionamento vantajoso no contexto do processo do desenvolvimento sustentável. Assim, o propósito deste artigo, insere-se na conveniência de vislumbrar o impacto das Relações Públicas na estratégia institucional para operacionalizar os conceitos teóricos na vida prática rumo à criação de uma imagem excepcional, que credibilize as instituições públicas, produzindo resultados tangíveis e memoráveis que se refletem na melhoria das condições da vida do seu público. As Relações Públicas, nalgumas vezes, passam despercebidas por algumas instituições Públicas, mesmo sabendo que

constituem função social e institucional, amplamente justificadas pela imperatividade das necessidades sociais e institucionais que têm afinidades cordiais com o Público para materialização da sua missão de o servir e alcançar os seus objetivos como instituições. A interação entre as instituições e o público, ganha ímpeto à medida que se vão gerando oportunidades para o crescimento mútuo e harmonioso, por isso, a necessidade de se estabelecer o relacionamento. A comunicação providencia momento harmonioso entre as instituições e o seu Público, sinal de comprometimento bilateral para se tornar possível a ocorrência de interesse e alcance dos objetivos que sustentam a existência das instituições. As Relações Públicas buscam esclarecer os interesses do público das instituições, satisfazendo as necessidades solicitadas pela sociedade. Com efeito, a não percepção profissional das Relações Públicas, dificulta a venda de boa imagem das instituições Públicas para ganharem maior inserção no contexto interno e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Relações públicas, instituição, público, profissional

ABSTRACT: The technological experience is a responsibility for all public servants, a

change in the mentality of society and the vital importance of public relations as an integral part that contributes to the positive evaluation of the public institutions before its increasingly demanding public. To use Public Relations as a strategy of Public Institutions, in order to perpetuate the status of citizen well-being, constitutes a source of advantageous position in the context of the process of sustainable development. Thus, the purpose of this article is to envisage the impact of Public Relations in the institutional strategy to operationalize the theoretical concepts in practical life towards the creation of an exceptional image that credibilizes public institutions and produces tangible and memorable results. Reflected in the improvement of the living conditions of its public. Public Relations, in some cases, go unnoticed by some Public Institutions; even though they are a social and institutional function, widely justified by the imperative of social and institutional needs that celebrate cordial affinities with the Public to materialize its mission to serve the Public and reach Of its objectives as institutions. Interaction between institutions and the public gains momentum as opportunities for mutual and harmonious growth are generated, hence the need to establish a relationship. The communication provides a harmonious moment between the institutions and their public, a sign of bilateral commitment to make possible the occurrence of interest and scope of the objectives that sustain the existence of institutions. Public Relations seek to clarify the interests of the public of the institutions, satisfying the needs requested by society. In fact, the lack of professional perception of Public Relations makes it difficult to sell a good image to gain greater insertion in the internal and international context

KEYWORDS: Public relations, institution, public and professional

INTRODUÇÃO

A conjuntura internacional impõe um cenário cada vez mais flexível às instituições Públicas, para torná-las mais robustas à pressão movida pela sociedade composta por uma opinião Pública mais crítica. Claramente, as instituições Públicas estão constantemente ligadas ao processo do desenvolvimento social, fazendo com que as populações mais carenciadas, superem com facilidade o ciclo de constrangimentos que contrastam a sua harmonia e credibilidade com as instituições Públicas.

As instituições Públicas devem estar fortemente preparadas para responderem cabalmente com cordialidade ao seu Público, que resulta da pronta implementação de ações circunscritas no interesse Público, tendo como base da atuação as mutações sociais, económicas que sofrem as sociedades. Simultaneamente, o sector empresarial está amplamente convidado a apostar num investimento de grande envergadura na área das Relações Públicas, abraçando como vector essencial para garantir ganhos multiformes e cimentar em última análise a credibilidade para com os seus verdadeiros parceiros.

As instituições, assumem clara e idealmente o compromisso que dignifica a sustentabilidade de um desafio, e responda com uma capacitação dos recursos humanos para garantir a oferta de serviços de qualidade e estabeleça uma relação digna de realce com todos os públicos com os quais se relacionam.

Tratando-se das instituições que pela sua natureza, interage frequentemente

com o Público de todo o estrato social, é imperativo que o profissional das Relações Públicas idealize estratégia de comunicação para com o seu público-alvo, de modo, que constantemente seja construída, estimulada e preservada boa imagem e se transmita com maior regularidade os valores, os objetivos e as ações da empresa ou instituição.

No entanto, urge a necessidade de tomar uma responsabilidade acrescida nas instituições Públicas, com vista à actualização regular dos recursos humanos de forma a melhorar as suas obrigações funcionais, e dessa forma, os procedimentos conducentes à obtenção de melhores resultados institucionais merecem ser geridos criteriosamente, motivo suficiente, para se dignificar de forma excelente as Relações Públicas.

RELAÇÕES PÚBLICAS

Fitzgerald (1959), afirma que as Relações Públicas podem se referir a uma função, a uma actividade ou a um profissional, traduzindo-se isso em expressões como profissional de Relações Públicas, actividade de Relações Públicas ou ainda, cargo de Relações Públicas (Simões, 1995).

A função que se converte em actividade em matéria de Relações Públicas diante das instituições exige maior dinamismo e proximidade do público alvo, com o propósito de estabelecer um painel de interação para prover serviços oportunamente.

As Relações Públicas constituem um enorme complexo e mais comovido relativamente as outras áreas designadamente jornalismo, do rádio, da televisão e da publicidade. produzir um jornal, promover campanhas radiofónicas e televisivas, são operacionalizadas de modo concreto e pontual com maior facilidade tangente.

A função de Relações Públicas é a gestão da comunicação com os diferentes públicos nas organizações, com o propósito de criar uma identidade e uma imagem organizacional que seja bem acolhida pela opinião pública geral (Kunsch, 1999, in Farias 2004).

Obviamente, o epicentro das actividades das Relações Públicas numa instituição Pública reside na garantia da firmeza do Público, facilitando os espaços da criação de plataforma criteriosa para uma gestão atractiva que estimule o desenvolvimento institucional, traduzindo em entendimento e compromisso com o seu público.

Não se pode fazer referência de uma instituição que esteja a contribuir para o desenvolvimento integral, antes que a mesma atinja a compreensão máxima da necessidade de investimento profissional dos seus colaboradores diretos, para responder à demanda vulgarizada por bom atendimento de modo a manter relacionamento público memorável.

As instituições públicas tomam dianteira ao estabelecer uma confiança e compreensão entre funcionários e a sociedade, num longo tempo sem descartar a possibilidade de estarem expostas ao público, permitindo uma comunicabilidade sustentável, com isso criar a sua marca para gradualmente, ganhar os corações do Público independentemente do

seu posicionamento socioeconómico.

As Relações Públicas sujeitam-se ao planeamento e gestão, na estratégia institucional para que seja notória a sua transversalidade em todos os sectores que fazem corpo das instituições públicas.

A vida das organizações e dos indivíduos, é feita de negociação e de compromisso, graças à comunicação, isto é, ao tornar comum de interesses e objetivos a prosseguir, em colaboração e/ou competição (Fuchs, 2008).

Para Weaver (2001), devido à nova economia global, a profissão (Relações Públicas) tem aumentado com a expansão do ideal democrático e até em países anteriormente ditatoriais; a emergência e a consolidação de poderes transnacionais (políticos e económicos); a internacionalização das organizações (numa óptica de exploração de mercados); o desenvolvimento tecnológico e a generalização da utilização da Internet como meio de comunicação nas organizações e nas sociedades, o que tem alterado os processos comunicacionais, laborais, de produção e de socialização; as mudanças organizacionais associadas a questões identitárias e de responsabilidade social que implicam a complexificação da rede de stakeholders, acarreta novos desafios para as organizações (Pasadeos, Berger, & Renfro, 2010).

A conjuntura internacional, vislumbra uma postura democrática em sectores institucionais, como balão de oxigénio num contexto das Relações Públicas, em que manter boa imagem da instituição perante o Público seja considerado como um desafio institucional, mantendo uma comunicabilidade cada vez mais atractiva e permanente, rumo à satisfação das necessidades sociais; por isso, o Público almeja um atendimento diferenciado que caracteriza a sua frequência de dia-a-dia, em função da determinação das exigências do tempo que se vive.

Os profissionais de Relações Públicas assumem-se como promotores da comunicação bidirecional, para a convergência de interesses (Bernays, 1980, p, 83). Cabe ao profissional encontrar este equilíbrio e conciliar as relações entre os públicos e as organizações.

Face à delicadeza do equilíbrio de interesses, o comportamento e a preparação do profissional para o desempenho das suas funções são cruciais, pautando a sua atividade por uma postura ética, de respeito pelos direitos fundamentais do homem e pelas regras da boa-fé e do bom senso. Contudo, assiste-se atualmente um conflito ético pela difícil coincidência entre o que é ético e o que é rentável.

À necessidade das organizações se tornarem socialmente responsáveis, associa-se a necessidade de o profissional de Relações Públicas possuir a habilidade para ser social e eticamente responsável e para persuadir a organização com a qual trabalha a sê-lo (Seib & Fitzpatrick, 1995, p. 3).

A materialização das obrigações de um profissional das Relações Públicas, ocorre quando se abre uma janela do processo de comunicação, envolvendo as instituições

Públicas e o seu Público para o caso em apreço, num contexto em que o brio profissional representa a imagem comportamental da instituição, tendo presente a observância ética que consiste no respeito pela dignidade humana, aproximação mútua permanente e neste caso o profissional tem que se tornar promotor de comunicação numa perspectiva global de atendimento mais equilibrado pelo público.

Assim, a gestão de comunicação e o tecnicismo de comunicação, visualizam o planeamento, assessoria que faculta a tomada de uma decisão sábia e transparente, que resulta na busca de solução de problemas que geralmente embaraçam no dia-a-dia do público.

As exigências profissionais impostas ao profissional de Relações Públicas, centradas no conhecimento e capacidade de dar resposta ao Público, induzem sobremaneira a mudança da mentalidade relativa à informação num ambiente comunicativo, a título de exemplo tecnologias e formas de comunicação, novas qualificações profissionais, concepção circundante de Relações Públicas e outros procedimentos.

O aperfeiçoamento das Relações Públicas, não se compadece com as limitações profissionais, ausência sistemática de valores que produzem a marca institucional e insuficiência de motivos de socialização de profissionais de Relações Públicas.

O fundamento de Relações Públicas precisa de ser enaltecido pelos profissionais que têm consigo o domínio das necessidades do Público, dentro de uma realidade adequada à gestão da informação que estabelece cordialidade mútua, permitindo a partilha de superação de obstáculos, que travam o andamento normal da instituição na matéria de relacionamento com o seu Público o desenvolvimento das relações Públicas, ganha maior consistência com os contatos estratégicos com o Público e a qualidade de serviços prestados, auscultando as necessidades públicas.

A pujança institucional na era da aldeia global reside em profissionalismo que a instituição Pública materializa durante a sua presença pública, melhorando a aproximação e auscultação das necessidades primárias, independentemente do momento que se encontra, fazendo fluir permanentemente a informação da prestação do serviço ao Público.

A sociedade contemporânea definida como sendo global, de informação e condicionada pelo paradigma digital, coloca novos desafios às organizações, face às alterações na natureza e na rapidez da comunicação, à pressão internacional e à complexificação da rede de públicos, cada vez mais diversificada e exigente (Coomb e Holladay, 2007).

O Público consome a informação produzida através de redes sociais como resposta da exigência do processo de globalização na sua vasta amplitude de tornar o cidadão mais próximo do outro, independentemente das barreiras territoriais refletidas pelas fronteiras físicas que separam dois Países soberanos.

Prestar serviço de qualidade acresce a grandeza da imagem institucional, criando oportunidade para partilha de experiência, partilha de habilidades para aperfeiçoar o

entendimento e maximizar a aproximação, através de fórum de debate que gera a produção de capacidade de respostas ao Público em tempos mais recordes, proporcionando desta maneira o melhor figurino para alcançar os objetivos previamente propostos pela instituição.

Esses públicos com os quais se busca relação harmoniosa são tradicionalmente classificados em interno e externo (Penteado, 1969). Teobaldo de Andrade (1993), acrescentou a essa classificação o Público misto, com o entendimento que dois tipos apenas eram insuficientes para aglutinar todos os grupos com os quais a organização mantém relações, resultando em: público interno (funcionários e familiares), público externo (escolas, imprensa, comunidade, poderes públicos, concorrentes), público misto (revendedores, distribuidores, fornecedores, acionistas). Simões (1995), argumenta que a forma como se têm classificado os públicos “...tem sido satisfatória ou, pelo menos, ninguém a contestou na visão anterior de relações públicas, apesar de sua restrita utilidade para a elaboração de diagnósticos e prognósticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo presente, que as instituições como organizações prezam por normas e valores mais importantes na sociedade onde se inserem, é crucial salientar que a comunicação com o seu Público, num clima de proximidade permanente que engrandeça os seus objetivos de melhor servir, e por via disso o desenvolvimento sustentável está amplamente preservado para todos os tempos, com isso, exige-se um repensar constante de modo a se acomodar necessidades nos públicos que frequentam as instituições públicas.

Ciente das responsabilidades institucionais, é natural que se torne público que o relacionamento público a que se refere, ilustre a envergadura comunicacional num contexto que insere no processo de globalização que caracteriza o dia-a-dia público-institucional, precavendo mau ambiente que se possa gerar da insuficiência da falta da claridade para se obter ganhos de atendimento justo e personalizado.

Para o efeito, a transparência comunicativa, enquadra – se na obtenção de credibilidade institucional, num atendimento livre para facultar a visibilidade de retrocessos e avanços, rumo ao estabelecimento efetivo de uma comunicação corporativa mais consentânea e robusta de todos os tempos.

A realidade institucional de momento, torna-se centro de gravidade das atenções do público mais crítico, promover a existência nas instituições Públicas de profissionais comprometidos com a causa da sua própria presença, com capacidade admirável de passar com clareza informações de interesse público para manutenção da imagem e atracção da atenção sobre instituições públicas esses serviços, retrocedendo críticas, calúnias, difamação e outros actos contrários ao funcionamento institucional.

REFERÊNCIAS

- Andrade, C. & Teobaldo. (1989). *Psico-sociologia das relações públicas*. São Paulo, Brasil: Loyola.
- Bernays, E.L. (1980). *Crystallizing public opinion*. New York: Boni and Liverigh.
- Coombs, W. T. & Holladay, S. J. (2007). *It's Not Just PR*, Malden, Blackwell Publishing.
- Farias, Luiz. (2004). *A literatura de relações públicas: produção, consumo e perspectivas*. Editora Summus.
- Ferreira, W. (1996). *Comunicação Dirigida: Instrumento de Relações Públicas*, In *Obtendo Resultados com Relações Públicas. Relações Públicas: Técnicas e Instrumentos*. São Paulo, Brasil: Editora Pioneira.
- Fitzgerald, Stephen. (1959). *Les Relations Publiques*. Paris. Consultado em <https://cindynunes.wordpress.com> [10 de junho de 2017].
- Fortes, W. Gutierrez. (2003). *Relações públicas: processo, funções, tecnologia e estratégias*. São Paulo, Brasil: Summus
- Kunsch, Margarida Maria Krohling. (2003). *Planejamento de Relações Públicas na comunicação integrada*. São Paulo, Brasil: Summus.
- Lloyd, H. & Peter. (1985). *Relações Públicas: as técnicas de comunicação no desenvolvimento das empresas*. Lisboa, Portugal: Presença
- Pasadeos, Y., Berger, B. & Renfro, R. B. (2010). *Public Relations as a maturing discipline: an update on research networks*, *Journal of Public Relations Research*
- Penteado, J.R. Whitaker. (1974). *Relações públicas nas empresas modernas*. Lisboa, Portugal: Clc
- Seib, P. & Fitzpatrick, K. (1995). *Public Relations Ethics*, Florida, Harcourt Brace and Company
- Simões, Roberto. (1995). *Relações públicas: função política*. São Paulo, Portugal: Editora Summus.
- Weaver, C. K. (2001). *Dressing for Battle in the New Global Economy: putting Power, Identity, and Discourse into Public Relations Theory*, *Management Communication Quarterly*

LIBRAS E FORMAÇÃO DE SECRETÁRIOS EXECUTIVOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSO

Data de aceite: 02/05/2023

Louis Guillaume Théodore Bueno Santos Martins

Suzana Caroline da Silva Santos

Larissa Mendes da Silva

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a partir dos projetos pedagógicos do curso de Secretariado Executivo como a disciplina Libras é relacionada à formação de secretários. A metodologia de pesquisa adotada é qualitativa, nos moldes de um estudo de caso, pois permite uma investigação detalhada de nosso objeto de estudo. Os pressupostos teóricos de Bardin (2011) sobre Análise de Conteúdo serviram como principal referência para o desenvolvimento das análises expostas ao longo desta pesquisa, destacam-se também os estudos de Gesser (2009) sobre a Língua Brasileira de Sinais e, os de Peçanha e Valadão (2019) e Bíscoli e Lotta (2007), para a compreensão da formação e atuação do secretário executivo. A partir dos dados obtidos, observou-se a necessidade de reformular os projetos pedagógicos de curso a fim de abordar os propósitos e as especificidades da formação secretarial.

PALAVRAS-CHAVE: Secretariado Executivo; Libras; Projeto Pedagógico; Formação; Comunicação.

ABSTRACT: This work aims to analyse some pedagogical projects of the Executive Secretary graduation, and how the discipline of Libras is connected with the training of secretaries. The research methodology adopted is qualitative, along the lines of a case study, as it allows for a detailed investigation of our object of study. The theoretical assumptions of Bardin (2011) on Content Analysis served as the main reference for the development of the analyses exposed throughout this research, we also highlight the studies of Gesser (2009) on the Brazilian Sign Language and those of Peçanha and Valadão (2019) and Bíscoli and Lotta (2007), for the understanding of the training and performance of the executive secretary. From the data obtained, it was observed the need to reformulate the pedagogical projects of courses to approach the purposes and specificities of the secretarial training.

KEYWORDS: Executive Secretary; Brazilian sign language; Pedagogical Project; Training; Communication.

1 | INTRODUÇÃO

No contexto organizacional, o profissional de secretariado exerce a função de agente meio entre o executivo e o público, seja interno ou externo, sendo assim uma peça-chave no processo da comunicação. Por conseguinte, em sua atuação faz-se necessário o desenvolvimento de competências que o auxiliem na interação significativa com a diversidade.

Nessa perspectiva, torna-se fundamental ressaltar que a Língua Brasileira de Sinais - Libras ainda é um campo pouco abordado nessa área de atuação do secretário executivo, mas que deve ser explorado e estudado para proporcionar um ambiente mais inclusivo, tanto profissionalmente quanto socialmente, e dessa forma, fomentar um desempenho adequado no atendimento às pessoas surdas.

O objetivo geral deste trabalho é discutir sobre a importância do estudo de Libras para a formação dos secretários executivos. Para tanto, analisamos os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) de Secretariado Executivo de sete universidades públicas brasileiras, buscando compreender como a disciplina de Libras está inserida na estrutura curricular dos cursos e quais são os seus objetivos expostos nas ementas e no corpo textual desses documentos.

Os PPCs que compõem o nosso *corpus* são oriundos de universidades federais, especificamente cinco da região nordeste, um da região norte e um da região sul do país. Entretanto, tínhamos como plano analisar oito projetos pedagógicos, mas, infelizmente, uma instituição apresentou justificativas razoáveis de que no momento estão realizando uma vasta reforma curricular em seu projeto pedagógico, o que nos levou a desconsiderar o referido PPC.

Destarte, a questão norteadora de nossa pesquisa é a seguinte: Como a disciplina Libras integra a estrutura curricular e quais os seus objetivos formativos nos cursos de graduação em Secretariado Executivo?

Na primeira parte deste artigo, discorreremos sobre o processo da comunicação e a Língua Brasileira de Sinais, bem como sua evolução e o contexto histórico inerente. Em seguida, abordamos a formação do profissional de Secretariado Executivo, mais precisamente sua origem e atuação nas organizações. Outrossim, discutimos sobre o papel do secretário no atendimento ao público, com ênfase no conhecimento de Libras para se comunicar com surdos.

Na segunda parte, apresentamos os procedimentos metodológicos que foram utilizados no desenvolvimento desta pesquisa. Na terceira parte, realizamos a análise dos dados obtidos, observando alguns aspectos como, por exemplo, a inserção da disciplina de Libras nos PPCs e suas implicações para a formação de secretários executivos.

Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre a formação dos discentes no curso de Secretariado Executivo e a importância de se repensar alguns aspectos desses

projetos.

2 I LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E OS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO

De acordo com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, entende-se como Língua Brasileira de Sinais a forma de comunicação e expressão oriundas de comunidades de pessoas surdas no Brasil. Essa lei também menciona que se trata de um sistema linguístico de natureza visual-motora que possui estrutura gramatical própria.

Conforme dispõe, a referida Lei, em seu art. 2, *in verbis*:

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Após um ano da publicação do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, houve a obrigatoriedade de inserção da Libras como disciplina obrigatória em todos os cursos de licenciatura, independente da área de conhecimento, e como disciplina curricular optativa nos demais cursos, tanto nos de educação superior quanto nos de educação profissional. Nesse particular, buscou-se por meio de um decreto a inserção efetiva e a valorização da Língua Brasileira de Sinais em diversas esferas sociais, impondo o ensino-aprendizagem da mesma nos sistemas educacionais brasileiros.

O art. 2, do mencionado Decreto, considera pessoa surda como:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

De acordo com Cristiano (2018, p. 1-7), os surdos se comunicam por meio de sinais que possuem cinco parâmetros, sendo eles: **configuração da mão** – caracterizada pela posição dos dedos; **ponto ou local de articulação** – onde as mãos se posicionam quando ocorre a sinalização; **movimento** – referindo-se ao movimento das mãos; **orientação ou posicionamento** – relacionado a orientação da palma da mão (para cima, para baixa, esquerda, direita, para trás, para frente e transversal); e **expressão facial e/ou corporal** – chamados de componentes não manuais, que incluem expressões faciais e linguagem corporal.

Gesser (2009, p. 11) argumenta que a Libras não é universal como pensam, pois cada país possui uma Língua de Sinais própria, com sua própria estrutura de linguagem e seus regionalismos. Na Libras, como já citado, a comunicação é feita por sinais, sendo utilizados para expressar todo tipo de comunicação, incluindo palavras e ações. O sinal do surdo é igual a fala dos ouvintes porque permite a articulação das ideias e a expressão das emoções.

Antigamente, os surdos eram marginalizados pela sociedade e não eram considerados capazes de participar ativamente no âmbito social. De acordo com Maia (2017, p. 102), na Idade Média, os surdos não eram considerados seres humanos em virtude de não se comunicarem como as outras pessoas, e a Igreja Católica defendia a teoria de que os surdos não possuíam alma.

Pereira (2015, p. 2) assevera que com o passar dos anos a comunidade surda alcançou o direito de uma língua que pode se comunicar e também participar ativamente da sociedade. Ressalte-se que a Libras vem ganhando espaço na sociedade porque há uma luta constante dos surdos por seus direitos, pela cultura e pela língua.

Nesse particular, Franco (2018, p. 16) afirma que a comunicação é a base para as relações sociais, pois por meio dela as pessoas trocam informações e estreitam laços, por isso ela é uma ferramenta importantíssima de integração e socialização. Ademais, a autora aponta que os ouvintes e surdos são iguais, sendo diferente apenas a forma de se comunicar e o fato de os surdos possuírem uma língua baseada na percepção visual, diferentemente da modalidade oral.

A comunidade surda se distingue das outras por possuir língua própria, que são os sinais na modalidade espaço-visual. Conforme Franco (2018, p. 17), a Libras cria uma cultura em volta de si e da comunidade que a utiliza, sendo que as comunidades surdas são os espaços de convivência onde pode ser proporcionado uma maior aproximação entre surdos e ouvintes, diminuindo assim as diferenças, pois ela não é composta só de sujeitos surdos, mas também de sujeitos ouvintes como os membros da família, amigos, intérpretes, professores e outros que possuem interesses comuns. Significativamente, a construção da identidade dos surdos é resultado de uma cultura baseada em sua língua de sinais e valores transmitidos de geração em geração, sendo a língua de sinais o instrumento de identidade cultural por meio do qual esses indivíduos se reconhecem como parte da comunidade surda e como sujeitos participativos na sociedade.

Na próxima seção, abordamos alguns aspectos da formação do secretário executivo.

31 FORMAÇÃO DO SECRETÁRIO EXECUTIVO: DESENVOLVIMENTO E PERSPECTIVAS

A origem da profissão se inicia com os escribas, que eram os homens que dominavam a escrita, organizavam os arquivos, faziam as contas, entre outras funções. Ao longo dos anos, houve o aperfeiçoamento da profissão para se manter atualizada em consonância com as mudanças no âmbito social e profissional.

Na atualidade, o profissional de secretariado executivo possui inúmeras competências que servem para facilitar e auxiliar o trabalho dos executivos (FRANCO, 2018 p. 32). Segundo Peçanha e Valadão (2019, p. 175), o perfil dessa profissão é ser dinâmico, ético, comunicativo, organizado, para assim serem profissionais polivalentes e

competentes, atentos às novas tecnologias e inovação.

Com a evolução da profissão surge a sua regulamentação, de acordo com a Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985, alterada pela Lei nº 9.261, de 11 de janeiro de 1996, que dispõe sobre o exercício da profissão de secretário.

Art. 2º – Para os efeitos desta lei, é considerado:

I – Secretário Executivo:

a) O profissional diplomado no Brasil por curso superior de Secretariado, reconhecido na forma de Lei, ou diplomado no exterior por curso superior de secretariado, cujo diploma seja revalidado no Brasil, na forma de Lei;

b) O portador de qualquer diploma de nível superior que, na data de vigência desta Lei, houver comprovado, através de declarações de empregadores, o exercício efetivo durante pelo menos trinta e seis meses, das atribuições mencionadas no art. 4º desta Lei (BRASIL, 1996)

Segundo Bíscoli e Lotte (2007, p. 159), o secretário atua como elemento chave dentro da organização, além de fornecer o suporte necessário para produzir as mudanças exigidas pelo ambiente interno e externo às organizações como, por exemplo, as voltadas para as estratégias organizacionais, equipes de trabalho, cultura organizacional, e também atua nas relações externas auxiliando na comunicação em negociações internacionais e nacionais.

Em suma, os autores argumentam que a comunicação organizacional envolve todas as atribuições do Secretário Executivo.

O curso superior em Secretariado Executivo, modalidade bacharelado, tem a duração de quatro anos e o tecnólogo tem duração média de dois anos. Conforme Carvalho (2020, p. 5), durante a formação acadêmica o discente estuda conceitos de administração, idiomas, comunicação e tecnologia, além de cursar disciplinas da área de Ciências Humanas, sendo assim perceptível a multidisciplinaridade do curso.

3.1 Atuação e Atendimento ao Público

O Secretário executivo tem como uma de suas atribuições a comunicação, de acordo com Oliveira e Gianini (2014, p.18):

O profissional de Secretariado tem, intrinsecamente na sua atuação, a função de agente comunicador, pois está presente em todos os setores, nas mais diversas relações estabelecidas dentro da empresa, na maioria dos fluxos de informações relevantes e na tomada de decisões.

Silvestre *et al.* (2021, p. 5) afirmam que na atuação do secretário, ele é a ponte entre a empresa, prestadores de serviços e clientes, o que demanda uma comunicação clara, sem ruídos, para que aconteça de forma eficaz. Por isso, esses profissionais buscam se especializar em outros idiomas, mas ainda são poucos que se tornam bilíngues em Libras.

É patente que o atendimento ao público está presente nas atribuições desempenhadas pelos secretários, evoluindo de acordo com o surgimento de novas

habilidades e novas funções ao longo de sua trajetória profissional, o que o faz ser considerado como um profissional multifuncional. Desse modo, conhecer a língua de sinais é um elemento inovador que proporciona um diferencial no atendimento ao público, como também possibilita a interação entre surdos e ouvintes e, com efeito, o conhecimento de uma nova cultura. (FRANCO, 2018 p. 52).

Segundo Marinho (2015, p. 35), o secretário executivo é avaliado “por sua capacidade em lidar com papéis e objetos materiais, mas também por sua habilidade em lidar com pessoas”. Assim, este profissional deve apresentar uma “sólida formação geral e humanística [...]” (MARINHO, 2015, p 39). Diante disso, o conhecimento em Libras se torna necessário para a atuação desse profissional pois o seu perfil contempla diversificados papéis, constando, dentre eles, o de facilitador e intermediador do processo de comunicação.

As autoras Biscoli e Lotte (2007, p. 165) sustentam que o secretário executivo precisa estar bastante atento ao processo de comunicação, pois se posiciona em relação à tomada de decisões (cúpula decisória), e também contribui para a otimização dos recursos comunicacionais que as empresas utilizam para se posicionar no mercado.

Em razão da importância de se ter ambientes mais inclusivos na contemporaneidade, o domínio da Libras se torna extremamente importante para que o secretário executivo possa atender adequadamente os surdos, ou seja, o secretário executivo atuará como elo entre a organização e os surdos, sendo responsável pela gestão das informações para que não ocorram ruídos na comunicação.

Após as reflexões anteriormente expostas sobre o universo secretarial e como o conhecimento da Libras pode contribuir para a atuação do secretário executivo, partimos para a apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

4 | METODOLOGIA DE PESQUISA

Adotamos os pressupostos da pesquisa qualitativa, nos moldes de estudo de caso, para analisar os projetos pedagógicos do curso de Secretariado Executivo de algumas universidades, com o intuito de explorar e descrever a situação em contexto da Libras e sua relação com a formação do secretário executivo. s

Segundo Paiva (2019, p.65-68), estudo de caso é um tipo de pesquisa naturalístico que vai estudar o acontecimento em seu ambiente natural, sem criar o ambiente especificamente para a pesquisa, e o pesquisador pode escolher entre um único caso ou múltiplos casos.

Para delimitar o campo desta pesquisa usamos a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011, p. 50 - 51), uma vez que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos, os quais são fundamentais para as nossas análises referentes aos PPCs de Secretariado Executivo das

universidades selecionadas.

Ressalte-se que esse estudo de caso dialoga com a complexidade dos vínculos históricos e socioculturais inerentes à formação e à atuação de secretários executivos em diversos contextos organizacionais.

A seguir, apresentamos as análises do *corpus* desta pesquisa.

5 | ANÁLISE DOS DADOS

Ao realizarmos a leitura das justificativas que constam dos PPC para a sua elaboração, foi possível identificar que a meta é possibilitar uma formação mais flexível e ampla, criando-se condições para que os egressos possam auxiliar nas atividades de gestão, empreendedorismo, consultoria e assessoria na área secretarial, em razão da formação adequada e qualificada em contexto local e global. Além disso, observamos a preocupação na construção dos projetos pedagógicos em desenvolver um perfil acadêmico e intelectual que contemple as exigências do mercado de trabalho. Desse modo, é possível verificar que a interdisciplinaridade é um dos pilares para as atualizações e reformulações dos projetos pedagógicos.

A inclusão da disciplina de Libras proporciona novas experiências, seja de forma profissional ou pessoal, pois conforme o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) 5% da população é composta por pessoas surdas, correspondendo a mais de 10 milhões de indivíduos, dos quais 2,7 milhões possuem surdez profunda. Conseqüentemente, se faz necessário que os secretários estejam capacitados para se comunicar com a comunidade surda e proporcionar uma gestão eficaz e eficiente entre as organizações e os surdos.

De acordo com o Decreto nº 5.626/2005 que tornou obrigatória a inclusão da disciplina de Libras nos cursos superiores:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (BRASIL, 2005).

Após o decreto, de acordo com Peçanha e Valadão (2019, p. 178), as universidades brasileiras começaram a implantar gradativamente a disciplina de Libras, com o objetivo especialmente de despertar o interesse dos discentes pela língua e trazer reflexões sobre

o atendimento dos direitos linguísticos e educacionais das pessoas surdas.

A Resolução CNE/CES nº 03/2005, de 23 de junho de 2005, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Secretariado Executivo, nos possibilita refletir sobre a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade em seu Art. 4, no qual dispõe sobre competências e habilidades:

I - capacidade de articulação de acordo com os níveis de competências fixadas pelas organizações;

II - visão generalista da organização e das peculiares relações hierárquicas e Intersetoriais;

III - exercício de funções gerenciais, com sólido domínio sobre planejamento, organização, controle e direção;

IV - utilização do raciocínio lógico, crítico e analítico, operando com valores e estabelecendo relações formais e causais entre fenômenos e situações organizacionais;

V - habilidade de lidar com modelos inovadores de gestão;

VI - domínio dos recursos de expressão e de comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais ou intergrupais;

VII - receptividade e liderança para o trabalho em equipe, na busca da sinergia;

VIII - adoção de meios alternativos relacionados com a melhoria da qualidade e da produtividade dos serviços, identificando necessidades e equacionando soluções;

IX - gerenciamento de informações, assegurando uniformidade e referencial para diferentes usuários;

X - gestão e assessoria administrativa com base em objetivos e metas departamentais e empresariais;

XI - capacidade de maximização e otimização dos recursos tecnológicos;

XII - eficaz utilização de técnicas secretariais, com renovadas tecnologias, imprimindo segurança, credibilidade e fidelidade no fluxo de informações; e

XIII - iniciativa, criatividade, determinação, vontade de aprender, abertura às mudanças, consciência das implicações e responsabilidades éticas do seu exercício profissional (BRASIL, 2005).

O conhecimento multidisciplinar se torna necessário para a atuação do profissional de Secretariado porque seu perfil contempla diversificados papéis, dentre eles estão o de facilitador e intermediador e, conforme consta da mencionada DCN, em seu inciso VI, o secretário executivo deve ter “domínio dos recursos de expressão e de comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais ou intergrupais” (BRASIL, 2005, p. 2).

Essas considerações são importantes para que possamos analisar minuciosamente os PPCs de sete Universidades Federais do país que oferecem o curso de graduação em

Secretariado Executivo.

a) Instituição U1

O PPC do ano de 2006 foi aprovado com a finalidade de possibilitar aos discentes o conhecimento sobre as mudanças sociais e os problemas decorrentes. Além de incentivar o exercício da cidadania, ressaltando a importância do secretário executivo no contexto social, para gerenciar as informações por meio de metodologias capazes de diagnosticar e administrar conflitos e mudanças. O outro aspecto interessante que identificamos foi a de traçar estratégias acadêmicas que contribuam para que o discente intervenha nos limites da atuação profissional proporcionando o desenvolvimento da capacitação empreendedora, em ambiência social divergente.

A construção do projeto pedagógico dessa universidade também tem o enfoque no desenvolvimento de uma sólida formação geral e humanística, com capacidade de análise, interpretação e articulação de conceitos e realidades inerentes à administração pública e privada (PPC - U1, 2006, p.1-2). A aprovação da Resolução Nº 75/2006/CONEP, Art. 7º, estabeleceu junto à referida instituição a estrutura curricular do curso de Secretariado apoiada em três núcleos:

I. Núcleo dos Conteúdos Básicos - estudos relacionados com as Ciências Sociais, com as Ciências Jurídicas e com as Ciências da Comunicação e da Informação;

II. Núcleo de Conteúdos Específicos - estudos das Técnicas Secretariais e de Gestão Secretarial, abrangendo os conteúdos relacionados com as Teorias das Organizações, com o Desenvolvimento de Recursos Humanos e com a Ética Profissional, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e o aprofundamento da Língua Nacional;

III. Núcleo de Conteúdos Teórico-Práticos - Laboratórios Informatizados, com as diversas interligações em rede, Estágio Curricular Supervisionado e Atividades Complementares (PPC- U1, 2006, p. 3).

Dentre os objetivos defendidos pela U1, destacamos o objetivo de formar o profissional com sólidos conhecimentos gerencial e tecnológico como ferramenta para dar apoio gerencial e auxiliar na inovação dos processos administrativos.

Mister ressaltar que não localizamos a disciplina de Libras no referido PPC, acreditamos que isso pode estar relacionado ao fato de o mesmo ter sido aprovado no ano de 2006. Por conseguinte, realizamos uma busca junto ao *site* da instituição e verificamos que a matriz curricular publicada possui a disciplina Libras como optativa e com carga horária de 60 horas.

Observa-se que não foi criada uma disciplina específica para o curso de Secretariado Executivo. Ademais, faz-se necessária a atualização do PPC disponibilizado para a sociedade e que contemple ajustes referentes à inserção de Libras não apenas por meio de uma disciplina de aspecto geral, mas sim como um percurso formativo dentro do curso de Secretariado Executivo.

b) Instituição U2

O projeto pedagógico do curso é do ano de 2018, foi elaborado para atender às demandas regionais na área de Secretariado Executivo. A instituição afirma que se compromete educacionalmente com a região, o estado e o país, proporcionando uma formação profissional superior de qualidade na área de Secretariado Executivo, principalmente no que se refere à preparação de cidadãos para atender não só as necessidades regionais, mas também a comunidade local. Conforme consta do projeto pedagógico, a instituição declara que tem o objetivo de promover a interdisciplinaridade e integrar a teoria e a prática, alinhando diversas áreas relacionadas com as atividades administrativas de assessoramento, esperando atender às necessidades do perfil profissional e gráfico que o mercado da região Sudeste do país exige.

Segundo o (PPC-U2, 2018 p.12):

O curso de nível superior em Secretariado Executivo pertence à área de Ciências Sociais Aplicadas, com organização curricular própria, e está programado em oito períodos de aprendizagem, articulados e estruturados de acordo com as Diretrizes Curriculares do MEC. O processo de formação de Secretários Executivos contempla a assessoria e gestão num conjunto de competências e habilidades, visando à construção paulatina e contínua do perfil do profissional.

Em outros excertos do PPC, a referida instituição argumenta que a formação busca atender à demanda atual e futura do mercado da Zona da Mata Mineira e de toda a região Sudeste, no que se refere a um assessoramento a executivos e empresas para melhoria dos processos de gestão organizacional.

Observamos que a disciplina de Libras está inserida na matriz curricular, sendo ofertada de forma optativa, com carga horária de 45 horas, e com o mesmo conteúdo para todos os cursos da instituição, conforme consta da ementa:

Introdução à Língua de Sinais. Conceituação e concepções de surdez e dos sujeitos surdos. Histórico da educação de surdos e da Língua de Sinais. Identidades surdas e cultura surda. Fundamentos da educação de surdos: Legislação. Educação bilíngue para surdos: os novos desafios das escolas inclusivas. Formação de professores para atuar na educação de alunos surdos. O papel do tradutor e intérprete de LIBRAS/Língua Portuguesa. (U2, 2021, p. 1)

Observa-se que a disciplina não foi criada abordando as especificidades da formação e da atuação dos secretários executivos.

c) Instituição U3

O PPC da U3 (2008, p.8-9) argumenta que a sua construção tem o objetivo de qualificar os profissionais da área de Secretariado Executivo, a fim de capacitá-los para atuação numa perspectiva de atendimento às exigências contemporâneas e, em especial, a uma demanda existente no estado do Nordeste, devido ao fortalecimento do seu parque industrial como, por exemplo, dos pólos automotivo, de informática e calçadista; ao potencial

turístico e à crescente demanda na área de serviços.

Dessa forma, o currículo do curso busca atender as mudanças no mundo, uma vez que:

As Universidades têm que reestruturar os currículos dos seus cursos, frequentemente, se é que desejam acompanhar as mudanças do mundo contemporâneo. Esta não é uma tarefa fácil. A sociedade tem se transformado com tamanha velocidade que, ao se finalizar uma nova proposta curricular, já se detecta obsolescência e necessidade de novas mudanças. Pode-se afirmar, então, que não é possível manter um currículo atualizado, pelas vias burocráticas e formais (PPC- U3, 2008, p. 9).

Ao analisarmos o PPC, observamos que o currículo da U3 foi reestruturado em 2008 e o mesmo diz que ao longo desses anos houve apenas pequenas alterações. Nesse projeto pedagógico não é abordada a disciplina de Libras, no entanto a disciplina consta da estrutura curricular do curso como optativa e é ofertada com 60 horas de carga horária.

A ementa contém a seguinte descrição:

Breve estudo sobre as características biológicas, socioculturais e linguísticas do surdo. Breve estudo sobre o desenvolvimento linguístico do surdo, de sua inserção na sociedade e dos aspectos educacionais envolvidos em sua formação. Práticas das estruturas elementares de LIBRAS.

Em síntese, trata-se também de uma disciplina básica e direcionada a todos os cursos da instituição.

d) Instituição U4

O projeto pedagógico da instituição U4 tem como base a interdisciplinaridade pautada nas competências do conhecimento (saber), habilidades (o fazer) e atitudes (fazer eticamente), buscando uma formação que contemple relações entre conhecimentos teóricos e práticos contidos no cotidiano da profissão. A efetividade da formação está ligada à capacidade de aplicar os conhecimentos técnicos e científicos adquiridos durante a sua formação acadêmica em sua realidade profissional. (PPC-U4, 2018 p. 16).

Conforme consta do referido PPC, o perfil de formação esperado do egresso está direcionado para uma:

capacitação e aptidão para compreender as questões que envolvam sólidos domínios científicos, acadêmicos, tecnológicos e estratégicos, específicos de seu campo de atuação, assegurando eficaz desempenho de múltiplas funções de acordo com as especificidades de cada organização, gerenciando com sensibilidade, competência e discrição o fluxo de informações e comunicações internas e externas (PPC-U4, 2018 p.14).

Além disso, metodologia do curso é apresentada como sendo uma forma de orientar o processo de ensino-aprendizagem para resolução de situações-problemas por meio de uma estratégia que proporcione o processo reflexivo, para que o discente consiga responder os desafios próprios da sua condição profissional. Esse projeto pedagógico também aborda a flexibilização do currículo do curso através das disciplinas eletivas que os

discentes podem escolher para a capacitação que desejam ter em sua formação. (PPC-U4, 2018 p. 17 - 23).

Este PPC tem como foco a interdisciplinaridade pautando-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para curso de Bacharelado em Secretariado Executivo, sendo a formação do egresso voltada para a atuação em organizações de qualquer natureza, sejam públicas, privadas ou não governamentais, com vistas a exercer as atividades de assessoria, empreendedorismo, consultoria e gestão da área secretarial.

Ademais, um ponto importante é que especificam na construção do PPC que escolheram alguns componentes curriculares para atender às disposições legais como, por exemplo, o Decreto n. 5.626/2005, que dispõe sobre a Libras.

A seguir segue a ementa da disciplina de Libras disponível na grade curricular da U4:

Reflexão sobre os aspectos históricos da inclusão das pessoas surdas na sociedade em geral e na escola; a Libras como língua de comunicação social em contexto de comunicação entre pessoas surdas e como segunda língua. Estrutura linguística e gramatical da Libras. Especificidades da escrita do aluno surdo, na produção de texto em língua portuguesa. O intérprete e a interpretação como fator de inclusão e acesso educacional para os alunos surdos ou com baixa audição. (PPC - U4, 2018 p. 129).

Após verificação da ementa, é possível identificar que a disciplina é ofertada de forma introdutória, não possui pré-requisitos para a sua inclusão na grade de horários do discente, é composta por 60 horas de carga horária teórica.

Em suma, essa disciplina de Libras aborda a história da língua de forma geral, tanto no contexto social quanto educacional para que possa ser apresentado aos discentes um pouco da jornada da comunidade surda e seus desafios recorrentes. Outrossim, busca proporcionar aos discentes o conhecimento sobre como se estrutura a língua e sua gramática, a importância do intérprete para inclusão dos surdos ou pessoas com baixa audição no âmbito educacional e laboral, mas esses assuntos são trazidos com caráter básico.

Acreditamos que é necessário a oferta de outras disciplinas de Libras voltadas para o curso de Secretariado Executivo como forma de aprofundar os conhecimentos sobre essa língua e alinhar a teoria com a prática, para atender de forma eficiente a comunidade surda e também a disciplina possa ser difundida e reconhecida sua importância para a formação do discente.

e) Instituição U5

Na instituição U5, o projeto pedagógico mais atual e vigente é do ano de 2017. O seu objetivo geral está direcionado em: “proporcionar aos discentes do Curso de Secretariado Executivo da U5 conhecimento e formação para o exercício pleno das funções secretariais nas diversas organizações, atendendo as demandas da sociedade” (U5, 2017, p. 10).

Em suma, o curso pretende auxiliar na formação e desenvolvimento dos discentes

no que diz respeito aos conhecimentos, habilidades e atitudes básicas que estão fundamentadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN).

Ao analisar o PPC, verificamos que na organização curricular há a disciplina de Língua Brasileira de Sinais I, como uma disciplina optativa, precisamente classificada no eixo estruturante da formação humanística que possui como uma das habilidades a “abertura e respeito à diversidade e aos aspectos relacionados aos direitos humanos” e como uma das atitudes “respeitar as pessoas em suas diferenças” (U5, 2017, p. 14). Abaixo estão os assuntos que são ministrados de acordo com sua ementa:

Fundamentos históricos culturais da Libras e sua relação com a educação dos surdos. Parâmetros e traços linguísticos da Libras. História sócio educacional dos sujeitos surdos. Cultura e identidades surdas. O Alfabeto datilológico. Expressões não-manuais. Uso do espaço. Classificadores. Vocabulário da Libras em contextos diversos. Diálogos em língua de sinais (U5, 2017, p. 57 - 56).

A presente disciplina possui carga horária total de 64h, não possuindo pré-requisitos para a sua inclusão na grade de horários do discente. Além disso, a U5 possui uma ementa mais detalhada, principalmente em relação a da U6 que apenas aborda, de forma simples, as áreas nas quais a disciplina será lecionada.

f) Instituição U6

Na Instituição U6, o Projeto pedagógico em vigência é do ano de 2017, sendo que atualização do mesmo foi motivada para:

(...) atender aos objetivos de formação de profissionais aptos para atender e atuar no contexto socioeconômico e acadêmica altamente competitivo, promovendo estudos e pesquisas relacionadas à produção de conhecimento na área de secretariado (U6, 2017, p. 15).

Desta maneira, podemos destacar que há uma precisão em atualizar os PPCs visto a necessidade de adequação do perfil profissional ao mercado de trabalho e suas constantes evoluções.

O objetivo geral do curso está voltado para a formação de profissionais com visão generalista e capazes de modificar a realidade/contexto, no qual os mesmos se inserem, a fim de que possam atender as demandas do contexto empresarial, seja regional ou nacional, conforme citado abaixo:

Formar profissionais em secretariado politicamente críticos e proficientes em assessoria e gestão secretarial, inovadores, participativos e conhecedores de comunicação para atuarem como agentes facilitadores de melhoria da gestão e desenvolvimento estratégicos das empresas públicas, privadas, organizações governamentais e não-governamentais (U6, 2017, p. 17).

Para viabilizar a inserção política, social, cultural e ambiental no âmbito do curso é ofertado disciplinas como a de introdução à Libras, que possui a seguinte ementa:

Compreender a LIBRAS como língua natural dos surdos do Brasil, nos

aspectos históricos e educativos; sociais, culturais, políticos, linguísticos e identitários" (U6, 2017, p. 45).

A referida disciplina é categorizada no PPC como disciplina eletiva, a qual os discentes podem cursar, de acordo com a grade curricular, no 3º e 8º períodos. Em se tratando dos componentes curriculares eletivos elencados no mencionado projeto, localizamos a disciplina de Libras.

Ao analisar sua ementa consideramos que são apresentados pontos importantes para a compreensão dos discentes, pois a disciplina apresenta aspectos variados. Contudo, transmitidos de forma inicial e sem conexão entre o conteúdo indicado, o universo da Libras, e a graduação em Secretariado Executivo.

g) Instituição U7

O curso de Secretariado Executivo Bilíngue foi autorizado pelo Conselho Universitário da U7 - CONSUNI/U7 em março de 2006, sendo o PPC formulado no mesmo ano, possuindo validade até o presente momento.

Consta do documento que o objetivo do curso está direcionado à formação de profissionais competentes para atuarem nas organizações públicas e privadas de forma a promover e participar de implementações de melhoria no processo de gestão. Assim, além das quatro competências: assessor; gestor; empreendedor e consultor, existe a competência de tradutor, em que o profissional poderá realizar traduções do espanhol e inglês a fim de facilitar a gestão e articulações a nível nacional e internacional.

O intento do curso é formar bacharéis com sólida formação geral e humanística a fim de gerir pessoas e processos, nos níveis de comportamento micro-organizacional, meso-organizacional e macro-organizacional (U7, 2006, p. 07).

Ao analisar o projeto pedagógico da U7 não localizamos a disciplina de Libras que deveria ser ofertada como optativa. No entanto, verificamos que a disciplina está inserida como optativa na matriz curricular do curso, contendo carga horária total de 60h e 04 créditos.

Conforme consta da ementa:

Aspectos sócio históricos, linguísticos e culturais da Surdez. Concepções de linguagem, língua e fala e suas implicações no campo da Surdez. Elementos definidores do status linguísticos da Língua de Sinais. Aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semântico-pragmáticos da Língua Brasileira de Sinais. A Libras na relação fala/escrita. (U7, {s. d.}, p. 1)

Ao verificar a ementa da U7 encontramos tópicos que englobam o contexto histórico, cultural e pontos da linguística aplicada a Língua Brasileira de Sinais. Todavia, de forma introdutória e sem estabelecer uma relação direta com o curso e o profissional de Secretariado Executivo, assim como as instituições anteriores.

A seguir, são apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Libras ainda não é a segunda língua oficial do Brasil, mas sim uma língua reconhecida e decretada pela Lei nº 10.436/2002. Segundo Franco (2018, p. 14), com o reconhecimento da Libras como língua natural pela comunidade surda, os profissionais de diversas áreas precisam estar preparados para oferecer um atendimento adequado a este público, e como o profissional de secretariado executivo tem como base relações humanas no exercício de seu trabalho, possuir habilidades de comunicação nessa língua é condição necessária para recepcionar o público surdo, pois se não houver interação entre as partes, não será possível um atendimento de qualidade.

A partir da análise de conteúdo conseguimos refletir e identificar que há a necessidade de se reformular os Projetos Pedagógicos do curso de Secretariado Executivo para atender às demandas profissionais e educacionais. Deste modo, observamos, por exemplo, que existem projetos pedagógicos do ano de 2006, 2008, 2017, 2018, que ainda estão em vigência e que não refletem satisfatoriamente a realidade do mercado de trabalho, o qual é permeado por constantes mudanças.

Nesse particular, constatamos que os cursos necessitam acompanhar essas mudanças, e um dos passos para isso, é que as coordenações se atentem para reformular de acordo com as exigências educacionais e profissionais atuais, como é o caso da disciplina de Libras – que não foi inserida e relacionada à formação e à atuação de secretários executivos– nos PPCs de algumas universidades que foram objeto de estudo desta pesquisa.

A atualização destes PPCs é fundamental para o aprimoramento das habilidades e técnicas desempenhadas pelo secretário executivo, bem como para a inserção profícua da disciplina de Libras junto à matriz curricular do curso, possibilitando assim aos discentes várias oportunidades para explorar novas áreas de conhecimento e aperfeiçoar a sua formação.

A partir de nossas análises, observamos que seria fundamental que a disciplina de Libras tivesse foco na área secretarial, sendo, por exemplo, ofertada por meio de mais de uma única disciplinas a fim de que as instituições pudessem proporcionar percursos formativos aos seus discentes, exponenciando a inclusão e, por conseguinte, influenciando às vivências e atuações dos secretários executivos em diversos ambientes organizacionais.

Por fim, desejamos que outras pesquisas abordem as relações estabelecidas entre o ensino-aprendizagem de Libras e a formação e a atuação do secretário executivo em diferentes contextos socioculturais, contribuindo-se para a consolidação da disciplina da área secretarial.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Vitor. **População brasileira chega a 213,3 milhões de pessoas em 2021**. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-08/populacao-brasileira-chega-2133-milhoes-de-pessoas-em-2021>. Acesso em: 07 fev. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BÍSCOLI, F. R. V.; LOTTE, R. I. Reflexões teóricas sobre a importância da comunicação na profissão de secretariado executivo. **Revista Expectativa**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2007. DOI: 10.48075/revex.v5i1.91. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/91>. Acesso em: 07 fev. 2023.

BORTOLOTTI, Maria Fernanda Pasa; WILLERS, Ednilse Maria. Profissional de secretariado executivo: explanação das principais características que compõem o perfil. **Revista Expectativa**, Toledo, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2007. DOI: 10.48075/revex.v4i1.410. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/410>. Acesso em: 07 fev. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/at02004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 07 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. **Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985**. Dispõe sobre o exercício da profissão de secretário e dá outras providências. Brasília, 01 out. 1985. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7377.htm. Acesso em: 07 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.261, de 10 de janeiro de 1996**. Altera a redação dos incisos I e II do art. 2º, o caput do art. 3º, o inciso VI do art. 4º e o parágrafo único do art. 6º da Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985. Brasília, 11 jan. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9261.htm. Acesso em: 07 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da educação. Conselho nacional de educação. **Resolução Nº 3, de 23 de junho de 2005**. Institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Secretariado Executivo e dá outras providências. Brasília: Câmara de Educação Superior, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces003_05.pdf. Acesso em: 06 mar. 2023.

CARVALHO, Romaly de. **Manual da secretária eficiente**: Como agir administrativamente na empresa. Editora Romaly de Carvalho, 2020. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpd&asin=B088F7HQJG&tag=ler-livros-20&amazonDeviceType=A2CLFWBIMVSE9N&from=Bookcard&preview=newtab&reshareId=X28SVT68FYJMWSJFJ802&reshareChannel=system>. Acesso em: 26 fev. 2023.

CRISTIANO, Almir. **Os cinco parâmetros da Libras**. 2018. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/421260/mod_resource/content/1/2.%20Os%20Cinco%20Par%20C3%A2metros%20da%20Libras.pdf. Acesso em: 06 mar. 2023.

ELEITORAL, Tribunal Regional (org.). **23 e 24 de abril dia nacional da educação para surdos e dia nacional da língua brasileira de sinais**. 2021. Disponível em: <https://www.tre-pe.jus.br/imprensa/noticias-tre-pe/2021/Abril/23-e-24-de-abril-dia-nacional-da-educacao-para-surdos-e-dia-nacional-da-lingua-brasileira-de-sinais>. Acesso em: 07 jan. 2023.

FRANCO, Myrella Dias. **A comunicação em libras: percepções de secretários executivos no atendimento à pessoa surda**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/41320/1/2018_tcc_mdfranco.pdf. Acesso em: 13 fev. 2023.

GALINDO, A. G., CARVALHO, I. da C., SOUZA, E. C. P. Cursos de bacharelado em secretariado na região norte do Brasil: Análise Exploratória de suas Matrizes Curriculares. 2012. **Revista De Gestão E Secretariado**, 3(1), 134–158. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4356/435641689008.pdf>. Acesso em 07 jan. 2023.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa?**. crenças e preceitos em torno da língua de sinais e da realidade da pessoa surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. Ed, São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

Maia, M. I. S. (2017). **A importância da história dos surdos para o avanço da educação**. *Porto Das Letras*, 3(1), 101 - 111. Disponível em: Recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4765>. Acesso em: 03 fev. 2023.

MARINHO, Ana Paula (org.). **Framework do plano de carreira do profissional secretário**. São Paulo: Sinsesp, 2015.

OLIVEIRA, Rebeca Bueno de; GIANINI, Viviana Cristina. O profissional secretário como agente facilitador na comunicação organizacional. 2014. Rio Claro: **Revista Ensaios & Diálogos**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/17297339-O-profissional-secretario-como-agente-facilitador-na-comunicacao-organizacional.html>. Acesso em: 07 jan. 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2019.

PEÇANHA, I. A.; VALADÃO, M. N. Língua Brasileira de Sinais: contribuições para a formação do secretário executivo. **Revista Expectativa**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 174–197, 2020. DOI: 10.48075/revex.v18i1.21813. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/21813>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PEREIRA, Graciele Kerlen. **Libras – Língua Brasileira de Sinais** (texto adaptado). 2015. Apostila Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/curso_de_libras_-_graciele.pdf. Acesso em: 05 mar. 2023.

SILVESTRE, Ana Livia Santana *et al.* **Implementação de Libras no curso técnico de secretariado**. São Paulo: ETEC Lauro Gomes, 2021. Disponível em: [http://www.etelg.com.br/paginaete/cursos/TCC/IMPLEMENTA%C3%87%C3%83O%20DE%20LIBRAS%20NO%20CURSO%20T%C3%89CNICO%20DE%20SECRETARIADO.\(FINAL\).PDF](http://www.etelg.com.br/paginaete/cursos/TCC/IMPLEMENTA%C3%87%C3%83O%20DE%20LIBRAS%20NO%20CURSO%20T%C3%89CNICO%20DE%20SECRETARIADO.(FINAL).PDF). Acesso em: 12 de fev. 2023.

MANIFESTAÇÕES DA CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO LOCAL: ESTUDO DE CASOS

Data de aceite: 02/05/2023

Nathalia Lopes da Silva

Doutoranda no Programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (UNIPAMPA). Acadêmica do curso de Letras/Português (UNIPAMPA)

RESUMO: No presente artigo realiza-se uma observação exploratória sobre dois jornais impressos de cidades da Fronteira Oeste e suas manifestações digitais. Analisou-se os jornais Em Questão (Alegrete – RS) e a Folha de São Borja (São Borja – RS) com o objetivo de investigar quais as estratégias tem sido utilizadas por estes meios nas mídias digitais. Bem como, entender porque os jornais impressos vem investindo nesse sentido, para tanto, fez-se entrevistas semiestruturadas e utilizou-se os conceitos de Jenkins (2008; 2016). Propõe-se ainda nessa reflexão a observação sobre como essas ações se desenvolvem, para constatar se há presença das características do jornalismo digital (MIELNICZUK, 2003) e de estratégias de jornalismo multiplaplataforma nessas produções. A partir dessa pesquisa inicial constatou-se que os veículos do

jornalismo local ainda estão no início do processo de adaptação à lógica da cultura da convergência.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura da Convergência; Jornalismo Multiplataforma; Jornalismo local;

ABSTRACT: In this article an exploratory observation is made on two printed newspapers from West Frontier cities and their digital manifestations. We analyzed the newspapers Em Questão (Alegrete - RS) and Folha de São Borja (São Borja - RS) in order to investigate which strategies have been used by these media in digital media. As well, to understand why printed newspapers have been investing in this sense, for that, we made semi-structured interviews and used the concepts of Jenkins (2008, 2016). It is also proposed in this reflection the observation on how these actions are developed, in order to verify if there is presence of the characteristics of digital journalism (MIELNICZUK, 2003) and strategies of multiplatform journalism in these productions. From this initial research it was verified that the vehicles of the local journalism are still in the beginning of the process of adaptation to the logic of the culture of the convergence.

KEYWORDS: Culture of Convergence; Journalism Multiplatform; Local Journalism;

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da maneira como o jornalismo local, de duas cidades da Fronteira Oeste (FO) do Rio Grande do Sul, vem se adaptando as lógicas da Cultura da Convergência (JENKINS, 2008). Para tornar essa pesquisa possível, desenvolveu-se uma observação exploratória sobre duas empresas jornalísticas, uma da cidade de São Borja/RS e outra de Alegrete/RS, sendo elas, respectivamente, a Folha de São Borja e o Jornal Em Questão.

Analisou-se uma edição impressa de cada jornal e suas manifestações em mídias digitais. Isto foi realizado com objetivo de investigar quais as estratégias estão sendo utilizadas por estes meios. Bem como, entender por qual motivo os jornais impressos vem investindo nessas estratégias, para tanto utilizou-se as ideias de Jenkins (2008; 2016).

Os objetos analisados se tratam de duas empresas de mídia, o Jornal Em Questão (Alegrete/RS) e o jornal Folha de São Borja. Foram analisados os jornais impressos e manifestações digitais, sendo estas as páginas no *Facebook*, perfis no *Youtube* e *sites*. Ambas empresas iniciaram suas atividade como jornais impressos, mas hoje atuam também em plataformas digitais. Estes foram escolhidos por serem dois dos principais veículos noticiosos de seus municípios e por terem como principal meio de comunicação o jornal impresso, bem como, por atualmente também desenvolverem-se no *ciberespaço* (LÉVY, 1999). Desta forma tais semelhanças são convenientes aos objetivos da análise.

Propõe-se nessa reflexão a observação sobre de que forma essas estratégias se desenvolvem, para viabilizar tal análise realizou-se uma observação exploratória e entrevistas semiestruturadas com os gestores das duas empresas. Foram analisadas as edições impressas dos dias dois de dezembro (Em Questão) e seis de dezembro (Folha de São Borja), e as plataformas digitais no período de três a seis de dezembro de 2017.

Estes procedimentos metodológicos foram utilizados para constatar se ocorre a presença de estratégias multiplataforma no jornalismo local da F.O., levando em consideração as características do jornalismo digital (PALACIOS, 2002; MIELNICZUK, 2003). A partir dessa pesquisa inicial contatou-se que as empresas jornalísticas locais estão começando a se adaptar às lógicas da convergência jornalística, pois suas estratégias encontram-se em processo de planejamento e implantação.

“O FUTURO JÁ CHEGOU”¹: A CONVERGÊNCIA EM ANDAMENTO

Conteúdos de entretenimento que se desenvolvem em múltiplas plataformas, histórias de revistas em quadrinhos que dão origem a filmes, jogos, séries, etc. Jornais

¹ Trecho da frase de Willian Gibson, que abre o prefácio do livro “Cultura da Convergência”: “O futuro já chegou só não está distribuído de forma equilibrada”. (JENKINS, 2008, p.11)

impressos criando manifestações na *web*, produzindo conteúdos para plataformas de compartilhamento de vídeos e redes sociais. Canais de televisão desenvolvendo conteúdo exclusivo para mídias móveis. Comunidades de fãs que produzem conteúdo autônomo a partir de seus produtos favoritos. Tais mudanças transformam a forma como se produz, consome e propaga conteúdos, como afirma Jenkins (2008, p. 43) “prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência”.

Jenkins (2008) entende que na convergência as velhas e as novas mídias parecem entrar em total rota de colisão. A teoria da Cultura da Convergência se refere a um processo em andamento, que promove transformações nos âmbitos social, cultural e econômico.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 29)

O autor (JENKINS, 2008; 2016) defende que esse processo não é algo concluído. Em consonância com essa ideia, Scolari (2016, p. 183) afirma que “este é um processo em curso e ainda não terminou! Neste contexto, considero que a comunicação móvel está no centro dos processos de convergência cultural contemporâneos”. Jenkins, destaca a complexidade desse cenário ao ponderar que “NADA é estável nesta configuração específica. Tudo está em fluxo, nada é predeterminado como imaginamos, pois este é um momento de transição prolongado e profundo da mídia” (2016, p. 176).

Um dos princípios da convergência, é que esta não se caracteriza apenas por ser uma mudança tecnológica, mas um processo que transforma a forma como se dão relações sociais e econômicas. Para Jenkins (2008, p. 43), “a convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento”. Diante disso, pode-se inferir, que na Cultura da Convergência, na qual as tecnologias se transformaram e os comportamentos dos públicos mudaram, os meios tradicionais de mídia vem desenvolvendo ações para se adaptar a essa nova lógica comunicacional.

As franquias transmidiáticas, segundo Jenkins (2008), são manifestações características dessa nova cultura. Essas franquias ocorrem quando produtos de mídia se desenvolvem através de múltiplas plataformas para contar uma narrativa transmidiática. O autor destaca que,

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal da narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor [...] Cada acesso a franquia deve ser autônomo [...] Cada produto determinado é um ponto de acesso a franquia como um todo. (JENKINS, 2008, p. 138)

Segundo Zago e Belochio (2014, p. 5), o jornalismo também vem se adaptando às

lógicas da convergência, sendo que “as franquias são possíveis no jornalismo a partir de movimentos de criação de perfis e/ou produtos distintos para diferentes espaços midiáticos. Cada um tem papel específico na cadeia de distribuição multiplataforma da marca” (2004, p. 6). Contudo as franquias jornalísticas ainda não se caracterizariam pela produção de narrativas transmídiaicas, no sentido conceituado por Jenkins (2008) e Scolari (2015). Há uma tendência no jornalismo no que se refere a formação dessas franquias, sendo que cada vez mais veículos vem investindo em tais estratégias.

Neste trabalho, busca-se observar se tais franquias levam em consideração as características do jornalismo digital, que são segundo Palácios (2002) e Mielnoczuk (2003): hipertextualidade, interatividade, atualização contínua, personalização, memória e multimídiaidade. Diante dos conceitos expostos percebe-se que a formação de franquias jornalísticas vem ocorrendo também nas cidades do interior.

O jornalismo praticado nas regiões distantes dos grandes centros é entendido como jornalismo de interior e recebe essa nomenclatura por possuir características distintas do jornalismo praticado pelas grandes empresas de mídia. Segundo Santos e Castro (2013), a proximidade com os acontecimentos e seus desdobramentos perante o público influencia na produção das notícias. Bem como a possibilidade de tomar conhecimento dos fatos antes dos demais meios é potencializada, e a característica da identificação acontece em níveis mais elevados, já que geralmente os meios noticiosos de maior circulação optam por abordar temas mais gerais, pouco conectados com as características regionais. A oportunidade, segundo os autores, é a característica mais explícita no jornalismo de interior, pois estando próximo aos fatos o jornalista tem a possibilidade de apurar de forma mais abrangente a notícia.

Entende-se então que dentro da lógica da convergência o jornalismo vem se adaptando e transformando significativamente. O próximo tópico analisa de que forma isso vem ocorrendo em dois jornais locais do interior do RS.

CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO LOCAL: OS CASOS EM QUESTÃO E FOLHA DE SÃO BORJA

A Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul tem tradição no que se refere ao jornalismo impresso. O jornal Gazeta de Alegrete (Alegrete/RS), por exemplo, é o jornal mais antigo em circulação no Estado, foi fundado em primeiro de outubro do ano de 1882. Contudo, percebe-se que na Região os meios tradicionais começaram a pouco a se desenvolver em plataformas digitais, como o jornal Em Questão, que começou a realizar tais ações em abril de 2016² e o jornal Folha de São Borja, que iniciou essas atividades há cinco anos.

De acordo com o proprietário do jornal Em Questão, o jornalista Paulo de Tarso Pereira, há apenas cerca de um ano e meio que este vem investindo na veiculação de

2 Cf. informações do proprietário da empresa Paulo de Tarso Pereira, por meio de entrevista por meio digital no dia 05 de dezembro de 2017.

conteúdos através de plataformas digitais. Segundo ele, isso se deu devido à queda nas vendas do impresso e ao concorrente, Gazeta de Alegrete, ter começado a investir fortemente em tais estratégias. Conforme pesquisa exploratória, entende-se que a criação de portais nativos da web que veiculam informações diárias, como os sites Portal do Alegrete e AlegreteTudo, podem ter impulsionado a inserção dos jornais no meio digital em Alegrete/RS, que estes surgiram nos últimos três anos.

A partir de observação exploratória percebe-se que o Em Questão, vem se desenvolvendo de variadas formas nos meios digitais. A empresa que começou apenas como jornal impresso em 2000, atualmente possui um *site*, uma página no *Facebook* e um canal no *Youtube*, todos com o mesma marca. Conforme Pereira (2017, entrevista), foram contratados um jornalista e um publicitário para desenvolverem tais ações. Seu concorrente, o jornal Gazeta de Alegrete, além desses elementos possui também perfil no aplicativo *Instagram*.

O *site*³ do *Em Questão* apresenta um *layout* organizado e de fácil navegação, há uma barra de menus, nos quais o público pode acessar as sessões: Em campo, Cidade, Cultura, Esportes, Educação, Negócios, Política, Polícia, Você repórter e um botão para mais editorias, os quais direciona para a sessão Tecnologia. Na parte superior da página, uma barra atualiza as principais notícias.

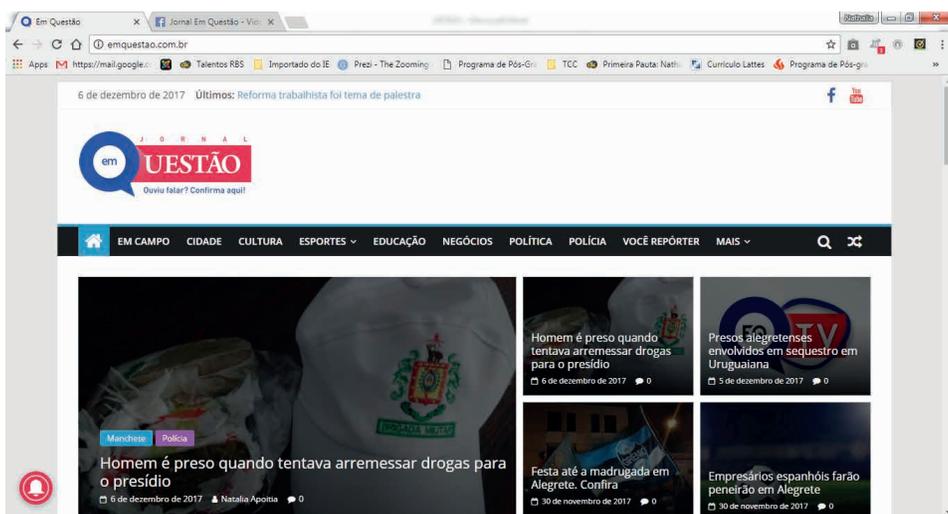


Figura 1: Screenshot da página inicial do site Jornal Em Questão

Fonte: Homepage do site Jornal Em Questão⁴

Há matérias produzidas somente para o *site* e também a reprodução de algumas reportagens do impresso, isso ocorre com a matéria *Alegretense é o novo desembargador*

3 Disponível em: <<http://emquestao.com.br/>>. Acesso em: Dez. de 2017.

4 Disponível em <<http://www.emquestao.com.br/>>

do *TRT da 4ª Região*⁵, ela foi publicada no impresso do dia 02 de dezembro e no *site* sem adaptações para o meio. O formato das matérias é o tradicional, texto acompanhado de fotos, não possuindo outros recursos multimídia, como vídeos, áudios ou infográficos.

Contudo, algumas práticas são marcas do jornalismo digital, como o projeto de jornalismo colaborativo *Você Repórter*, que veicula matérias escritas pelos leitores. Este é descrito na página como “um novo projeto editorial do www.emquestao.com.br com o #jornalemquestao, mostra aos internautas experiências e trabalhos realizados voluntariamente por pessoas, instituições e grupos da cidade”.

O *site* permite ao público interagir com os conteúdos através de comentários e possui botões para compartilhamento nas principais redes sociais e aplicativos de mensagens como *Messenger* e *Whatsapp*. Existem também *links* para a página do jornal no *Facebook* e o canal no *Youtube*. Há ainda um botão que permite ao leitor se inscrever e receber notificações. Ainda é possível acessar uma prévia do canal do *Youtube*⁶ *EQTV*. Destaca-se que o jornal impresso não faz nenhuma referência as representações digitais da empresa.

A página⁷ no *Facebook*, denominada *Jornal Em Questão*, possui todas as informações básicas sobre endereços físicos e virtuais, apresenta chamadas para matérias do *site*, postagens próprias e compartilhamento de vídeos do canal do *Youtube*. Segundo Pereira (2017, entrevista) a ação que mais proporciona engajamento na plataforma são as *lives*⁸, que chegam a ter 9 mil visualizações, como ocorreu na *live*⁹ que mostrou a carreata que recebeu os vencedores do concurso Desafio Farroupilha, somente essa publicação obteve 9,7 mil visualizações. No canal da plataforma *Youtube* são publicados vídeos, com durações variadas, geralmente se tratam de entrevistas e não possuem um formato padronizado.

Conforme Perreira (2017, entrevista), a intensão é tornar o meio digital a “porta de entrada” principal do Em Questão. Ele afirma que o “carro chefe” do jornal ainda é o impresso, contudo pretende diminuir a sua circulação gradualmente ainda esse ano.

A Folha de São Borja, segundo o diretor geral, Humberto Andres (2017, entrevista), foi fundada no ano de 1970 e tem como seu principal meio o jornal impresso. A edição impressa faz uma pequena menção aos meios digitais do veículo, mas especificamente ao *site*¹⁰, logo na primeira página, contudo não menciona a página¹¹ do *Facebook*.

A página virtual da Folha de São Borja, possui as matérias em destaque em um painel dinâmico no qual as fotos das notícias passam constantemente, um botão de

5 Disponível em: <<http://emquestao.com.br/2017/12/01/alegretense-e-o-novo-desembargador-do-trt-da-4a-regiao/>> Acesso em: Dez. de 2017.

6 Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCXfOS1MNWwN4DMINXw2PjVQ>> Acesso em: Dez. de 2017.

7 Disponível em: <<https://www.facebook.com/emquestaoale/>> Acesso em: Dez. de 2017.

8 Vídeos transmitidos em tempo real através da plataforma.

9 Dados coletados até o dia 06 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/emquestaoale/videos/1954609238085835/>> Acesso em: Dez. de 2017.

10 Disponível em: <<http://www.folhadesaaborja.com.br/>> Acesso em: Dez. de 2017.

11 Disponível em: <https://www.facebook.com/fohadesaaborja/?hc_ref=ARTMc35UbZR-1M1DTR2iRCBXWFW691EB-mz8k-sO9gmpzeM0nHbzOScNomHINNayBwg&fref=nf> Acesso em: Dez. de 2017.

direcionamento para o *Facebook* e as edições impressas digitalizadas em sua íntegra. No *site*, assim como no *Facebook*, não há matérias produzidas exclusivamente para essas plataformas, as produções veiculadas são reproduzidas do jornal impresso, sem adaptações. Na página da rede social apenas são veiculadas as manchetes das matérias principais do jornal anteriormente a sua distribuição.



Figura 2: Screenshot da página inicial do site Folha de São Borja

Fonte: <http://www.folhadesaoborja.com.br>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nessa investigação inicial pode-se concluir que os jornais *Em Questão* (Alegrete) e *Folha de São Borja* (São Borja), vem iniciando a busca por se adaptar as novas configurações midiáticas. Percebe-se que o *Jornal Em Questão* está mais avançado nesse processo, levando em consideração que este apresenta as possibilidades de multimídia, atualização contínua, memória e interatividade, características do jornalismo digital. Contudo ainda não desenvolve a hipertextualidade e a personalização. Já a *Folha de São Borja*, apresenta apenas a característica da atualização contínua, pois em seu *site* não é possível aos leitores, nem mesmo, a inserção de comentários.

Percebe-se que ambas empresas desenvolvem franquias jornalísticas, pois seus produtos se ocorrem em múltiplas plataformas de mídia. Contudo a *Folha de São Borja* apenas reproduz as matérias veiculadas no impresso nos demais suportes, enquanto o *Jornal Em Questão* produz material exclusivo para as mídias digitais.

Pode-se inferir também que as características do jornalismo local se potencializam diante das possibilidades da Cultura da Convergência. Pois os elementos de atualidade e proximidade se tornam ainda mais predominantes, já que em as matérias locais são

publicadas cada vez mais rápido e em um fluxo maior.

Percebemos também nesse cenário o surgimento de portais criados a partir de um meio tradicional, mas funcionam independente deste. Em Alegrete, há o Portal AlegreteTudo¹², originário de uma emissora de rádio local mas que não faz referência a esta, é destinado a matérias informativas predominantemente locais e regionais e vem se tornando um dos principais¹³ meios informativos da cidade devido ao fluxo de matérias e a atualização contínua. Percebemos, a partir dos dados analisados, o alto engajamento da população quanto aos assuntos próximos e relacionados diretamente as questões da comunidade, percebendo que as lógicas da Cultura da Convergência se adaptam as características do tipo de jornalismo realizado, podendo potencializar uma ou outra característica deste.

A partir da fundamentação teórica que embasa esse artigo, da observação realizada sobre as manifestações impressas e digitais, de dois jornais de cidades da Fronteira Oeste do RS, e das entrevistas semiestruturadas realizadas, entende-se que o jornalismo local também vem se adaptando a Cultura da Convergência. Contudo, isso vem ocorrendo, principalmente, devido as motivações mercadológicas. Contudo, a partir das entrevistas, infere-se que os gestores já perceberam a necessidade de desenvolver tais ações, pois ambos entrevistados afirmam que pretendem ampliar essas estratégias.

Conclui-se, desse modo, que há uma tendência nas empresas jornalísticas locais, as quais ainda estão começando a desenvolver estratégias em múltiplas plataformas. Percebe-se que a partir do amplo engajamento por parte do público em alguns materiais - fato que vai ao encontro da teoria de Jenkins (2008) - existem muitas possibilidades de atuação nessa área, nas quais essas empresas podem desenvolver suas ações, ampliando as suas representações digitais e adaptando-se as lógicas da cultura da convergência, que já é uma realidade.

REFERÊNCIAS

ANDRES, Humberto. Entrevista. São Borja, 06 de dezembro de 2017.

CANAL Em Questão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCXfOS1MNWwN4DMINXw2PjVQ>> Acesso em: dez. 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, Henry. '**Convergência e conexão são o que impulsiona a mídia agora**' [Entrevista] Intercom – RBCC: São Paulo, v.39, n.1, p.213-219, jan./abr. 2016

JORNAL Em Questão. Alegrete: n.1838, 2 de novembro de 2017, p. 16.

12 Portal AlegreteTudo. Disponível em: <http://alegretetudo.com.br/>.

13 Possuía no dia 07 de maio de 2018 45.152 curtidas na sua página no Facebook e uma média de ... acessos diários no site. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PortalAlegreteTudo/>>

JORNAL Folha de São Borja.

MIELNICZUK, I. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Tese de doutorado desenvolvida no programa de pós-graduação em comunicação e culturas contemporâneas da UFBA. Salvador, 2003.

PÁGINA Jornal Em Questão. Disponível em: <<https://www.facebook.com/emquestaoale/>> Acesso em: dez. 2017.

PÁGINA Folha de São Borja. Disponível em: <https://www.facebook.com/fohadesaoborja/?hc_ref=ARTMc35UbZR-1M1DTR2iRCBXWFW691EBmz8k-sO9gmpzeM0nHbzsOScNomHINNayBwg&fref=nf> Acesso em: dez. 2017.

PALACIOS, M. **Jornalismo online, informação e memória**: apontamentos para debate. In: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf.

PEREIRA, Paulo de Tarso. **Entrevista**. Alegrete, 05 de dezembro de 2017.

RÁDIO *online* Jornal Em Questão. Disponível em: <<http://radio.garden/live/alegrete-rs/em-questao-online/>> Acesso em: dez. 2017.

SANTOS, Darlan Roberto dos; CASTRO, Juliana Monteiro de. **Jornalismo do Interior: Características, estigmas e seu papel na Sociedade**. IX Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto: MG, 2013.

SCOLARI, C. A. **A comunicação móvel está no centro dos processos de convergência cultural contemporânea** (Entrevista). In: Intercom RBCC, v. 39, n.2, p 177-184, mai/ago. 2016.

SCOLARI, C. A. **Narrativas Transmídia: consumidores implícitos, mundos narrativos e branding na produção de mídia contemporânea**. In: Paragrafo v. 1, n. 3, jan./jun 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/291>

SITE Jornal Em Questão. Disponível em: <<http://emquestao.com.br/>> Acesso em: dez. 2017.

SITE Jornal Folha de São Borja. Disponível em: <<http://www.fohadesaoborja.com.br/>> Acesso em: dez. 2017.

ZAGO, G.; BELOCHIO, V. Remediação da experiência de consumo de notícias em sites de redes sociais. **Contemporânea**, v.12, n.1, 2014, p.90-106.

PROJETOS TEMÁTICOS JORNALÍSTICOS: TENDÊNCIA E FONTE DE EXPERIMENTAÇÃO NO JORNAL PONTO DE PARTIDA

Data de aceite: 02/05/2023

Mirian Martins da Motta Magalhães

Professora do Curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio e Coordenadora do Jornal Ponto de Partida, Mestre em Tecnologia pelo CEFET/RJ Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Duque de Caxias, RJ

Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

RESUMO: O Jornal Ponto de Partida (JPP) é o jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), e nele os alunos têm oportunidade de experimentar rotinas muito próximas a uma redação de fato. Um produto que tem sido desenvolvido regularmente são os projetos temáticos, conjunto de reportagens com formatos variados e planejadas para que a composição proporcione aprofundamento e abordagens não convencionais, mas ao mesmo tempo que cada produto seja completo e coeso. Para este relato e análise foi escolhido o

projeto *Mães Reais*, dedicado à cobertura do Dia das Mães. As pautas foram sugeridas pelos alunos, com mães/personagens reais, mas não mães perfeitas, intocáveis ou mesmo inquestionáveis. O *Mães Reais* é o quinto projeto desenvolvido pelo JPP, e com resultados muito satisfatórios.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, projetos jornalísticos, ensino, prática laboratorial.

1 | INTRODUÇÃO

O Jornal Ponto de Partida (JPP) é um jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO/RJ), que se apresenta exclusivamente no formato digital. O JPP, desde a sua criação, tem como objetivo criar conteúdos jornalísticos diversos e possui como principais editorias *Cultura e Entretenimento*, *Esportes e Cidade*. Além disso, produz podcasts, reportagens audiovisuais, e produtos especialmente para as redes sociais. Os alunos que participam, estagiários ou voluntários, têm oportunidade de experimentar rotinas muito próximas a uma redação de fato.

A gestão do JPP se preocupa em

organizar as tarefas de modo que os discentes possam passar por diferentes segmentos, como produzir material para diversas editorias (desenvolvimento de pautas com temáticas múltiplas) e plataformas, além de ter acesso ao trabalho desempenhado ao longo da rotina de produção, desde a pauta, pesquisa e apuração, redação/produção, edição e finalização estética do produto. Um produto que tem sido desenvolvido pelo menos uma vez no semestre são os projetos temáticos, conjunto de reportagens com formatos variados e planejadas para que a composição proporcione aprofundamento e abordagens não convencionais ao tema proposto, mas ao mesmo tempo que cada produto seja completo e coeso.

Para a descrição e análise neste artigo foi escolhido o projeto intitulado *Mães Reais*. A ideia do projeto surgiu da necessidade de o jornalismo pautar dias comemorativos, como o Dia das Mães, mas ao mesmo tempo dar conta da necessidade de novas angulações, em especial em pautas recorrentes, como no caso das datas comerciais festivas. Assim, as pautas foram sugeridas durante reunião semanal com foco no tema, mas que as mães personagens deveriam ser reais, e não mães perfeitas, intocáveis ou mesmo inquestionáveis. Mães que cuidam, que brigam, que acarinham, e que acima de tudo são mulheres reais. Outra preocupação era com os diferentes formatos que a maternidade na contemporaneidade possui.

O objetivo dos projetos do JPP é desenvolver habilidades jornalísticas hoje cobradas no mercado, como versatilidade, domínio de diferentes narrativas, diversificação das pautas e angulações propostas, além do olhar plural que os temas exigem na atualidade.

Na análise, os procedimentos metodológicos utilizados são as pesquisas exploratória e descritiva, em um primeiro momento, pois estas técnicas usualmente levam à reflexão, ação desejada em especial. (LAKATOS e MARCONI, 2021)

Também técnicas derivadas da Etnografia (COULON, 1995b) foram empregadas, uma vez que o objeto de estudo é material, pois há de fato uma redação jornalística funcionando, no modelo remoto e auxiliada por um aplicativo, o Discord¹, que foi inicialmente projetado para comunidades de jogos, mas que possui elementos que se adaptaram muito bem às necessidades do controle e produção do jornal.

É importante destacar que a autora do artigo é atualmente responsável pelos estágios dos alunos da graduação em Jornalismo da UNIGRANRIO, além da coordenação do Jornal Ponto de Partida, o que torna a Etnografia uma metodologia bastante apropriada à pesquisa.

2 | O JPP

O Jornal Ponto de Partida reúne alunos do curso de Comunicação Social, especialmente de Jornalismo, mas também conta ocasionalmente com estagiários de Publicidade, que colaboram com os produtos produzidos para as redes sociais. O JPP

¹ Mais informações em <https://discord.com/brand-new>

tem como objetivo produzir conteúdos jornalísticos diversos, além de ser um espaço de prática, no qual os alunos podem cumprir o estágio obrigatório. O jornal está ligado às disciplinas Estágio Supervisionado I (100h) e Estágio Supervisionado II (100h), carga mínima recomendada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (MEC, 2013, pág.6) para o estágio curricular supervisionado.

No início o JPP foi publicado de forma impressa, com periodicidade bimestral, e distribuído somente para o público interno da universidade. Num espaço que reproduz o ambiente de uma redação, o JPP tinha como principal produto, além da parte impressa, produção diária de notas para a página no Facebook, atualização bi semanal do blog na plataforma wordpress, e produção do Minuto Notícia, um informativo de apenas um minuto em vídeo no qual os estagiários chamavam atenção para as notícias mais relevantes da semana. Os estagiários também colaboravam com sugestão de pautas e com a cobertura para o jornal O Dia (periódico que circula no Estado do Rio de Janeiro). As matérias dos alunos eram publicadas no Caderno Baixada, veiculado aos domingos em toda a região fluminense.

O projeto passou em 2019 por uma grande reformulação e hoje trabalha com jornalismo digital, estando também presente nas redes sociais. Embora esteja disponível para o público em geral, o JPP tem como público-alvo os alunos da UNIGRANRIO, de todas as graduações, ou seja, um público com faixa etária predominantemente entre 16 a 25 anos. O JPP tem como principais editorias as já mencionadas *Cultura e Entretenimento*, *Esportes e Cidade*, mas também *Educação*, *Comportamento*, *Economia* e outras. Entre os diferentes produtos, há podcasts, reportagens audiovisuais e material jornalístico para as redes sociais. Obrigatoriamente, pela grade curricular oferecida, os alunos na sétima e oitava fase do curso devem inscrever-se nas disciplinas de Estágio, e podem optar por realizar a parte prática fora da IES, estágio externo, ou atuando no JPP. Os que preferem desenvolver o estágio junto ao JPP têm oportunidade de experimentar rotinas muito próximas a uma empresa jornalística, contando com um espaço físico próprio para o desenvolvimento das atividades, com infraestrutura adequada e que atende às demandas de uma redação jornalística. Dependendo do quantitativo de alunos, uma vez que ele muda a cada semestre, uma agenda de escalonamento de presença física e tarefas é sempre construída, buscando proporcionalidade e variedade nas atividades a serem desempenhadas.

A filosofia de gestão do JPP, além de contar com orientação constante de professores formados e com experiência na área do jornalismo, compreende também organizar as tarefas de modo que os alunos possam passar por diferentes segmentos, como produzir material para diversas editorias. Ferrari (2016) adverte para as constantes transformações que o jornalismo tem passado, tanto no processo de apuração quanto na construção das notícias, e destaca que fatores tanto internos quanto externos podem interferir na matéria-prima do jornalismo, a informação, pois esta também está em processo de mutação. Isso

significa que não só as rotinas têm sido impactadas pela tecnologia, mas a informação também, pois chega com mais rapidez, deve ser mais completa, uma vez que o público está mais exigente, e as pautas apresentam diversidade de temas e angulações, buscando atender aos anseios de uma sociedade mais plural e democrática. Como o público-alvo do JPP é jovem, formado majoritariamente por universitários, as informações dispostas no relatório do Projeto Reload², publicado pelo Laboratório de Jornalismo Énois, tem sido de grande importância para indicar tendências, preferências e interesses do público do JPP, além de orientar a escolha das pautas e angulações.

Os projetos que o Jornal Ponto de Partida tem desenvolvido vão ao encontro das exigências do mercado, bem como dos anseios do público jovem, que tem apreciado reportagens mais aprofundadas, além de produtos jornalísticos que usem de narrativas menos tradicionais e mais envolventes. O jornalismo crítico e o jornalismo de imersão têm sido citados como estilos a serem cada vez mais desenvolvidos no dia a dia das redações. (FIORUCCI, 2011 e DOMINGUEZ, 2015)

3 | OS PROJETOS

A proposta dos projetos temáticos surgiu a partir dos alunos/estagiários, pois já havia sido discutido a introdução de um jornalismo mais denso e aprofundado, já que a periodicidade das publicações do JPP não segue um cronograma fixo ou mesmo sistemático. As reportagens vão sendo disponibilizadas no site à medida que são produzidas e revisadas, buscando ganchos informativos nas questões que estão sendo mais discutidas ou mencionadas na imprensa e nas redes sociais. Ou seja, o termômetro que orienta a produção das matérias tem muito a ver com o cotidiano da cidade, do Brasil e do mundo.

O primeiro projeto foi em 2020, voltado à data de 20 de novembro, quando é comemorado o Dia da Consciência Negra. Assim, surgiu o *Projeto Dias de Consciência*, desenvolvido a partir da necessidade e desejo de se produzir pautas especiais para alertar sobre o racismo e as demais mazelas que cercam o preconceito racial. Foram 20 dias ininterruptos de publicações no site, produção de podcast e vídeo reportagem, entrevistas, culminando com uma Live transmitida no dia 20 de novembro. Em 2021 houve uma segunda edição do *Dias de Consciência*, em formato mais compacto, mas igualmente de sucesso, uma vez que as matérias receberam mais comentários do que o habitual, chamando a atenção da direção da IES para o projeto, repercutindo internamente e possibilitando que outras graduações também tivessem interesse em produzir eventos e palestras sobre o tema.

Além deste projeto, o JPP também produziu o *Faces Femininas*, com duas edições, 2021 e 2022, voltado a pautas que discutiam a participação da mulher em áreas distintas, como política, mercado de trabalho, esportes, cultura etc. O mote do projeto foi o dia 08 de

² Disponível em <https://enoisconteudo.com.br/reload/>

março, Dia Internacional da Mulher.

Para efeito de análise e discussão, o projeto que será detalhado é o *Mães Reais*, lançado pela primeira vez em 2022, no mês de maio, e que tinha um novo desafio dentro do universo do jornalismo imersivo e crítico: trabalhar pautas recorrentes, que não costumam ser aprofundadas, como as datas comerciais festivas.

Porém, antes de prosseguir, é importante conceituar jornalismo imersivo e crítico, estilos já mencionados e que foram usados como inspiração para o trabalho realizado nos projetos.

O jornalismo imersivo tem sido bastante citado na atualidade por contar com recursos tecnológicos que ajudariam no processo de imersão, de transposição do público à cena do fato, como câmera 360 graus, uso de realidade artificial, 3D, gamificação entre outros. Porém, para além da tecnologia, o conceito refere-se à participação direta do usuário, possibilitando que ele reaja, que tenha uma “interatuação” com a notícia. (DOMINGUEZ, 2010). Deste modo, para Dominguez (2015, p. 420) é “uma forma narrativa que busca a imersão através de técnicas interativas e visuais consistentes em promover o papel ativo do usuário no relato e em uma experiência sensorial do espaço”.

Jornalismo crítico, conceito definido de diferentes maneiras, muitas vezes usado como sinônimo de jornalismo de opinião, para a finalidade da presente discussão, é entendido como aquele praticado com liberdade (livre de ideologias mais contundentes) e que baseia suas análises em rigorosa apuração (boas e variadas fontes e checagem), além de não ser exclusivamente pautado pela grande mídia, mas sim alerta aos problemas sociais e políticos que afetam diretamente os interesses públicos (FIORUCCI, 2011).

Assim, o jornalismo crítico trabalharia com a reportagem que explora os fatos de modo a ampliar a percepção do público sobre os assuntos, apontando caminhos ou mesmo prospectando soluções para questões relevantes. O objetivo não é apenas informar, mas destacar como aquela informação pode impactar, interferir na vida do público, e ao mesmo tempo fazer com que ele reflita sobre o fato noticioso. Alguns autores, como Dimitrinka Atanasova (2018), preferem chamar esse tipo de reportagem de ‘jornalismo construtivo’ ou ‘jornalismo de soluções’, entretanto, a terminologia jornalismo crítico parece mais adequada à proposta do artigo, uma vez que o jornalismo construtivo compreende também, além da abordagem descrita, uma prática que foca em notícias boas, divertidas e em discursos positivos.

Outro ponto especialmente cuidado nos projetos é a diversificação das rotinas, pois é comum o aluno ter mais apreço por determinadas tarefas e temas. Entretanto, a proposta de um jornal laboratório é possibilitar a passagem por diferentes etapas do processo produtivo, bem como pela apuração de pautas que o desafiem, que o tirem de sua zona de conforto. Deste modo, a prática é roteirizada de modo que o aluno não se acomode, não assimile apenas uma tarefa, pois essa não é a realidade do mercado de trabalho atual do Jornalismo. Para Andrade e Sartori (2017), é importante no processo de ensino-

aprendizagem o aluno ‘experimental’ para as coisas fazerem sentido, ele precisa ‘tocar’ nas situações para construir significado.

A orientação pedagógica do JPP, como ele se assemelha de fato a um segmento do mundo do trabalho, permite que seja muito próxima à gestão de uma redação jornalística, porém nunca perdendo o sentido de espaço de ensino. Assim, as principais características das metodologias ativas podem ser facilmente encontradas nas ações, como aluno ativo e autônomo, professor orientador, reflexão e problematização da realidade e trabalho em equipe, o que torna o JPP, mesmo se assemelhando a uma redação jornalística, locus de oportunidade do uso das metodologias ativas, tornando-se também uma área de experimentação e aprendizagem para a prática docente. (SANTOS, 2019, pág. 9)

É importante sublinhar que assim como o mundo do trabalho tem passado por profundas transformações em suas rotinas, a escola também, não só porque os alunos estão cada vez mais exigentes e melhor informados, mas também porque o ensino precisa se adequar aos tempos, uma vez que, em princípio, ele é a ponte entre o mundo teórico, das reflexões, e a prática, o trabalho efetivamente, especialmente quando o foco é a formação superior. Assim,

(...) há necessidade de os docentes buscarem novos caminhos e novas metodologias de ensino que foquem no protagonismo dos estudantes, favoreçam a motivação e promovam a autonomia destes. Assim, atitudes como oportunizar a escuta aos estudantes, valorizar suas opiniões, exercitar a empatia, responder aos questionamentos, encorajá-los, dentre outras, são favorecedoras da motivação (BERBEL, 2011) e da criação de um ambiente favorável à aprendizagem. (DIESEL, BALDEZ, MARTINS, 2017, pág. 271)

É neste universo de transformação, tanto da educação quanto do mundo do trabalho, no caso em especial do jornalismo, que os projetos têm sido desenvolvidos e mostrado serem férteis e prazerosos, além de desafiadores e inovadores para discentes e orientadores.

3.1 Mães Reais

Em 2022 foi posto no ar mais um projeto, o *Mães Reais*. Este trouxe um novo desafio, além dos já vivenciados: desenvolver pautas baseadas em uma data comercial comemorativa, o Dia das Mães, pautas que não costumam ser muito aprofundadas ou mesmo apreciadas pelo público.

Este foi um projeto que desde que a gestão atual do JPP iniciou vinha sendo alimentado. Além dos temas importantes e atuais que o jornalismo precisa dar conta, é comum as redações terem que produzir as chamadas pautas fixas ou recorrentes, como as datas comemorativas. Mas além de atender a uma solicitação do mercado, um ritual imposto, por que não investir nessas pautas? Na verdade, nada impede ou impedia, o que falta às grandes redações é tempo, recursos financeiros e percepção de temáticas ou subtemáticas que podem ser aprofundadas.

Entretanto, o espaço de um jornal laboratório, por compreender local de aprendizado e experimentações (muitas vezes também de inovação), mostra-se muito propício a isso, a fazer, testar, vivenciar. E foi assim, com gosto de degustação, que este projeto em especial foi desenvolvido. A primeira proposta de pauta não foi uma proposta, mas sim várias, pois foram citados os “tipos de mães” que mereciam ser descritas e escutadas por nossa produção. A mãe que perde o filho antes mesmo de tê-lo; a mãe de um filho com deficiência; a mãe de filho que deseja ser atleta; mães que criam filhos que não são seus; mães que adotam; mães solo; mães de Axé. Ou seja, mães de todos os tipos, de todos os modos, profissionais, mulheres, mães reais.

A participação dos alunos no projeto foi fundamental. Não só o envolvimento, a busca pelo melhor personagem, mas especialmente o entendimento que era necessário mais, e não apenas produzir uma pauta comum, do dia a dia, para dar conta de uma data comemorativa. A escolha das fontes, do tipo de narrativa, além da apuração e pesquisa fundamentais a uma boa produção jornalística eram essenciais.

Destacando os estilos de jornalismo apreciados nos projetos desenvolvidos no JPP, imersivo e crítico, os elementos ‘personagem e tipo de narrativa’, eram imprescindíveis para o sucesso do empreendimento. Embora os recursos técnicos disponibilizados para o jornal não serem os mais modernos, havia o melhor para se trabalhar: conhecimento de técnicas narrativas e vontade de fazer. Para dar conta da imersão no fato não é necessário somente uso de tecnologia, mas é possível também se alcançar através da descrição de detalhes, de relato amplificado, de contextualização do enredo. (ALVES e SEBRIAN, 2008)

A reportagem intitulada *Mães de pessoa com deficiência: rede de apoio rompe a barreira do capacitismo* tem tudo isso. Ricamente detalhada a partir do relato de uma jovem mãe, a jornalista Laís Gonçalves, a matéria discutia o luto sentido pela mãe de primeira viagem ao idealizar o filho que espera, e do “estresse do cuidador”, quadro que pode gerar doenças físicas e emocionais. Mas a entrevista feita com a personagem principal também mostrou como a internet hoje tem sido uma rede de apoio através do perfil de mães que compartilham com outras suas experiências e informações. Para Laís, essas mães influenciadoras ajudam a tirar a imagem de que seus filhos são coitadinhos e ensinam sobre não ser capacitista, e ainda aconselha outras mães de filhos com deficiência a seguirem essas mães ativas nas redes sociais e encontrarem grupos de apoio referente à patologia. “O medo obviamente nos traz cautela, mas jamais pode nos paralisar”, finalizou Laís à reportagem do JPP.

Lembrando das principais características do jornalismo crítico, como ser livre de restrições ideológicas, o jornal trabalha com total liberdade, sem qualquer interferência, o que possibilita abrangência de temáticas e abordagens mais audaciosas. A questão da aplicação de enfoques que provoquem o público, que o instiguem a refletir, outra marca do jornalismo crítico também pode ser apreciada nas matérias desenvolvidas no projeto, como a que tinha como tema uma mãe dona de um sexshop, que estimulava o leitor a pensar

sobre um fato evidente, mas ainda tabu: que uma mãe é uma mulher, dona de seu desejo e de sua opção de trabalho.

A reportagem intitulada *Mães e sexualidade: como é ser mãe e dona de um sexshop*, logo em seu segundo parágrafo, tinha um trecho transcrito da entrevista feita com a empresária Priscila Patrus, mãe de dois meninos e dona de um sexshop, que dizia o seguinte: “Já recebi muitas críticas, pessoas que questionavam como eu trabalhava com isso tendo dois filhos”. A frase revela de início o tabu com a questão da sexualidade que o “ser mãe” carrega, como se o fato da mulher gerar e parir a transformasse em outro ser, e não mais numa mulher como as outras. Mas além deste aspecto, Priscila também dividiu com a reportagem do JPP um outro preconceito que envolve sua atividade profissional, que é ser mulher e ter um empreendimento voltado para o prazer sexual das pessoas. Aos olhos de muitos sua vida profissional é inadmissível para uma mulher e mais ainda com a maternidade, porém ela revelou que trabalhar com produtos que estimulam a sexualidade das pessoas só ajudou na criação dos filhos, pois sexo nunca foi assunto censurado em sua casa, muito pelo contrário, foi e é um tema natural e normal no cotidiano da família.

Falar sobre tabus há muito têm sido pauta no jornalismo de um modo geral, porém mostrar a mulher em papéis não adequados a ela pelo olhar preconceituoso da sociedade é mais inquietador, pois coloca o leitor em cheque: por que uma mulher não pode ter um negócio cujo insumo seja o desejo sexual? E por que uma mãe não pode falar abertamente sobre sua sexualidade? A matéria *Mães e sexualidade: como é ser mãe e dona de um sexshop* expunha essas duas questões de forma clara e contundente, obrigando, de certa forma, até o mais conservador dos leitores a pensar, a se questionar, a rever conceitos e posições.

Mesmo talvez não provocando mudanças substanciais, até porque a sociedade brasileira ainda é muito conservadora em relação ao que compreende o papel de ‘ser mãe’, mas somente o fato de despertar inquietações e reflexões no público já é um passo à frente, mostra que o jornalismo está cumprindo seu objetivo.

Além das variadas reportagens produzidas especialmente para o site do JPP dentro do projeto *Mães Reais*, os discentes gravaram o podcast *Mães do futebol*, que relembra de forma divertida a importância dessas mulheres para muitos jogadores de futebol. Os atletas fizeram homenagens às mães em datas especiais, em comemorações de gols e vitórias, nas tatuagens impressas em seus corpos e de outras formas, evidenciando muitas vezes sua gratidão pelo empenho e apoio no início de suas carreiras. O conteúdo do podcast foi desenvolvido com um estilo apropriado à mídia, com mais informalidade, um bate papo entre amigos, cada um dos discentes/locutores recordando um evento que foi marcado por homenagens e declarações de atletas de ponta a suas mães.

Mas a pauta, ‘mães de atletas’, também gerou uma matéria escrita, essa mais séria, mais complexa, que mostrava a dura realidade de uma família, em especial de uma mãe, que acompanha e torce pelo sucesso do filho, jogador das categorias de base do futebol

brasileiro. A reportagem *A difícil missão de ser mãe de um atleta*, tinha como personagem principal Flávia dos Santos, mãe do jovem Vitor Tardelli, que falou sobre a constante frustração que seu filho lida, pois a luta por um lugar de destaque, por reconhecimento no meio é muito árdua.

Vitor tem 17 anos e já escutou inúmeros ‘nãos’, e Flávia falou como é difícil para ela lidar com tudo isso, pois o mundo do esporte profissional, ainda mais do futebol, é muito competitivo e cheio de talentos, como seu filho, porém as vagas são poucas. “Administrar as frustrações que o esporte oferece, como não ir para o jogo, estar um dia no time principal e no outro cair para o quarto time”, são comuns neste universo, segundo a entrevistada, porém por mais que ela saiba e já conviva com isso há algum tempo, Flávia diz que sempre sofre junto com seu filho, mas que precisa estimular a autoestima de Vitor e não deixar ele desanimar, além de manter o foco nos treinamentos e no estudo, parte da vida do filho que ela não abre mão.

Além das privações e frustrações que o atleta passa, Flávia também relatou o quanto isso impacta a família: “Sempre abrimos mão de algo. E o que mais nos atrapalhou foi deixar os irmãos de lado, mesmo sem querer, pois a prioridade é sempre o atleta.” A reportagem era um mergulho na vida de uma família que vive para o desenvolvimento esportivo de um dos filhos, mostrando as privações, as escolhas sofridas e que muitas vezes dividiram a família, as perdas e conquistas, muitas sensações, entre boas e ruins, que transportavam o leitor a um universo talvez sequer imaginado quando olhamos um jogador de sucesso. Um exemplo de narrativa envolvente e imersiva.

Para fechar os exemplos escolhidos para descrever o projeto *Mães Reais*, a vídeo reportagem *Amor e respeito: o relato de uma mãe de pessoa trans*, junta procedimentos do jornalismo imersivo e crítico, além de dar conta de outras características atualmente colocadas como tendência no jornalismo (STORCH e FEIL, 2021), como técnicas de storytelling, nas quais o roteiro é detalhadamente pensado dentro da lógica das etapas de uma narração, ou seja, exposição, complicação, clímax e desfecho.

Dessa forma, ‘ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual’ (CUNHA & MANTELLO, 2014, p. 58). Assim, ao envolver um ou mais sentidos da percepção, o storytelling provoca uma espécie de efeito ‘sinestético’ no leitor, conforme descrevem Cunha e Mantello (2014). (SOUZA, 2018, p.8)

A matéria foi planejada desde o início da seleção das pautas e o formato escolhido foi a vídeo reportagem. Como o JPP possui algumas restrições técnicas com relação às opções estéticas que ele pode contar para compor a narrativa, na busca do efeito sinestético, como citado por Souza (2018), a imagem do relato da mãe de uma filha trans parecia a melhor opção. A personagem é uma professora da casa, Rejane Prevot, que está acompanhando o processo de transição de sua filha. A história da Prof. Rejane é

conhecida na instituição e pelos alunos, pois ela é docente do curso de Comunicação. Assim, para colocar sua vivência no formato de uma reportagem era necessário cuidado e olhar refinado, pois a linha que separa uma narrativa emocionante e verdadeira de um enredo sensacionalista é tênue.

A história da personagem e de sua filha bem como as dificuldades que a família passa precisava ser o fio condutor, mas, ao mesmo tempo, a emoção com que a Prof. Rejane conta essa trajetória era um ingrediente imprescindível à reportagem. O amor e a admiração de uma mãe por sua filha são os sentimentos que regem esse processo, e ele tinha que estar na matéria. Por isso o vídeo foi escolhido, pois a produção percebeu que a melhor escolha era deixar a personagem falar, quase sem uma pauta que a conduzisse, e focar nas expressões, no olhar e nos gestos, os quais dariam o tom correto para a estética narrativa, para o relato autêntico, fidedigno, jornalístico, mas cheio de complexidade, respeito e emotividade que o tema pedia.

Sem dúvida foi a reportagem mais difícil de ser produzida, não só pela temática, por envolver uma pessoa querida e conhecida, mas pelas decisões precisas que precisavam ser tomadas, como o melhor corte e os destaques que foram colocados na edição e que marcavam falas importantes. Todas as definições na edição tinham que ser muito bem pensadas, e sentidas, uma vez que qualquer elemento a mais ou a menos comprometeria o resultado final.

Quando Dominguez (2013) descreve imersão ela também fala de interatividade, mas de um outro modo: “alcançar audiências que anteriormente não se interessariam por determinado tema. Para a autora, o objetivo de um jornalismo realmente imersivo é fazer com que o público sinta-se parte dos acontecimentos, não apenas observadores.” (CORDEIRO e COSTA, 2016, p. 104)

Por isso essa foi a matéria mais difícil de ser planejada, executada e finalizada: ela tinha que colocar o público no local do fato, que no caso específico da pauta, era imergi-lo nas múltiplas e complexas emoções daquela mãe.

O mundo mudou muito nos últimos anos e a tecnologia, hoje presente na vida de quase todos, atçou estruturas que pareciam concluídas ou estabilizadas. A escola é uma delas, pois muitos acreditavam que o formato da sala de aula seria indestrutível, ou pelo menos muito pouco alterado. Mas o avanço da ciência e o fácil acesso a ferramentas mexeram com a educação.

Mas não só a educação foi impactada pela tecnologia, o trabalho do jornalista também. Não há uma plataforma, desde as tradicionais, como rádio e TV, até as mais recentes, como os portais noticiosos, que não façam uso de ferramental tecnológico, e que este também não revire as rotinas de trabalho, obrigando sempre os profissionais a se adequarem. Deste modo, essas mudanças já vêm impactando também as estruturas curriculares das graduações, visando atualizar as atividades e as discussões teóricas às mais recentes práticas implantadas nas redações.

Entretanto, mesmo contando com recursos técnicos avançados e que ajudam o jornalista a contar boas e importantes histórias, a matéria prima do jornalismo ainda é a ‘boa e importante história’, e para ser transmitida com o devido valor que possui não necessariamente precisa do auxílio somente dos recursos mais avançados. Um vídeo 360 graus pode colocar o público no local do fato, mas uma boa descrição de cena também.

É isso que merece ser discutido em sala de aula, especialmente no desenvolvimento das atividades práticas, pois muitas vezes o aluno fica preso a modelos idealizados que nem sempre estão ao alcance e também não necessariamente significam que são os melhores ou mais adequados para narrar um fato.

Os projetos desenvolvidos no JPP têm ajudado neste propósito: mostrar que técnicas simples e tradicionais podem e devem ser usadas, assim também como os recursos mais avançados de design para compor uma narrativa infográfica, por exemplo. Um modelo não é melhor do que o outro, ou mesmo está ultrapassado porque hoje há outras formas para compor uma reportagem. Todas as técnicas têm seu espaço, e saber usá-las, fazer escolhas, seja porque faltam recursos ideais ou porque o que se deseja é simplicidade, também faz parte da formação. E os jornais laboratórios, como o JPP, possuem essa função, de expor os alunos a situações de escolhas, de decisões, nem sempre ideais, mas possíveis e boas.

Focando no aprendizado dos discentes, no artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso De Jornalismo, entre as Competências Gerais que se espera do egresso está “utilizar as tecnologias de informação e comunicação” (MEC, 2013, pág.3); “pautar-se pela inovação permanente de métodos, técnicas e procedimentos” (MEC, 2013, pág.3). Em destaque, em virtude da natureza da discussão, também nas DNCs, no Artigo 2º, item IV, está posto a necessidade de “inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional” (MEC, 2013, pág.1), o que justifica a relevância dos projetos bem como refletir sobre eles de modo mais aprofundado e contínuo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No curso de Jornalismo o estágio é componente curricular obrigatório, com 200 horas, e ter um jornal laboratório ligado ao curso é uma experiência muito satisfatória quando analisa-se pelo viés das DCNs, que destacam a necessidade de unir teoria à prática e inserir precocemente os alunos nas rotinas de produção jornalísticas. Também é cobrado na formação o contato com diferentes plataformas e narrativas, cada vez mais diversificadas no jornalismo. Os projetos proporcionam tudo isso aos alunos, pois as reportagens são planejadas com este fim: trabalhar a temática principal em diferentes formatos e enfoques, como a vídeo reportagem, o podcast, a reportagem para site/portal e redes sociais, mas também cuidando que a informação contida dê conta de outras visões,

de outras discussões e que atenda a múltiplos segmentos sociais.

Outro aspecto a ser evidenciado nos projetos é o uso de técnicas e estilos hoje tidos como necessários, como o caso do jornalismo imersivo e crítico. Embora falte ao JPP recursos técnicos mais avançados, vontade e conteúdo os alunos têm, que irrompe nas reuniões de pauta através de ideias e propostas que são lançadas e discutidas com entusiasmo, mas também com uma dose de razoabilidade.

Muitas vezes a o artefato técnico precisa ser substituído por trabalho e empenho, e foi assim que as reportagens do projeto *Mães Reais* usaram da imersão através de técnicas narrativas, de entrevistas feitas em profundidade e editadas com cuidado para não perder o sentimento exposto pelas fontes.

Também foi assim que a reflexão e a crítica de nosso leitor foram estimuladas na construção das matérias, buscando caminhos em uma pauta central comum, mas que podia ser explorada por diferentes angulações, optando por contar histórias que surgem da maternidade, mas que também representam problemas sociais, que impactam e importam para muitas parcelas da sociedade.

Finalizando, o trabalho no JPP tem como objetivo a prática, a introdução do discente no universo profissional o mais precocemente possível. Mas além disso, da função laboratorial que um projeto universitário deve ter, o JPP é um espaço de inovação e de experimentos, ações hoje intensamente cobradas no mundo do trabalho. Também pelo viés da formação em jornalismo, profissão que tem sofrido duras críticas além de estar passando por profundas modificações em suas rotinas e metodologias, os projetos e demais produções realizadas no JPP mostram-se um componente importante e imprescindível à construção de repertório de futuros jornalistas.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. A.; SEBRIAN, R. N. N. Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico. In IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2008, Guarapuava. **Anais eletrônicos [...]** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf> . Acesso em: 30/06/2019.

ANDRADE, J. P. e SARTORI, J. O professor autor e experiências significativas na educação do século XXI: estratégias ativas baseadas na metodologia de contextualização da aprendizagem. In BACICH, L e MORAN, J. (Orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 319 – 359.

ATANASOVA, D. **The rise of constructive journalism: a sign that social scientists should update their analytical frameworks?** 2018. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/polis/2018/08/07/the-rise-of-constructive-journalism-a-sign-that-academics-should-update-their-analytical-frameworks/> . Acesso 30 abr. 2022.

COULON, A.; **Etnometodologia e Educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995b.

CORDEIRO, W e COSTA, L. Jornalismo imersivo: perspectivas para novos formatos. **Leituras do Jornalismo**. Ano 03, vol.02, número 06, 2016.

DIESEL, A; BALDEZ, A; MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista THEMA**, volume 14, número 1. Centro Universitário UNIVATES, Lageado/RS, 2017, p 268 – 288.

DOMINGUEZ, E. Los nuevos formatos inmersivos y su aplicación en el periodismo. En **II Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0**, Bilbao 10-12 noviembre 2010.

DOMINGUEZ, E. **Periodismo inmersivo. Fundamentos para una forma periodística basada en la interfaz y en la acción**. Tesis doctoral. Barcelona: Universitat Ramon Llull (Comunicación), 2013.

DOMINGUEZ, E. Periodismo inmersivo o cómo la realidad virtual y el videojuego influyen en la interfaz y la interactividad del relato de actualidad. **Profesional de la información**, 24(4), 413–423. <https://doi.org/10.3145/epi.2015.jul.08>.

FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

FIORUCCI, R. **A nova geração do jornalismo crítico: mídia alternativa**. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/3055/305526548005/>. Acesso 30 abr. 2022.

LAKATOS, E e MARCONI, M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. Barueri: Atlas, 2021.

PORTAL MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo**. Resolução Nº 1, de 27 de setembro de 2013. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso 06 maio 2022.

SANTOS, T. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem**. Cartilha. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias de Pernambuco. Olinda/PE, 2019.

SOUZA, T. O “Retorno” da Narrativa e a Emergência do Storytelling como Técnica Jornalística. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. **Anais [...]** Juazeiro – BA – 2018.

STORCH, L e FEIL, B. Concepções sobre inovação no jornalismo: tendências nas pesquisas entre 2017 e 2019. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 18, n. 1, jan./jun. 2021 - ISSN 1984-6924.

OBRIGADOS A NASCER: CONVICÇÕES E PRÁXIS JORNALÍSTICA EM NOTÍCIAS SOBRE ABORTO

Data de aceite: 02/05/2023

Clóvis César Pedrini Júnior

Clóvis César Pedrini Jr. é publicitário, jornalista, professor universitário e mestre em comunicação pelas Universidade de Cádiz e Málaga na Espanha e UFMG

RESUMO: Para este artigo realizou-se uma análise da presença e ausência das fontes humanas utilizadas em matérias que abordam a temática do aborto. Para isso elegeram-se a Gazeta do Povo como unidade de análise. Na primeira etapa é feita uma coleta de dados, neste caso todas as notícias sobre aborto. Elas são categorizadas entre aquelas que apresentam fontes e as que não apresentam fontes. Depois, são conduzidas análises para se verificar qual a tendência opinativa das fontes utilizadas, se são favoráveis, neutras ou contrárias ao aborto. Foi empregada a teoria do enquadramento, ou *framing*. A franja temporal de seis meses para a coleta está compreendida entre novembro de 2018 a abril de 2019. Ao final, se propõe uma discussão ética acerca da predileção no uso das fontes e como elas podem condicionar a uma determinada visão sobre o tema, requerida pela linha editorial do veículo.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes jornalísticas; Aborto; Gazeta do Povo; Ética Jornalística; Linha Editorial

*E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).*

(João Cabral de Melo Neto, 1954,
p. 13)

NASCE UM QUESTIONAMENTO

Este trabalho projeta um olhar sobre as reportagens que abordam a temática do aborto. Serão analisados recursos jornalísticos e discursivos utilizados na construção das notícias. O objetivo é avaliar a tendência que elas seguem e o lado que adotam na discussão do tema. Para isso, elegeram-se como unidade de

análise o jornal paranaense Gazeta do Povo em sua versão digital¹.

A metodologia está dividida em três etapas. Na primeira foram coletadas todas as notícias do veículo que tratam do tema, compreendidas em uma franja temporal de seis meses, de 1º novembro de 2018 a 30 de abril de 2019. Depois foi feita uma categorização do material. Elas foram divididas entre matérias que contêm fontes e as que não contêm fontes humanas. Por fim, se levou a cabo uma análise discursiva tendo como suporte as premissas da teoria do enquadramento ou *framing*, realçando para o escopo deste *paper* alguns elementos linguísticos que vieram a se destacar.

Desde já, salienta-se que essa seleção não ignora que mesmo as notícias sem fontes e aparentemente frias não possam trazer em si alguma parcialidade e as devidas escolhas editoriais. Também não negamos que os próprios editores são escolhidos para tais **funções** porque acabam incorporando, ao longo do tempo, visões de mundo e opiniões condizentes com as dos patrões.

Na prática, a couraça de caráter do editor é feita de contextos que contaminam cada decisão diária. São de início malícias editoriais, contextos de atuação, encaixes à lógica de produção noticiosa da empresa de mídia. Logo viram armadilhas recorrentes a afetar o julgamento da hora de dar relevância a um fato. Há quem se deixe levar por elas de forma premeditada, porque acredita ou adere sem remorsos ou ingenuidade (...). Mas há os que são engolidos involuntariamente. De início, talvez nem as tenham percebido, afogados demais na roda vida do fechamento e das demandas de uma Redação. Mas logo a couraça cobre seus poros de desgaste, maquiando a condição de reféns de *lobbies*, assessorias de imprensa e dos patrões. (PEREIRA JR., 2006, p. 29).

A hipótese que norteia o trabalho é a de que, ao final, consigamos desvendar, por meio de ferramentas científicas de análise pura, como as notícias podem ser manipuladas para tenderem aos interesses e visões elegidas pelo veículo. A análise, portanto, refere-se ao enquadramento – *framing* – que compreende o enfoque e as definições dadas a uma situação que foi construída de acordo com o princípio da organização e o envolvimento – subjetivo ou ideológico – dos agentes, sejam eles os repórteres, editores, donos e até mesmo preferências do público a quem o veículo se dirige.

Aqui adota-se a distinção de tipos principais de enquadramentos (PORTO, 2004). O **enquadramento noticioso** refere-se aos “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos”, seria o popular “ângulo da notícia”. Já no **enquadramento interpretativo** promove-se uma avaliação particular de temas “incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento”.

Enquadramento noticioso (...): o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros. (...) Uma característica importante dos enquadramentos noticiosos é o fato de que

¹ <https://www.gazetadopovo.com.br>

eles são resultado de escolhas feitas por jornalistas quanto ao formato das matérias, escolhas estas que têm como consequência a ênfase seletiva em determinados aspectos de uma realidade percebida. (...)

Enquadramentos interpretativos (...): estas interpretações são promovidas por atores sociais diversos, incluindo representantes do governo, partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, associações profissionais etc. Apesar do fato que jornalistas também contribuem com seus próprios enquadramentos interpretativos ao produzir notícias, este tipo de enquadramento tem origem geralmente em atores sociais e políticos externos à prática jornalista. (PORTO, 2004, p. 29)

Estes conceitos são fundamentais, pois há neles diferenças entre as fontes. Enquanto o enquadramento noticioso é criado pelo jornalista, os enquadramentos interpretativos são elaborados por atores sociais e políticos (PORTO, p. 87).

Segundo Pereira Jr. (2006, p. 30) os jornalistas “tomam partido, pois se colocam na posição de quem é favorável à norma e a valores dominantes” e com isso se perpetra o conservadorismo. A “subjetividade” do jornalista estaria “inserida num campo profissional, numa cultura de uma comunidade jornalística e de uma organização empresarial. Há pouca margem a excentricidades” (p. 40).

Como o tema do aborto evidencia opiniões antagônicas, se analisou a presença/ ausência do debate e do contraponto com a pluralidade de vozes ou o emudecimento de opiniões dissonantes em detrimento das dominantes.

Nas reportagens há respeito sobre o direito às liberdades individuais sobre o próprio corpo? Pauta-se por preceitos religiosos e de crenças? O tom é condenatório às praticantes de aborto? Há discussão e apresentação de possibilidades para que o leitor construa sua própria opinião ou apenas apresentação de uma tese?

Tratar do aborto no Brasil é referir-se à própria consolidação democrática. É um tema que abarca visões opostas, emocionais e, na maioria das vezes, extremadas. Quase não há debates, o lado dos que defendem pouco ouve o outro lado e vice-versa. O aborto envolve questões morais, relacionadas às escolhas individuais, à legislação, quanto às proibições nos casos em que são previstos em lei e questões éticas, quando o assunto é abordado por jornalistas.

Das discussões do aborto como problema de saúde pública até a criminalização da prática, a polêmica sobre o aborto, a descriminalização ou a restrição total dos casos, está distante de um debate que assumisse o direito ao aborto como uma questão de liberdade individual. (...) o debate se divide sob três argumentos principais, e cada um desses argumentos, por sua vez, se liga ao discurso veiculado por instituições diversas: a defesa da vida, à Igreja Católica; o aborto como tema da agenda pública, ao poder público; o aborto como direito da mulher, aos movimentos feministas. (...) fica claro que uma análise sobre o debate sobre o aborto no Brasil passa não somente pela dinâmica das discussões no poder público, no movimento feminista ou na religião organizada, mas pela forma como esses três agentes se relacionam em um outro espaço de visibilidade e interação que é o campo mediático.

O ULTRASOM

Durante seis meses, de novembro de 2018 a abril de 2019, coletou-se todas as notícias relacionadas à temática do aborto publicadas no site no jornal paranaense Gazeta do Povo. A unidade de análise foi escolhida baseada no número de acessos únicos. A Gazeta do Povo é o veículo jornalístico mais lido no Paraná e o quinto em número de acesso no Brasil. “O jornal paranaense atinge mais de 208 milhões de usuários, segundo números internos” (MEIO & MENSAGEM, 2019).

Além do termo “aborto”, também se buscou pelo termo “pró-vida”, que resultou em resultados que não apareceram apenas com a busca “aborto”. Os resultados quantitativos obtidos são apresentados a seguir.

Foram encontradas 35 ocorrências, divididas pelas seguintes editorias: Vida, 16 ocorrências; Justiça, 8; Mundo, 2; Política, 3; Editoriais, 2; Educação, 1 e Blogs de colunistas com 3 ocorrências.

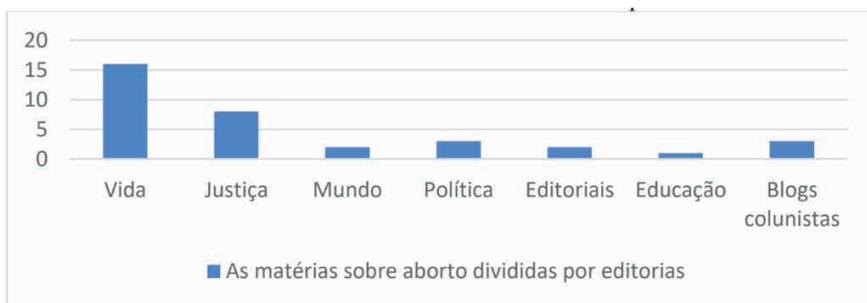


Gráfico 1: As matérias sobre aborto divididas por editorias.

Fonte: elaboração própria (2019).

Além de manter uma agenda constante de produção de notícias sobre o tema, o veículo também reproduz matérias de outros veículos. Assim, do total das matérias, verificou-se que 17 delas são oriundas de produção da própria Gazeta do Povo e 18 são fruto de reprodução de outros veículos, sendo 14 traduzidas do inglês. Essas últimas estão assim divididas: *Daily Signal*, 9 matérias; *National Review*, 3; FolhaPress e Estadão Conteúdo com duas notícias cada e *The Public Discourse* e *The Washington Post* com uma notícia cada.



Gráfico 2: Produção noticiosa sobre aborto na Gazeta do Povo.

Fonte: elaboração própria (2019).

Em relação aos critérios de categorização, nos baseamos no artigo “A polêmica do aborto na imprensa” (MELO, 1997) que classificou as matérias publicadas entre 1996 e 1997 na Folha de São Paulo, no Jornal do Brasil, no Estado de São Paulo e no O Globo como “favoráveis, contrárias ou neutras em relação ao direito ao aborto”. Aqui aplicamos o critério diretamente nas fontes humanas utilizadas nas matérias.

Para se considerar a fonte ‘neutra’ avaliou-se seu enquadramento dentro da reportagem, quando tais fontes não influenciam para o convencimento. Assim, neutra, não se refere se a fonte é a favor ou não à descriminalização do aborto, pois não é possível aferir tal informação no contexto colocado da notícia, mas, sim são neutras quando não influenciam o direcionamento ideológico que, porventura, pode se pretender com o discurso construído. Quando o texto é puramente opinativo, o autor foi considerado como fonte. Apenas uma das matérias coletadas não contava com nenhuma fonte humana.

| # | Data | Matérias | Fontes | | |
|----|------------|---|--------|--------|----------------|
| | | | Contra | Neutra | Favor |
| 01 | 07/11/2018 | Grupos pró-vida ampliam força após eleição nos Estados Unidos | 1 | 0 | 0 |
| 02 | 16/11/2018 | Aborto: Barroso está certo, mas profundamente errado | 1 | 0 | 1 |
| 03 | 14/12/2018 | Parlamento na Irlanda aprova legalização do aborto | 0 | 0 | 0 |
| 04 | 18/12/2018 | Professor mostra crueldade do aborto em sala de aula e é denunciado | 3 | 2 | 3 |
| 05 | 27/12/2018 | YouTube muda resultados de pesquisa sobre aborto após pedido de feminista | 1 | 1 | 1 |
| 06 | 28/12/2018 | Homofobia, aborto, drogas: pauta coloca STF em rota de colisão com o governo em 2019 | 3 | 0 | 1 |
| 07 | 31/12/2018 | O aborto na Irlanda e o ataque às consciências | 0 | 0 | 1 |
| 08 | 01/01/2019 | 3 mitos sobre o aborto propagados por um editorial do New York Times | 1 | 0 | 0 |
| 09 | 15/01/2019 | Com nova presidente, a Planned Parenthood finalmente admite que seu foco é o aborto | 3 | 0 | 2 |
| 10 | 23/01/2019 | Maioria dos norte-americanos apoia restrições ao aborto, diz pesquisa | 3 | 0 | 0 |
| 11 | 25/01/2019 | Relatório anual da Planned Parenthood confirma foco em aborto e diminuição de outros serviços | 1 | 0 | 1 |
| 12 | 25/01/2019 | Bolsonaro: "Se Congresso aprovar projeto sobre aborto, eu veto" | 1 | 0 | 0 |
| 13 | 31/01/2019 | Ashton Kutcher posta vídeo impactante sobre aborto e Síndrome de Down que viralizou nas redes sociais | 2 | 0 | 0 |
| 14 | 01/02/2019 | O Supremo volta ao trabalho | 0 | 0 | 0 |
| 15 | 04/02/2019 | Economia, segurança e corrupção, depois os costumes: como será a agenda Bolsonaro no Congresso | 2 | 0 | 0 |
| 16 | 06/02/2019 | Qual é a diferença entre aborto e infanticídio? | 7 | 2 | 0 |
| 17 | 08/02/2019 | A chacina de crianças mostra a podridão moral da nossa cultura | 1 | 0 | 3 ² |
| 18 | 08/02/2019 | Formação atual da Suprema Corte perde oportunidade de tomar sua primeira grande decisão pró-vida | 3 | 1 | 1 |
| 19 | 11/02/2019 | Mourão é um incômodo para Bolsonaro? | 0 | 1 | 0 |
| 20 | 12/02/2019 | Senado desengaveta PEC que proíbe aborto em qualquer situação | 2 | 0 | 0 |
| 21 | 13/02/2019 | A Constituição rejeita a ideia de supremacia judicial. Assim deveriam pensar todos os americanos | 1 | 0 | 0 |
| 22 | 13/02/2019 | Jovem com Síndrome de Down quer tornar o aborto algo "impensável" | 1 | 0 | 0 |
| 23 | 19/02/2019 | No futuro veremos o aborto como hoje vemos a escravidão | 1 | 0 | 0 |

² Todos são rebatidos com passagens bíblicas.

| | | | | | |
|--------------|------------|--|----------------|-----------|----------------|
| 24 | 21/02/2019 | Por que os esquerdistas não conseguem falar honestamente sobre aborto | 1 ³ | 1 | 2 ⁴ |
| 25 | 27/02/2019 | Deputados querem convencer STF a não liberar aborto em caso de zika | 4 | 0 | 0 |
| 26 | 27/02/2019 | PEC da Vida tenta evitar novas exceções à punição do aborto | 3 | 1 | 2 |
| 27 | 10/03/2019 | O que é o aborto tardio em discussão nos EUA e que Trump quer combater | 3 | 1 | 1 |
| 28 | 18/03/2019 | Projeto que endurece pena de quem provoca aborto tem parecer favorável no Senado | 2 | 1 | 0 |
| 29 | 26/03/2019 | Argentina debate novo Código Penal que endurece penas e descriminaliza o aborto | 0 | 1 | 0 |
| 30 | 27/03/2019 | Brasil inaugura política contra aborto e ideologia de gênero na ONU | 6 | 0 | 0 |
| 31 | 27/03/2019 | EUA cortam recursos da OEA por causa de defesa do aborto | 2 | 0 | 1 |
| 32 | 29/03/2019 | Novo filme pró-vida é classificado como impróprio para menores | 3 | 0 | 0 |
| 33 | 06/04/2019 | Ministro do STF defende nos EUA descriminalização do aborto e das drogas no Brasil | 0 | 0 | 1 |
| 34 | 24/04/2019 | O que está errado com a afirmação “Proibir o aborto não funciona” | 1 ⁵ | 0 | 0 |
| 35 | 26/04/2019 | Aborto seletivo impediu o nascimento de 23,1 milhões de mulheres, diz estudo | 0 | 0 | 0 ⁶ |
| Total | | | 63 | 12 | 21 |

Tabela 1: Seis meses de matérias sobre aborto na Gazeta do Povo.

Fonte: elaboração própria (2019)



Gráfico 3: Fontes humanas falam sobre aborto na Gazeta do Povo.

Fonte: elaboração própria (2019).

HORA DE AMAMENTAR A DISCUSSÃO

É notório o posicionamento editorial da Gazeta em relação ao tema. Nas reportagens aqui coletadas são inseridos hipertextos que direcionam para as “Convicções da Gazeta”,

3 Considera-se o autor pois se trata de texto opinativo.

4 Citados para serem rebatidos pelo autor.

5 Considera-se a própria autora como contrária ao aborto.

6 Apresenta apenas fontes de dados

sendo uma delas a “Defesa da vida desde a concepção”⁷ que entende que “o nascituro é o mais indefeso e inocente dos seres humanos, e por isso necessita de uma proteção ainda mais enfática, pois é incapaz de, por si só, fazer valer os seus direitos” (GAZETA DO POVO, 2017).

Com as convicções da Gazeta, se presume que foi adotada pelo veículo também a ética da convicção que “atribui aos valores uma ‘vigência forte’, um ‘caráter absoluto’”, contra ela não se discute, ela não admite contra-argumentos, pois é uma “ética baseada na prestação de contas das ações tomadas e de suas consequências” (COSTA, 2019, p. 108). É como se a Gazeta bancasse sua posição assumindo o risco de arcar com as consequências; como o de renunciar a preceitos básicos do jornalismo, por exemplo.

Em 27 das 35 matérias o termo ‘aborto’ aparece logo no título e o termo ‘pró-vida’ em três, o que denota a relevância dada pelo veículo ao tema. Todas as notícias coletadas em uma franja temporal de meio ano são abertamente contrárias a qualquer prática do aborto, algumas vezes tratado como infanticídio e até homicídio.

O que chama a atenção é que a utilização de fontes contrárias ao aborto é três vezes maior do que as fontes favoráveis à descriminalização e legalização em alguns casos. Não desconsideremos a assimetria no uso das fontes por parte dos jornalistas. Estes se movimentam em uma tensão de interesses formada pela própria fonte e seus filtros, o próprio jornalista e sua subjetividade, os interesses da empresa de comunicação para a qual trabalha e o público leitor/assinante que é quem, ao final, determina o resultado do jogo (COSTA, 2009, p. 225).

Como contraponto, resgatamos um estudo realizado com o veículo *Brasil de Fato* que revela resultado similar ao encontrado aqui, porém, que privilegia o discurso pró-aborto. Em sete reportagens foram ouvidas sete fontes pró-aborto e quatro pró-vida, estas sempre colocadas antes das argumentações pró-aborto o que enfraquecia a arguição antiabortiva (VENÂNCIO, 2009, p. 96). Assim, na questão dos enquadramentos adotados ambos os lados se assemelham, pois utilizam das mesmas ferramentas discursivas de manipulação jornalística.

Nas matérias da Gazeta do Povo, quando fontes favoráveis à descriminalização eram citadas – em todos os casos, sem exceção – isso ocorria apenas para que os argumentos fossem desconstruídos. Nem que para isso tenha que se colocar em xeque todo o histórico de um país, como aconteceu em matéria sobre a Irlanda.

Para o periódico paranaense, “com a vitória dos favoráveis ao aborto, a Irlanda deixou de ser um dos países onde a proteção à vida era mais garantida”. Como foi o processo, pouco se sabe, talvez a aprovação por plebiscito onde mais de 64% da população votou e posteriormente houve aprovação pelo Parlamento, tenha acontecido em um rompante esquerdista induzida pelo primeiro-ministro Leo Varadkar que é médico, como leva a crer

7 <https://www.gazetadopovo.com.br/opinia/nossas-convicoes/defesa-da-vida-desde-a-concepcao-57e36uznhnpbm-p9pmyqxjjmc/>

o editorial “O aborto na Irlanda e o ataque às consciências” (GAZETA DO POVO, 2018). Com isso, agora apenas em El Salvador e na Nicarágua o aborto é ilegal sob quaisquer circunstâncias.

Mas, agora os Estados Unidos também estão em franco retrocesso no tema, assim como o maior jornal do mundo que advoga em prol de uma “alegação da esquerda”. Apesar de reconhecer que a série de reportagens do jornal estadunidense “faz uma investigação profunda”, elas são apenas “uma compilação malfeita de mitos abortistas, imprecisões históricas e omissões filosóficas, amontoadas para coagir o movimento pró-vida, pelo qual o *Times* nutre uma indistigável animosidade”.

O referido editorial do *The New York Times* é integralmente refutado em “3 mitos sobre o aborto propagados por um editorial do New York Times” (DESANCTIS, 2019) traduzido do artigo em inglês publicado originalmente na *National Review*.

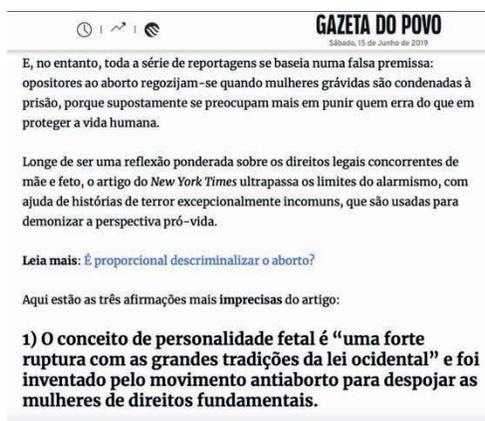


Figura 2: Trecho de artigo traduzido pela Gazeta para refutar editorial do NYTimes.

Fonte: Gazeta do Povo (2018)

Aqui, a Gazeta opta por reproduzir um artigo que concebe uma nova versão com explicações opiniáticas nebulosas a render-se à evidência dos fatos apresentada pelo *The New York Times*. Isso é constatado logo no início quando o artigo acusa o editorial de “omissões filosóficas”. É como se o jornal alocado em Curitiba “agisse sob o domínio de um princípio que dissesse: se o fato não corresponde à minha versão, deve haver algo de errado com o fato” (ABRAMO, 2016, p. 44). As traduções, inclusive, podem trazer embutidos enquadramentos pretendidos pelo veículo e induzir ao erro. O artigo opinativo “*Why Liberals Can’t Talk Honestly About Abortion*”, também da *National Review*, foi traduzido “Por que os esquerdistas não conseguem falar honestamente sobre aborto”.

Esse fato, especificamente, nos remete a Perseu Abramo (2016, p. 37) que aponta que “uma das principais características do jornalismo no Brasil, praticado pela maioria da

grande imprensa, é a manipulação da informação”, cenário em que “o leitor é induzido a ver o mundo como ele não é, mas sim como querem que ele o veja” (p. 49).

O enquadramento dado pela Gazeta na escolha dos artigos a seres traduzidos privilegia veículos assumidamente conservadores como o *National Review*⁸ e o *Daily Signal*⁹. Se replica artigos opinativos que tratam da realidade estadunidense como se ela fosse plenamente aplicável e comparável a realidade brasileira. Não se considera as diferenças sociais, econômicas e as vicissitudes das conjunturas políticas e religiosas de ambos os países, basta por ser antiaborto. Há uma clara “indução da outra realidade, diferente e até oposta à realidade real” (ABRAMO, 2016, p. 49).

O teor opinativo está presente em todas as matérias sobre aborto produzidas ou reproduzidas pela Gazeta do Povo durante os seis meses da pesquisa. O veículo escolhe por substituir a informação pela opinião:

Vejam bem que não se trata de dizer que, além da *informação*, o órgão de imprensa apresenta também a *opinião*, o que seria justo, louvável e desejável. Mas que o órgão de imprensa apresenta a opinião *no lugar* da informação, e com a agravante de *fazer passar a opinião pela informação*. O *juízo de valor* é inescrupulosamente utilizado como se fosse um *juízo de realidade*, quando não como se fosse a própria mera exposição narrativa/descritiva da realidade. O leitor/espectador já não tem mais diante de si a coisa tal como existe ou acontece, mas sim uma determinada valorização que o órgão quer que ele tenha. (ABRAMO, 2016, p. 46)

Informação e opinião se confundem, quando não, a segunda substitui a primeira, não havendo possibilidade de confrontação de argumentos para a criação de mensuração de quem lê.

Observou-se que um dos grandes embates na discussão sobre o aborto se dá na dicotomia de considerar o feto como pessoa dotada de plenos direitos civis.

A pessoalização do aborto, i. e., a estratégia de emprestar a condição de pessoa ao feto e de discuti-lo em termos de experiência individual, real ou projetada, se contrapõe frequentemente a uma outra estratégia que consiste tomar o aborto de forma objetiva e coletiva, nos termos de um problema de saúde pública. (RAMOS, 2012)

Nenhuma das reportagens consta em editoriais ligadas à ‘saúde ou ‘saúde pública’, o que reitera a tomada de posição do veículo, que constantemente insere argumentações emocionais e por vezes lamuriosas, como:

As mulheres tomam a decisão de abortar, mais ninguém. Os homens perderam o direito de ter voz no assunto há muito tempo. Os já famosos clichês sobre ‘a escolha é da mulher’ e ‘meu corpo, minhas regras’ são repetidos como se isso resolvesse tudo. (THOMAS, 2019)¹⁰

Mas aqueles que desejam sacrificar os não nascidos já demonstraram que,

8 Frequently asked questions. Disponível em: <https://www.nationalreview.com/frequently-asked-questions/>

9 About The Daily Signal. Disponível em: <https://www.dailysignal.com/daily-signal/>

10 Em ‘A chacina de crianças mostra a podridão moral da nossa cultura’. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/a-chacina-de-criancas-mostra-a-podridao-moral-da-nossa-cultura-bzc253n0fu1a5x1mssj604mjm/>

para conseguir seu objetivo, não hesitarão também em sacrificar a consciência daqueles que já nasceram. (GAZETA DO POVO, 2018)¹¹

Quem é favor do aborto, em geral, se resiste a mostrar como os embriões são mortos e também evita que as mães façam o ultrassom e vejam o filho antes de morrer. Também se fala pouco sobre as consequências físicas e psicológicas para as mulheres que fazem aborto. (GAZETA DO POVO, 2018)¹²

Se uma feminista consegue alterar o resultado de busca do YouTube com uma mensagem de reclamação, podemos apenas imaginar o quanto tudo não está impregnado com o viés ideológico esquerdista. E ainda tem gente que nega o evidente viés contra o conservadorismo nas redes sociais. Que piada! (CONSTANTINO, 2018)¹³

Um dia os americanos olharão para trás e considerarão inimaginável que em um período da história tenha sido lícito que uma mulher se tornasse juiz e júri da vida em si mesma e destruísse o milagre da vida dentro dela (...) a vida humana não é um produto de definições políticas, e sim uma verdade divina que devemos reverenciar e venerar, como fazemos diante do Deus que a criou. (PARKER, 2019)¹⁴

Esses fragmentos, foram utilizados propositalmente para evidenciar outra característica observada nas matérias coletadas, a ampla utilização de frasisms, e como ela pode ser utilizada por qualquer um dos lados do debate na construção de uma notícia. Os trechos de frases de quem defende a descriminalização do aborto são prontamente rebatidos na sequência. Segundo Abramo (2016, p. 45) essa técnica de manipulação é tão excessiva que se parece “ao máximo com a mais pura forma de realidade (...) o frasismo surge, assim, quase como a manipulação levada aos seus limites”.

11 Em 'O aborto na Irlanda e o ataque às consciências'. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/editoriais/oaborto-na-irlanda-e-o-ataque-as-consciencias-5blebfjhx984c9q8zq7tzjx3m/>

12 Em 'Professor mostra crueldade do aborto em sala de aula e é denunciado'. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/professor-mostra-crueldade-do-aborto-em-sala-de-aula-e-e-denunciado-cysbdbscogwlbmklmmkx9t3i/>

13 Em 'YouTube muda resultados de pesquisa sobre aborto após pedido feminista'. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/youtube-muda-resultados-de-pesquisa-sobre-aborto-apos-pedido-de-feminista/>

14 Em 'No futuro veremos o aborto como hoje vemos a escravidão'. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/no-futuro-veremos-o-aborto-como-hoje-vemos-a-escravidao-afq46n4jhw8bbxsthdytfrvt/>

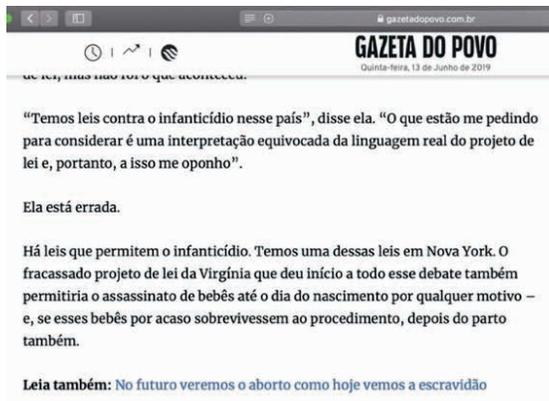


Figura 2: Utilização do frasismo nas matérias sobre aborto na Gazeta do Povo.

Fonte: Gazeta do Povo (2018)

Cukierkorn e Batista (2016) afirmam que no Brasil o debate sobre a descriminalização do aborto encontra-se no impasse de dois grandes posicionamentos:

o primeiro, a favor da legalização, declara que o abortamento clandestino é a segunda maior causa de mortalidade de mulheres no Brasil e, portanto, uma questão de saúde pública. Já o ponto de vista divergente, defendido por instituições religiosas, acredita na penalização do ato e se baseia na religião e nas leis vigentes do Código Penal brasileiro.

Segundo Jair de Souza Ramos (2012) a arguição baseada na religião “intensifica o componente emocional e da ordem dos valores” em um debate. Aqui, confirma-se que “nas notícias sobre aborto, as vozes religiosas são as mais legitimadas, sejam elas da Igreja Católica ou de lideranças das igrejas evangélicas”, baseadas no medo do castigo divino. (ANDRADE FONTES, 2012).

No artigo traduzido do *Daily Signal* “A chacina de crianças mostra a podridão moral da nossa cultura” isso fica evidente com a principal arguição que vem da Bíblia:



Figura 2: Trecho de artigo sobre aborto republicado na Gazeta do Povo.

Fonte: Gazeta do Povo (2019)

Que os veículos adotam – e são livres para tal – posicionamentos é fato consumado. A discussão acadêmica que se propõe é sobre a ética jornalista. Neste caso se supre uma das vozes para se adotar uma conduta discursiva unilateral e tida como inequívoca e se confirma que “alguns personagens jamais aparecem em muitos órgãos de comunicação, enquanto outros comparecem abusivamente, à saciedade, com uma irritante e enjoativa frequência” (ABRAMO, 2016, p. 50).

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros prevê em seu Artigo 10 que “o jornalista não pode frustrar a manifestação de opiniões divergentes ou impedir o livre debate”. O que se identificou foi o que Abramo (2016, p. 44) chamou de inversão da versão pelo fato, quando “não é o fato em si que passa a importar, mas a versão que dele tem o órgão de imprensa, seja essa versão originada no próprio órgão de imprensa, seja adotada ou aceita de alguém – da fonte das declarações e opiniões”, com os quais o veículo quer privilegiar em detrimento de outra visão de mundo.

Andrea Azevedo Pinho (2009) afirma que “o debate sobre o aborto no Brasil passa não somente pela dinâmica das discussões no poder público, no movimento feminista ou na religião organizada”, mas pela maneira como esses três agentes se relacionam em nos espaços de visibilidade e interação. No caso da Gazeta do Povo, verificou-se que o segundo agente é excluído do debate e constantemente ridicularizado. Como acontece em três ocasiões contra a presidente do *Planned Parenthood*¹⁵ – um dos alvos do jornal – uma organização sem fins lucrativos que fornece cuidados de saúde reprodutiva nos Estados Unidos e em todo o mundo.

¹⁵ <https://www.plannedparenthood.org>



Figura 3: Honestidade foi um erro.

Fonte: Gazeta do Povo (2019)

Mantovani (2014, p. 209), conclui em seu doutoramento sobre a tematização do aborto nas eleições de 2010 que a mídia não é neutra e reforça posições socialmente dominantes das igrejas e valores masculinos na discussão do tema:

o uso da temática sobre o aborto (...) reforçou os limites e os constrangimentos para possíveis avanços na legislação brasileira e no debate público sobre o tema. A homogeneidade da ênfase moral na cobertura reforçou a ideia de que assuntos relativos à temática da mulher estão deslocados da política e do espaço público. (...) A tímida presença dos movimentos feministas e de mulheres em defesa da descriminalização do aborto no noticiário, em contraste com a grande presença de atores do campo religioso agindo como sujeitos definidores dos discursos e de posições dominantes contrárias ao aborto é exemplo de uma narrativa construídas pelo campo jornalístico legitimadora de constrangimentos estruturais de gênero. (...) reforçam valores de subordinação e dependência das mulheres e limitam a afirmação da sua individualidade e de relações horizontais entre homens e mulheres no mundo público ou privado. É saudável para a democracia brasileira que a diversidade de opiniões e visões de mundo esteja presente no debate público. (p. 220)

COMO VAI SE CHAMAR?

A Gazeta do Povo é antiabortiva. Que ela adote um posicionamento é legítimo. Assumi-lo abertamente também é louvável se considerarmos que muitos veículos o fazem sobre os mais diversos assuntos de maneira dissimulada, quando tentam emprestar um ar de neutralidade e objetividade à notícia, sendo que na verdade não oferecem a transparência necessária para que os leitores conheçam as visões preferidas ou preteridas do meio de comunicação.

Ao contrário, no jornal paranaense as escolhas editoriais já deixaram de se pautarem pela tal da neutralidade jornalística. E isso não se refere apenas à questão do

aborto. O faz também em prol de uma postura “judaica-cristã”¹⁶, pela família nuclear¹⁷, por casamentos como “complementaridade biológica e psíquica entre homem e mulher”, contra os comportamentos homossexuais¹⁸ e favorável ao liberalismo econômico¹⁹. Liberais só se tornam esquerdistas apenas quando lhes convêm, como vimos anteriormente. Mas nada disso chega a ser uma grande descoberta. Para além da agenda conservadora de costumes, a Gazeta do Povo depois de 100 anos decidiu apoiar abertamente um candidato político.

Mas agora, se o veículo está tão convicto sobre o aborto, e todos os argumentos contrários são menores e estão errados, por quê então simplesmente não dar voz ao contraponto, como a boa prática jornalística pede? Será que o veículo não acredita que seus leitores não sejam capazes se refutarem tais argumentos e de formarem suas próprias opiniões? E para defender suas convicções vale a pena abrir mão da boa prática jornalística, assim como fazem também veículos favoráveis à descriminalização? Ou o jornal, conhecendo bem seu público, apenas replica o que eles querem ouvir.

Segundo reportagem do Intercept Brasil²⁰ a guinada à direita da Gazeta se deu por dois motivos. Primeiro pelas “obsessões” de Guilherme Döring Cunha Pereira, presidente do Grupo GRPCOM que edita o jornal, e também por mero cunho mercadológico e comercial. Nas palavras do próprio Cunha Pereira o conservadorismo adotado pela Gazeta do Povo,

tem uma ressonância com parte importante da população brasileira, que não encontrava outros veículos com idêntico posicionamento. A gente percebeu que isso é uma riqueza também do ponto de vista estratégico, e montou toda uma estratégia em que o posicionamento [conservador] adquiriu status especial. Ele é um direcionador estratégico muito importante. (MARTINS, 2018).

Como lembra Venâncio (2009, p. 161), “o jornalismo comercial não é oposto do jornalismo partidário no espectro jornalístico” quando ambos assumem suas posições e obsessões. Vender-se como jornalismo quando já se está embrenhando pelos antros partidários, ideológicos e religiosos poder ser tema de outro estudo.

Sabendo disso, é questionável se a Gazeta do Povo não tenha se convertido em apenas mais um espaço que serve a externar as ideias e obsessões do patrão. Os jornalistas que nela trabalham estariam subordinados a produzirem apenas material que seguem as tais convicções? Pautar-se pelos anseios de agradar quem lê, e, assim dar voz a apenas um lado do tema não o converteria mais em veículo panfletário do que em veículo jornalístico? São reflexões essenciais, uma vez que

16 “A dignidade da pessoa humana”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/a-dignidade-da-pessoa-humana-0kzt1kd1yzf7c8zsi0b4xkbh0/>

17 “O Valor da família”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/ovalor-da-familia-3ige92zf771vu67cqxmwt250/>

18 “A importância do casamento”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/a-importancia-do-casamento-d5h1vw9zad4ciyvupnylqgk5w/>

19 “As empresas, sua finalidade e o bem comum”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/as-empresas-sua-finalidade-e-o-bem-comum-7aucmbppt0o1idpzjghmtu6s/>

20 Disponível em: <https://theintercept.com/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>

Discutir ética na imprensa só faz sentido se significar pôr em questão os padrões de convivência entre as pessoas, individualmente, e de toda a sociedade no que se refere ao trato com a informação de interesse público e com a notícia. A isso precisam se subordinar não apenas os jornalistas, mas também os seus patrões e as corporações em que funcionam os veículos de comunicação. Essa discussão só tem um interessado: o cidadão. Ninguém mais. É para ele que a imprensa deve existir – e só para ele. Às vezes, parece que todos nos esquecemos disso. (BUCCI, 2008 p. 32-33)

Resta a quem atua assim, como se confirmou sendo o caso da Gazeta do Povo quando trata do aborto, a honestidade de explicitar a quem a lê. E disso a Gazeta do Povo não pode ser acusada, pois, inegavelmente, explicita sem pudores suas predileções, algo que deveria ser imitado por outros veículos, inclusive os que defendem a descriminalização do aborto. Distinguir o que é notícia e o que é juízo de valor é um princípio básico da boa prática jornalística, uma vez que:

o reino da *objetividade* é a informação, a notícia, a cobertura, a reportagem, a análise, assim como o reino da *tomada de posição* era a opinião, o comentário, o artigo, o editorial. É fundamental separar e distinguir informação de opinião, indicar as diferenças de conteúdo e forma dos gêneros jornalísticos, e apresentar toda a produção jornalística ao leitor/telespectador de forma a que ele perceba imediatamente o que é a exposição da realidade, e o que é ajuizamento de valor. (ABRAMO, 2016, p. 58)

Caio Túlio Costa (2009, p. 166) relembra a provocação do filósofo francês Jean-François Revel do porquê não se questiona a objetividade e a neutralidade “na política, nos sindicatos, na diplomacia, nos negócios, na cultura e na justiça” sendo elas tão questionadas no jornalismo? E a resposta que segue não poderia ser outra se não a de que o jornalismo não é “nem tribunal de justiça, nem diplomacia, sem sindicalismo, nem partido político”, e acrescentamos, nem religião, nem cabo eleitoral e nem detentora da verdade absoluta.

Que o jornal mantenha e defenda seus posicionamentos e convicções como verdades únicas e puras e se norteie com o lema ‘nenhuma ideia vale uma vida’, é válido. Mas que o faça, se possível, sem abrir mão da práxis jornalística, sob o risco de desaparecer. Isso para evitar que algum oportunista futuramente venha a falar ao se referir à Gazeta do Povo que ‘teria sido melhor que ela nem tivesse nascido’.

BATIZE-SE!

*Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é*

*esta que vê, Severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.*

(João Cabral de Melo Neto, 1954, p. 28)

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. 2ª ed. São Paulo: FPA, 2016.

ANDRADE FONTES, Maria Lucineide. O enquadramento do aborto na mídia impressa brasileira nas eleições 2010: a exclusão da saúde pública do debate. In *Ciência e Saúde Pública*. Rio de Janeiro: ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva Área, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COSTA, Caio Túlio. Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GAZETA DO POVO. Nossas convicções: defesa da vida desde a concepção. Curitiba, 29 abr 2017. Disponível em : <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/defesa-da-vida-desde-a-concepcao-57e36uznhnpbmp9pmypxqjjmc/>. Acesso em 14 jun 2019.

MANTOVANI, Denise Maria. Quem agenda a mídia: um estudo de agenda-setting a partir da tematização do aborto nas eleições de 2010. 2014. 234 f., il. Tese (Doutorado em Ciência Política). Brasília: UnB, 2014.

MEIO E MENSAGEM. Com foco em digital, Gazeta do Povo completa 100 anos. 4 fev 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/02/04/com-foco-em-digital-gazeta-do-povo-completa-100-anos.html>. Acesso em: 15 jun 2019.

MELO, Jacira. A polêmica do aborto na imprensa. In *Revista Estudos Feministas* v. 5, n. 2. Florianópolis: UFSC, 1997.

MORO, Rafael Martins. Como a Gazeta do Povo, do Paraná, deu uma guinada à direita e virou porta-voz do Brasil de Bolsonaro. Intercept Brasil. 10 dez 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>. Acesso em: 15 jun 2019.

NETO, João Cabral de Melo. Morte e Vida Severina. Ed. Especial Auto de Natal Pernambuco. Rio de Janeiro: Alfaguarra, 2016.

PEREIRA JR. Luiz Costa. Guia para edição jornalística. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PINHO, Andrea Azevedo. Os debates sobre o aborto na mídia brasileira: dos enquadramentos midiáticos a construção de uma democracia plural. e-cadernos ces, 2009.

PORTO, Mauro P. Enquadramentos da mídia e política, In Comunicação e política: conceitos e abordagens / Antônio Albino Canelas Rubim (organizador). Salvador: Edufba, 2004.

RAMOS, Jair de Souza. Toma que o aborto é teu: a politização do aborto em jornais e na web durante a campanha presidencial de 2010. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 07, 2012.

VENÂNCIO, Rafael Duarte Oliveira. Jornalismo e linha editorial: construção das notícias na imprensa partidária e comercial. Rio de Janeiro: e-papers, 2009.

RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS: GÊNEROS RADIOFÔNICOS E GÊNEROS MUSICAIS NA FM UNIVERSITÁRIA DA UFPI

Data de aceite: 02/05/2023

Denise de Alencar Nascimento

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Paulo Fernando de Carvalho Lopes

(Orientador)

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Trabalho apresentado no GT 6 durante o IV Simpósio Nacional do Rádio, realizados de 05 a 07 de maio de 2020, na Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio universitária; Gênero radiofônico; Gênero musical.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho está alicerçado em um projeto guarda-chuva que tem por objetivo principal fazer um levantamento dos modelos e práticas das rádios universitárias do Brasil. Ressalta-se que, em anos anteriores centrou-se na Região Nordeste, Centro Oeste e Sudeste. A atual proposta está pautada na comparação e análise dos Gêneros Radiofônicos e Gêneros Musicais veiculados na rádio

universitária da UFPI.

Apresenta as reflexões decorrentes do desdobramento de uma pesquisa desenvolvida pelo ICV 2018\2019 que suscitou análises pormenorizadas sobre os Gêneros radiofônicos e os Gêneros musicais presentes na programação da Rádio Universitária da UFPI, que consistiu na exploração dos estudos oriundos da relação: Comunicação, Música e Rádio, que abordou o viés de formação de público e/ou consumidores de “conteúdo significativo”, ou seja, que se enquadrou portanto, no Gênero educativo instrucional.

Estabeleceu-se como objetivo geral: Analisar os gêneros radiofônicos e os gêneros musicais presentes na programação e programas da Rádio universitária da UFPI.

O intuito foi responder a problemática: De que forma o Rádio contribui para a difusão e elaboração de um pensamento crítico e reflexivo por meio das músicas veiculadas em sua programação? Para delinear essa inferência, escolheu-se os seguintes objetivos específicos: Investigar

nos estudos oriundos da relação Comunicação, Música e Rádio, que abordam o viés de formação de público e/ou consumidores de conteúdo significativo; Mapear a programação de três semanas da rádio universitária da UFPI. As hipóteses levantadas para esse estudo são: Há predominância de um só gênero musical (MPB) nos programas veiculados na rádio universitária da UFPI; Não há estudos científicos considerados expressivos que abordem a Inter relação entre Comunicação, Rádios Universitárias, Gêneros Musicais e Modos de ouvir; Os ouvintes da rádio universitária da UFPI teoricamente não percebem o significado e/ou mensagem transmitidas comumente nas letras das músicas veiculadas em sua programação radiofônica. Como arcabouço teórico está subsidiado nos estudos e /ou trabalhos dos seguintes autores: Barbosa Filho (2003; 2009); DEUS (2003); Janotti Jr (2012); Kaseker (2012).

2 | METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa quali-quantitativa, caracterizada pelos aspectos de levantamento de dados, catalogação, separação e análise das músicas tocadas durante a programação da rádio universitária da UFPI, cujo o objeto de pesquisa foi a Programação da rádio universitária da UFPI, em que o corpus da pesquisa refere-se aos Gêneros Radiofônicos e Gêneros Musicais presentes e/ou predominantes na programação da rádio supracitada. O percurso metodológico consistiu em: Leitura e fichamento de bibliografia na área de rádios universitárias, comunicação e música; Levantamento das características dos programas e gêneros de músicas tocados em cada um deles fazendo uma correlação com os gêneros específicos de música ;Análise e comparação das músicas tocadas durante a programação, relacionando-as aos gêneros musicais; sistematização da fundamentação teórica, que preconizou, suscitar reflexões críticas acerca do teor “ ideológico”, imbricado nas letras das músicas, comumente veiculadas na programação da rádio supracitada.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escutar se encontra numa disposição reflexiva, como num mergulho recorrente na percepção. Nesse contexto, Kaseker (2010) afirma que, a música, os programas de rádio, os sons urbanos estão frequentemente relacionados a modos de vida e ideologias. No tocante a relevância cultural da música na formação do público ouvinte, verificou-se que, os programas da rádio universitária, em sua maioria, são pensados de forma estratégica para atender a uma demanda, a princípio da própria instituição, mas que prioriza também os anseios da sociedade, principalmente no que diz respeito aos programas específicos, que contemplam temáticas de cunho educativo e/ou informativo, preconizado pelo conceito de radiofonia pública.

| PROGRAMAS | GÊNERO RADIOFÔNICO | GÊNERO MUSICAL |
|------------------|--|---|
| Música e Notícia | Jornalístico | Estico variado que vai desde rock, MPB, Rap; Pop. |
| Musicalizando | Mistura de Entretenimento e Educativo Cultural | MPB |
| Club do Vinil | Mistura de Entretenimento e Educativo Cultural | Diversos |

Quadro 1 - Rádio Universitária da UFPI: Sintonia 96.7 MHz

Fonte: Elaborado pela autora com dados coletados da pesquisa

| PROGRAMAS | GÊNERO RADIOFÔNICO | GÊNERO MUSICAL |
|------------------------|--|--|
| A música do dia | Entretenimento/ Programa Musical | Diversos |
| Aplauso | Jornalístico | Choro e origens da música popular urbana brasileira. |
| Kalimba | Entretenimento/Programa Musical/ Temático | Diversos: Porémespecíficos dos países africanos. Música eletrônica, etc. |
| Memória do rock | Entretenimento/Programa Musical/ Temático | Rock |
| Pauta musical | Educativo Cultural/ Temático | Erudito e seus respectivos períodos (Clássico; Romântico; Barroco; Renascença, etc.) |
| Roda de choro | Entretenimento/Programa Musical/ Temático | O Chorinho. |
| Samba da minha terra | Entretenimento/Programa Musical/ Temático | O Samba e suas múltiplas vertentes |
| Faixa contemporânea | Entretenimento/Programa Musical/ Temático | Pop rock independente e/ou alternativo. |
| Programação Musical | Entretenimento/ Programa Musical | Diversos (Trata-se de uma variada seleção musical). |
| No tabuleiro do Brasil | Entretenimento | Diversos |
| Baú Musical | Entretenimento/ Programa Musical | MPB (Flashbacks) |
| Na trilha da História | Jornalístico e Musical | Diversos |
| Então, foi assim? | Jornalístico(Entrevistas); Educativo Cultural/ Temático | Diversos |

Quadro 2 – Programas musicais feitos pelas rádios parceiras: Câmara; EBC e Senado

Fonte: Elaborado pela autora com dados coletados da pesquisa

A Rádio universitária desempenha a contento esse papel de ser propositiva em relação a creditar, valorizar o novo, o diferencial, o conceitual. Salienta-se que, de acordo com a ótica de Kaplun (2012) “A educação radiofônica não consiste apenas nas

emissões especializadas, para difusão de conhecimentos básicos, mas a promoção humana, transmissão de valores, que propiciem o desenvolvimento e possam elevar o nível de consciência”, portanto, reitera-se que, se enquadra no gênero radiofônico intitulado educativo cultural. Destaca-se que, as rádios universitárias possuem liberdade para cobrir, falar e trazer conteúdos, assuntos e gêneros não abordados pelo sistema comercial vigente

4 | CONCLUSÃO

Correlacionar gêneros radiofônicos (Educativo cultural; Jornalístico; Entretenimento etc.) aos gêneros musicais (Rock; Samba; Choro; Erudito etc.) torna-se imprescindível, pois ajuda a concatenar ideias no tocante a construção de um programa de rádio, pautado na estratégia e planejamento, que perpassam as questões técnicas e recai numa perspectiva epistemológica, da formação de um público ouvinte, que torna-se paulatinamente crítico, reflexivo, e que portanto, influencia positivamente na formação e construção do gosto e principalmente, auxilia melhor as questões que envolvem o modos de ouvir, porque os enquadra dentro de um pensamento lógico, no que diz respeito a estruturar melhor e organizar as músicas de acordo com a intencionalidade e formato específico e/ou característico de cada programa radiofônico proposto e/ou dispostos nas mais diversas grades de programação do rádio.

Refere-se a um tema que precisa ser amplamente estudado, justamente por sua grande contribuição e relevância aos estudos da constituição, produção e fruição da linguagem radiofônica, no que diz respeito a compreender, que tipo de programas devem e/ou podem ser veiculados numa rádio universitária e porque, e também cumpre o papel de desmistificar a cultura e paulatinamente, romper com os padrões vigentes.

APOIO

Rádio universitária da UFPI Universidade Federal do Piauí-UFPI

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2009.

DEUS, S.F.B. O papel das rádios universitárias públicas na extensão universitária. In: **Anais do VIII Congresso ibero americano de extensão universitária**. Rio de Janeiro, 2005.

JANOTTI, J. J. War for Territory: **cenar, gêneros musicais, experiência e uma canção heavy metal**. XXI encontro anual da Compós. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2012.

JANOTTI, Junior, Jeder. **Música Popular Massiva e Comunicação: um universo particular**. Íterim, vol. 4, núm. 2, 2007, pp. 1-16 Universidade Tuiuti do Paraná Curitiba, Brasil KASEKER, Mônica Panis. Modos de ouvir: **a escuta do rádio ao longo de três gerações**. Curitiba: Champagnet, 2012.

TREINAMENTO AUDITIVO COGNITIVO ACUSTICAMENTE NÃO CONTROLADO: ADAPTAÇÃO E APLICAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO

Data de submissão: 09/03/2023

Data de aceite: 02/05/2023

Héinton Goulart Moreira

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria - Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/9041546919209764>

Larine da Silva Soares

Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria - Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/5807879966632972>

Christine Grellmann Schumacher

Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria - Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/1887756554761895>

Arielly Freitas de Moura

Fonoaudióloga pela Universidade Federal de Santa Maria
Campinas - São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/0443547307449633>

Vitor Cantele Malavolta

Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria - Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/5352338050262495>

Piotr Henryk Skarżyński

Center of Hearing and Speech Medincus, Kajetany, Poland; Institute of Sensory Organs, Kajetany, Poland; Maria Curie-Skłodowska University, Lublin, Poland.

Milaine Dominici Sanfins

Albert Einstein Ensino e Pesquisa, São Paulo (SP), Brasil; Centro de Eletrofisiologia e Neuroaudiologia Avançada, São Paulo (SP), Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/5730428419438808>

Michele Vargas Garcia

Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria - Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/8921088842000990>

RESUMO: **Objetivo:** adaptar um protocolo de TAC para adultos, de seis sessões, já publicado na literatura especializada e verificar a sua efetividade, por meio de testes de autopercepção, avaliação cognitiva e comportamental do PAC, bem como por meio de medidas neurofisiológicas. **Método:** Estudo caso, de caráter longitudinal. Participou da pesquisa um sujeito adulto jovem, do sexo feminino, 21 anos de idade e 15 anos de escolaridade.

Inicialmente, foi adaptado um protocolo de Treinamento Auditivo Cognitivo (TAC), de seis sessões, direcionado ao público idoso. Após adaptação, foi realizado o TAC acusticamente não controlado, uma vez na semana, com duração de 50 minutos por sessão. O sujeito do caso clínico foi submetido a um questionário semi-estruturado, a Inspeção Visual do Meato Acústico Externo, Audiometria Tonal Liminar, Logaudiometria e Medidas de Imtância Acústica e para mensuração dos benefícios da proposta terapêutica, pré e após dois meses de intervenção foram aplicados: Instrumento De Avaliação Neuropsicológica Breve, Avaliação do Processamento Auditivo Central, *Speech, Spatial and Qualities of Hearing Scale*; Potencial Evocado Auditivo de Longa Latência. **Resultados:** Foi possível adaptar o protocolo de TAC para a população adulta, gerando um protocolo, com 45 tarefas, dispostas em seis sessões. O sujeito do caso apresentou melhoras na autopercepção e normalização do processamento auditivo central, benefícios relacionados aos aspectos cognitivos e eliciamento do potencial cognitivo. **Conclusão:** A proposta terapêutica foi adaptada e aplicada. O sujeito do caso clínico apresentado obteve melhora pós-intervenção e a eficácia foi verificada por meio da autopercepção do indivíduo, testes comportamentais do processamento auditivo central, teste neuropsicológico e do potencial evocado auditivo P300.

PALAVRAS-CHAVE: Adultos; Reabilitação; Cognição; Percepção de fala; Plasticidade neuronal

ACOUSTICLY UNCONTROLLED COGNITIVE AUDITORY TRAINING: ADAPTATION AND APPLICATION OF A REHABILITATION PROPOSAL

ABSTRACT: Objective: To adapt a six-session CAT protocol for adults, already published in the specialized literature, and to verify its effectiveness, through self-perception tests, cognitive and behavioral assessment of ADP, as well as neurophysiological measures. **Method:** Longitudinal case study. A young adult subject, a female, 21 years old and 15 years of schooling, participated in the research. Initially, a six-session Cognitive Auditory Training (CAT) protocol was adopted, aimed at the elderly. After adaptation, the acoustically uncontrolled CAT was performed once a week, lasting 50 minutes per session. The subject of the clinical case was submitted to a semi-structured questionnaire, Visual Inspection of the External Acoustic Meatus, Threshold Tonal Audiometry, Logaudiometry, and Acoustic Immittance Measures and to measure the benefits of the therapeutic proposal, pre and after two months of intervention were applied: Brief Neuropsychological Assessment Instrument, Central Auditory Processing Assessment, *Speech, Spatial and Qualities of Hearing Scale*; Long Latency Auditory Evoked Potential. **Results:** It was possible to adapt the CAT protocol for the adult population, generating a protocol with 45 tasks, arranged in six sessions. **Conclusion:** It was possible to adapt the CAT protocol for the adult population, generating a protocol with 45 tasks, arranged in six sessions. The subject in the case showed improvements in self-perception and normalization of central auditory processing, benefits related to cognitive aspects, and elicitation of cognitive potential. The therapeutic proposal was adapted and applied. The subject of the presented clinical case improved after the intervention and the effectiveness was verified through the individual's self-perception, behavioral tests of central auditory processing, neuropsychological test, and P300 auditory evoked potential.

KEYWORDS: Adults; Rehabilitation; Cognition; Speech perception; Neuronal plasticity

INTRODUÇÃO

O Processamento Auditivo Central refere-se à eficácia e eficiência que o Sistema Nervoso Auditivo Central (SNAC) processa as informações acústicas (ASHA, 2015; CFFa, 2020). Desse modo, quando esse processamento da informação se encontra defasado, diversos são os prejuízos na vida dos indivíduos, que impactam significativamente na qualidade de vida, necessitando de uma reabilitação, tendo em vista que na fase adulta, o impacto deste distúrbio é mais evidente nos ambientes sociais e profissional (ACA, 2013; MOREIRA, 2021).

Na literatura especializada encontram-se diferentes protocolos de treinamento auditivo, que podem ser realizados em diferentes faixas etárias. Tais protocolos, levam em consideração as características audiológicas e aspectos cognitivos desses sujeitos (MOREIRA, 2021; ACA, 2013; SAMELI, 2010;). Esses, ainda, podem ser realizados de diferentes formas em *setting* terapêutico, seja em campo livre, denominado não acusticamente controlado, ou em cabina, conhecido como acusticamente controlado (MUSIEK et al., 2007).

Estudos demonstram a importância dos aspectos cognitivos, principalmente, de atenção e memória para um adequado processamento do sinal acústico (MOREIRA et al., 2021; CISG, 2020; MUKARI, 2020). Ainda, ressaltam a importância das estratégias combinadas (auditivas e cognitivas) na estimulação do SNAC, tendo em vista que o treinamento auditivo por si só já ocasiona melhoras significativas na cognição e ao estimular as duas esse torna-se mais efetivo (LAWRENCE, 2018).

De acordo com o supracitado, destaca-se que ainda carecem de estudos que busquem estimular os aspectos auditivos, associado aos cognitivos, em um curto período de tempo, no público adulto jovem. Diante disso, levando em consideração a importância do aspecto cognitivo no processamento do sinal sonoro, torna-se necessária a adaptação de protocolos já existentes, que apresentam comprovação da sua efetividade, objetivando contribuir na clínica fonoaudiológica com uma nova proposta de reabilitação auditiva, melhorando a qualidade de vida, de maneira mais assertiva, nos sujeitos adultos com Transtorno do Processamento Auditivo Central (TPAC).

Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi adaptar um protocolo de TAC para adultos, de seis sessões, já publicado na literatura especializada e verificar a sua efetividade, por meio de testes de auto percepção, avaliação cognitiva e comportamental do PAC, bem como por meio de medidas neurofisiológicas da audição.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de caso, de caráter longitudinal, aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob o parecer 56038322.10000.5346.

O presente estudo foi realizado em etapas: (1) Análise do protocolo publicado (2) Inclusão e adaptação das estratégias (3) Aplicação dos procedimentos (4) Aplicação do protocolo adaptado em um caso clínico (5) Análise da viabilidade de aplicação do protocolo.

ETAPA 1: ANÁLISE DO PROTOCOLO PUBLICADO

A proposta de adaptação e intervenção foi realizada inicialmente através da análise do protocolo de Treinamento Auditivo Cognitivo (TAC) já publicado por MOREIRA et al. (2021). Inicialmente, a análise foi realizada pelos membros do Ambulatório de Pesquisa, da Universidade Federal de Santa Maria, das quais três fonoaudiólogos especialistas na área, realizaram sugestões quanto às possíveis mudanças necessárias a serem realizadas, por sessão, na proposta original.

Diante do supracitado, foi constatado a necessidade de adaptações no protocolo, do qual realizaram-se acréscimos de tarefas, assim como a inserção de ruído em algumas estratégias. Tendo em vista que o protocolo original foi realizado para idosos, as mesmas foram realizadas com o objetivo de, respectivamente, o tempo de sessão fosse ampliado e possibilitasse a estimulação das habilidades auditivas, objetivando aumentar o nível de dificuldade, a fim de propor mudanças da neuroplasticidade na população pesquisada.

ETAPA 2: INCLUSÃO E ADAPTAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS

Foram realizados acréscimos de tarefas nas sessões 1, 2, 3, 5 e 6, bem como a inserção de ruído de fala em algumas estratégias, das quais encontram-se melhores detalhadas no quadro abaixo (Quadro 1).

| Atividade | Ordem | Ruído | Habilidades |
|---|--|-------------------------|---|
| 1ª sessão | | | |
| 1º Cartela de imagens do (TIS-F). (VELLOZO; DELLAMÉA; GARCIA, 2017) | “Gostaria que você me dissesse quais as ações que estão ocorrendo em cada figura. O que cada pessoa está realizando?” | Sim, 40% do equipamento | Atenção |
| 2º Áudio do TIS-F. (VELLOZO; DELLAMÉA; GARCIA, 2017) | “Agora vamos escutar uma história e frases sobre essas ações da tarefa anterior, em simultâneo. Preste atenção nas frases e aponte-as na cartela, ignorando a história.” | Não | Figura-fundo para sons verbais e atenção seletiva |
| 3º Áudio do TIS-F. (VELLOZO; DELLAMÉA; GARCIA, 2017) | “Agora vamos mudar o foco, preste atenção na história e esqueça as frases, depois conte-me trechos ou palavras que se recorda da história. | Sim, 40% do equipamento | Figura-fundo para sons verbais Atenção seletiva Memória |
| 4º História do TIS-F. (VELLOZO; DELLAMÉA; GARCIA, 2017) | Agora temos a história em mãos. Tens que ler e referir o que entendeste após a leitura. (paciente deve ler em voz alta).” | Sim, 40% do equipamento | Atenção |

| | | | |
|---|---|-------------------------|---|
| 5º Imagens dos gatos; | “Aqui temos duas figuras, pode me dizer o que são? qual a diferença entre elas?” | Sim, 40% do equipamento | Atenção |
| 6º Teste Padrão de Duração Melódico (TPD) (TABORGA-LIZARRO, 1999); | “Agora você ouvirá 3 sons, alguns curtos outros longos como os rabos dos gatos. Após ouvi-los, tens que nomear eles e depois, usar 3 figuras dos gatos e colocar na mesma ordem.” | Não | Ordenação temporal para duração Atenção |
| 7º Software eArena®. DIA 2 – ESTRATÉGIA 2 | “Vamos realizar uma atividade no computador, funciona assim: você escutará uma sequência de dois sons e deverá falar qual foi o tom longo.” | Não | Habilidade auditiva: ordenação temporal para duração Atenção |
| 8º Software eArena®. DIA 3 – ESTRATÉGIA 6 - com numerais | “Vamos escutar sequências de números com dois algarismos e ruído junto. Preste atenção nos números e após diga qual número ouviu.” | Sim, 40% do equipamento | Atenção seletiva |
| 9º Software eArena®. DIA 3 – ESTRATÉGIA 7 | “Vamos escutar palavras dissílabas e ruído junto. Preste atenção nas palavras e após repita.” | Sim, 40% do equipamento | Atenção seletiva |
| 10º Estratégia fonêmica/ Reconhecimento de Fonemas - Colocar o áudio baseado no Teste de Padrão de Frequência Melódico (TPF). (TABORGA-LIZARRO, 1999); | 3 fases: 1- Apresentar ao paciente os estímulos a serem usados na atividade, fonema P e fonema V. Questionar o paciente se o mesmo consegue reconhecer os fonemas, e se sabe reconhecer qual é grosso e qual é fino. 2- “Agora você vai ouvir uma sequência de 3 sons com aqueles mesmos sons apresentados no início da sessão. Após ouvir esses 3 sons, você deve escrever as letras correspondentes a essa sequência e se são finos ou grossos. Ex.: GGF - PPV” 3- “Agora você vai ouvir uma sequência de 3 sons, com 4 estímulos diferentes e dessa vez serão acrescentados os sons de 2 fonemas que ainda não foram apresentados e você deve reconhecê-los (mostrar o som do B e F). Após ouvir esses 3 sons, você deve escrever as letras correspondentes a essa sequência. Ex.: BPF” | Não | Ordenação temporal Memória |

| Atividade | Ordem | Ruído | Habilidades |
|---|--|---|--|
| 2ª sessão | | | |
| 1º Leitura de uma letra de música desconhecida pelo paciente | “A seguir temos a letra de uma música, quero que você leia em voz alta.” | Não | Atenção |
| 2º Leitura de uma letra de música desconhecida pelo paciente | “Agora você vai ler a mesma letra em voz alta, porém com ruído junto.” | Sim, 35% do equipamento | Atenção |
| 3º Treino de palavras isoladas, associadas a atividade motora. | “Toda vez que você ouvir uma palavra que comece com a letra “A”, deve bater palma, nas que começam com a letra “V”, bater os pés e nas que começam com a letra “P”, bater a mão na mesa. Essas palavras estavam na música, mas por enquanto vou apenas pronunciar elas de forma isolada enquanto você realiza a tarefa.” | Não | Atenção Funções executivas Praxia Motora |
| 4º Escutar a música escolhida e realizar a tarefa motora. | “Agora vamos realizar as ações treinadas, mas com a música tocando, ou seja, quando ouvir as palavras na música, deve realizar as ações.” | Não | Atenção Funções executivas |
| 5º Cartas para treinar a mente - Exercícios de memória. (Roberta Nascimento, Regina Lopes e Paulo Lopes) | “Vamos ver quatro cartas, memorize as figuras durante 30 segundos, e após relembra-las sem a pista visual.” | Fazer 2 cartas no silêncio e 2 cartas com ruído verbal. | Atenção Memória |
| 6º Cartas para treinar a mente - Exercícios de memória. (Roberta Nascimento, Regina Lopes e Paulo Lopes) - atividade com ruído | “Vamos ver quatro cartas, memorize as palavras durante 30 segundos, e após relembra-las sem a pista visual.” | Fazer 2 cartas no silêncio e 2 cartas com ruído verbal | Atenção Memória |
| 7º Software eArena®. DIA 3 – ESTRATÉGIA 9 | “Vamos escutar uma sequência de 3 sons do cotidiano. Após você deve apontar na tela do computador os 3 sons, seguindo a ordem.” | Não | Discriminação auditiva para sons não verbais |

| | | | |
|---|--|-------------------------|--------------------|
| 8° Software eArena®, DIA 4 – ESTRATÉGIA 4 | “Vamos visualizar várias imagens na tela do computador. Após você vai ver uma sequência de 3 imagens destacadas com uma moldura laranja, e você deve apontar na tela do computador quais imagens foram seguindo a ordem que foram apresentadas.” | Sim, 35% do equipamento | Atenção Memória |
|---|--|-------------------------|--------------------|

| Atividade | Ordem | Ruído | Habilidades |
|--|---|---|--|
| 3ª sessão | | | |
| 1° Software eArena®, DIA 2 – ESTRATÉGIA 7 | “Você vai ver uma sequência de 3 imagens destacadas e você deve apontar na tela do computador quais imagens foram seguindo a ordem que foram apresentadas.” | Sim, 30% do equipamento | Atenção Memória |
| 2° Software eArena®, DIA 2– ESTRATÉGIA 8 – Tempo de Reação | “Primeiro observe 12 imagens e seus respectivos nomes. Em seguida você terá 30 segundos para fazer o maior número possível de associações entre as palavras e as figuras.” | Sim, 30% do equipamento | Atenção Memória |
| 3° Software eArena®, DIA 2– ESTRATÉGIA 9 – Atenção aos sons, preparar, valendo! | “Primeiro você verá 12 cartas fechadas. Aponte uma carta e ouvirá uma amostra de som. Agora aponte uma segunda carta. Se os sons apresentados forem iguais, as imagens das cartas irão se revelar. Encontre todos os pares.” “Atenção: às vezes os sons se diferenciam apenas na intensidade, frequência e duração.” | Não | Atenção |
| 4° Imagens com palavras e cores diferentes. | “Vou apresentar algumas imagens com palavras descrevendo cores, destacadas de uma cor diferente e com o fundo de outra cor.” | Sim, 30% do equipamento | Funções executivas |
| 5° Cartas para treinar a mente - Exercícios de memória. (Roberta Nascimento, Regina Lopes e Paulo Lopes) | “Vamos ver algumas cartas, memorize as figuras durante 30 segundos, e após relembra-las sem a pista visual.” | Fazer 2 cartas no silêncio e 2 cartas com ruído verbal. | Atenção Memória Praxia construtiva |

| | | | |
|--|---|-----|--|
| 6º Identificação de músicas através da melodia – Utilizar 10 melodias de músicas conhecidas pela população adulta. | “Você vai escutar algumas melodias, e a partir da melodia identificar a música.” | Não | Atenção Memória |
| 7º Jogo da memória caseiro (Estímulos: bolita, isopor, arroz, feijão, pedras e macarrão) | “Agora você vai jogar um jogo da memória dos sons. Funciona assim: cada caixinha tem um material dentro que produz determinados sons, encontre os semelhantes.” | Não | Discriminação auditiva para sons não verbais Atenção Memória |

| Atividade | Ordem | Ruído | Habilidades |
|--|---|-------------------------|--|
| 4º sessão | | | |
| 1º Utilizar cartela com as frases Teste de Identificação de Sentenças Sintéticas (SSI). (SPEAKS & JERGER, 1965) | “Leia em voz alta as seguintes frases. (Mostrar a cartela das frases do SSI).” | Sim, 25% do equipamento | Linguagem |
| 2º Utilizar cartela com as frases do Teste de Identificação de Sentenças Sintéticas (SSI). (SPEAKS & JERGER, 1965) | “Você deverá responder as perguntas solicitadas. Cada pergunta tem relação com uma palavra das frases lidas na tarefa anterior, mas você deve me responder com a primeira coisa que vier na sua cabeça. Lembre-se que as respostas devem ser curtas.” | Sim, 25% do equipamento | Memória |
| 3º Utilizar áudio do Teste de Identificação de Sentenças Sintéticas (SSI). (SPEAKS & JERGER, 1965) | “Escute as frases e a história do simultaneamente, e aponte as frases ouvidas na cartela.” Atenção: O áudio tem 18min40s, mas ir até 6min22s. | Não | Figura-fundo para sons verbais Atenção seletiva |
| 4º Utilizar áudio do Teste de Identificação de Sentenças Sintéticas (SSI). (SPEAKS & JERGER, 1965) - COLOCAR RUIDO | “Escute novamente as frases e a história, invertendo a atenção em relação à tarefa anterior. Deverá focar a atenção na história e após contá-la ou relembrar trechos e nomes.” | Sim, 25% do equipamento | Figura-fundo para sons verbais Atenção seletiva. Atenção Memória Processamento do discurso |
| 5º Utilizar as imagens das árvores que tenham diferença no tronco (grosso e fino); | “Aqui temos duas figuras, podes me dizer o que são? Qual a diferença entre elas?” | Sim, 25% do equipamento | Atenção |

| | | | |
|---|---|---|--|
| 6º Colocar o áudio do Teste Padrão de Frequência Melódico (TPF). (TABORGA-LIZARRO, 1999) | “Agora você vai ouvir 3 sons, alguns são grossos e outros finos como os troncos das árvores. Após ouvir os 3 sons, tens que nomear eles como grosso e fino. E depois, usar 3 figuras das árvores e colocar na mesma ordem do som ouvido. Ex.:fino-fino-grosso.” | Sim, 25% do equipamento | Ordenação temporal para frequência |
| 7º Utilizar quatro cartas, que fazem parte da coleção - Cartas para treinar a mente - Exercícios de memória. (Roberta Nascimento, Regina Lopes e Paulo Lopes) | “Vamos ver algumas cartas com figuras, memorizá-las durante 30 segundos, e após relembra-las sem a pista visual.” | Sim, 25% do equipamento nas quatro cartas | Atenção Memória |
| 8º Jogo da memória caseiro (estímulos: tampa de refrigerante, tampa de garrafa, bolinha de papel amassada, clips e açúcar) | “Agora você vai jogar um jogo da memória dos sons. Funciona assim: cada caixinha tem um material dentro que produz determinados sons, encontre os semelhantes.” | Não | Discriminação auditiva para sons não verbais Atenção Memória |

| Atividade | Ordem | Ruído | Habilidades |
|---|---|-------|---|
| 5ª sessão | | | |
| 1º Colocar para tocar duas músicas simultaneamente e utilizar a letra de uma delas. Uma música conhecida e outra desconhecida pelo paciente | “Escute duas músicas simultaneamente, preste atenção em apenas uma, a qual você tem a letra em mãos e deverá cantar.” | Não | Figura-fundo para sons verbais Atenção |
| 2º Colocar o áudio com as músicas unidas, e trocar o foco da tarefa anterior, utilizar a letra da outra música, com palavras diferentes no decorrer do texto. | “Mude o foco, a música que antes estava atrapalhando, passa a ser a que deverá manter a atenção, visto que a letra dessa música terá palavras absurdas que não fazem parte da música, as quais você deve identificar e destacar.” | Não | Atenção |

| | | | |
|---|---|--|--|
| 3º Utilizar Software eArena®. DIA 19 – ESTRATÉGIA 10 - Atenção aos sons, preparar, valendo! | “Primeiro você verá 12 cartas fechadas. Aponte uma carta e ouvirá uma amostra de som. Agora aponte uma segunda carta. Se os sons apresentados forem iguais, as imagens das cartas irão se revelar. Encontre todos os pares.” Atenção: às vezes os sons se diferenciam apenas na intensidade, frequência e duração. | Não | Discriminação auditiva Memória |
| 4º Atividade de memória | “Vou lhe dar cinco tarefas onde você vai precisar me dizer nomes de animais, objetos, cores, entre outros, com uma determinada letra, em apenas 1 min.” | Sim, 20% do equipamento | Memória |
| 5º Utilizar Software eArena®. DIA 19 – ESTRATÉGIA 5 | “Vamos escutar uma sequência sons do cotidiano. Após você deve falar os sons, seguindo a ordem.” | Não | Discriminação auditiva Ordenação auditiva Atenção Memória |
| 6º Utilizar o teste de fala comprimida monossílabos (lista da orelha direita) | “Vamos escutar palavras comprimidas e você deve reconhecê-las e repeti-las.” | Sim, na mesma intensidade das palavras | Fechamento auditivo |
| 7º Caça palavras | “Aqui está um caça palavras com palavras relacionadas a sessão de hoje. Você deve se concentrar bem e encontrar as palavras que se lembrar.” | Sim, 20% do equipamento | Memória |

| Atividade | Ordem | Ruído | Habilidades |
|-----------------------------|---|--------------------------------|----------------|
| 6ª sessão | | | |
| 1º Tarefa de memória | “Escreva uma frase com as palavras solicitadas e entregue o papel, ao final da sessão, você deverá enunciar a frase, sem lembrete da terapeuta.” | Sim, 15% do equipamento | Memória |
| 2º Tarefa de memória | “Vou ler uma lista de 14 palavras e você deverá reconhecê-las dentre outras 40 palavras.” | Sim, 15% do equipamento | Memória |

| | | | |
|---|--|-------------------------|---|
| 3º Colocar o áudio do Teste Padrão de Duração Melódico 4 sons (TPD). (TABORGA-LIZARRO, 1999) | “Agora você vai ouvir 4 sons, alguns são curtos outros longos. Após ouvir os 4 sons, tens que nomear eles como curto e longo. Ex.:curto-curto-longo-curto” | Sim, 15% do equipamento | Ordenação Temporal para duração |
| 4º Colocar o áudio do Teste Padrão de Frequência Melódico 4 sons (TPF). (TABORGA-LIZARRO, 1999) | “Agora você vai ouvir 4 sons, alguns são grossos e outros finos. Após ouvir os 4 sons, tens que nomear eles como grosso e fino. Ex.:fino-fino-grosso-fino” | Sim, 15% do equipamento | Ordenação Temporal para frequencial |
| 5º Atividade de resolução temporal | “Agora você vai ouvir uma sequência de apitos que correspondem a uma sequência de números que você deve anotar no papel e depois converter em uma sequência de palavras e depois em imagens com o seguinte código: 4 apitos MARGARIDA, 3 apitos PORTA, 2 apitos ELEFANTE, 1 apito COPO e escolher dentre as opções que eu lhe mostrar qual foi a sequência correta que você anotou e converteu em palavras.” | Não | Resolução Temporal Memória |
| 6º Colocar o áudio do Teste Padrão de Duração Musiek junto a uma música instrumental | “Agora você vai ouvir 3 sons, alguns são curtos e longos. Após ouvir os 3 sons, tens que nomear eles como curto e longo. Ignore a melodia de fundo. Ex.: curto-longo-curto” | Não | Ordenação Temporal para duração Figura-fundo Fechamento auditivo |
| 7º Colocar o áudio do Teste Padrão de Frequência Musiek junto a uma música instrumental | “Agora você vai ouvir 3 sons, alguns são grossos e outros finos. Após ouvir os 3 sons, tens que nomear eles como grosso e fino. Ignore a melodia de fundo. Ex.:fino-fino-grosso” | Não | Ordenação Temporal para frequência Figura-fundo Fechamento auditivo |

Legenda: *está em negrito as novas estratégias.

Quadro 1: Adaptações realizadas no protocolo de treinamento auditivo cognitivo (MOREIRA et al., 2021).

ETAPA 3: APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS

Para composição amostral, inicialmente foi realizado um questionário com perguntas relacionadas a história clínica pregressa, a Inspeção Visual do Meato Acústico Externo,

Audiometria Tonal Liminar, Logaudiometria e Medidas de Imitação Acústica (CFFa, 2020).

Foram realizados procedimentos de pesquisa no momento pré intervenção e após dois meses de treinamento auditivo, com o objetivo de mensurar os resultados da proposta terapêutica adaptada. Destaca-se que o indivíduo foi avaliado, treinado e reavaliado por diferentes pesquisadores.

a) Instrumento De Avaliação Neuropsicológica Breve - NEUPSILIN: Avaliação neuropsicológica usado para avaliar oito funções cognitivas (orientação têmporo-espacial, atenção concentrada, percepção visual, habilidades aritméticas, linguagem oral e escrita, memória verbal e visual, praxias e funções executivas) (FONSECA, et al., 2009). Para mensurar os benefícios, foi realizada uma soma total de todas as habilidades, com o intuito de adquirir o desenvolvimento cognitivo global (DCG) e após uma soma total das habilidades de atenção e memória.

b) Avaliação do Processamento Auditivo Central: Foi realizada dentro de uma cabina acusticamente tratada, com o auxílio de um audiômetro de dois canais, da marca Interacoustics, modelo Ad229e e fones auriculares tipo TDH-39P, marca Telephonics. Os testes foram aplicados por meio de um computador acoplado ao audiômetro, todos na intensidade de 40 dBNS acima da média tritonal. Para compor a avaliação, tendo em vista a bateria mínima proposta pela Academia Brasileira de Audiologia (ABA, 2016) foi utilizado o Teste Dicótico de Dígitos (TDD) na etapa de integração binaural (PEREIRA e SCHOCHAT, 2011), Teste de Fala no Ruído (FR)-relação S/R +5 dB ipsilateral; *Gap In Noise* (GIN)-por orelha (SAMELLI et al., 2008), *Masking Level Difference* (MLD) e Teste de Padrão de Frequência (TPF) versão da Auditec®- de modo binaural (SANGUEBUCHE et al., 2020).

c) *Speech, Spatial and Qualities of Hearing Scale (SSQ)*: Utilizou-se a sua versão reduzida, com 12 questões, que abordam três domínios: audição para fala, audição espacial e qualidades auditivas, para mensurar as queixas auditivas dos sujeitos e quantificar as inabilidades de escuta do cotidiano. Os sujeitos foram orientados a pontuar de 0, que significa que não são capazes de executar uma determinada tarefa a 10, quando são perfeitamente capazes. Ainda, foram orientados sobre a opção denominada “não aplicável”, no caso de a pergunta não representar uma situação cotidiana. Quanto maior a pontuação, menor são as alterações de PAC auto percebidas pelo sujeito (MIRANDA-GONSALEZ, 2017).

d) Potencial Evocado Auditivo de Longa Latência (PEALL): O exame foi realizado no equipamento “*Smart EP*” da marca *Intelligent Hearing Systems*. O sujeito foi acomodado em uma poltrona, após foi realizada a higienização da pele com pasta abrasiva da marca NUPREP. Os eletrodos de referência foram colocados nos lóbulos da orelha direita e esquerda, o eletrodo terra colocado na frente, na posição Fpz e o eletrodo ativo em Cz. Foram utilizados 300 estímulos verbais (sílabas /ba/ e /di/), divididos em 240 estímulos frequentes /ba/ e 60 estímulos raros /di/, (80% frequentes e 20% raros), sendo um estímulo por segundo, aplicados na intensidade de 80 dB SPL. A tarefa do indivíduo foi prestar atenção nos estímulos “raro” e realizar a contagem destes. O protocolo utilizado contou com impedância igual ou menor

que 3 K Ω , com número máximo de artefatos aceitos de 10% do total de estímulos, filtro passa banda: 1-30 HZ, janela de 510ms, polaridade do estímulo alternada, velocidade 1.1/sec. Para a análise e marcação das ondas, dos componentes P1, N1, P2 e N2, foram utilizados os valores de Didoné et al. (2016). Caso o P300 subdivide-se em dois potenciais, ou seja, P3a e P3b, foi considerado para análise do pré e pós intervenção, o valor do P3b (FRIZZO, 2018; 2022).

ETAPA 4: APLICAÇÃO DO PROTOCOLO ADAPTADO EM UM CASO CLÍNICO

Participou do estudo um sujeito, do sexo feminino, com 21 anos de idade, 15 anos de escolaridade e limiares auditivos dentro dos padrões de normalidade (OMS, 2020). Apresentou queixas de dificuldade de atenção, memória e compreensão de fala em ambientes acusticamente desfavoráveis. Ainda, não era musicista, não tinha exposição contínua ao ruído, outros problemas otológicos, percepção de zumbido, tontura e demais problemas de saúde no geral, bem como alterações psiquiátricas ou neurológicas evidentes e/ou diagnosticadas.

O indivíduo que aceitou participar da intervenção compareceu uma vez por semana, durante seis sessões consecutivas, de aproximadamente 50 minutos no Serviço de Atendimento Fonoaudiológico da universidade. Em todas as sessões foi realizado o protocolo de TAC adaptado, em campo aberto, com caixas de som acopladas ao computador. Destaca-se que a participante foi orientada de que se caso tivesse alguma falta seria desligada da proposta terapêutica.

Após intervenção, esperou-se um tempo de dois meses para reavaliar os sujeitos, com a reavaliação do processamento auditivo central, aplicação do SSQ, NEUPSILIN e do PEALL. Destaca-se que o sujeito foi avaliado, treinado e reavaliado por diferentes pesquisadores.

ETAPA 5: ANÁLISE DA VIABILIDADE DE APLICAÇÃO DO PROTOCOLO

De modo geral, a proposta conseguiu ser realizada, com tempo de 40 a 50 minutos por sessão, com fácil aplicação, onde o sujeito não referiu grandes dificuldades. No quadro abaixo, encontra-se a nota por sessão, relatada pelo sujeito de pesquisa, das quais foram observadas dificuldades que estimulam e proporcionam mudanças neuroplásticas (Tabela 1).

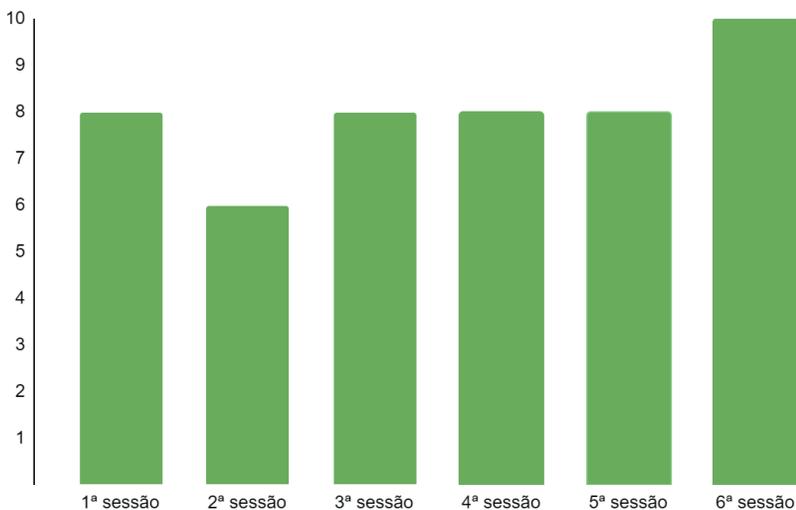


Tabela 1. Auto percepção dos sujeitos quanto às dificuldades por sessão no protocolo de TAC.

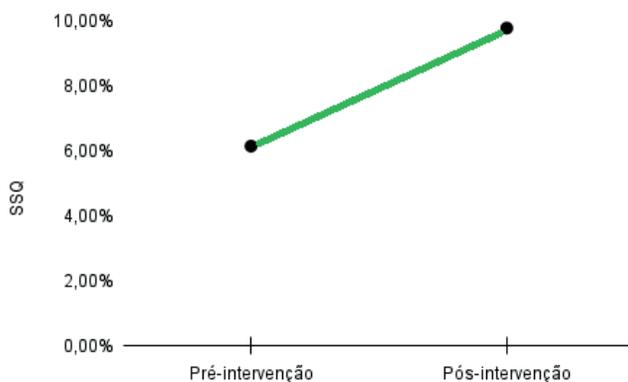
RESULTADOS

Foi possível adaptar o protocolo de TAC para a população adulta, gerando um novo protocolo, com 45 tarefas. Desse modo, após treinamento observaram-se os seguintes resultados:

| Procedimento | Pré-intervenção | Pós-intervenção |
|---------------------|---------------------------------|----------------------------------|
| SSQ | Moderada dificuldade | Sem dificuldades |
| Aspectos cognitivos | Redução dos aspectos cognitivos | Melhoras dos aspectos cognitivos |
| PAC | Alterado | Normal |
| P300 | Ausente | Presente |

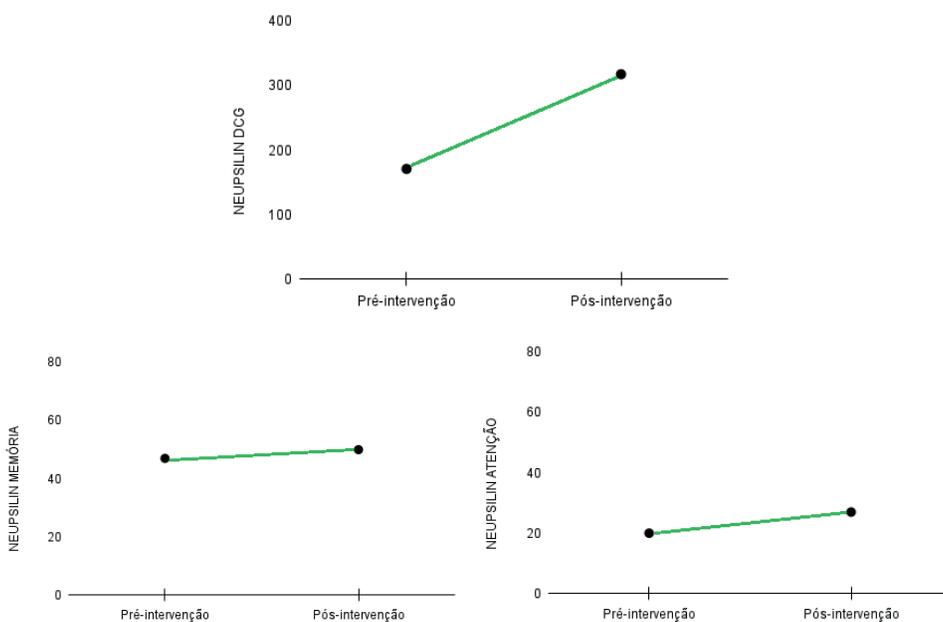
Legenda: SSQ: *Speech, Spatial and Qualities of Hearing Scale*; PAC: Processamento Auditivo Central; P300: Potencial Evocado Cognitivo.

Quadro 3. Análise qualitativa dos dados pré e após TAC.



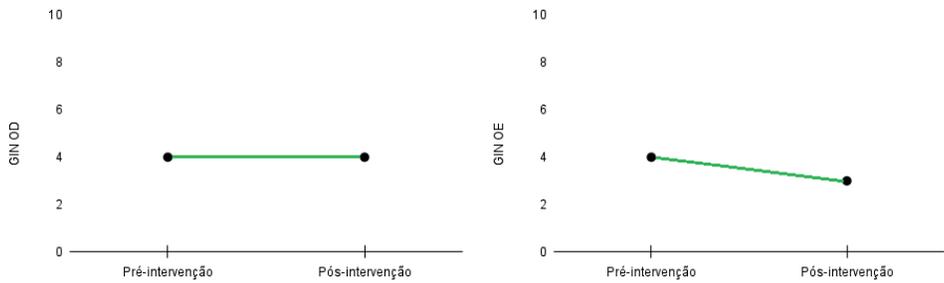
Legenda: SSQ: Speech, Spatial and Qualities of Hearing Scale.

Figura 1. Resultados na auto percepção após TAC.



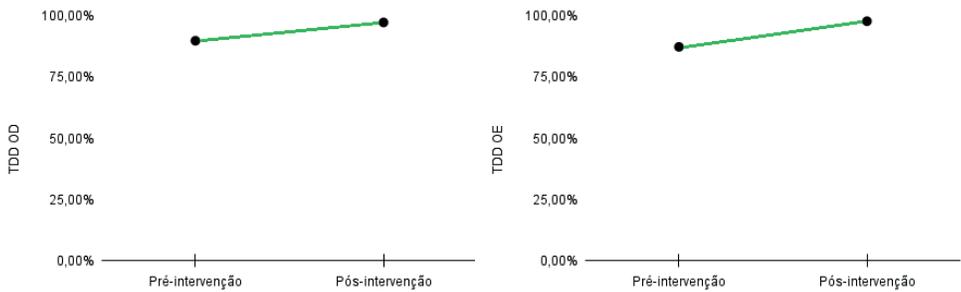
Legenda: Neupsilin: Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve; DCG: Desenvolvimento Cognitivo Global.

Figura 2. Resultados no Desenvolvimento Cognitivo Global e habilidades cognitivas (atenção e memória) após TAC.



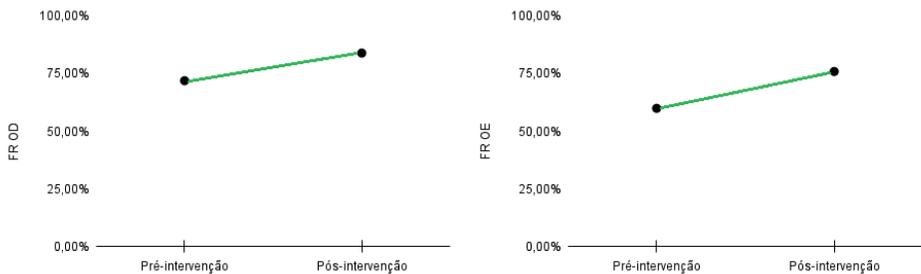
Legenda: GIN: Gap in noise; OD: Orelha direita; OE: Orelha esquerda.

Figura 3. Resultados na habilidade auditiva de resolução temporal após TAC.



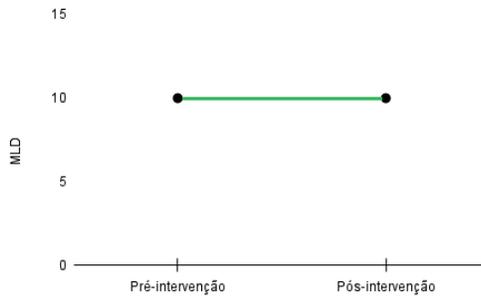
Legenda: TDD: Teste Dicótico de Dígitos; OD: Orelha direita; OE: Orelha esquerda.

Figura 4. Resultados na habilidade auditiva de figura-fundo para sons verbais em etapas de integração binaural após TAC.



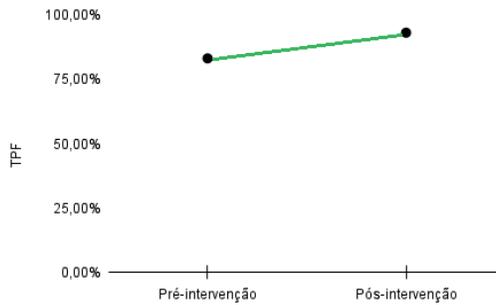
Legenda: FR: Fala com ruído; OD: Orelha direita; OE: Orelha esquerda

Figura 5. Resultados na habilidade auditiva de fechamento auditivo para sons verbais após TAC.



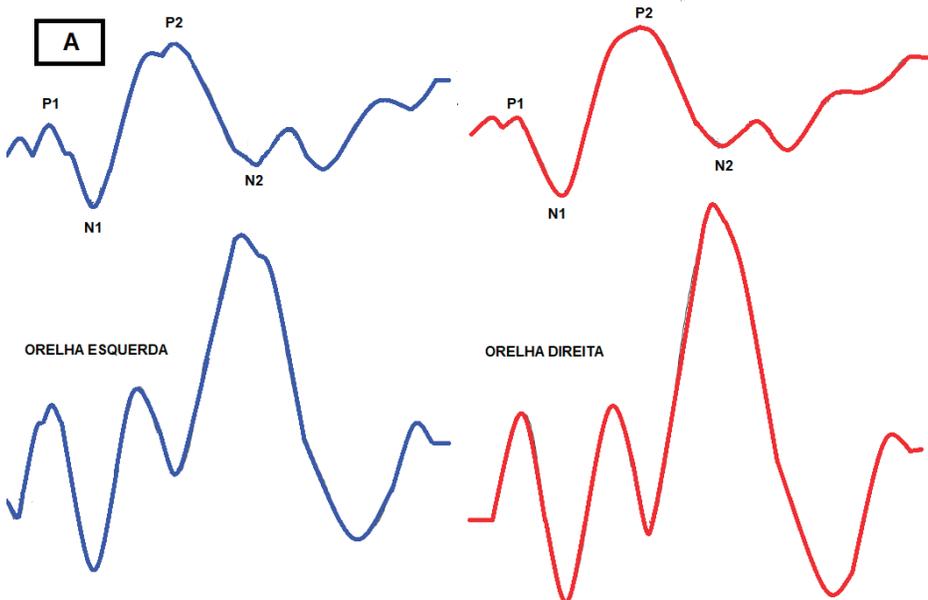
Legenda: MLD: Masking Level Difference.

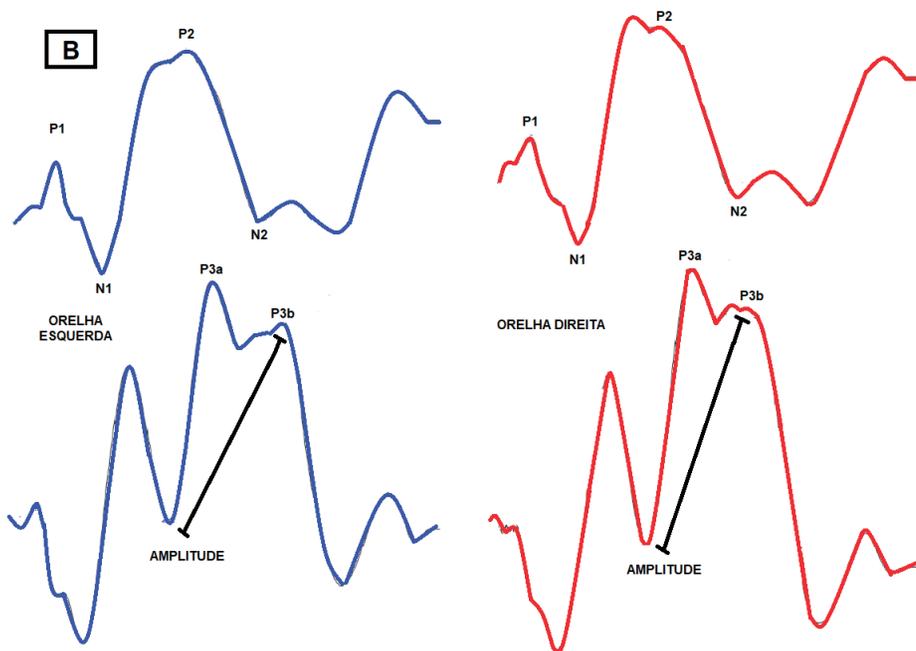
Figura 6. Resultados na habilidade auditiva de interação binaural e atenção seletiva após TAC.



Legenda: TPF: Teste padrão de frequência.

Figura 7. Resultados na habilidade auditiva de ordenação temporal após TAC.





Legenda: A: pré-treinamento auditivo cognitivo; B: pós treinamento auditivo cognitivo.

Figura 8. Resultados eletrofisiológicos após TAC

DISCUSSÃO

O presente capítulo traz uma grande novidade a literatura especializada, tendo em vista que atualmente, os protocolos já existentes, direcionam as estratégias terapêuticas voltadas apenas aos aspectos auditivos e direcionadas ao público idoso (MOREIRA, et al., 2021; MIRANDA et al., 2008; (MUSIEK, 1998; GIL et al., 2015; STROIEK, 2015), não focando nas habilidades cognitivas associadas, impactando negativamente na assertividade terapêutica (ÁVILA et al., 2014). Desse modo, a adaptação de protocolos, com poucas sessões e de fácil aplicação, torna-se de grande importância para a clínica fonoaudiológica.

O estudo de MOREIRA et al., 2021 teve como objetivo a criação de um protocolo de treinamento auditivo cognitivo acusticamente não controlado direcionado a população idosa. Tal proposta, resultou em um protocolo inovador, com 39 tarefas, dispostas em seis sessões, do qual sua efetividade foi comprovada por meio de procedimentos comportamentais do processamento auditivo central, teste de rastreamento cognitivo e eletrofisiológicos da audição. Nesse sentido, a criação de uma estratégia, direcionada à população de adultos jovens, torna-se importante, tendo em vista a efetividade desta proposta de intervenção (MOREIRA et al., 2021).

De acordo com o supracitado, apesar de haver estratégias direcionadas à

estimulação combinada (auditiva e cognitiva), adaptações tornam-se necessárias, em decorrência das diferenças no funcionamento e capacidade cerebral entre o público idoso e jovem (MA L et al., 2021). Desse modo, as realizações das adaptações objetivam, principalmente, a aumento do tempo de estimulação, assim como das dificuldades das estratégias, tendo em vista que para uma reorganização sináptica da via auditiva central e cerebral, torna-se necessário que as tarefas estejam em uma dificuldade de 70 a 90%, ou seja, que apresentem desafios ao sujeito e proporcionem alterações neuroplásticas, possibilitando mudanças positivas na plasticidade cerebral (MUSIEK, BERGE, 1998). Partindo disso, o presente estudo torna-se de grande relevância, pois foram realizados acréscimos, adaptações de atividades e inclusão de ruído de fala competitivo, dos quais tornaram a proposta terapêutica mais desafiadora, proporcionando maiores benefícios ao indivíduo treinado.

No Quadro 2, foi possível observar a autopercepção do sujeito quando as dificuldades da sessão, evidenciando-se média em torno de oito, ou seja, a proposta adaptada tornou-se mais difícil, sendo efetiva para proporcionar mudanças na plasticidade cerebral. Entretanto, apesar de essa ser uma proposta terapêutica adequada e possível, essa não deve ser fixa, podendo algumas sessões serem alteradas, considerando o desempenho e características individuais de cada sujeito (MOREIRA et al., 2021). Nesse sentido, o treinador pode realizar a adaptação das estratégias, possibilitando maiores desafios, assim como pode utilizar dicas facilitadoras, objetivando que as mesmas sejam mais fáceis de execução, proporcionando aprendizado e mudanças neuroplásticas, por meio de uma estimulação mais assertiva (MAGRI E BARBA, 2021).

Em relação aos resultados pode-se observar melhoras em todos os aspectos treinados na avaliação pré e pós intervenção. Essas, foram comprovadas em decorrência da melhora no autopercepção e normalização do PAC, benefícios nos aspectos cognitivos e pelo eliciamento do potencial cognitivo (Quadro 3).

Nos resultados pós-intervenção, foram observadas melhoras na autopercepção do sujeito, em relação às dificuldades no processamento do sinal acústico. Tais achados, corroboram com outros estudos, que já evidenciaram que o TAC proporciona benefícios na qualidade de vida dos indivíduos, que no público adulto ocasiona, principalmente, mudanças positivas nas interações sociais e acadêmicas, das quais os mesmos encontram-se mais expostos (ABREU et al., 2022). Desse modo, tais achados demonstram os benefícios da proposta, ratificando a sua importância na efetividade da reabilitação auditiva nos sujeitos adultos com TPAC.

Foram observadas mudanças positivas na reavaliação após o TAC nos aspectos auditivos e cognitivos avaliados, ou seja, benefícios nas habilidades auditivas de fechamento auditivo para sons verbais, resolução temporal, ordenação temporal e figura-fundo para sons verbais na etapa de integração binaural. Ainda, proporcionou melhoras no DCG, atenção e memória. Assim, ressalta-se que esses achados já foram evidenciados por

outras pesquisas, dos quais são justificados em decorrências das mudanças neuroplásticas no funcionamento auditivo e cerebral após TAC, que favorecem um melhor processamento do sinal acústico, tendo em vista a interdependência dos aspectos cognitivos para o processamento auditivo (ALONSO, 2012; CRUZ et al., 2013; MOREIRA et al. 2021; SALES et al., 2019). Nesse sentido, mesmo que em adultos jovens, a inclusão de estratégias cognitivas torna-se importante, já que os achados pré e pós intervenção demonstraram a eficácia da proposta de reabilitação (O`BRIEN et al., 2017).

Ainda, destaca-se a ausência do P300 no pré-intervenção, que se tornou presente após a aplicação do protocolo. O PEALL reflete o funcionamento dos aspectos auditivos, ligados a detecção, reconhecimento e decodificação de fala, assim como os cognitivos, voltados ao processo atencional e de memória (FRIZZO et al., 2021). A presença e normalização em latência e amplitude do potencial, reflete na plasticidade neural adquirida, pois o TAC promoveu benefícios nas habilidades auditivas e, conseqüentemente, uma reorganização neuronal do sistema nervoso central, gerando uma mudança comportamental promovida pela estimulação da via auditiva, demonstrando que o TAC pode promover o aprimoramento da sincronia neural das respostas corticais (MEDEIROS, SILVA E PINHEIRO, 2021). Ainda, apesar do surgimento de dois picos- P3a e P3b, ou seja, a necessidade de uma maior atenção cognitiva para o processamento cortical, destaca-se a importância do TAC, tendo em vista que o sujeito já apresentou benefícios nos aspectos treinados, apenas em seis sessões.

Portanto, tais achados, demonstram que o TAC acusticamente não controlado, é uma proposta de reabilitação auditiva eficaz, com melhoras nas habilidades cognitivas e auditivas, assim como na capacidade neurobiológica da via auditiva, do qual contribuí para uma melhor autopercepção e capacidade neurofisiológica e funcional no processamento do sinal acústico de indivíduos adultos jovens.

CONCLUSÃO

A proposta terapêutica foi adaptada e aplicada. O sujeito do caso clínico apresentado obteve melhora pós-intervenção e a eficácia foi verificada por meio da autopercepção do indivíduo, testes comportamentais do processamento auditivo central, teste neuropsicológico e do potencial evocado auditivo P300.

REFERÊNCIAS

ABREU NCB, JESUS LC DE, ALVES LM, ET AL. **Validação da Escala de Autopercepção de Habilidades do Processamento Auditivo Central (EAPAC) para adultos.** *Audiol, Commun Res* [Internet]. 2022;27(Audiol., Commun. Res., 2022 27):e2577.

ACADEMIA BRASILEIRA DE AUDIOLOGIA (ABA). **Fórum de diagnóstico audiológico**. São Paulo: 31o Encontro;. 2016. Disponível em: http://www.audiologiabrasil.org.br/31eia/pdf/forum_f.pdf. Acesso 28/07/2022.

ALONSO R. **Avaliação eletrofisiológica e comportamental do processamento auditivo (central) e treinamento auditivo em indivíduos idosos**. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação Humana) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION. **(central) auditory processing disorders — the role of the audiologist** [Position Statement]. 2005. Disponível em: <www.asha.org/policy>. Acesso em Jan 2023.

ÁVILA, R. R. DE A., MURPHY, C. F. B., & SCHOCHAT, E. **Efeitos do treinamento auditivo em idosos com Comprometimento Cognitivo Leve**. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 27(Psicol. Reflex. Crit., 2014 27(3)), 547–555.

CISG: The Canadian Interorganizational Steering Group for Speech-Language Pathology and Audiology. **Clinical practice: auditory processing disorder in children and adults: assessment & intervention** [Internet]. 2019 [citado em 2020 Jun 22].

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA (CFFA). **Guia de orientação: Avaliação e Intervenção no Processamento Auditivo Central**. 2020. [Acesso em 07/02/2023]. Disponível em: https://www.fonoaudiologia.org.br/wp-content/uploads/2020/10/CFFa_Guia_Orientacao_Avaliacao_Intervencao_PAC.pdf.

CRUZ ACA, ANDRADE AN DE, GIL D. **A eficácia do treinamento auditivo formal em adultos com distúrbio do processamento auditivo (central)**. *Rev CEFAC* [Internet]. 2013Nov;15(Rev. CEFAC, 2013 15(6)):1427–34.

DIAS KZ, GIL D. **Treinamento auditivo acusticamente controlado nos distúrbios do processamento auditivo**. In: Boéchat EM, Menezes PL, Couto CM, Frizzo ACF, Scharlach RC, Anastasio ART. *Tratado de Audiologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; p.534-40, 2015.

DIDONÉ, D.D. et al. **Auditory Evoked Potentials with Different Speech Stimuli: a Comparison and Standardization of Values**. *International Archives of Otorhinolaryngology*. v.20, n.2, p.99-104, 2016.

FONSECA RP, SALLES JF, PARENTE MAMP. **Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve NEUPSILIN**. São Paulo: Vetor Editora. 2009.

FRIZZO ACF, ADVÍNCULA KP. **Potências evocados auditivos de longa latência : conceitos e aplicações clínicas**. In : Menezes, PL et al, org. *Tratado de Eletrofisiologia para a Audiologia*. Ribeirão Preto, São Paulo: Book Toy, 2018: 139-50.

FRIZZO ACF. **Potencial evocado auditivo cortical**. In : Menezes, PL et al, org. *Manual de Eletrofisiologia e Eletroacústica: Um Guia para Clínicos*. Ribeirão Preto, São Paulo: Book Toy, 2021.

Lawrence BJ, Jayakody DMP, Henshaw H, et al. **Auditory and cognitive training for cognition in adults with hearing loss: a systematic review and meta-analysis**. *Trends Hear*. 2018 Jan-Dez;22:1-20.

MA L, TIAN L, HU T, JIANG T, ZUO N. **Development of Individual Variability in Brain Functional Connectivity and Capability across the Adult Lifespan.** *Cereb Cortex.* 2021 Jul 5;31(8):3925-3938. doi: 10.1093/cercor/bhab059. PMID: 33822909.

MEDEIROS GM, DA SILVA DPC, PINHEIRO MMC. **Estudo do potencial evocado auditivo P300 antes e após o treinamento auditivo acusticamente controlado.** *Research, Society and Development,* v. 9, n. 10, e449108102, 2020.

MIRANDA-GONSALEZ, ALMEIDA. **Incapacidade auditiva medida por meio do questionário Speech, Spatial and Qualities of Hearing Scale (SSQ): estudo piloto da versão reduzida em Português Brasileiro.** *Audiol Commun Res.* 2017;22:e1709.

MIRANDA EC DE, GIL D, IÓRIO MCM. **Treinamento auditivo formal em idosos usuários de próteses auditivas.** *Rev Bras Otorrinolaringol [Internet].* 2008Nov;74(Rev. Bras. Otorrinolaringol., 2008 74(6)):919–25.

MOREIRA HG, BRASIL ALM, MALAVOLTA VC, BRÜCKMANN M, GARCIA MV. **Treinamento cognitivo e auditivo acusticamente não controlado para população idosa: um estudo de caso.** *Audiol, Commun Res.* 2021;26.

MUKARI SZMS, YUSOF Y, ISHAK WS, ET AL. **Relative contributions of auditory and cognitive functions on speech recognition in quiet and in noise among older adults.** *Braz J Otorhinolaryngol.* 2020. 86(2):149-56.

MUSIEK FE, CHERMAK GD, WEIHING J. **Auditory training.** In: Chermak GD, Musiek FE. *Handbook of (central) auditory processing disorder. Comprehensive intervention.* San Diego: Plural Publishing; 2007 p. 77 – 106.

MUSIEK, F. E., & SCHOCHAT, E. (1998). **Auditory training and central auditory processing disorders.** *Seminars in Hearing,* 19(4), 357-366.

MUSIEK FE, BERGE B. **A neuroscience view of auditory training/ stimulation and central auditory processing disorders.** In: Masters M, Stecker N, Katz J, editors. *Central auditory processing disorders: mostly management.* Boston: Allyn & Bacon; 1998. cap 2. p 15-32.

MAGRI N, BARBA MC. **Benefícios do treinamento auditivo para idosos usuários de aparelhos de amplificação sonora individual (AASI): Revisão integrativa da literatura.** *Distúrb Comun, São Paulo,* 2022;34(2): e55068.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Prevention of blindness and deafness.** 2014 [citado em 09 Jan 23]. Disponível em: http://www.who.int/pbd/deafness/hearing_impairment_grades/en » http://www.who.int/pbd/deafness/hearing_impairment_grades/en

O'BRIEN JL, LISTER JJ, FAUSTO BA, ET AL.. **Cognitive training enhances auditory attention efficiency in older adults.** *Front Aging Neurosci.* 2017;9:322. <http://dx.doi.org/10.3389/fnagi.2017.00322>

PEREIRA, Liliene Desgualdo, SCHOCHAT, Eliane. **Testes Auditivos Comportamentais para Avaliação do Processamento Auditivo Central.** Pró Fono, Barueri, Brazil, 2011.

SALES, C. B., RESENDE, L. M. DE ., & Amaral, C. F. S.. (2019). **Auditory rehabilitation in adults: results of a training program.** Revista CEFAC, 21(Rev. CEFAC, 2019 21(5)), e10318.

SAMELLI AG, MECCA FFDN. **Treinamento auditivo para transtorno do processamento auditivo: uma proposta de intervenção terapêutica.** Revista CEFAC. 2010;12(2):235-41.

SAMELLI, A.G.; SCHOCHAT, E. **The gaps-in-noise test: gap detection thresholds in normal-hearing young adults.** International Journal of Audiology. v.47, n.5, p.238-45, 2008.

SANGUEBUCHE, T.R.; PEIXE, B.P.; GARCIA, M.V. **Testes comportamentais em adultos: valores de referência e comparação entre grupos com e sem transtorno do processamento auditivo central.** Rev. CEFAC, v. 22, 2020.

STROIEK S, QUEVEDO LS, KIELING CH, BATTEZINI ACL. **Treinamento auditivo nas alterações do processamento auditivo: estudo de caso.** Rev CEFAC. 2015 Mar-Abr;17(2):604-14. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620157914>

TEMPORALIDADES FOTOGRÁFICAS EM MARROM VAN DYKE: MODOS DE FAZER E DE PENSAR

Data de submissão: 16/03/2023

Data de aceite: 02/05/2023

Adriana de Barros Ferreira Cunha

Doutoranda na EBA UFMG. Professora de Fotografia na Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas EBA/UFMG e FCA/PUC Minas Belo Horizonte – MG
<http://lattes.cnpq.br/5792701170747021>
ORCID 0000-0003-3990-4966

Adolfo Enrique Cifuentes

Orientador da pesquisa de doutorado. Professor do curso de Belas Artes da UFMG EBA/UFMG Belo Horizonte - MG
<http://lattes.cnpq.br/7256023332368040>
ORCID 0000-00002-5657-8229

fotográficos do século XIX estaríamos impregnando de finitude as imagens digitais que a princípio não teriam fim numa tentativa de resgate da aura. Além disso, a temporalidade que une passado e presente em uma única imagem, através de hibridismos entre técnicas fotográficas antigas e técnicas contemporâneas, torna a imagem uma espécie de objeto onde acontece um anacronismo controlado. Saber como produzir imagens usando a técnica de Marrom Van Dyke dá aos artistas a liberdade de determinar, entre outras coisas, a duração daquela imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia Híbrida. Marrom Van Dyke. Aura. Anacronismo. Pandemia.

RESUMO: A fotografia se relaciona intimamente com o tempo desde o instante do clique, passando pelo seu processamento, até o momento de apreensão da imagem pelo espectador e sua duração quanto objeto. A partir de imagens de ambientes escolares esvaziados durante a Pandemia de Covid-19, este trabalho trata sobre a temporalidade da imagem fotográfica híbrida, que conjuga técnicas contemporâneas com técnicas antigas. Provavelmente recorrendo aos processos

PHOTOGRAPHIC TEMPORALITIES IN VAN DYKE BROWN: DOING AND THINKING

ABSTRACT: Photography is intimately related to time from the moment of the click, through its processing, to the moment when the image is captured by the spectator and its duration as an object. Despite this being a topic with several possibilities of analysis, the approach of this work is about the temporality of the hybrid photographic

image which combines contemporary techniques with ancient techniques. Probably resorting to the photographic processes of the 19th century, we would be impregnating with finitude the digital images that at first would have no end in an attempt to rescue the aura. Furthermore, the temporality that unites past and present in a single image, through hybrids between ancient and contemporary photographic techniques, makes the image a kind of object where a controlled anachronism takes place. Knowing how to produce images using the Van Dyke Brown technique gives artists the freedom to determine, among other things, the duration of that image.

KEYWORDS: Hybrid Photography; Van Dyke Brown; Aura; Anachronism; Pandemic;

“O que constitui enigma é a própria estrutura da imagem que ora vale como vestígio do passado, ora como sinal do futuro” (RICOEUR, 1994, p.25).

Vivemos nos últimos dois anos um tempo que jamais imaginávamos viver: o mundo foi, e ainda é, assolado por uma pandemia. Um vírus mortal que obrigou as escolas, entre outros lugares, a fecharem as suas portas. O abismo social que já existia, se acentuou. As pessoas que eram ricas ficaram ainda mais ricas, e as que eram pobres ficaram miseráveis. Para alguns alunos e professores, apesar de não estarem presentes nas escolas, estas se faziam presentes em suas casas através de conexões virtuais. Mas isso só para alguns, para a grande maioria a escola só se fazia presente através das cestas básicas de alimentos que garantiram que não morressem de fome.

A fotografia se relaciona intimamente com o tempo desde o corte temporal, no instante do clique, passando pelo seu processamento até o momento de apreensão da imagem pelo espectador e sua duração quanto objeto. Vários pesquisadores do tema já tentaram explicar se a fotografia é indício de algo que foi, se basta em si mesma como um objeto, e ainda o que ela, como imagem, pretende ser. Apesar de ser um tema tão instigante e com várias possibilidades de análise, a abordagem neste trabalho será sobre a existência e a temporalidade da imagem fotográfica híbrida, que conjuga técnicas contemporâneas com técnicas históricas.

Para tratar sobre essa temporalidade, recorri primeiramente aos autores clássicos da Fotografia, como Vilém Flusser que fala do aparelho fotográfico e da forma como lidamos com ele e Boris Kossoy que trata da interrupção temporal e dos demais tempos que envolvem o processo fotográfico. Além destes autores, para tratar da existência da imagem híbrida, consultei Walter Benjamin quando trata das questões da reprodutibilidade técnica, do culto e da aura. Enquanto Georges Didi-Huberman com suas reflexões sobre os anacronismos das imagens, vai conectar a existência e a temporalidade.

1 | MATERIALIDADES FOTOGRÁFICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

A partir da ideia de montagem de uma exposição com o tema Materialidades Fotográficas proposta pelo Grupo de Pesquisa ao qual pertenço, apresentei um trabalho

que foi composto por imagens fotográficas dos corredores e salas de aula vazios, obtidas com a câmera do celular e posteriormente impressas em papel usando uma técnica do séc XIX, conhecida como Marrom Van Dyke, sem fixá-las.

As imagens obtidas digitalmente nos ambientes escolares esvaziados pela pandemia, foram tratadas e convertidas em negativo, para então serem impressas, usando uma impressora, em transparência de acetato. Os papéis, páginas arrancadas de um caderno de desenho, onde as imagens se formaram, receberam uma camada de emulsão química composta por sais de ferro e prata. Ao papel emulsionado juntou-se o negativo e foram expostos em uma mesa de luz ultravioleta. As imagens assim expostas, ficam latentes e precisam ser reveladas para se tornarem visíveis. Durante a revelação, pode-se optar por fixar ou não as imagens. Nesse caso, optei por não fixá-las. Porém, quando elas não passam pelo processo de fixação, ao serem atingidas pela luz UV¹ durante sua exposição ao público, vão desaparecendo, pois os sais de prata presentes nas imagens continuam a reagir com a luz.

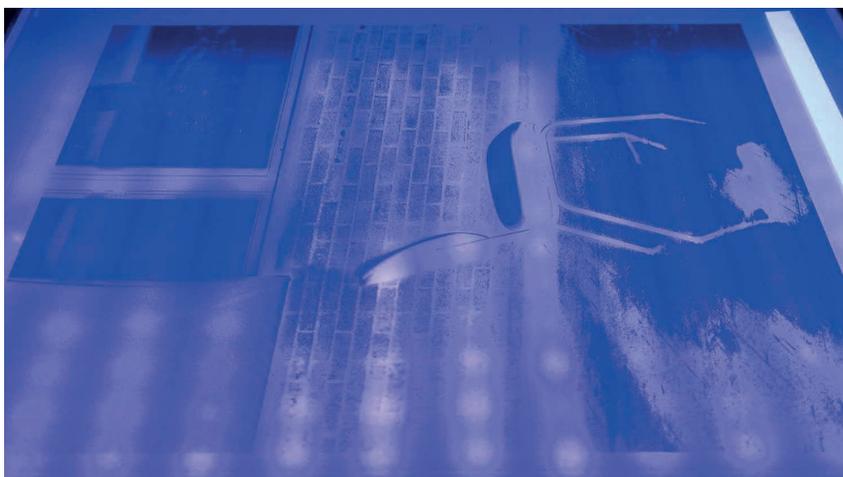


Imagem 1. Negativo na mesa de luz UV. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

O fato de se poder escolher entre fixar ou não a imagem impressa, atinge diretamente a duração física da imagem, afetando a sua permanência enquanto preservação do instante. Ação que acaba por acentuar a discussão da relação sobre a existência, declarando ou não, a finitude da imagem fotográfica. Essa temporalidade que une passado e presente em uma única imagem, que proporciona hibridismos entre técnicas fotográficas antigas e técnicas contemporâneas, torna a imagem uma espécie de objeto onde acontece um anacronismo controlado.

Por ser professora, as imagens de salas de aula e corredores esvaziados pela pandemia de Coronavírus me tocaram diretamente, e creio, tocou a nós todos que

vivemos na Academia - a pandemia esvaziou as salas de aula, os corredores, os ateliês, virtualizou nossas relações. Então, à medida que os espaços antes vazios voltaram a ter presença humana, essas imagens feitas durante a pandemia e expostas ao público nos corredores da escola, foram se apagando. Porém, elas não se apagaram completamente, ainda restaram vestígios, digitalizados e guardados protegidos da luz, para que não nos esqueçamos completamente deste momento complexo que vivemos. Este apagamento gradual da imagem traz à tona questões sobre os tempos e a existência da imagem, o devir como fluxo ao tentar instaurar a ideia de eternidade em algo que é efêmero.



Imagem 2. Pandemia: corredor vazio. Montagem com parte da mesma imagem registrada ao longo de sua exposição ao público. Da esquerda para direita: imagem nunca exposta ao público; imagem exposta ao público por 30 dias; e imagem exposta ao público por 60 dias. Técnica Híbrida: cópias fotográficas em Marrom Van Dyke (não fixado) sobre papel, a partir de imagens capturadas com câmera digital. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Então resta-nos questionar quais são os tempos destas imagens fotográficas? Passado e presente entrelaçados, enquanto a ação do tempo transforma a imagem. Para entender o hibridismo de técnicas tão distantes entre si, foi utilizado o conceito de anacronismo desenvolvido por Didi-Huberman, e para pensar sobre o tempo como responsável tanto pela existência quanto pelo apagamento das imagens, e a recuperação

da aura, se recorreu à Benjamin.

2 | HIBRIDISMO DE LINGUAGENS E O ANACRONISMO CONTROLADO

Se considerarmos o comportamento da sociedade contemporânea em relação às imagens, em que a urgência do compartilhamento praticamente se sobrepõe ao tempo do pensar e do fruir, a fotografia como arte contemporânea navega contra a corrente quando o fotógrafo artista manipula temporalidades que não são a sua ao se apropriar de uma técnica de séculos atrás e utilizá-la de forma a criar imagens fotográficas que “subvertem a concepção do aparelho”, como diria Flusser (1985).

Talvez esta busca em acrescentar tempo ao processo fotográfico, tempo este perdido no processo migratório entre a fotografia de base química e a digital, esteja levando os fotógrafos contemporâneos a adotarem a utilização dos processos históricos da fotografia. Considerando-se que uma imagem sempre vai mostrar algo que aconteceu, e mesmo estando sujeita a algum tipo de manipulação, ela ainda constitui um registro histórico, pode-se afirmar que:

[...] toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (KOSSOY, 2001, p. 50)

Ao produzir imagens que conjugam tecnicamente passado e presente, dá-se a criação de um objeto de temporalidade complexa, tal como o pano de Fra Angélico, analisado por Didi-Huberman (2015, p. 23): “estamos diante do pano como diante de um objeto de tempo complexo, de tempo impuro: uma extraordinária montagem de tempos heterogêneos formando anacronismos”. Se, a imagem é, ainda como diria Didi-Huberman, “altamente sobredeterminada em face do tempo” (2015, p.25), quando as técnicas fotográficas do séc XIX e as digitais se hibridizam para formar uma imagem contemporânea, essa imagem carrega em si pensamentos anteriormente separados pelo tempo, criando anacronismos.

Neste trabalho o anacronismo acontece de forma controlada quando se opta por usar uma tecnologia química do século XIX que vai sobredeterminar a duração da imagem ali impressa. Além disso, ao ser exposta, temos um objeto de temporalidade complexa em que uma imagem de nossos dias é representada através de uma técnica antiga, que inicialmente teria duração infinita e passa a ser finita à medida em que é vista pelo público.

O anacronismo então, acontece de forma controlada quando se dá propositalmente a junção de tempos heterogêneos, tanto do ponto de vista técnico que coloca em um mesmo plano imagens produzidas contemporaneamente e técnicas abandonadas pelo desenvolvimento da fotografia; quanto do ponto de vista ideológico quando consideramos que as imagens refletem o modo de ver e pensar o mundo de uma sociedade em uma determinada época. Se toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, a

sua condição anacrônica se destaca na relação entre imagem e história, como diria Didi-Huberman:

As imagens certamente tem uma história, mas o que elas são, o movimento que lhes é próprio, seu poder específico, tudo isso aparece somente como um sintoma - um mal-estar, um desmentido mais ou menos violento, uma suspensão - na história. (2015, p. 30)

Não seria, pois, um sintoma da contemporaneidade, inclusive ao [sobre]viver a uma pandemia, mostrar que tudo tem um fim, e ao mesmo tempo, tentar controlar esse fim, definindo por fixar ou não uma imagem impressa sobre papel? As próprias imagens de salas de aula e corredores vazios e seu apagamento quando estes espaços voltaram a ser frequentados por estudantes e professores, não seriam indícios históricos?



Imagens 3 e 4. Salas de aula vazias: efeitos do tempo sobre a imagem. Na esquerda: imagem nunca exposta ao público. Na direita: imagem exposta ao público por 60 dias. Técnica Híbrida: cópia fotográfica em Marrom Van Dyke (não fixado) sobre papel, a partir de imagem capturada com câmera digital. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Recorrendo aos processos de impressão do século XIX, estaríamos impregnando de finitude as imagens digitais contemporâneas que a princípio não teriam fim. Isto porque estes processos históricos já mostraram que as imagens impressas a partir deles, não duram para sempre, elas degradam, desbotam, elas deixam de existir. Não são como as imagens digitais em um HD que não perdem sua essência se tiverem um software que as decodifique.

3 | ETERNO E EFÊMERO: COEXISTÊNCIAS

O tempo com o qual a arte trabalha não é apenas uma linha que se tenciona entre o passado e o futuro, é também o tempo de ocupação - o tempo no qual o artista vivencia, o tempo das coexistências. No caso deste trabalho, o tempo de exposição ao público interfere diretamente na existência e duração destas imagens impressas em Marrom Van Dyke não fixado.

Em uma época de fotografias digitais, em que imagens são rapidamente obtidas e reproduzidas infinitas vezes nas telas dos smartphones, “o valor de exposição começa a afastar, em todos os aspectos, o valor de culto” (BENJAMIN, 2012, p.35). Então, quando o fotógrafo contemporâneo decreta a finitude de uma imagem que antes teria uma duração longuíssima, (quem sabe até infinita), ele interfere diretamente no tempo de representação, no tempo de fruição e na própria existência em si, daquela imagem.



Imagens 5 e 6. Efemeridade: a Biblioteca vazia é uma cena da pandemia, com a volta às aulas a biblioteca está sempre cheia. Na esquerda: imagem nunca exposta ao público. Na direita: imagem exposta ao público por 60 dias. Técnica Híbrida: cópia fotográfica em Marrom Van Dyke (não fixado) sobre papel, a partir de imagem capturada com câmera digital. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Estariamos então, usando o filtro cultural do tempo, nas produções fotográficas contemporâneas que usam processos fotográficos do século XIX? Segundo Boris Kossoy, sim, pois uma única fotografia carrega em si, dois tempos, o tempo da criação, e o tempo da representação, “o efêmero e o perpétuo, onde o elo imagético é codificado formal e culturalmente” (2007, p.133). Se estamos interferindo em algum desses tempos, estamos reafirmando questões culturais de nossa época sobre as imagens produzidas.

Se, segundo Benjamin a reprodutibilidade técnica aumenta a possibilidade de exposição e “liberta o objeto reproduzido do domínio da tradição” (2012, p.14) ao determinarmos que uma imagem não será reproduzida e que se apagará, tornando sua existência única em determinado lugar e tempo, não estariamos tentando torná-la novamente um objeto de culto, recuperando a sua aura? Provavelmente sim, pois “a aura está ligada ao aqui e agora. Dela não existe cópia” (BENJAMIN, 2012, p.53).

4 | SOBRE REPETIÇÕES

Talvez esse desenvolvimento tecnológico esteja fazendo com que fotógrafos contemporâneos busquem usar técnicas que confirmem à imagem fotográfica personalidade, como forma de diferenciação de seus trabalhos autorais entre todas as imagens disponíveis corriqueiramente num rolar de tela de alguma rede social.

A imposição da mão do artista ao emulsionar às pinceladas o papel que vai receber a imagem, aproxima-a de algo impossível de ser reproduzido, pois nunca uma pincelada será igual a outra. Esse tipo de ação se relaciona com as percepções que Arlindo Machado fez em *A Ilusão Especular* (1984), sobre o comportamento dos fotógrafos no início do século XX, quando dominou o estilo pictorialista, estaríamos apenas repetindo um ciclo cem anos depois? Talvez estejamos tentando tornar uma imagem única e logo depois matá-la, numa crítica ao fluxo de milhares de imagens a que somos expostos diariamente numa tentativa de subverter o programa, como diria Flusser (1985).



Imagem 7. Interrompendo a reprodutibilidade técnica: pinceladas garantem que a imagem seja única. Técnica Híbrida: cópia fotográfica em Marrom Van Dyke (não fixado) sobre papel, a partir de imagem capturada com câmera digital. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Talvez se esteja produzindo um tipo de imagem que converge para os processos históricos, tidos como inadequados tecnicamente, numa tentativa de personalizar ou personificar uma imagem dando-lhe textura, grão e imperfeições que a imagem produzida digitalmente é incapaz de ter. Ou será que apenas estamos querendo impor a nossa presença num mundo cada vez mais veloz e impessoal, representado por bits e bytes?

Provavelmente, mesmo num mundo inundado por imagens, estejamos sentindo falta da aura nas imagens fotográficas, que a velocidade dos meios de captação e o compartilhamento frenético nos impedem de fruir. Ou, após sobrevivermos a uma pandemia,

estejamos apenas querendo deixar nossa marca pessoal no mundo, sinalizando a nossa existência.

5 | MATERIAIS PARA FAZER IMPRESSÕES EM MVD

Caso você queira usar a técnica de Marrom Van Dyke para imprimir suas imagens, siga o passo-a-passo a seguir. Caso tenha dificuldade ou dúvidas, não hesite em me chamar no instagram: @adriana_ferreira

O nome Marrom Van Dyke (MVD), se deve por conta da tonalidade marrom obtida, muito semelhante àquela encontrada nos quadros do pintor flamengo do século XVII, Anton Van Dyke. Esse processo de impressão tem suas origens muito próximas à cianotipia, mas o fato de ter a prata em sua composição, o torna um processo mais caro. Ao contrário da cianotipia, essa técnica nunca foi usada comercialmente.

Mas este processo tem um diferencial, o de se poder escolher entre fixar ou não a imagem impressa. Ação que acaba por trazer à tona a relação entre os tempos da imagem, ao declarar ou não, a finitude da imagem fotográfica.

Este processo é mais sensível à luz e possui maior gama tonal (apesar de ainda limitada) que a cianotipia, e deve ser trabalhado sob luz vermelha, por conta da prata.

Você vai precisar de:

- Luvas, é importante usá-las, pois a prata é irritante e até corrosiva dependendo da concentração. Além disso, você não vai querer ficar com as mãos manchadas!
- Avental
- Pincel NOVO macio ou duro (com virola de plástico de preferência) é importante que o pincel seja novo para que não haja nenhum tipo de contaminação, pois a prata é muito sensível a diversos reagentes.
- Papéis diversos. Não tenha medo de experimentar, mas veja alguns exemplos a seguir:

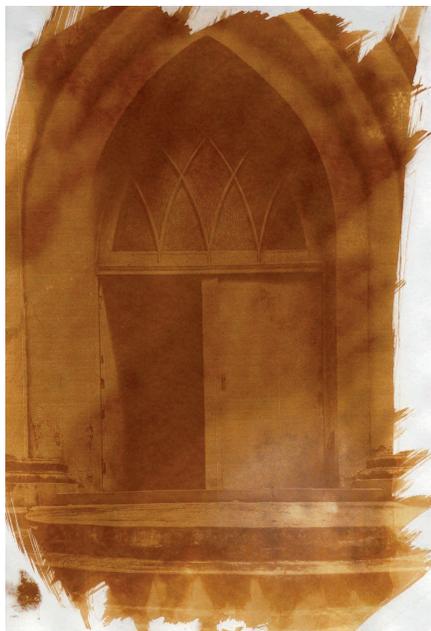


Imagem 8. Papel Super White 250g, não fixada. Foi neste papel que foram impressas as imagens das escolas na pandemia. Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 9. Papel Super White 250g, fixada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

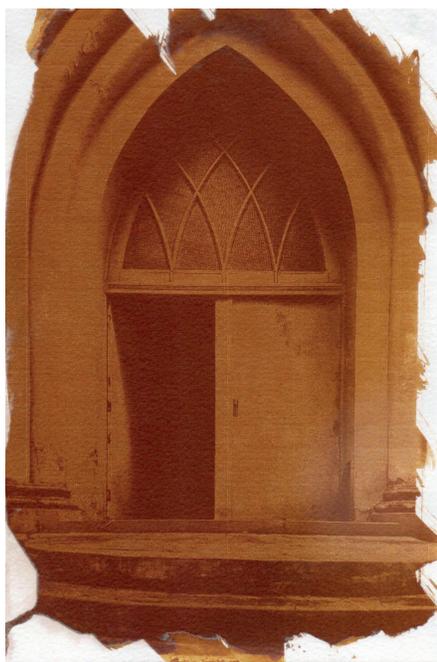


Imagem 10. Papel Montval 300g, não fixada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 11. Papel Montval 300g, fixada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

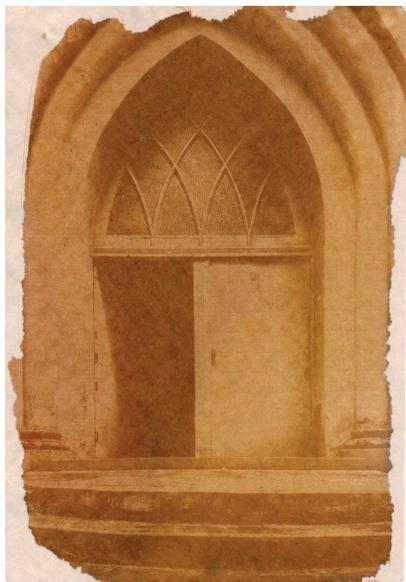


Imagem 12. Papel Jornal 52g, não fixada.
Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 13. Papel Jornal 52g, fixada.
Foto: Adriana Ferreira. 2022.

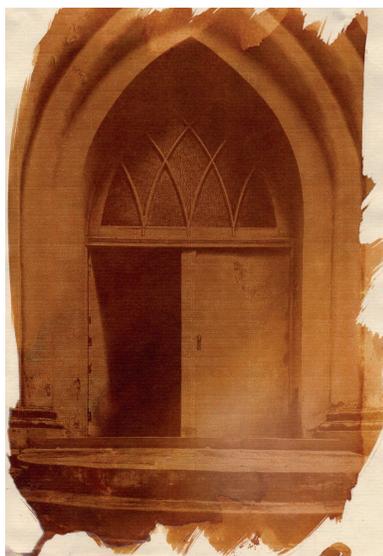


Imagem 14. Papel Verge Creme 180g, não fixada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 15. Papel Verge Creme 180g, fixada.
Foto: Adriana Ferreira. 2022.

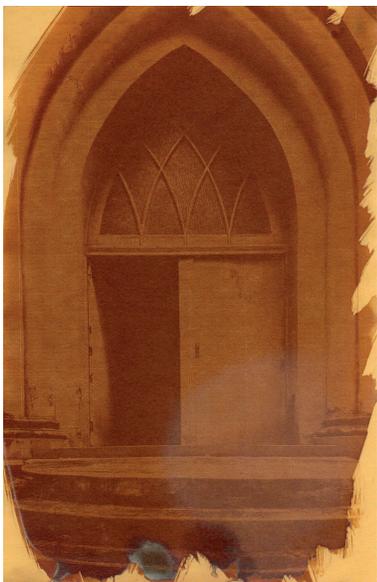


Imagem 16. Papel Canson Mi-Teintes Amarelo 180g, não fixada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

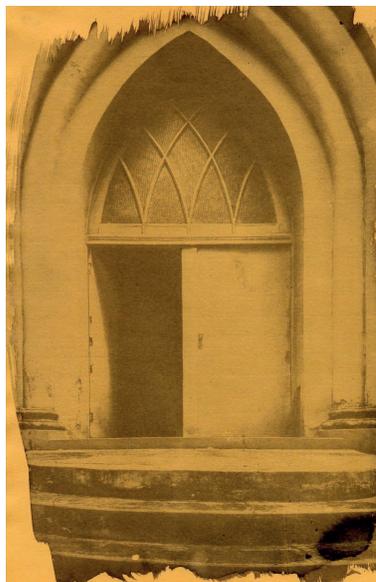


Imagem 17. Papel Canson Mi-Teintes Amarelo 180g, fixada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

- 2 pedaços de vidro de 5mm ou acima para prensar o conjunto papel + negativo, caso vá expor no sol.
- 6 a 8 prendedores de papel metálicos, de 2 polegadas ou 51mm aproximadamente, para prender firmemente o conjunto vidro+papel+negativo+vidro, quando for expor no sol.
- Negativo impresso em transparência JATO DE TINTA. É necessário que haja densidade de impressão, o que se obtém com a deposição de tinta sobre a transparência.
- Filme de Raio-x. É uma boa opção de negativo, caso você use uma câmera fotográfica ou uma pinhole de grande* formato.
- *Lembrando que independente do tipo de negativo escolhido, ele deverá ser do tamanho que se deseja a imagem final, visto que a impressão é feita por contato.
- 4 Bandejas plásticas ou de vidro, primeiro você vai usar duas para a gelatina ácida + banho-maria; e depois as quatro, sendo duas para lavar, uma para fixar e outra para o banho ácido final.
- 1 Garrafa de 2 litros (pode ser pet), para armazenar a gelatina ácida.
- 1 Garrafa de 1 litro (pode ser pet), para armazenar o ácido final.
- 1 Garrafa âmbar de 1 litro, para armazenar o fixador.

- 3 Frascos âmbar de 200ml, para armazenar as soluções A, B e C.
- 1 copo Becker de 250ml, ou copo de vidro, ou pote pequeno de vidro de 250ml. Esse tamanho é ótimo para fazer a mistura das soluções de emulsão e é bem confortável para usar com pincel.
- 1 copo Becker de 1 litro, para preparar a gelatina ácida, depois o fixador e então o banho ácido final.
- Pregadores de roupas de plástico emborrachados.
- Luz de segurança para laboratório, ou luz vermelha de baixa potência.
- Balança de precisão para pesar os químicos.
- Varal em local escuro, para secagem dos papéis emulsionados.
- Mesa de luz UV. É possível fazer a exposição no sol como se faz na cianotipia, mas como temos prata na composição, a chance de errar o tempo de exposição quando não se tem controle sobre a luz, é enorme. Você pode comprar uma mesa de luz UV pronta no @labclub ou construí-la segundo modelos disponíveis online.

Esse método de impressão tem muitos processos, o que acrescenta tempo à imagem... não se assuste! Numa primeira vez pode parecer muito trabalhoso, mas se você se organizar, os processos se sucedem quase que naturalmente. Entenda que não dá pra ter pressa quando você decide trabalhar com processos fotográficos do século XIX, o tempo naquela época tinha uma dimensão diferente do que tem hoje! Veja a seguir os materiais e processos:

- **Acidificação e Gelatinização:**

10g de Ácido Cítrico

20g de Gelatina bloom 180°

2 litros de Água Filtrada

Coloque o Ácido Cítrico e a Gelatina em um copo becker de 1 litro; adicione 200ml de água na temperatura ambiente e misture, espere hidratar a gelatina; adicione 300ml de água em temperatura ambiente e misture; adicione devagar e mexendo sempre, 500ml de água quente (mas não fervendo, ideal cerca de 80°C).

Em banho-maria, numa bandeja que caiba o papel, derrame a mistura acima, e acrescente o restante da água quente (1 litro); misture bem e já pode usar; mantenha a temperatura da mistura acima de 40°C, aquecendo, se necessário, a água do banho-maria.

Essa gelatina ácida pode ser armazenada por até uma semana em temperatura ambiente, aqueça em banho-maria para novo uso;

- **Emulsão Fotossensível:**

Use luvas para preparar e misturar as três soluções! A emulsão fotossensível é composta pela mistura de três soluções, aqui denominadas A, B e C. Somente utilize as três soluções depois de 24hs da preparação a fim de garantir total diluição. Misture as três soluções na ordem A, B e C em partes iguais em um copo becker. Porém, pode-se alterar as proporções para obter resultados que vão valorizar mais sombras, meios-tons ou realces.

- **Emulsão - Solução A (Sombras):**

25g de Citrato Férrico Amoniacal

100ml de Água Destilada

5 gotas de Formol

A solução A vai controlar a intensidade das sombras; é necessário colocar o formol pois o citrato é um composto orgânico e estraga com o tempo; armazenar em frasco âmbar.

- **Emulsão - Solução B (Realces):**

6g de Ácido Tartárico

100ml de Água Destilada

A solução B vai controlar as altas luzes e realces da imagem; armazenar em frasco âmbar.

- **Emulsão - Solução C (Meios-Tons):**

10g de Nitrato de Prata

100ml de Água Destilada

A solução C vai controlar os meios-tons; armazenar em frasco âmbar.

- **Fixador**

30g de Hipossulfito de Sódio

1 litro de Água Filtrada

Coloque o Hipossulfito em um copo becker de 1 litro e adicione a água em temperatura ambiente aos poucos, mexendo sempre. Guarde em garrafa de vidro âmbar (não use garrafa pet) ou frasco de plástico escuro próprio para guarda de químicos.

- **Acidificação Final**

5g de Ácido Cítrico

1 litro de Água Filtrada

Adicione a Água ao Ácido Cítrico em um copo becker de 1 litro, mexendo sempre; armazene em uma garrafa de vidro ou pet incolor.

6 | MODO DE FAZER IMPRESSÕES EM MVD

• Preparando o Negativo

Lembre-se que a gama tonal é reduzida!

Escolha imagens naturalmente mais contrastadas ou com menor gama tonal, pois isso vai facilitar a sua vida no tratamento do negativo. Observe as diferenças entre um negativo apropriado para esta técnica e outro não apropriado, abaixo:



Imagem 18. Negativo incorreto para a impressão de Van Dyke, pois ainda tem ampla gama tonal.
Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 19. Negativo correto, mais contrastado, com gama tonal achatada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Observe o histograma nos exemplos a seguir, veja como ele será achatado ao longo do tratamento, e como há uma valorização dos realces e das sombras, em detrimento de uma ampla gama tonal:

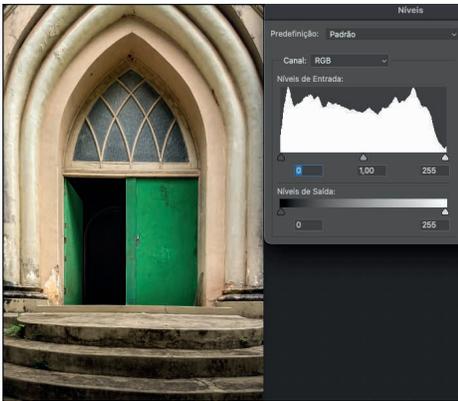


Imagem 20. Imagem Original, com ampla gama tonal. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

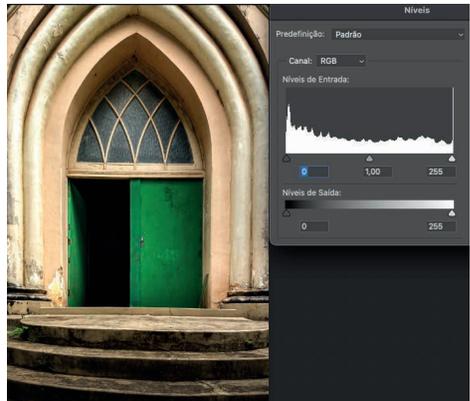


Imagem 21. Imagem com gama tonal achatada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 22. Imagem convertida em P&B. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

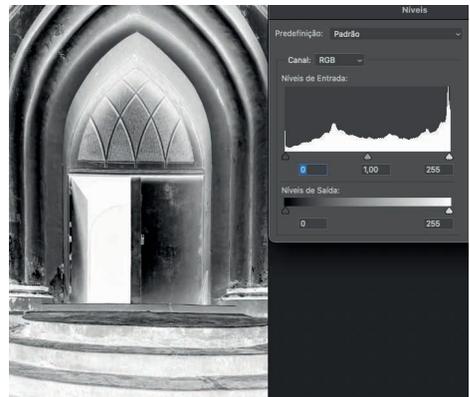


Imagem 23. Imagem negativa. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

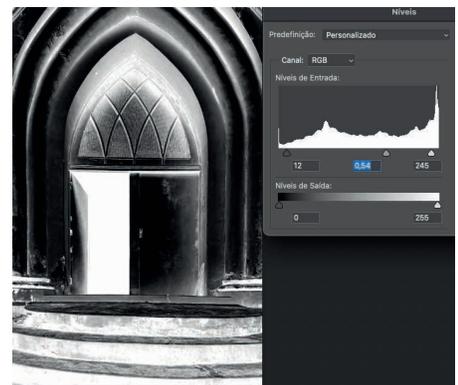


Imagem 24. Negativo com gama tonal achatada. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

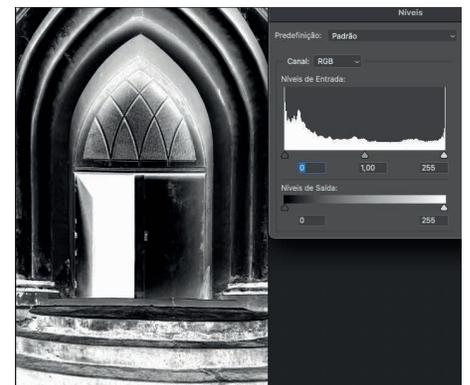


Imagem 25. Negativo com as partes que haviam perdido detalhe, recuperadas. Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 26. Negativo Final (espelhado lateralmente).

Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Lembre-se de espelhar lateralmente a imagem, pois o lado que fica em contato com o papel é o mesmo que recebeu a impressão, isso vai aumentar a nitidez da imagem. Prefira imprimir em transparência para JATO DE TINTA, pois o negativo fica mais denso do que o impresso a laser.

• **Preparando o Papel - Acidificação e Gelatinização**

O tipo de papel escolhido, sua gramatura, textura e cor vão interferir diretamente no resultado final da imagem. Recomendo escrever no verso do papel alguma informação, para quando estivermos no escuro, facilitar a identificação do lado emulsionado. Esta parte do processo pode ser feita na luz:

Mergulhe uma folha por vez, observe o momento em que é possível perceber as fibras ficando molhadas (a superfície do papel se enche de bolhas de ar), este é o ponto de retirada do papel; com o tempo e a prática, será possível fazer várias folhas ao mesmo tempo. Mantenha sempre a frente do papel para cima.

Pendure com um ou dois pregadores (depende das características do papel escolhido); pode pendurar na luz, mas não no sol. Aguarde 24hs para secagem total. Armazene em local seco com algo pesado por cima.

- **Emulsionando**

Com os papéis totalmente secos, eles já poderão ser emulsionados. Escolha o tipo de pincel de acordo com o resultado desejado; use sempre um pincel novo, ou apenas dedicado à esta técnica, pois a prata se contamina facilmente; evite pincéis com virola metálica, pelo mesmo motivo (mas dá pra usar).

Sob LUZ DE SEGURANÇA, junte as três soluções na ordem A, B e C e misture.

Pincele na horizontal em movimento de vai e vem de cima para baixo e depois de baixo para cima; então, pincele nas duas diagonais da mesma forma. Deixe absorver um pouco a emulsão na horizontal, enquanto emulsiona outro papel, depois pendure para terminar a secagem por 24hs em ambiente COMPLETAMENTE ESCURO. Armazene em um pacote preto com algo pesado por cima.

- **Expondo na Mesa de LUZ UV**

Coloque o negativo com o lado da impressão voltado para cima na mesa de luz UV. Sob LUZ DE SEGURANÇA, coloque o papel com a emulsão voltada para baixo na mesa de luz UV. Trave a mesa ou coloque peso sobre o negativo + papel, para aumentar a nitidez da imagem. Somente com a mesa fechada é que você deverá acender a luz UV. Marque o tempo de exposição com um cronômetro.

- **Expondo na Luz do Sol**

Sob LUZ DE SEGURANÇA, monte o conjunto vidro + papel com a emulsão para cima + negativo com o lado da impressão em contato com o papel + vidro. Prenda esse conjunto com prendedores metálicos para papel, tem que ficar o mais firme possível. Leve para expor ao sol. Fique por perto! Quando perceber a mudança de tom, aguarde mais algum tempo para que ocorra a síntese do ferro e então retire do sol.

- **Recomendações para uma boa Exposição**

Recomendo fortemente que seja feito um teste de tempo de exposição, usando uma tira de teste semelhante à que segue. Imprima em cores em jato de tinta:

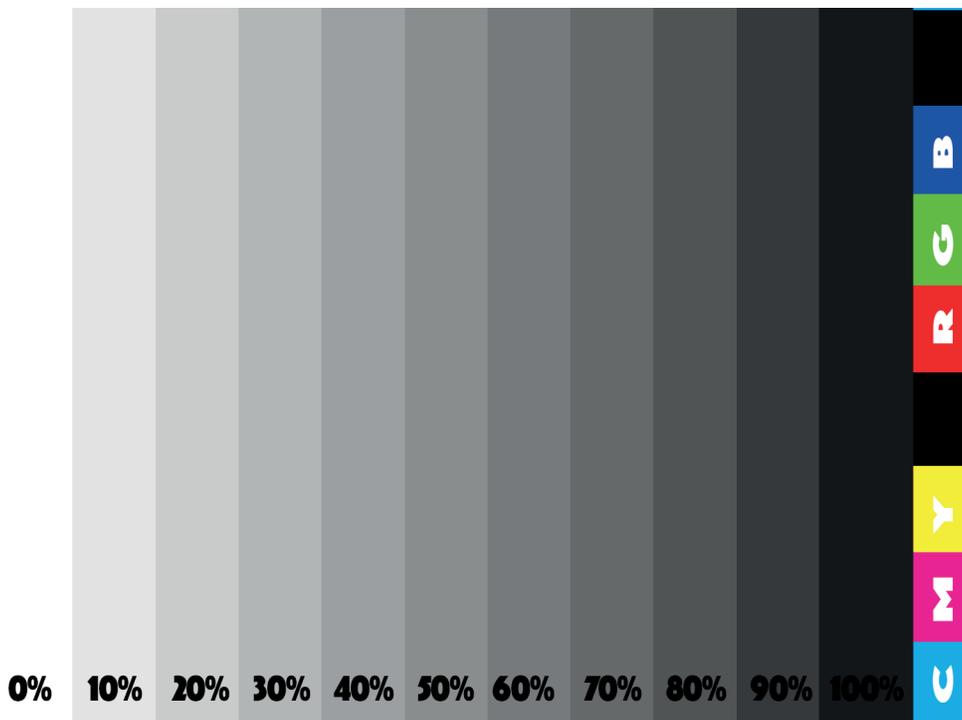


Imagem 27. Tira de teste de escala de cinzas, CMYK e RGB. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Deve-se levar em conta que a prata vai sintetizar rapidamente, mas o ferro não. Imagens subexpostas tendem a ficar acinzentadas, enquanto aquelas bem expostas ficarão com marrom mais denso. Veja os exemplos de tempos de exposição distintos:



Imagem 28. Tempo baixo - a prata sintetiza (tons cinzas), mas o ferro não.

Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 29. Tempo adequado - dá para ver todos os tons de 0 a 100%

Foto: Adriana Ferreira. 2022.

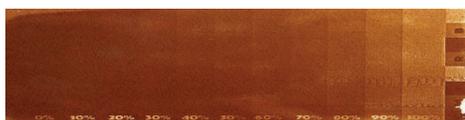


Imagem 30. Tempo alto - dá pra ver tons mais claros, mas os escuros se perderam.

Foto: Adriana Ferreira. 2022.



Imagem 31. Tempo excessivamente alto - não dá pra ver as divisões tonais.

Foto: Adriana Ferreira. 2022.

- **Lavando a Impressão em MVD Exposta**

- **Primeira Lavagem**

EM LUZ BAIXA! Lave pelo mesmo tempo que a imagem foi exposta, em água corrente (pode ser bem lenta a água). Não use a mesma bandeja da 2ª lavagem para fazer esta 1ª lavagem, use duas bandejas diferentes!

- **Fixando**

EM LUZ BAIXA! Dê um banho rápido, vai dar pra perceber a cor mudando. Após a alteração da cor, aguarde cerca de 30 segundos para retirar do fixador.

- **Segunda Lavagem**

EM LUZ BAIXA! Lave por 30 minutos, em água corrente (pode ser bem lenta a água); Não use a mesma bandeja da 1ª lavagem para fazer esta 2ª lavagem, use duas bandejas diferentes!

- **Acidificação Final**

Dê um banho de cerca de 1 minuto nesta solução. Pendure com um ou dois pregadores (depende das características do papel escolhido); pode pendurar na luz, mas evite o sol. Aguarde 24hs para secagem total. Armazene em local seco com algo pesado por cima.

Agora suas impressões estão prontas e já podem ser exibidas! Como eu disse no início deste texto, você poderá optar por fixar ou não a impressão, o que vai alterar seu aspecto visual e a sua duração enquanto imagem. Tudo depende do quê você quer dizer com as suas imagens.

Bom trabalho, divirta-se!

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **CASA NOVA, Vera (trad.); ARBEX, Márcia (trad.). Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RICOEUR, Paul. CESAR, Constança M. (trad.); FERREIRA, Roberto L. (trad.). **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

Notas

Luzes de LED, luz natural, luz fluorescente, todas emitem maior ou menor quantidade de luz ultravioleta. Então quando expostas a luz, a prata contida nessas impressões escurece até o momento em que perdemos a imagem e ficamos apenas com uma mancha marrom, um indício do que foi.

EDWALDO COSTA - Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Marília e especialista em Informática na Educação, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Concluiu graduações em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências da Computação. Atuou como professor de Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Atualmente, o organizador do e-book é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil-DF, cursa outro pós-doutorado em Comunicação e Saúde na Daphne Cockwell School of Nursing – Toronto Metropolitan University e atua como jornalista no Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI/PR).

TÁCIO ASSIS BARROS - Mestre em Educação pela Universidade Federal de Jataí (UFJ), foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). É membro do grupo de pesquisa Núcleo de Formação Docente e Prática de Ensino (NUFOPE). É pesquisador na área da Educação, com ênfase na formação de professores e saberes docentes. Possui curso em Aperfeiçoamento em Formação Docente para a Educação a Distância pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Especializado em Ensino de Língua Inglesa com dupla certificação de pós-graduação lato sensu no Brasil e certificado internacional de Professor de Língua Inglesa da Bridge, reconhecido pela ACCET (governo dos EUA) e pela comunidade internacional. Graduado em Letras Inglês pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC), bem como atuou como monitor de língua inglesa do curso de Letras Inglês (UFG-Regional Jataí). Tem experiência como professor de inglês tanto do ensino regular quanto de cursos livres de idiomas há mais de dez anos.

A

Aborto 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170

Adultos 175, 176, 177, 192, 193, 194, 195, 197

Alterações do jornalismo 57

Amor mórbido 94, 96, 98, 101, 103, 104, 105

Anacronismo 198, 200, 201, 202, 217

Aura 198, 199, 202, 204, 205

C

Censura 19, 27

Cinema 19, 23, 28, 30, 40, 45, 62, 63

Cognição 176, 177

Coletivos 32, 34, 36, 39, 40, 42

Compós 68

Comunicação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 27, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 50, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 70, 71, 75, 76, 80, 81, 83, 99, 101, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 139, 140, 141, 149, 151, 152, 153, 160, 165, 166, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 195, 198, 219

Comunicação da excelência 3

Comunicação organizacional 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 62, 118, 130

Conselhos municipais de educação 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93

Cultura 2, 4, 11, 12, 17, 30, 32, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 54, 61, 62, 63, 70, 76, 80, 81, 82, 83, 116, 117, 118, 119, 123, 126, 131, 132, 133, 135, 137, 138, 140, 142, 143, 155, 158, 162, 164, 168, 174

Cultura da convergência 81, 131, 132, 133, 137, 138

D

Discursos de gênero 94, 100

E

Ensino 1, 8, 15, 16, 41, 61, 63, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 116, 120, 124, 128, 140, 144, 145, 152, 175, 219

Ética jornalística 153

European Communication Monitor 14, 18

F

Feminilidade 95, 96, 99, 100, 101, 105

Fontes jornalísticas 153

Formação 1, 6, 23, 37, 38, 39, 40, 42, 63, 64, 84, 85, 99, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 134, 145, 150, 151, 158, 171, 172, 174, 219

Fotografia híbrida 198

G

Gazeta do Povo 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170

Gênero musical 171, 172, 173

Gênero radiofônico 171, 173, 174

I

Idade Média 19, 21, 22, 23, 29, 95, 97, 117

Imprensa goiana 84

Intoxicação pelo amor de 1908 94

Investigação 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 29, 32, 57, 60, 61, 62, 63, 70, 72, 75, 76, 77, 88, 114, 137, 161

J

Jornalismo digital 41, 44, 45, 54, 59, 66, 78, 81, 82, 131, 132, 134, 136, 137, 142, 152

Jornalismo local 67, 68, 77, 81, 131, 132, 134, 137, 138

Jornalismo multiplataforma 131

L

Libras 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130

Linha editorial 153, 170

Literatura 1, 3, 7, 10, 19, 21, 30, 99, 105, 113, 175, 177, 192, 196

M

Marrom Van Dyke 198, 200, 201, 203, 204, 205, 206

Mídia 5, 20, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 54, 70, 77, 78, 80, 83, 84, 90, 91, 92, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 147, 152, 154, 166, 169, 170

Movimentos sociais 32, 34, 36, 38, 42, 155

N

Nova comunicação 5, 6

P

Palhaço 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

Pandemia 40, 64, 65, 70, 79, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 207

Percepção de fala 176

Pires Porto 94, 96, 98, 101, 102, 103, 104, 105

Plasticidade neuronal 176

Prática laboratorial 140

Projeto pedagógico 114, 115, 122, 123, 124, 125, 126, 127

Projetos jornalísticos 140

R

Rádio universitária 171, 172, 173, 174

Reabilitação 175, 176, 177, 193, 194

Redes de comunicação 32

Relações públicas 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

S

SBPJor 57, 58, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83

Secretariado executivo 114, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 129

T

Televisão 19, 22, 35, 45, 50, 51, 55, 58, 62, 76, 109, 133

Teorias críticas 3

Trabalho docente 85, 92

A COMUNICAÇÃO E OS CONTEXTOS COMUNICATIVOS 2



A COMUNICAÇÃO E OS CONTEXTOS COMUNICATIVOS 2



“

